

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**JULIANA DOURADO BUENO**

**SOBRE ROSAS E ESPINHOS. Experiências de trabalho com flores na  
região de Holambra (SP)**

**São Carlos/SP**

**2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

JULIANA DOURADO BUENO

**SOBRE ROSAS E ESPINHOS. Experiências de trabalho com flores na  
região de Holambra (SP)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Sociologia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar  
como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora  
em Sociologia

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva

**São Carlos/SP**

**2016**

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar  
Processamento Técnico  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B928 Bueno, Juliana Dourado  
Sobre rosas e espinhos. experiências de trabalho  
com flores na região de Holambra (SP) / Juliana  
Dourado Bueno. -- São Carlos : UFSCar, 2016.  
247 p.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São  
Carlos, 2016.

1. Trabalho rural. 2. Cultivo de flores. 3.  
Região de holambra/sp. 4. Relações sociais de classe  
e gênero. I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

---

Folha de Aprovação

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a defesa de tese de doutorado do(a) candidato(a) Juliana Dourado Bueno, realizada em 29/06/2016:

  
Prof(a). Dr(a). Maria Aparecida de Moraes Silva  
UFSCar


Prof(a). Dr(a). Josefa Salete Barbosa Cavalcanti  
UFPE

  
Prof(a). Dr(a). Fernando Antonio Lourenço  
UNICAMP

  
Prof(a). Dr(a). Maria Inês Rauter Mancuso  
UFSCar

  
Prof(a). Dr(a). Isabel Pauline Hildegard Georges  
UFSCar

Certifico que a sessão de defesa foi realizada com a participação à distância do membro Prof(a) Dr(a) Josefa Salete Barbosa Cavalcanti e, depois das arguições e deliberações realizadas, o participante à distância está de acordo com o conteúdo do parecer da comissão examinadora redigido no relatório de defesa do(a) aluno(a) Juliana Dourado Bueno.

  
Prof(a). Dr(a). Maria Aparecida de Moraes Silva  
Presidente da Comissão Examinadora  
UFSCar

Dedico este trabalho à minha  
vó Cida (*in memoriam*), pelo  
aconchego das portas abertas  
e comidas à mesa.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço às trabalhadoras e aos trabalhadores do cultivo de flores da região de Holambra/SP, sujeitos e protagonistas dessa pesquisa, sou grata porque apresentaram suas narrativas, compartilharam experiências comigo nas entrevistas, nas conversas nas calçadas, salas, cozinhas e quintais.

À minha mãe e ao meu pai, Valquíria e Luiz Cláudio, que me conduziram no caminho de estudos que decidi trilhar. Vivo a educação que vocês me transmitem nos gestos, práticas e nos livros espalhados pela “nossa” casa. Mãe, te agradeço também porque sem que eu percebesse, você foi a primeira feminista que conheci e com quem convivi – obrigada por todas suas queixas e questionamentos em relação aos atributos de mãe e esposa.

À minha querida filha, Maria Carolina, que chegou ao mundo enquanto a tese era finalizada, já tendo que ouvir falar em pesquisa sociológica, exploração do trabalho, racismo e desigualdade de gênero. Maria, creio na mudança, é também por você e para você que sigo na luta.

Ao Erivelto, meu parceiro de longa data, por me acompanhar nos projetos que até então eram só meus. Obrigada por falar com tanto entusiasmo de meu tema de pesquisa, valorizar meu trabalho, me acompanhar nas pesquisas de campo e conduzir algumas entrevistas. Te agradeço também pela leitura crítica do texto.

Sou grata à Lilian e à Amanda, minhas irmãs, porque me sinto amada. Aos meus sobrinhos, Luiz Felipe e Matheus, por me incluírem nas brincadeiras, desenhos e queimadas. À minha sobrinha Alice, por transbordar alegria no sorriso.

Agradeço muito às minhas amigas Nathalia, Janaína, Ana Amália, Lidiane, Priscila, Claudirene, Adriana, Cintia e Aline, e ao meu amigo Joverson, que me ouviram falar sobre o tema da tese e me incentivaram com palavras de ânimo.

Aos amigos, amigas e familiares de Barueri e Jandira, especialmente minhas primas Bruna, Luiza e Gabriela pela parceria e afeto.

Aos meus avôs, Newton (*in memoriam*) e Alcebiades e à minha querida avó, dona Cida (*in memoriam*) porque me acalentaram... o carinho de vocês habita meu peito.

À professora Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva, minha orientadora, por preservar valores e posturas que admiro muito: comprometimento, luta pela transformação social e compromisso com a atividade docente. Muito obrigada, Maria, por confiar no meu trabalho, dar liberdade para eu escrever a tese, pelas leituras atenciosas, por debater o campo de minha pesquisa e fornecer contribuições relevantes para a análise. Sou grata também por me introduzir em diferentes debates acadêmicos e por intermediar o contato com pesquisadores da Espanha.

Às professoras Dra. Maria Inês Rauter Mancuso e Dra. Isabel Georges pelas contribuições e críticas na ocasião do exame de qualificação; e por aceitarem de forma tão atenciosa o convite para compor a banca também na defesa de doutorado. Professora Inês, sua presença é uma manifestação de carinho e humanidade no ambiente universitário.

Ao professor Dr. Fernando Antonio Lourenço e à professora Dra. Josefa Salette Barbosa Cavalcanti, que aceitaram gentilmente participar da banca da defesa de doutorado.

À Silmara, secretária do PPGS, por atender as solicitações referentes a documentações e encaminhamentos, especialmente no período de implantação da bolsa de doutorado sanduíche. Nesse sentido agradeço também à professora Dra. Jacqueline Sinhoretto, então coordenadora do PPGS, por encaminhar prontamente a documentação para que a bolsa pudesse ser implementada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e aos colegas que cursaram a disciplina Seminários de Tese em 2012 e que deram contribuições relevantes para meu projeto de pesquisa, especialmente Natália Máximo.

À professora Dra. Cibele Saliba Rizek e ao professor Dr. Gabriel de Santis Feltran, pelos ensinamentos na ocasião da disciplina Seminários Avançados em Sociologia. Ao professor Dr. Rodrigo Constante Martins e à professora Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva, pelo interessante diálogo proposto na disciplina Ruralidades e Conflitos socioambientais.

Aos membros do Grupo de pesquisa Trama: agradeço à Beatriz, que me acompanhou em algumas entrevistas na primeira fase da pesquisa de campo em 2013. À Tainá, Lúcio, Jaime, Leonardo, Carolina, Alice, Adriana e Beatriz, que fizeram contribuições ao texto em suas diferentes fases (quando ainda era um projeto de pesquisa e no texto apresentado para o exame de qualificação).

Ao CNPq, pela bolsa de doutorado concedida no período de 2012 a 2016. E à CAPES, pela bolsa de doutorado sanduíche concedida entre os meses de setembro de 2014 a fevereiro de 2015.

À professora Alicia Reigada Olaizola, que me orientou em Sevilha na ocasião do estágio do doutorado sanduíche. Obrigada pelo diálogo, pelas contribuições que fez ao texto. Sou grata também por ter permitido que eu a acompanhasse durante a realização da pesquisa de campo em Almería e no congresso de pesquisadores em Múrcia.

Ao professor Andrés Pedreño Cánovas e à professora Elena Gadea, por me receberem em Múrcia e organizarem a reunião de trabalho onde pude apresentar e debater meu trabalho, e também ouvir sobre as pesquisas desenvolvidas por doutorandas e doutorandos da Universidade de Múrcia.

À Olga, que me recebeu em seu apartamento em Sevilha. Agradeço pelo aconchego e por permitir que eu tivesse acesso a seus livros e cds, tão cativantes. Às pessoas que tornaram minha estada em Sevilha ainda mais agradável: Sylvia, Rúben, Dámariz. Um

agradecimento especial à Alicia Robles e seus pais, que receberam a mim e meus familiares de forma tão carinhosa e gentil. E aos colegas brasileiros Robson, Paulo, e especialmente Djailson.

Às pessoas que prestaram auxílios técnicos um agradecimento especial por compartilharem seus conhecimentos comigo: Giovana Gonçalves Pereira, que “rodou” os dados da RAIS a partir das categorias que eu precisava. Ao Robinzon, excelente professor de Philcarto, que me auxiliou com a cartografia temática. Ao Márcio, que me apresentou caminhos possíveis para a obtenção de dados no Painel das Profissões. À Meire, que me ajudou a pensar nas combinações. À Amanda, pela revisão atenciosa do texto.

Aos profissionais da Casa da Agricultura de Santo Antônio de Posse, por me acompanharem em várias visitas feitas às propriedades com cultivo de flores na região de Holambra e por me apresentarem aos moradores da Associação dos Agricultores Familiares de Holambra (AAFHOL).

Às pessoas que conheci na AAFHOL que me receberam de forma tão atenciosa.

Ao Sr. Tarcísio, colega de trabalho da Drads, que me levou a uma fazenda com cultivo de rosas em Andradas, muito obrigada pela confiança.



## RESUMO

Esta tese tem como objetivo principal analisar as contradições presentes no cultivo de flores, destacando-se as experiências de vida de homens e mulheres que trabalham nos campos e estufas de flores na região de Holambra/SP. Utilizamos um referencial teórico assentado nos estudos sobre o assalariamento rural e a agricultura intensiva globalizada. A pesquisa de campo foi realizada nos municípios de Artur Nogueira, Holambra, Mogi Mirim e Santo Antônio de Posse. As narrativas foram colhidas por meio de conversas e entrevistas nas residências das trabalhadoras e dos trabalhadores. A metodologia utilizada foi a História Oral, que nos permitiu visualizar o trabalho para além dos dados trazidos pelas estatísticas oficiais, tentando romper com as análises que segregam os espaços produtivos e reprodutivos, e que naturalizam as habilidades femininas. A pesquisa nos permitiu verificar a existência de uma diversidade de configurações que marcam a morfologia do trabalho no cultivo de flores – essa diversidade diz respeito ao tamanho das propriedades e estufas, às formas de contratação (mão de obra familiar, assalariamento, trabalho sem registro em carteira), e ao local de residência dos trabalhadores e das trabalhadoras (bairros rurais, bairros urbanos, colônias produtoras de flores). Os sujeitos da pesquisa também relataram que as jornadas são intensificadas para atender as demandas, há exposição à agrotóxicos e espinhos das flores, e que a realização da atividade nas estufas e campos muitas vezes é extenuante, o que faz com que algumas pessoas utilizem medicamentos para enfrentar a jornada de trabalho. Por fim, apresentamos um debate sobre as formas de estranhamento e as possibilidades de se criar vínculos afetivos com as plantas, o que faz com que a atividade seja avaliada de forma positiva pelas trabalhadoras e pelos trabalhadores.

**Palavras-chave:** trabalho rural; cultivo de flores; região de Holambra/SP; relações sociais de classe e gênero.

## ABSTRACT

This thesis aims to analyze the contradictions present in the cultivation of flowers, highlighting the life experiences of men and women working in the fields and greenhouses of flowers in the region of Holambra, São Paulo, Brazil. The theoretical references are the studies on rural wage and on the globalized intensive agricultural. The field research was conducted in four cities: Artur Nogueira, Holambra, Mogi Mirim and Santo Antônio de Posse. The narratives were collected through conversations and interviews at workers home. The methodology used was the Oral History, which allowed us to view the work in addition to the data brought by the official statistics, trying to break with the analyzes that polarize the productive and reproductive spaces, and naturalize the female skills. The research has allowed us to verify the existence of a variety of settings that make the work morphology in growing flowers - this diversity relates to the size of the properties and greenhouses, forms of employment (family labor, wage, unregistered work), and the place of residence of workers (rural districts, urban districts, producing colonies of flowers). People interviewed related that the working hours are intensified to fulfill the demands, there is exposure to pesticides and thorns of flowers, and carrying out the activity in the greenhouses and fields is often strenuous, which makes some people use medicines to face the workload. Finally, we present a discussion on ways of estrangement and the possibilities of creating emotional bonds with the plants, which causes the activity to be evaluated positively by workers.

**Keywords:** rural labor; cultivation of flowers; region of Holambra / SP; social relations of class and gender.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b>	Descrição das atividades no cultivo de flores, segundo a CBO....	<b>63</b>
<b>Quadro 2.</b>	Informações sobre as pessoas entrevistadas durante a pesquisa de campo.....	<b>74</b>
<b>Quadro 3.</b>	Perfil de sujeitos sociais na produção de flores.....	<b>76</b>
<b>Quadro 4.</b>	Imagem das flores (Nomes populares).....	<b>140</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Localização do universo empírico da pesquisa.....	<b>51</b>
<b>Figura 2.</b> Distribuição Geográfica de área cultivada com flores de vaso, 2007/2008.....	<b>52</b>
<b>Figura 3.</b> Informes da Cooperativa Veiling com os critérios de classificação da violeta.....	<b>167</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1.</b>	Remuneração média dos trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais, no período de 2010 a 2014.....	<b>68</b>
<b>Gráfico 2.</b>	Distribuição de trabalhadores no cultivo de flores e plantas ornamentais, por nível de escolaridade, em 2014.....	<b>70</b>
<b>Gráfico 3.</b>	Proporção de vínculos ativos de trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais, em 2014, segundo o sexo.....	<b>71</b>
<b>Gráfico 4.</b>	Distribuição etária dos vínculos ativos de trabalhadores agrícolas no cultivo de flores na Região de Governo de Campinas e no Estado de São Paulo, em 2014.....	<b>71</b>
<b>Gráfico 5.</b>	Distribuição etária dos vínculos ativos de trabalhadores agrícolas no cultivo de flores na região de abrangência da pesquisa, em 2014.....	<b>72</b>
<b>Gráfico 6.</b>	Número de pessoas empregadas em cada espécie de flor (Entre os sujeitos da pesquisa) .....	<b>139</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b>	Ranking com as dez maiores produções no Estado de São Paulo de floricultura para vaso (2007/2008).....	<b>52</b>
<b>Tabela 2.</b>	Distribuição de moradores em Holambra segundo a nacionalidade (1950, 1975, 1988 e 1988).....	<b>57</b>
<b>Tabela 3.</b>	Número absoluto de vínculos ativos de trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais na região de Holambra, de 2010 a 2014.....	<b>67</b>
<b>Tabela 4.</b>	Vínculos ativos de trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais na região de Holambra, por sexo e remuneração média, em 2014.....	<b>69</b>

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1.</b>	Estrutura de uma estufa de pequeno produtor de crisântemos.....	<b>37</b>
<b>Fotografia 2.</b>	Colheita de crisântemos em canteiro de pequeno produtor.....	<b>37</b>
<b>Fotografia 3.</b>	Tribuna do Veiling.....	<b>39</b>
<b>Fotografia 4.</b>	Mesa computadorizada para registrar lances no leilão.....	<b>39</b>
<b>Fotografia 5.</b>	Carregamento de carrinhos no galpão do Veiling.....	<b>40</b>
<b>Fotografia 6.</b>	Estufa de grande produtor.....	<b>44</b>
<b>Fotografia 7.</b>	Esteiras em estufa de grande produtor.....	<b>45</b>
<b>Fotografia 8.</b>	Chegada de famílias de imigrantes holandeses na Fazenda Ribeirão. (Janeiro de 1950).....	<b>55</b>
<b>Fotografia 9.</b>	Caminhões no centro de Holambra que faziam o transporte de trabalhadores e trabalhadoras rurais (1965).....	<b>57</b>
<b>Fotografia 10.</b>	Trabalhadores e trabalhadoras na colheita do algodão em Holambra (1997).....	<b>58</b>
<b>Fotografia 11.</b>	Cultivo de rosas e equipamentos de trabalho.....	<b>146</b>
<b>Fotografia 12.</b>	Canteiro de rosas no interior de estufa.....	<b>147</b>
<b>Fotografia 13.</b>	Cultivo de violeta – “fase verde”.....	<b>150</b>
<b>Fotografia 14.</b>	Cultivo da violeta – “fase flor”.....	<b>150</b>
<b>Fotografia 15.</b>	Posição corporal no cultivo de flores.....	<b>155</b>
<b>Fotografia 16.</b>	Tecnologia no cultivo do antúrio.....	<b>173</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AAFHOL** – Associação de Agricultores Familiares de Holambra

**CATI** – Coordenadoria de Assistência Técnica Integral

**CBO** – Classificação Brasileira de Ocupações

**DRADS** – Diretoria Regional de Assistência e Desenvolvimento Social

**EPI** – Equipamento de Proteção Individual

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**KNBTB** – Associação dos Lavradores e Horticultores Católicos da Holanda

**PMDRS** – Plano Municipal de Desenvolvimento Rural e Sustentável

**RAIS** – Relação Anual de Informações Sociais

**SEADE** – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

**UPA** – Unidade de Produção Agropecuária



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>1. PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>25</b>
1.1 Referencial e procedimentos metodológicos.....	26
1.2 Descrição dos diferentes momentos da pesquisa de campo.....	32
<b>2. APRESENTAÇÃO DO UNIVERSO EMPÍRICO E SUJEITOS DA PESQUISA.....</b>	<b>50</b>
2.1 Apresentação do universo empírico.....	51
2.2 Histórico de Holambra e da produção de flores.....	53
2.3 Artur Nogueira, Santo Antônio de Posse e Mogi Mirim.....	60
2.4 Trabalhadoras e trabalhadores do cultivo de flores.....	61
2.4.1 “Trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais”....	61
2.4.2 Sujeitos sociais do cultivo de flores: floristas, brasileiros, alagoanos, pessoal da estufa.....	73
<b>3. BASES TEÓRICAS.....</b>	<b>94</b>
3.1 Apresentação.....	95
3.2 Agricultura intensiva globalizada e assalariamento rural.....	96
3.3 A cultura das flores na análise sociológica e antropológica.....	106
3.3.1 A cultura e a simbologia das flores na análise antropológica.....	106
3.3.2 A produção de flores na América Latina e Espanha.....	111
3.4. Bases conceituais para um olhar feminista.....	119
3.4.1 A negação de qualidades inatas femininas e masculinas.....	119
3.4.2 Falsa dicotomia entre espaços produtivos e reprodutivos.....	124
<b>4. AS EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO NO CULTIVO DE FLORES.....</b>	<b>135</b>
4.1 Apresentação.....	136
4.2 Descrição das atividades nos campos e estufas.....	138
4.3 A experiência de trabalho vivenciada nos corpos.....	151
<b>5. AAFHOL E AS COLÔNIAS DE FLORES.....</b>	<b>187</b>
5.1 AAFHOL.....	188
5.2 As colônias de flores.....	192
5.2.1 A experiência na terra para além do trabalho nas estufas.....	198
<b>6. “BEM-ME-QUER, MALMEQUER” – ESTRANHAMENTO E AFETIVIDADES NO TRABALHO COM AS FLORES.....</b>	<b>204</b>
6.1 Sobre assombrações, pesadelos, camelos e tatus.....	205
6.2 Emoções e afetividades no cultivo de flores.....	211
6.2.1 O cuidado com as plantas.....	214
6.2.2 O (não) cuidado com as trabalhadoras e os trabalhadores.....	218
6.2.3 Envolvimento e afetividades na lida com a planta.....	220
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>228</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>233</b>

# Introdução

**Flor.** S.f. **1.** Órgão das plantas responsável pela reprodução, geralmente colorido e perfumado **2.** fig. A melhor parte <a fina flor do samba> **3.** fig. Tempo de esplendor <na flor da idade>. (Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2008)

---

“Rosas e espinhos pertencem à mesma planta e uma parte é inconcebível sem a outra”. (Jack Goody, *The culture of flowers, tradução minha*).

## *A inserção na temática*

---

As flores, concreta e simbolicamente, trazem um significado que está ligado a sutileza, atitudes pacificadoras e beleza. Em seu estado físico, comumente são usadas como adorno, mas também para que delas sejam extraídos alimentos, fragrâncias e medicamentos. Elas são utilizadas para presentear alguém numa ocasião especial, que vai do flerte ao perdão, e como oferta aos deuses e aos mortos. Em sua acepção simbólica, as flores são usadas para se referir à parte mais importante de algo.

Neste texto lançamos uma reflexão voltada para a produção mercantilizada dessas plantas, destacando a experiência dos sujeitos sociais empregados neste cultivo, experiência tal que costuma ser invisibilizada diante da beleza e do colorido das plantas.

No Brasil, boa parte da produção de flores e plantas ornamentais está concentrada no interior paulista, com importante destaque para os municípios de Artur Nogueira, Santo Antônio de Posse e Holambra. Essa última cidade, também conhecida como a “cidade das flores”, veicula sua imagem a partir da reprodução da “cultura holandesa”, com arquitetura, culinária, danças e objetos vindos da Holanda. Nesse município paulista, em feiras de exposição de flores, a imagem da produção dessas plantas é relacionada principalmente à perpetuação da cultura dos holandeses e descendentes.

Até o momento, os estudos nacionais relacionados ao tema do processo de produção de flores estão ligados principalmente às áreas da Saúde (WELLE, 2008), Engenharia (PEREIRA, 2007), Administração (OLIVEIRA et al., 2009) e Economia (FRANÇA e MAIA, 2008). Nesses estudos, em geral, o trabalho no cultivo de flores é apresentado como dócil, poético, delicado, e remetido ao empenho de grupos de imigrantes holandeses e japoneses no Brasil. Alguns autores (BIONDI, TRISTÃO, VIÉGAS, 2007, p. 3) apontam que o sucesso do agronegócio de flores no país se dá em razão da preservação da cultura holandesa somada aos esforços e à habilidade desse grupo para cultivar uma variedade de flores e plantas ornamentais.

Outros estudos, mais voltados para o contexto da região de Holambra, se encarregaram de apresentar a experiência de um seletivo grupo de sujeitos envolvidos nesse processo, qual seja: o dos imigrantes holandeses e seus descendentes que produzem as flores nos campos e estufas da região em questão (SCHOENMAKER, 2006; WIJNEN, 1998; KNAAP, 2012).

Internacionalmente, pesquisadores na área de Ciências Sociais abordaram a temática do cultivo de flores baseando-se na realidade da produção mexicana (FLORES,

1995, 2001, 2010; BECERIL, 1995), equatoriana (VALLE, 2013), colombiana (CASTAÑEDA, 2006; CABRERA, 2012 e JARAMILLO, 2007) e espanhola (ROLDÁN, 1994). Um dos pesquisadores que mais fôlego destinou à temática da cultura das flores, o antropólogo Jack Goody (1993), voltou seu olhar para a apresentação de elementos históricos e simbólicos das flores em diferentes ambientes culturais e comunidades. Goody dedicou pouco espaço para apresentar a experiência dos sujeitos envolvidos nos processos de produção das flores – mesmo porque tinha estabelecido outros objetivos de análise.

Nesse sentido, a escolha do tema da presente pesquisa mostrou-se desafiadora porque não foram encontrados trabalhos na Sociologia brasileira que tratem do tema do processo de produção de flores. Diante disso, recorreremos ao debate sobre o assalariamento rural e a chamada agricultura intensiva globalizada. Portanto, as bases teóricas estão assentadas nos estudos sobre o assalariamento rural no Brasil (SILVA, 1999; 2008; 2011; CAVALCANTI, 1997, 2012; CASTRO, 1995), nas pesquisas sobre a produção de frutas e hortaliças em países como Canadá (PREIBISCH, 2011), México (FLORES, 2001, 2010; SUÁREZ, 1995), Argentina (BENDINI, 2012; BENENCIA, 2012) e também nos estudos sobre a agricultura intensiva globalizada, que trata da temática da produção de frutas e hortaliças no sul da Espanha (OLAIZOLA, 2009; CÁNOVAS, 2010, 2012) e norte da África (NIETO, 2012).

Esse diálogo foi possível também em razão de minha trajetória acadêmica de estudos na área do assalariamento rural e relações de gênero. Desde os primórdios de minha participação no grupo de pesquisa Trama<sup>1</sup>, tive acesso a leituras e debates referentes à participação das mulheres nos espaços rurais (como moradoras em assentamentos de terra ou assalariadas do corte de cana). No desenvolvimento da Monografia, debruçei-me sobre o estudo das condições de trabalho presentes em um abatedouro de frangos em São Carlos/SP. A discussão permitiu expandir a pesquisa e desenvolver uma reflexão, no Mestrado, sobre a transitoriedade do trabalho entre as esferas do “rural” e “urbano” já que, naquela ocasião, observava que muitas mulheres admitidas na agroindústria de frango tinham trabalhado anteriormente no corte de cana-de-açúcar, na colheita da laranja, além de exercer atividades como empregadas domésticas, cozinheiras e faxineiras.

---

<sup>1</sup> O Grupo Trama – Terra, Trabalho, Memória e Migração é coordenado pela professora Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva, e está cadastrado na Plataforma dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Minha participação no grupo se iniciou durante o curso de graduação em Ciências Sociais na UFSCar, em 2004.

Nesse percurso de pesquisa, alguns elementos de análise se destacavam, dentre os quais estavam a transitoriedade do trabalho entre as esferas do “rural” e do “urbano” e a precariedade das atividades desenvolvidas pelas mulheres nos diferentes espaços de trabalho – sejam eles ligados aos canaviais, laranjais, ao chão de fábrica ou ao ambiente doméstico. Nessa trajetória ficou evidenciada também a questão dos atributos de gênero que recaíam às mulheres, imputando-lhes certas responsabilidades, dentre as quais o cuidado dos filhos no cotidiano e de membros da família que estejam doentes ou que demandem alguma atenção. São elas que são chamadas para as reuniões de filhos nas escolas e também as que “deixam” o trabalho quando algum membro da família adocece.

Wright Mills (2009), em seu texto sobre o artesanato intelectual, retrata a experiência de vida como ferramenta para o exercício do fazer sociológico. Para o autor, a trajetória do pesquisador é importante não só na forma como a pesquisa será abordada, mas principalmente na escolha do tema. Desse modo, ao visualizar minha trajetória compreendo que essa mediação entre a experiência pessoal e o fazer sociológico se deu em diferentes instâncias: no âmbito familiar, profissional e acadêmico. Na verdade, esses elementos se entrelaçaram e se confundem com meu interesse pela Sociologia.

Uma das primeiras formas de definir a prática sociológica que aprendi foi a de sair da superfície e procurar a essência. E hoje percebo o quanto essa ideia esteve presente em minha trajetória. Dificilmente aceitava a realidade tal como ela se apresentava ao primeiro olhar. Isso me permitiu questionar a razão pela qual existiam privilégios em alguns grupos e também visualizar o quanto as tramas presentes no cotidiano estão carregadas de relações sociais, portanto, passíveis de compreensão sociológica. O contexto, assim anunciado, me levou a pensar na exploração/dominação de um grupo de pessoas para a manutenção da lógica capitalista, e também a questionar os discursos que afirmam que o machismo e o racismo já estão superados na sociedade brasileira.

Até o ano de 2011 não tinha conhecimento sobre o processo de mercantilização das plantas no âmbito produtivo, tampouco acerca da exploração do trabalho na produção de flores. A imagem que tinha dos campos de rosas era aquela mais ligada a uma cena bucólica, que nada representa a realidade concreta. Talvez essa seja uma curiosidade da leitora ou do leitor, saber se eu tinha um conhecimento prévio sobre flores, mesmo que seja relacionado ao cultivo doméstico, jardinagem ou apreciação. Alerto que meu conhecimento sobre flores era o mais escasso possível. Nunca tive um trato com as plantas e as flores – não sei plantar e regar. Dizem que as flores crescem e

ficam bonitas quando conversamos com elas. Eu sempre preferi conversar com pessoas. E antes de realizar essa pesquisa, sabia o nome de uma quantidade ínfima de flores: violeta, orquídea, rosa, margarida e girassol. Até então, era esse o repertório de flores que minha experiência de vida proporcionara.

Um novo horizonte de entendimento sobre as flores se abriu para mim no primeiro semestre de 2011. Naquela ocasião, eu trabalhava como Agente de Desenvolvimento Social na Diretoria Regional de Assistência e Desenvolvimento Social (DRADS), no município de São João da Boa Vista/SP. Uma de minhas atribuições era visitar as unidades que ofereciam serviços socioassistenciais na região de abrangência da DRADS<sup>2</sup>. Desse modo, era comum passar a semana visitando e monitorando Instituições de Longa Permanência para Idosos, casas que recebiam crianças e adolescentes afastados da família, unidades que desenvolviam atendimento a adolescentes em cumprimento de Medidas Socioeducativas e Albergues Noturnos. Durante as visitas, eram aplicados questionários com a finalidade de realizar um levantamento sobre os serviços prestados no território de abrangência da DRADS e também orientar os profissionais quanto às ações e aos procedimentos necessários para a realização de cada serviço. Na linguagem utilizada nos serviços socioassistenciais é bastante comum o uso do termo “Encaminhamento”, que diz respeito aos procedimentos que os profissionais tomam para suprir a chamada “vulnerabilidade social” em que o usuário do serviço se encontra. E, em uma das visitas a um albergue noturno no município de Mogi Mirim, uma assistente social me relatou que chegavam muitos migrantes (acompanhados ou sozinhos) em busca de trabalho temporário. Assim, um dos “encaminhamentos” realizados por ela era contatar o “empreiteiro das flores” para destinar os usuários desses serviços socioassistenciais para o trabalho na colheita de flores.

Em razão de pesquisas anteriores das quais participei no interior do Grupo de Pesquisa Trama, sabia que o termo “empreiteiro” apresenta inúmeras cargas simbólicas. Sabia que poderia se tratar de um trabalho temporário e com condições precárias de contratação. E, de fato, a assistente social com quem conversei no albergue noturno me relatou que o “empreiteiro” buscava as pessoas no albergue para trabalhar em algumas fazendas na região como “diaristas”, sem contrato formal de trabalho.

A partir de então, fiquei imaginando como seria o trabalho dessas pessoas empregadas na produção de flores, mas não sabia como chegar até elas. Em um primeiro

---

<sup>2</sup> A região de abrangência da DRADS Mogiana (São João da Boa Vista) é composta por 20 municípios, dentre os quais está Mogi Mirim.

## Introdução

momento, pensei em pedir o contato do “empreiteiro das flores” para a profissional com quem conversei, mas essa não seria a melhor alternativa, dado que a entrada no campo por via do empreiteiro poderia prejudicar posteriormente a imagem que as trabalhadoras e os trabalhadores teriam a meu respeito. Então, dois fatos me possibilitaram a aproximação com a temática que buscava conhecer: a ida a uma fazenda produtora de flores em Andradas/MG em agosto de 2011 e a visita à Expoflora em setembro do mesmo ano. A Expoflora é a maior feira de exposição de flores e cultura holandesa da América Latina.

A visita em Andradas foi possível graças a um contato que tinha com um colega de trabalho. Sua prima é casada com um grande produtor de flores em Andradas e disse que poderia facilitar minha entrada na fazenda para ver o processo de produção de rosas. Esse novo universo que encontrei na fazenda produtora de rosas era pleno de significados sociológicos, tais como a presença de esteiras no interior de um barracão de embalagem de flores. Nessa ocasião, pude verificar a grandeza da produção de flores, pois até então não tinha noção do tamanho das estufas que abrigavam as incontáveis fileiras de rosas. Até mesmo o tamanho das roseiras me causou espanto, pois imaginava que elas fossem menores. Fui levada ao barracão onde as flores são classificadas. Desconhecia o fato de que as rosas são classificadas pelo tamanho de suas hastes e quando me deparei com uma esteira que transportava as flores já classificadas no interior do barracão também fiquei assustada. Posso afirmar que houve uma mistura de sentimentos. Estava bastante satisfeita por ter acesso ao ambiente de trabalho – o não acesso ao ambiente de trabalho era algo que havia me frustrado bastante na realização da pesquisa de Mestrado, já que fui impedida de entrar no abatedouro de frangos, então o fato de estar presente em um campo de flores logo no início da pesquisa me alegrava bastante. Mas, ao mesmo tempo, tudo aquilo era novidade, pois não tinha a dimensão do que poderia encontrar dali em diante.

Mais uma vez, presumi que a entrada em campo não poderia ser mediada por minha aproximação com o grande produtor, dono da fazenda onde viviam e trabalhavam dezenas de homens e mulheres, pois essa inserção estaria carregada de um viés que poderia prejudicar a forma como as trabalhadoras e os trabalhadores me veriam. Foi então que decidi visitar a Expoflora.

Em setembro de 2011, conheci o recinto de exposições onde está a mostra de flores e paisagismo, visualizei danças, comidas, trajes e arquitetura tipicamente holandesas. No espaço de exposições existe também um grande mercado de flores, com

## Introdução

o modelo semelhante ao dos supermercados: os produtos estão divididos por tipos, existem carrinhos, caixas, prateleiras e os preços, com algumas promoções. O mercado estava muito cheio. Do lado de fora pude ver que algumas mulheres se encarregavam de levar os carrinhos que abasteciam com plantas o local de vendas.

Conversei com uma das mulheres que faziam o carregamento dos carrinhos. Apresentei-me e informei que realizava uma pesquisa e ela queria saber se eu estava interessada em “montar um negócio” de produção de flores. Falei um pouco mais sobre os interesses da pesquisa e que eu buscava conversar com as trabalhadoras e os trabalhadores das estufas. Ela disse que residia em Artur Nogueira e trabalhava em Holambra nas estufas de flores durante a semana. Aos finais de semana trabalhava na Expoflora em “serviços gerais”. Em nossa conversa, a trabalhadora me relatou que a atividade nas estufas, muitas vezes, era bastante intensa e realizada sob uma temperatura bastante elevada. Surpreendi-me quando ela relatou que esse tipo de trabalho exigia do corpo muita elasticidade, pois os movimentos eram bastante intensos, exigindo que as trabalhadoras fossem verdadeiras “ginastas”<sup>3</sup>. Contou ainda que muitas pessoas que trabalhavam nas estufas em Holambra vinham dos Estados de Alagoas, Bahia, Paraíba, Paraná e Minas Gerais, muitas das quais já tinham passado pelo trabalho na colheita da laranja e café.

Gradativamente, novos elementos iam se colocando para a análise que havia me proposto a desenvolver. Sabia que a produção de flores era em grande escala, traçava na mente uma noção de que o trabalho nas estufas não exigia simplesmente “docilidade” e “delicadeza” nas mãos, e percebia também que existia um movimento migratório e uma trajetória laboral marcada pela transitoriedade de tarefas em diferentes culturas. Percebia então que o cenário holandês montado na maior feira de exposições de flores da América Latina evidenciava pouco ou quase nada sobre a experiência dos sujeitos que fazem com que o colorido das flores na região se apresente como uma atividade bem-sucedida.

Aos poucos, notava que as flores e os sujeitos envolvidos no processo de produção poderiam ser plenos de significados sociais e de temas sociologicamente relevantes. As evidências empíricas começaram a apontar algumas das expectativas de gênero vigentes em nossa sociedade. Isso porque podemos pensar não só nos motivos envolvidos no uso majoritário de mão de obra feminina, mas também refletir sobre as

---

<sup>3</sup> Termo utilizado pela trabalhadora.



razões pelas quais as mulheres são presenteadas com flores e recebem o nome dessas plantas. O desenvolvimento da pesquisa poderia mostrar ainda as diferentes formas de acesso à terra por grupos de imigrantes holandeses e pelos brasileiros – e essa diferença também está carregada, entre outros aspectos, pela questão étnico-racial que marcou as diferentes formas de distribuição e acesso à terra no Brasil.

Desse modo, quando emprego a metáfora “rosas e espinhos”, pretendo mostrar a importância das experiências daquelas pessoas que estão cotidianamente no interior das estufas e nos campos de flores e, acompanhada das experiências, uma reflexão acerca das contradições presentes no processo de trabalho e dos padrões estabelecidos pela sociedade, que reforçam estereótipos acerca da simbologia de homens e mulheres dentro e fora do ambiente de trabalho.

Para desenvolver a reflexão proposta dividimos a tese em seis seções. Na **seção 1** abordamos o referencial e os procedimentos metodológicos, destacando em seguida uma descrição dos diferentes momentos da pesquisa de campo empreendida entre os anos de 2011 e 2015. Na **seção 2** apresentamos o universo empírico (municípios de Artur Nogueira, Holambra, Mogi Mirim e Santo Antônio de Posse) e o perfil dos sujeitos sociais do cultivo de flores nessa região, apresentando-se como suporte a pesquisa de campo e um levantamento quantitativo feito em bases de dados do Ministério do Trabalho e Emprego, e da Fundação Seade. Na **seção 3** são destacadas as bases teóricas da pesquisa, que estão subdivididas em três principais eixos, quais sejam: a agricultura intensiva globalizada e o assalariamento rural, a cultura das flores no olhar sociológico e antropológico, e as bases conceituais para um olhar feminista.

A experiência de trabalho tal como ela é vivenciada pelos sujeitos sociais é o tema da **seção 4**, que apresenta as narrativas das trabalhadoras e dos trabalhadores no que diz respeito ao processo de trabalho no interior das estufas e dos campos de flores. A **seção 5** é dedicada a uma breve apresentação sobre a experiência na Associação de Agricultores Familiares de Holambra (AAFHOL) e nas colônias de flores. A subdivisão que fecha a tese, **seção 6**, é destinada a um debate que se aproxima do âmbito da Sociologia das emoções, na medida em que apresentamos uma reflexão sobre os processos de estranhamento e as afetividades no cultivo de flores.

# 1. Percursos metodológicos

## 1. Percursos metodológicos

### 1.1 Referencial e procedimentos metodológicos

O referencial metodológico desse estudo é constituído pelo entrecruzamento de dois eixos analíticos: o primeiro diz respeito à força dada às narrativas dos sujeitos que tiveram em sua trajetória laboral a passagem pelo cultivo de flores. Adotamos de Benjamin (2012) a definição das narrativas enquanto faculdade de intercambiar experiências. O segundo eixo analítico está ancorado no conceito de experiência à luz da teoria de Thompson (1981). O uso da categoria experiência nos permite fazer a interconexão entre o indivíduo e a sociedade. Por meio desse termo é possível verificar a maneira como homens e mulheres tratam em sua consciência e cultura as situações e as relações produtivas determinadas. Nessa abordagem, as pessoas se apresentam como sujeitos que tratam suas experiências com “relativa autonomia” (THOMPSON, 1981, p. 182) e em seguida agem sobre uma situação determinada.

A proposta, como indica o título, é mostrar também os “espinhos” em meio ao colorido das flores. Nesse sentido, os dados que mostram as áreas, os territórios de produção e as receitas geradas pelo setor de flores não são suficientes uma vez que as experiências de trabalho e os meios de vida dos sujeitos envolvidos ficam invisibilizados. Ao apresentar as memórias de homens e mulheres no trabalho e as formas que tomam a sua exploração, posicionamo-nos contrariamente à história que se encarrega de apresentar a memória das coisas produzidas e acumuladas (GAUDEMAR, 1977). Entendemos assim que mais importante que “falar de flores” é falar sobre “quem produz as flores” e as contradições que envolvem esse processo.

Para cumprir tal propósito, a metodologia da História Oral se mostra relevante, na medida em que seu uso permite que os dizeres e as práticas que se apresentam nos relatos, em momentos de entrevistas, conversas e observação ao campo empírico revelem outra história que nem sempre é apresentada pela “História Oficial”.

As narrativas apresentadas nesse texto não serão consideradas somente em suas particularidades, uma vez que carregam consigo elementos estruturais da sociedade. Em nosso entendimento, homens e mulheres se apresentam como indivíduos historicamente corporificados – nesse sentido, carregam marcas das relações de produção, geracionais, de pertencimento étnico-racial e de gênero.

Compreendemos que no momento em que os percursos de vida são narrados, é possível reinterpretar os acontecimentos do passado (PASSERINI, 1993, p.39), ou ainda examinar, por meio dos relatos biográficos, o que passa despercebido a

## 1. Percursos metodológicos

um olhar do presente tal como ele se apresenta. Passerini (1993) evidencia que o emprego da metodologia da história oral permite

reverter velhos procedimentos e (...) não mais usar mitos do passado para ler o presente, e sim usar o presente para reinterpretá-los. Não existem chaves universais. Ao contrário, a fechadura se transforma em chave e vice-versa. Este é o princípio de uma interpretação que opta por envolver-se na sua própria gênese (p. 39).

Com a ênfase dada às narrativas neste estudo, não pretendemos priorizar o caráter individual na análise sociológica. Trata-se, antes de tudo, de uma análise que estabelece complementaridade entre o particular e o geral. Bourdieu (1998) utiliza uma metáfora bastante pertinente que demonstra essa complementaridade:

tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um 'sujeito' cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (1998, p. 189-190).

Tal metáfora acaba por se tornar um elemento fundamental da análise aqui proposta, na medida em que serão tomadas as trajetórias de vida para a busca da compreensão das relações sociais que se estabelecem a partir das experiências de trabalho na produção de flores. Ao descrever atividades humanas até então consideradas sem valor, dá-se visibilidade aos grupos cuja história foi apagada ou esquecida (SCOTT, 1999, p. 24).

Assim posto, compreendemos a relevância dos relatos orais tanto no momento em que são narradas as experiências das trabalhadoras e dos trabalhadores, como nas ocasiões em que os dizeres tomam lugar no debate acadêmico e produção de uma memória na qual a experiência direta das personagens envolvidas ganha legitimidade no processo de construção do conhecimento.

Compreendemos que os relatos orais e as histórias de vida trazidas pelas narrativas dos sujeitos sociais não se apresentam meramente como “informações” para a construção do saber científico, na medida em que

a informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se esgota jamais. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz

## 1. Percursos metodológicos

de desdobramentos [...]. A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada, como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Dando continuidade ao argumento de Benjamin sobre o caráter artesanal da narrativa, recorreremos ao entendimento proposto por Becker (1994) acerca do empreendimento científico. Este autor critica os estudos sociológicos que buscam evidências para aceitar ou rejeitar hipóteses e conclusões, como se “as descobertas” fossem tijolos a ser acrescentados na muralha científica. Ao refletir sobre o uso das histórias de vida nas pesquisas sociológicas, Becker propõe que elas sejam entendidas como peças de um mosaico.

Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para a nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros. Diferentes fragmentos contribuem diferentemente para nossa compreensão: alguns são úteis por sua cor, outros porque realçam os contornos de um objeto. Nenhuma das peças tem uma função maior a cumprir (BECKER, 1994, p.104-105).

Desse modo, compreendemos que os procedimentos metodológicos da pesquisa se apresentam como peças de um mosaico. As peças de um mosaico não têm a mesma função dos tijolos de uma muralha, ou ainda de peças de um quebra-cabeça. No caso da muralha, os tijolos são peças idênticas colocadas umas sobre as outras para a construção do muro. As peças do quebra-cabeça, por sua vez, não possuem formatos idênticos, mas exibem – quando completado o quebra-cabeça – uma imagem estabelecida previamente. Ou seja, sabe-se desde o início a figura que se quer encontrar com a montagem das peças. A particularidade do mosaico está justamente no fato de que as peças são diferentes no tamanho e coloração, tornando possível retirar e colocar as peças, formando figuras diferentes de acordo com a disposição delas.

Nesse sentido, nas linhas seguintes, apresentamos algumas das peças utilizadas desse mosaico para que a pesquisa fosse concretizada. Abordaremos a seguir as etapas da realização do trabalho. Elas não estão elencadas na ordem cronológica de sua realização, pois, muitas vezes, davam-se em movimento de idas e vindas, fazendo da

## 1. Percursos metodológicos

pesquisa científica um contínuo movimento de reelaboração a partir de elementos trazidos para a construção do saber que nos propusemos a apresentar.

A modalidade de pesquisa aplicada foi a pesquisa empírica. A técnica de coleta de dados secundários foi o levantamento na base de dados no Painel das Profissões (da Fundação Seade) e na Relação Anual de Informações Sociais<sup>4</sup> do Ministério do Trabalho e Emprego – ambos referentes ao número e perfil de pessoas empregadas no cultivo de flores no Estado de São Paulo. Os dados levantados foram selecionados e a partir deles organizados gráficos e tabelas que estão no corpo do texto. Também realizamos uma busca de dados referentes ao número e tamanho das propriedades com cultivo de flores na região de Holambra no sítio eletrônico da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo. Estão disponíveis somente os números referentes à quantidade de estabelecimentos agropecuários com cultivo de flores<sup>5</sup>, inexistindo a informação relativa ao tamanho das propriedades. Diante da escassez de dados no sítio eletrônico, buscamos um contato com um engenheiro da Casa da Agricultura de Santo Antônio de Posse, este nos informou que, em razão do número reduzido de profissionais, não havia uma atualização de dados referentes aos cultivos e ao tamanho das propriedades na região de Holambra.

As técnicas de coleta de dados primários foram a observação em campo empírico e a aplicação de entrevistas semiestruturadas.

A primeira **pesquisa de campo** foi realizada em agosto de 2011. A partir de então, foram realizadas visitas<sup>6</sup> à fazendas de produção de flores, sítios de pequeno e médio porte com cultivo de flores; visita ao município de Artur Nogueira para entrevistar homens e mulheres empregados no cultivo de flores em suas residências; visitas ao município de Santo Antônio de Posse para uma conversa com um técnico da Casa da Agricultura e para conhecer a cooperativa Veiling; visita ao município de Holambra para conhecer e entrevistar pessoas que moram na AAFHOL e no Bairro Palmeirinha; visitas ao município de Mogi Mirim, onde estão localizadas algumas propriedades com produção de flores e colônias de trabalhadores e trabalhadoras.

Durante as primeiras visitas aos municípios de abrangência da pesquisa, optei por conversar com algumas pessoas e conhecer melhor os bairros sem utilizar o

---

<sup>4</sup> O levantamento na base de dados da RAIS foi feito por Giovana Gonçalves Pereira, cientista social, doutoranda em Demografia pela Unicamp.

<sup>5</sup> Os dados fazem parte do Levantamento Censitário das Unidas de Produção Agropecuária do Estado de São Paulo (LUPA), realizado nos anos de 2007 e 2008.

<sup>6</sup> No tópico seguinte serão abordadas detalhadamente cada uma das etapas da pesquisa de campo.

## 1. Percursos metodológicos

gravador. Isso possibilitou também que não fosse criado um clima de investigação, pois eu tinha que iniciar a pesquisa de campo, mas não poderia tratar os sujeitos sociais como objetos de minha investigação. E o uso do gravador, em alguns momentos, pode inibir e causar uma impressão de inquérito que não gostaria de dar para o desenvolvimento da pesquisa. As observações foram registradas em um caderno de campo – contendo as primeiras impressões, informações sobre o processo de trabalho, relatos e considerações sobre as grandes empresas produtoras de flores, além dos contatos que foram feitos, aos poucos, com as pessoas que vivem em Artur Nogueira e se deslocam diariamente para os campos e as estufas de flores.

A partir das primeiras observações em campo empírico e já com a contribuição de algumas referências teórico-metodológicas, elaborei um roteiro de entrevista semiestruturada e um questionário biográfico. O questionário biográfico foi adaptado de outros que utilizamos em nossas pesquisas do Grupo Trama e tinha o objetivo de captar algumas informações sobre o que diz respeito à idade, local de nascimento, nível de escolaridade, ocupação dos pais e avós, movimento migratório e trajetória laboral. Durante a realização da pesquisa de campo para a elaboração da tese, nem sempre foram aplicados os questionários biográficos antes das entrevistas – como tinha sido planejado. Isso porque em alguns momentos o ambiente não favorecia, pois o questionário biográfico é muito fechado e as pessoas estavam mais interessadas em narrar suas experiências de trabalho e suas trajetórias de vida de forma mais livre, sem se prender a um roteiro previamente estabelecido.

Depois de algumas idas a campo para a realização dessa pesquisa de Doutorado e também para a pesquisa “Novas configurações do trabalho nos canaviais. Um estudo comparativo entre os estados de São Paulo e Alagoas”<sup>7</sup>, algumas indagações sobre o uso do questionário foram surgindo. No interior do grupo de pesquisa, Lúcio Vasconcelos de Verçosa<sup>8</sup>, Beatriz Medeiros de Melo<sup>9</sup> e eu refletimos sobre a pertinência e relevância do uso dos questionários e percebemos que em algumas ocasiões a aplicação desse instrumento gerava uma sensação de desconfiança porque as pessoas ficavam com receio de dar o nome completo, idade, local de nascimento. Além disso, percebemos que muitas informações que constavam nos questionários não eram utilizadas posteriormente em nossas análises e as que utilizávamos já estavam contempladas no roteiro de

---

<sup>7</sup> Coordenada pela professora Maria Aparecida de Moraes Silva, com o apoio financeiro do CNPq.

<sup>8</sup> Doutor em Sociologia pela UFSCar.

<sup>9</sup> Doutora em Sociologia pela UFSCar. Coordenadora de campo da pesquisa supracitada.

## 1. Percursos metodológicos

entrevistas. Diante dessa reflexão optei pela não utilização dos questionários biográficos para a realização da pesquisa com as trabalhadoras e os trabalhadores do cultivo de flores.

O roteiro de **entrevistas** também sofreu alterações de acordo com as visitas em campo e as leituras de referenciais teóricos. Por exemplo, retirei um dos tópicos que existia no roteiro que dizia respeito aos turnos de trabalho, pois a temática não era pertinente para o caso da cultura das flores, pois existe somente um turno de trabalho nos sítios e fazendas. Além disso, nem todas as perguntas foram feitas para todas as pessoas entrevistadas. Isso dependia muito da abertura dada durante a conversa. Algumas pessoas não se sentiram à vontade para falar sobre assuntos que não diziam respeito ao universo do trabalho nas flores, outras narraram toda a trajetória de vida, relatando inclusive os momentos de tensão pessoal (como tentativas de suicídio e violência doméstica).

Durante a realização de algumas entrevistas estive acompanhada: em abril de 2013 de Beatriz Medeiros de Melo, que me auxiliou na condução da entrevista, nas fotografias e também brincou com as crianças enquanto eu entrevistava as trabalhadoras; em maio de 2015 de Erivelto Santiago Souza, que fez a primeira aproximação com os homens de duas famílias (uma no bairro Palmeirinha, enquanto eu conversava com duas trabalhadoras, e outra na Fazenda Filomena) e posteriormente conduziu as entrevistas com dois trabalhadores na minha presença<sup>10</sup>.

Depois de realizadas as entrevistas, os áudios foram transcritos. A partir de então, as entrevistas foram analisadas. A análise consistiu em separar as entrevistas de acordo com os seguintes temas pertinentes à pesquisa: movimento migratório; trajetória laboral; relações de gênero; processo de trabalho – descrição das atividades realizadas nas estufas e campos de flores; condições de saúde advindas do ambiente de trabalho; divisão das atividades entre homens e mulheres no trabalho; relatos sobre a experiência de vida em colônias de produção de flores; relatos de experiências de racismo; e afetividades e emoções na lida com as plantas. Feita a divisão dos temas, procurei fazer as interconexões entre os assuntos relatados nas entrevistas e os eixos temáticos abordados no referencial teórico e também trazer elementos novos que não foram tratados pelos estudos anteriores.

No corpo do texto, ao longo das diferentes seções, serão apresentados trechos das narrativas selecionadas após a análise das entrevistas. Os nomes das pessoas entrevistadas são fictícios. Optei em apresentar os trechos das narrativas mantendo o seguinte padrão:

---

<sup>10</sup> Nestas ocasiões, eu dava início às perguntas, mas os homens entrevistados dirigiam o olhar somente para Erivelto.



## 1. Percursos metodológicos

Juliana – Qual é a tarefa dos homens?

Maísa – Assim, empurrar carrinho, tipo o espaçamento, carregar vaso de uma estufa para outra, que é serviço mais pesado, entendeu? Porque as mulheres não fazem serviço em estufa, pesado, entendeu?

Desse modo, é possível estabelecer uma relação que se afasta da ideia de interrogatório (na qual uma pessoa pergunta e outra responde) e se aproxima mais de uma situação de conversa como, de fato, aconteceu em diversas ocasiões de entrevistas. As considerações de Magalhães (2002) acerca dos poderes dos narradores durante as experiências de pesquisa empírica nos permitem fortalecer esse argumento. A autora mostra que por meio da prática dialógica, “sujeitos comuns e anônimos, oprimidos, ao serem trazidos para a cena histórica, através de suas memórias, mostram que preservam outros poderes, rompem com vários silêncios do passado e do presente” (2002, p. 46).

### 1.2 Descrição dos diferentes momentos da pesquisa de campo

Nesta seção apresentamos uma descrição dos diferentes momentos da realização da pesquisa de campo realizada entre os anos de 2011 e 2015. É possível afirmar que houve seis formas de inserção e abordagem na pesquisa de campo:

- a) A primeira delas ocorreu em agosto de 2011 em uma fazenda produtora de flores em Andradas/MG;
- b) Visita à Expoflora, em setembro de 2011, onde conheci a primeira trabalhadora no cultivo de flores. Por meio dessa conversa soube que no bairro Sacilloto II, em Artur Nogueira, residem muitas pessoas empregadas no cultivo de flores em toda região de Holambra;
- c) Abordagem nas ruas, apresentando a pesquisa e perguntando se alguém poderia indicar pessoas que trabalhavam/tinham trabalhado no cultivo de flores;
- d) Indicação a partir da rede de contatos de pessoas já entrevistadas;
- e) Contato telefônico e visita à Casa da Agricultura de Santo Antônio de Posse. Posteriormente, o profissional da Casa da Agricultura me apresentou aos moradores da AAFHOL e me levou para conhecer propriedades – de diferentes tamanhos – com cultivos de flores; e

## 1. Percursos metodológicos

- f) Contato telefônico e entrevista com um assistente social da prefeitura de um dos municípios de abrangência da pesquisa.

Em Andradas – conforme apresentado no início da Introdução – a incursão em campo empírico tinha por objetivo estabelecer um contato inicial com a temática da produção de flores. Naquela ocasião, estava acompanhada de um colega de trabalho que conhecia o produtor e nos levou até a fazenda, e também de Erivelto Santiago Souza, que conversou com o proprietário da fazenda e também produtor enquanto eu caminhava pela propriedade acompanhada de uma encarregada de produção que morava na fazenda e trabalhava há muito tempo no cultivo de rosas. Ela era responsável pela coordenação das atividades nas estufas e no barracão que faz a classificação e embalagem das plantas. A visita foi crucial para um entendimento acerca da organização do processo produtivo no cultivo de rosas. Entretanto, decidimos concentrar a pesquisa na região de Holambra em razão dos contatos posteriores que foram estabelecidos diretamente com as trabalhadoras e os trabalhadores das estufas e campos de flores.

A primeira visita em Artur Nogueira foi feita em maio de 2012. Naquela ocasião estava sozinha e tinha por objetivo encontrar uma das trabalhadoras, Fernanda, com quem havia conversado durante minha primeira visita à Expoflora, em setembro de 2011. Tentei agendar um horário para encontrá-la, mas ela não costumava passar muito tempo em sua residência, então decidi ir até o bairro Saciloto II. O bairro localiza-se numa região periférica da cidade, às margens da rodovia SP-332, no trecho que liga os municípios de Artur Nogueira e Engenheiro Coelho. Em minha primeira aproximação para conversar com as pessoas do bairro encontrei duas mulheres que já tinham trabalhado no cultivo de flores, nos seguintes setores: câmara fria, embalagem e colheita. Uma delas estava afastada do trabalho no cultivo de flores desde 2010, em razão de problemas no sangue e nos ossos – ela preferiu não entrar em detalhes, mas afirmou que o trabalho na câmara fria<sup>11</sup> contribuiu muito para agravar sua situação, uma vez que fica submetida a temperaturas amenas (dependendo da variedade das flores, a temperatura da câmara fria pode variar de 1 a 5 °C); e a outra saiu do emprego depois que se casou.

Elas se mostraram muito interessadas e começaram a narrar suas experiências de trabalho. Relataram situações de desmaios durante a colheita das flores em razão do escasso tempo para descanso das trabalhadoras e pelo fato de realizar a

---

<sup>11</sup> Ela relatou que a presença feminina é predominante na câmara fria. Elas usam várias blusas, mas estas não são suficientes para amenizar a sensação térmica demasiadamente fria.

## 1. Percursos metodológicos

atividade sob uma temperatura bastante elevada no interior das estufas. Afirmaram que boa parte dos ônibus que saem diariamente de Artur Nogueira vai para Santo Antônio de Posse, onde está instalada uma das maiores empresas de flores da região, a *Terra Viva*. Finalmente, relataram que é muito comum encontrar pessoas que trabalharam no cultivo de flores e depois se afastaram por problemas de saúde ocasionados no trabalho.

O contato com elas foi fundamental para o conhecimento de mais situações que envolviam o processo de trabalho e também para a aproximação com os moradores do bairro. Elas me indicaram algumas trabalhadoras, até que eu pudesse encontrar Isabel, a primeira pessoa que aceitou conversar de forma prolongada. Ela narrou sua história de vida, os movimentos migratórios realizados por ela e seus familiares e as condições de trabalho em diferentes espécies de flor que trabalhara. Por meio do contato com Isabel conheci várias pessoas que narraram suas histórias de vida para o desenvolvimento da pesquisa. Uma delas foi Bruna, que narrou sua experiência de trabalho no cultivo de bulbos<sup>12</sup>.

O segundo momento da pesquisa de campo em Artur Nogueira ocorreu em abril de 2013. Nessa visita, a pesquisadora Beatriz Medeiros de Melo me acompanhou. A ida a campo contemplava, além da realização de minha pesquisa de doutorado, a busca por interlocutores e interlocutoras para o desenvolvimento da pesquisa “Novas configurações do trabalho nos canaviais. Um estudo comparativo entre os Estados de São Paulo e Alagoas”. Nessa pesquisa, um dos objetivos era encontrar pessoas que já tinham trabalhado no corte manual de cana e que, em razão do processo de mecanização dessa atividade, estavam empregadas em outros setores produtivos. Foi assim que conversamos com trabalhadores empregados na colheita mecanizada da cana, colhedores de laranja, funcionários da usina de cana-de-açúcar que aplicavam a vinhaça no canavial e que trabalhavam no transporte de cana. Durante a realização dessas entrevistas, algumas pessoas nos indicaram familiares, amigos ou vizinhos que já tinham trabalhado no cultivo de flores. Então os contatos no município de Artur Nogueira foram se ampliando. Durante a visita em campo empírico conheci e entrevistei Luciana (filha de Isabel com quem tinha conversado em minha primeira visita a Artur Nogueira), Taís, Roberto, Jaime, Alceu, Marcela e Inês. Algumas entrevistas foram feitas coletivamente, como as de Roberto e seu pai, Jaime. Nessa ocasião também recebi a indicação para conversar com mulheres que estavam afastadas do trabalho em razão de doenças ocupacionais adquiridas no

---

<sup>12</sup> A narrativa de Bruna sobre o trabalho com bulbos será trazida para análise em outras seções da tese.

## 1. Percursos metodológicos

cultivo de flores. Entretanto, após diversas tentativas de telefonemas e ida até as residências, só consegui conversar com uma delas, Inês. A recusa durante a pesquisa de campo não se deu somente por parte de mulheres afastadas do trabalho, mas também daquelas que tinham algum receio de relatar a trajetória laboral – elas afirmaram que os maridos ou filhos não achavam prudente conversar sobre essa temática. Uma delas, Lúcia, relatou por meio de uma conversa realizada na calçada de sua residência, sua experiência de trabalho no corte de cana, o movimento migratório e o trabalho feito no plantio de mudas de crisântemos.

Por fim, a visita contemplou ainda uma entrevista com a presidenta do sindicato dos trabalhadores rurais de Cosmópolis, que relatou as principais irregularidades encontradas no cultivo de flores e as intervenções do sindicato em denúncias de irregularidades no transporte da cana e a principal atuação da associação nas usinas de cana-de-açúcar, que é o acompanhamento da pesagem feita na usina para estabelecer o preço da cana para o pagamento dos cortadores manuais.

O terceiro momento da realização da pesquisa de campo em Artur Nogueira se deu em maio de 2013. Nessa ocasião estava acompanhada de Beatriz Medeiros de Melo, Lúcio Vasconcelos de Verçoza e Tainá Reis<sup>13</sup>. Buscávamos novamente interlocutores e interlocutoras para o desenvolvimento da pesquisa “Novas configurações do trabalho nos canaviais. Um estudo comparativo entre os Estados de São Paulo e Alagoas”. Foi então que conhecemos uma pessoa de muita influência no Bairro Saciloto II, Bernardo. Ele reside neste bairro há muito tempo, realiza festas na vizinhança e é o proprietário de residências que são alugadas para trabalhadores migrantes. Bernardo nos relatou que em certa ocasião tinha alugado uma de suas casas para um grupo de trabalhadores vindos de Minas Gerais, que já tinham trabalhado na colheita de café no sul mineiro, trabalharam como diaristas na colheita de flores em Holambra e depois retornaram para Minas Gerais.

Durante nossa estada em Artur Nogueira entrevistamos trabalhadores que operavam máquinas no plantio e corte de cana e também trabalhadores que já tinham cortado cana e que, naquela ocasião, estavam empregados em um abatedouro de aves no município de Holambra. Consegui localizar e ir até a residência de algumas trabalhadoras do cultivo de flores que haviam sido indicadas nas visitas anteriores. Uma delas era Tacianara – sua narrativa me marcou bastante, pois relatou fatos importantes para a

---

<sup>13</sup> Doutoranda em Sociologia na UFSCar.

## 1. Percursos metodológicos

reflexão que buscava empreender, como o fato de ser chamada de “formiguinha” no ambiente de trabalho, em razão de sua rapidez nas mãos para picotar as mudas da violeta. Além de Tacinara, em maio de 2013 conheci e entrevistei Maísa, Daniela e Amália.

Em Santo Antônio de Posse a primeira visita ocorreu em outubro de 2013. No mês anterior já tinha feito contato telefônico com um engenheiro agrônomo da Casa da Agricultura, Eduardo, para consultar-lhe sobre o acesso a estatísticas referentes ao tamanho das propriedades produtoras de flores na região de Holambra e sobre o número de pessoas empregadas em cada uma delas. Eduardo logo ressaltou que o número reduzido de funcionários na Casa da Agricultura de Santo Antônio de Posse e Holambra dificultava o serviço de levantamento de dados, pois, além dessa atividade, os técnicos também têm que dar consultorias para os produtores e elaborar projetos de ação para os municípios. Eduardo ofereceu ajuda, dizendo que poderia me levar a algumas propriedades para que eu entrasse em contato com os pequenos produtores. E poderia me apresentar também a alguns membros da AAFHOL.

Em outubro de 2013, Eduardo nos recebeu na Casa da Agricultura. Dessa vez estava acompanhada de Erivelto Santiago Souza. Eduardo nos levou para conhecer duas propriedades em Santo Antônio de Posse de produtores de flores. Fomos até o sítio de Sérgio, um pequeno produtor de crisântemos. Era possível observar que as estufas tinham uma estrutura simples, de madeira, com uma cobertura de plástico (ver **Fotografias 1 e 2**). A mão de obra empregada é familiar – além de Sérgio, trabalham ali a esposa e o cunhado. No momento da visita, inclusive, o cunhado de Sérgio estava colhendo os crisântemos. Ele colhia, fazia um maço e colocava direto no carrinho. Depois de completado o espaço do carrinho, ele levava para a câmara fria.

## 1. Percursos metodológicos

**Fotografia 1.** Estrutura de uma estufa de pequeno produtor de crisântemos



Fonte: Casa da Agricultura de Santo Antônio de Posse (outubro de 2013)

**Fotografia 2.** Colheita de crisântemos em canteiro de pequeno produtor



Fonte: Casa da Agricultura de Santo Antônio de Posse (outubro de 2013)

Sérgio relatou que as mudas eram compradas da *Terra Viva* – esta empresa fornece ao produtor assistência técnica para a continuidade do plantio e colheita – e que era associado à Cooperativa Veiling. A visita à propriedade de Sérgio foi bastante rápida porque as atividades na colheita, embalagem e transporte estavam muito intensas, uma vez que faltavam algumas semanas para o Dia de Finados, período no qual a comercialização de crisântemos é mais acentuada.

Nesta visita também conhecemos uma propriedade em Santo Antônio de Posse que produz mais de 50 variedades de flores e plantas ornamentais. A infraestrutura

## 1. Percursos metodológicos

que encontramos era bastante diferente daquela encontrada no sítio de Sérgio, pois as estufas eram climatizadas e feitas de um material bastante resistente. Além disso, a produção era realizada por mais de 50 funcionários. Um dos encarregados de produção nos acompanhou durante a visita, mostrando as etapas do processo de produção, mas não entrou em muitos detalhes. Durante nosso deslocamento pelas estufas foi possível verificar que a maioria das pessoas que estavam trabalhando eram mulheres. Mas havia também homens idosos e garotos bastante jovens.

Durante a visita no mês de outubro de 2013 em Santo Antônio de Posse, Eduardo, engenheiro da Casa da Agricultura, nos levou também para conhecer a AAFHOL<sup>14</sup>.

Retornei para Santo Antônio de Posse em novembro de 2013. Eduardo havia me enviado um convite para ir até o Veiling, onde foi realizado o I Seminário Inovação na Horticultura. Estava bastante ansiosa para ir até o Veiling, pois a cooperativa estava bastante presente nas narrativas das trabalhadoras e dos trabalhadores, além disso, não tinha a dimensão do tamanho e da estrutura presente no local. As instalações desta cooperativa ficam muito próximas de uma das unidades da Terra Viva. No piso térreo do Veiling era possível observar o grande galpão onde as flores são transportadas para serem vendidas. O ambiente todo é climatizado para elevar o tempo de conservação das plantas. Todas as pessoas que pilotavam os carrinhos no interior do galpão eram homens. As mulheres que trabalham no Veiling atuam no setor de limpeza e nas secretarias. O Seminário foi realizado na Tribuna (ver **Fotografia 3**) – local onde são realizados os leilões de comercialização das flores e plantas ornamentais<sup>15</sup>. A sala é bastante ampla e conta com equipamentos de alta tecnologia – com relógios eletrônicos e mesas computadorizadas (ver **Fotografia 4**) para que os compradores possam fazer os lances. Durante o intervalo do Seminário pude ver também o galpão onde são armazenadas as flores antes e depois dos leilões (ver **Fotografia 5**).

---

<sup>14</sup> A visita à AAFHOL será abordada posteriormente.

<sup>15</sup> No dia da realização do I Seminário Inovação na Horticultura não estava sendo realizado o leilão. Mas foi possível ver a estrutura do local, o relógio Klok onde são exibidas informações sobre os lotes de flores a serem vendidos, e a mesa computadorizada de cada comprador e os galpões de flores.

## 1. Percursos metodológicos

**Fotografia 3.** Tribuna do Veiling



Fonte: Veiling Holambra.

**Fotografia 4.** Mesa computadorizada para registrar lances no leilão

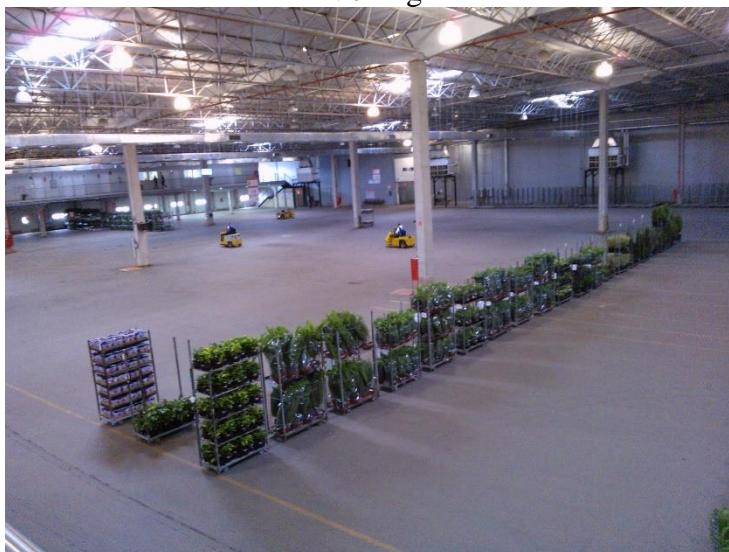


Fonte: Juliana Dourado Bueno (novembro de 2013)



## 1. Percursos metodológicos

**Fotografia 5.** Carregamento de carrinhos no galpão do Veiling



Fonte: Juliana Dourado Bueno (novembro de 2013)

O Seminário de Inovação na Horticultura se iniciou no período da manhã. Foi constituído por uma série de palestras de pesquisadores de universidades holandesas, técnicos agrícolas de empresas de desenvolvimento de tecnologia de sementes e pesquisadores da Embrapa que trataram de diferentes temáticas que envolviam a busca pela redução de danos na cadeia de flores e horticultura. Entre os convidados que assistiram às palestras estavam representantes das prefeituras dos municípios de Holambra e Santo Antônio de Posse, pequenos, médios e grandes produtores de flores e horticultores, pesquisadores de universidades, jornalistas, técnicos e engenheiros agrônomos de órgãos públicos e empresas privadas.

Durante as palestras foi destacada a importância do desenvolvimento de projetos de mapeamento genético ligados à biotecnologia e dos recursos científicos que buscam a redução de impactos ambientais, o desenvolvimento de sistemas de armazenamento e controle do clima, o aprimoramento da agricultura de precisão, com sensoriamento, e maquinários específicos.

Muitos palestrantes fizeram a defesa da horticultura protegida para a produção de hortaliças e flores como uma forma de tornar a produção independente do solo, do ambiente e do trabalho. De acordo com os palestrantes, a utilização de tecnologia das estufas e da automação da logística interna pode tornar a produtividade 15 vezes maior do que em campo aberto e sem o uso de tecnologia.

## 1. Percursos metodológicos

Antes de terminar a palestra no período da manhã, membros da organização do evento anunciaram a continuidade das atividades no período da tarde, disseram que seria uma troca de experiências, mas que as atividades desenvolvidas seriam realizadas em inglês, sem tradução para o português. Isso certamente afugentou muitas pessoas que poderiam se interessar pela temática.

Durante o seminário encontrei uma das moradoras da AAFHOL que conheceu no mês anterior (outubro de 2013). Ela relatou que muitas vezes os holandeses chamavam os associados do Veiling para reuniões e se comunicavam em holandês, dificultando a participação dos brasileiros nas negociações e também no processo de tomada de decisões importantes para o grupo.

A ideia de fazer a reunião no período da tarde era propor que Holambra se tornasse, assim como já é com as flores, um grande centro produtor de horticultura com alta tecnologia, sem desperdício de alimentos, com uma logística bem planejada e de alta qualidade. Toda essa proposta foi feita em inglês e os organizadores queriam saber o que o público pensava a respeito. Algumas pessoas relataram a dificuldade de aplicação da tecnologia e da falta de recursos no Brasil, principalmente para os pequenos agricultores.

A primeira visita ao município de Holambra – conforme relatado anteriormente – foi em outubro de 2013. Eduardo, técnico da Casa da Agricultura de Santo Antônio de Posse, nos levou até a AAFHOL para conhecer um dos lotes que produziam flores. Lá chegando, fomos apresentados a Ailton, que nos mostrou as estufas de produção de flores. Em seu interior vimos uma trabalhadora e um trabalhador sentados. Eles estavam retirando as mudas da bandeja e passando para os vasos. Os vasos ficavam em cima das mesas. Depois soubemos de Ailton que ele optara em colocar os vasos sobre as mesas<sup>16</sup> para que os trabalhadores e as trabalhadoras conseguissem realizar suas atividades em uma posição mais confortável. O produtor relatou que a Associação tinha sido criada<sup>17</sup> por antigos funcionários de estufas de flores que se uniram para comprar uma fazenda que estava com altas dívidas e tinha sido vendida. Eles compraram a terra em conjunto para financiar em 30 anos. Dividiram a terra entre 12 famílias e preservaram uma área de uso comum.

Saindo do lote de Ailton fomos até o sítio da família de Solange, que também fica na área pertencente à AAFHOL. Ela é casada com Henrique e tem uma filha,

---

<sup>16</sup> Muitos produtores optam por colocar os vasos nos chãos, o que torna o trabalho mais extenuante para os trabalhadores e as trabalhadoras, já que precisam ficar em uma posição que traz bastante desgaste na coluna.

<sup>17</sup> Na seção 5. “AAFHOL e as colônias de flores” apresentamos mais detalhes sobre esta associação.

## 1. Percursos metodológicos

Silvana, que mora com eles e um filho que decidiu sair da Associação e morar na área urbana. O lote onde vive e trabalha a família de Solange parece ter um estilo bastante diferente daquele encontrado no lote de Ailton. Isso porque Solange, Henrique e Silvana têm um envolvimento muito grande com a terra. Henrique relatou que se sentia como parte do que lhe cercava – a terra, os animais, a produção, o envolvimento da família. Henrique nos levou até a estufa onde antes produzia rosa e naquele momento produzia tomate-cereja. Ele disse que parou de produzir rosas porque não tem como competir com os grandes produtores. A estrutura de sua estufa não é muito fortalecida, inclusive durante nossa visita foi possível observar que uma parte dela estava sem cobertura, pois o vento da semana anterior tinha sido tão forte que carregou uma parte da lona que fazia a cobertura da estufa. Henrique estava aguardando o filho vir até o sítio no final de semana para ajudá-lo na manutenção da estufa.

Henrique trabalha em parceria com a esposa, a filha e mais uma pessoa que mora na associação e vai até o sítio dele para trabalhar na colheita do tomate. Mas acaba fazendo a maior parte do serviço porque sua esposa sente dores nas costas e a filha estuda. A estrutura do plantio do tomate-cereja é parecida com a da rosa, pois a planta cresce na vertical, ele coloca um pequeno arame por onde a planta vai crescendo. O sistema de irrigação é bastante rústico. Eduardo – que costuma dar assistência técnica para os produtores – perguntou se Henrique tinha um sistema para medir a temperatura da planta para que pudesse aplicar determinados tipos de adubação e irrigação. Henrique, com toda sabedoria de quem conhece a prática relatou que não era preciso ter um sistema, pois ele sabia a temperatura no interior da estufa quando tocava a ponta da planta, em sua parte superior. Se ela estivesse com as folhas muito secas, sabia que a temperatura estava mais elevada. Ele contava sobre suas técnicas e conhecimento sorrindo. Outra forma de conhecimento prático aplicado na produção podia ser observada na pesagem dos tomates. Henrique elaborou uma forma de pesar utilizando um medidor com uma mola e um gancho na ponta e colocou uma caixa de madeira – quanto maior o peso, maior a expansão da mola, indicando o peso das frutas no medidor.

A segunda visita ao município de Holambra ocorreu em novembro de 2013. Nessa ocasião, novamente fomos levadas por Eduardo até algumas propriedades para conhecer diferentes tipos de produção de flores. Dessa vez, estava acompanhada de Alicia Reigada Olaizola<sup>18</sup>. Eduardo nos levou primeiramente a um pequeno sítio de

---

<sup>18</sup> Pesquisadora e professora na Universidade de Sevilha – Espanha. A profa. Dra. Alicia Reigada estava no Brasil para a realização de um estágio de pós-doutoramento. Em novembro, a convite do Grupo Trama e

## 1. Percursos metodológicos

produção de bonsais. Eduardo adentrou o espaço da propriedade e, em seguida, foi até o barracão da empresa, onde encontramos algumas mulheres trabalhando de pé, em frente a uma mesa. Elas estavam fazendo a lavagem final do vaso, colocando as pedras que enfeitam os vasos de bonsai e embalando.

A empresa tem 12 pessoas trabalhando (cinco membros da família e outras sete pessoas contratadas) nas atividades de plantio, irrigação, colheita, embalagem e transporte. O proprietário nos relatou que é sócio da Cooperativa Veiling, mas seus produtos não passam pelo leilão, e sim por uma negociação para intermediar a venda para os grandes varejistas. O principal comprador dos bonsais de sua propriedade é o supermercado Carrefour. Sua produção chega a 10 mil vasos por mês. Ele nos mostrou as diferentes modalidades de bonsai, as formas de irrigação e adubação e nos contou que costuma trazer as mudas de outra região, mas não é preciso pagar *royalties*, pois ele aprende a técnica e aplica sozinho. Na propriedade havia bonsais plantados em vasos que ficavam em um espaço telado e também vasos no chão sem cobertura. No momento em que permanecemos lá, o trabalho estava mais concentrado no barracão de preparo final do vaso e embalagem.

Saindo de lá, fomos para uma propriedade de grande produção de azaleias, que pertence a uma família de imigrantes holandeses<sup>19</sup>. Dois produtores – que são irmãos e herdaram a terra de seus pais – nos conduziram durante a visita. Ambos são engenheiros formados em universidades públicas paulistas. Quando relatamos ao produtor que estávamos impressionadas com a grandeza da estufa, ele nos relatou que na Holanda possuem dimensões ainda mais grandiosas. Na **Fotografia 6** é possível visualizar as dimensões da estufa, percebendo também a diferença de infraestrutura, quando comparada àquela utilizada na pequena produção.

---

do Programa de Pós-Graduação em Sociologia esteve na UFSCar conferindo palestra sobre a perspectiva feminista nos estudos de assalariamento rural.

<sup>19</sup> O pai deles nasceu na Holanda e veio para o Brasil quando era criança.

## 1. Percursos metodológicos

### **Fotografia 6.** Estufa de grande produtor



Fonte: Casa da Agricultura de Santo Antônio de Posse (novembro de 2013)

Um dos produtores, Renato, nos acompanhou pelas estufas e explicou as etapas do processo produtivo. Ele descrevia cada etapa, apresentando também dados sobre a duração do enraizamento, crescimento e colheita das flores. Adentramos o espaço no interior da estufa onde a distribuição dos vasos é feita por meio de uma esteira. As esteiras ficam rentes ao chão e nas divisórias dos canteiros (ver **Fotografia 7**). Os vasos são colocados na esteira e uma pessoa fica encarregada de tirá-los – utilizando uma grande pá – e colocá-los nos canteiros. O produtor já fez um teste para que os trabalhadores e as trabalhadoras fizessem o plantio enquanto os vasos eram transportados na esteira, mas não obteve sucesso, pois os vasos passavam muito rapidamente pela esteira, retardando a finalização do processo de plantio. A esteira e várias máquinas<sup>20</sup> localizadas no interior das estufas são importadas da Holanda. Renato, que já esteve na Holanda, relatou que nesse país o trabalho no cultivo de flores é ainda mais mecanizado, exigindo assim um número menor de trabalhadores. Além disso, o produtor destacou que os mercados consumidores são distintos: na Europa as pessoas preferem comprar flores quando ainda não desabrocharam. No Brasil, os consumidores preferem plantas que já começaram a florescer.

---

<sup>20</sup> Uma delas adquirida por meio de crédito do Banco do Brasil.

## 1. Percursos metodológicos

**Fotografia 7.** Esteiras em estufa de grande produtor



Fonte: Casa da Agricultura de Santo Antônio de Posse (novembro de 2013)

Enquanto caminhávamos pelos vãos das estufas foi possível ver homens e mulheres trabalhando. Algumas atividades eram realizadas somente por homens, como o carregamento do carrinho com vasos. As mulheres tinham exclusividade na tarefa de picotar as folhas das azaleias. O produtor relatou que uma forma de prevenir a Lesão por Esforços Repetitivos (L.E.R.) era colocar os trabalhadores e as trabalhadoras para realizar diferentes atividades durante a jornada, pois assim não cansavam de ficar na mesma posição durante o dia. As azaleias produzidas na propriedade de Renato são comercializadas no Veiling por meio de leilão e também por meio do contrato com redes varejistas.

Depois que saímos da propriedade de Renato, Eduardo nos conduziu até o sítio de José, membro do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural de Holambra. Eduardo sugeriu que eu conversasse com ele, pois José conhecia melhor a área das Ciências Humanas e poderia me passar mais informações sobre a chegada dos migrantes em Holambra e o emprego dessas pessoas como diaristas no cultivo de flores. José<sup>21</sup> era bastante atuante no Conselho Municipal supracitado.

José estava bastante disposto a conversar e narrar um pouco sobre suas experiências no Conselho Municipal e também como morador de Holambra. Ele nasceu em Portugal e veio para o Brasil ainda jovem. Desde então, trabalhou em vários estados até adquirir o sítio onde vive com a esposa. José percebe que não há integração entre os

---

<sup>21</sup> Ele produz em sua estufa rúcula e agrião orgânicos. Emprega duas funcionárias.

## 1. Percursos metodológicos

holandeses e os brasileiros no município de Holambra e ressaltou que existe uma divisão entre os lugares que cada grupo costuma frequentar. Citou o exemplo do restaurante holandês Casa Bela, que é bastante famoso por ser um local de culinária tipicamente holandesa e também por apresentar certo requinte. José foi categórico em afirmar: “Eu nunca vi um trabalhador de estufa frequentar esse restaurante”.

Quando perguntei sobre a presença de trabalhadores migrantes na cidade para a colheita de flores, ele afirmou que de fato muitas pessoas vinham e procuravam um empreiteiro para trabalhar nas estufas. Além de residir nas periferias das cidades, os migrantes (de acordo com ele, em sua maioria, vindos de estados como Alagoas e Bahia) também ficam nas colônias das propriedades.

José relatou que “os trabalhadores de estufa” – expressão empregada por ele durante toda a conversa – olhavam para o alto para falar com o patrão<sup>22</sup>, e isso é bastante simbólico, pois acredita que em algumas vezes os holandeses agem como se fossem Deus. José concluiu a conversa se queixando dos holandeses, que importaram as estufas da Holanda, mas as mesmas não têm uma temperatura adequada para o clima do Brasil, pois no interior delas a sensação de calor é acentuada.

A terceira etapa da pesquisa de campo em Holambra aconteceu em janeiro de 2014. Nessa ocasião, tinha agendado previamente uma entrevista com um dos agricultores familiares da AAFHOL. Eduardo – engenheiro da Casa da Agricultura de Santo Antônio de Posse, e Silvana – moradora da AAFHOL que tinha conhecido na visita feita em outubro de 2013, fizeram a intermediação para que eu pudesse chegar até esse agricultor, Agenor.

Silvana me acompanhou até o sítio de Agenor. Ele já tinha deixado o ambiente preparado para a entrevista: havia um caderno sobre a mesa, acompanhado de uma caneta. Antes que eu introduzisse o assunto, ele tomou a iniciativa e me perguntou: “Quem é a Juliana?” Eu fiz um relato sobre minha trajetória acadêmica, apontando quais tinham sido os temas que eu já havia pesquisado até chegar à pesquisa de doutorado. Agenor me olhou profundamente e perguntou: “Sim. Mas quem é a Juliana pessoa? Quais são seus gostos? Por que você escolheu essa profissão?”. Minha “pose” de pesquisadora se desmontou e contei-lhe um pouco mais sobre minha trajetória para além do universo acadêmico.

---

<sup>22</sup> Pois muitos patrões são holandeses, que costumam ter, em média, uma estatura superior à média dos brasileiros e das brasileiras.

## 1. Percursos metodológicos

Agenor iniciou sua narrativa descrevendo o surgimento da AAFHOL, das idas e vindas aos bancos e sindicatos para conseguir a terra. Ele já tinha trabalhado para grandes produtores holandeses e tinha o conhecimento técnico. Relatou que os colegas e ele sonhavam em trabalhar por conta própria, pois já tinham acumulado um conhecimento na área de produção de flores. Eu fiz poucas perguntas durante a entrevista, ele mesmo ia encaminhando a conversa. Agenor parece ser uma liderança importante, pois em diferentes momentos tomou iniciativas fundamentais para que a Associação passasse de plano para uma experiência concreta de fundação.

Agenor relatou que não gostava de alimentar a imagem do agricultor familiar como um “coitado desdentado que não sabe de nada”. Essa imagem, em seu entendimento, contribui para que a agricultura familiar não tenha a importância devida perante o governo e a sociedade. Antes de encerrar a entrevista, pedi para que ele me falasse sobre a atuação das mulheres na Associação e ele disse que essa era sua grande decepção, pois ele gostaria muito que houvesse mulheres trabalhando na associação, principalmente no desenvolvimento de projetos educacionais e de saúde.

No retorno ao lote de Silvana, perguntei para ela sobre a participação feminina nas reuniões da Associação. Ela relatou que tentou ir uma vez, mas o ambiente de brigas, discussões e usos de termos chulos a afastaram e seu pai a impediu de frequentar as reuniões. Silvana relatou sua insatisfação com o que Agenor relatara sobre as mulheres porque acredita que os homens não dão espaço para elas durante as reuniões. Ela ressaltou que as mulheres estão cientes e participam dos processos de decisão, mesmo que fora das reuniões.

Tive a oportunidade de entrevistar também Silvana e sua mãe, Solange. Elas relataram um pouco sobre a chegada da família até a associação e traçaram diferentes perfis de moradores da AAFHOL. Um deles, por exemplo, migrou de um município da grande São Paulo, onde trabalhava como metalúrgico e adquiriu a terra posteriormente, substituindo um antigo associado. Tinha como propósito viver no campo e não trabalhar com o cultivo de flores, por isso decidiu alugar as estufas para outros produtores. A maioria dos moradores da associação é composta por antigos técnicos agrícolas, muitos dos quais tinham sido encarregados em estufas. Um dos moradores tem contato com trabalhadores que migram da Bahia para trabalhar nas estufas de flores, ele tem várias casas em sua propriedade onde ficam os moradores que trabalham nas estufas de sua propriedade. Tentei realizar entrevista com este morador, mas nas vezes em que marcamos, ele não compareceu ao local combinado.



## 1. Percursos metodológicos

A última etapa da pesquisa de campo ocorreu nos meses de março e maio de 2015 nos municípios de Holambra, Artur Nogueira e Mogi Mirim. O objetivo desta última etapa era conhecer o Bairro Palmeirinha, em Holambra, pois muitas pessoas me relatavam que ali residiam trabalhadores e trabalhadoras migrantes, em sua maioria, de Alagoas. Também buscava alguma forma de visitar uma colônia de moradores que residem nas casas no interior de propriedades com estufas de flores. Para me inserir no bairro Palmeirinha, procurei profissionais da prefeitura do município de Holambra, que me disseram que existiam muitas casas de moradores em condições bem precárias neste bairro, por isso uma equipe de assistentes sociais costumava visitar o local. Solicitei uma autorização para acompanhar as visitas, mas esta não foi concedida e a equipe também não aceitou me apresentar para algumas pessoas do bairro. Optei por realizar uma abordagem por conta própria, foi então que conheci cinco trabalhadoras e três trabalhadores do cultivo de flores na região de Holambra. A primeira pessoa com quem conversei no Bairro Palmeirinha foi Dona Júlia, que posteriormente me indicou outros moradores e moradoras do bairro.

O Bairro Palmeirinha é bastante distinto do que imaginava antes de conhecê-lo, pois pensava que seria um bairro afastado do centro da cidade e densamente povoado, como os bairros de trabalhadores rurais que conheci em Ibaté e Guariba para a realização de pesquisas de campo desenvolvidas pelo grupo de pesquisa Trama. O Bairro Palmeirinha de fato fica distante do centro da cidade (inclusive, muitas pessoas que ali residem se queixaram da escassez de horários de transporte público oferecido até o local, o que faz com que muitas pessoas fiquem isoladas no interior do bairro), mas não é densamente povoado. Trata-se de um bairro rural, com ruas de terra e residências localizadas em terrenos amplos. A maioria das casas não tem muros ou cercas. Além das residências, existem também no bairro os bares, uma escola de educação infantil, uma igreja, um posto de saúde e várias estufas de diferentes tamanhos. Como as estufas ficam próximas às residências as trabalhadoras e os trabalhadores fazem o deslocamento diário a pé ou de bicicleta.

Foi no Bairro Palmeirinha também onde encontrei a pessoa mais jovem entrevistada para a pesquisa: Wilian, que na ocasião tinha 16 anos. Ele residia com a irmã e o cunhado e estava bastante insatisfeito com a vida que estava levando em Holambra. Ele tinha migrado há pouco tempo de Alagoas, estava trabalhando com mini rosa, havia interrompido os estudos em razão do trabalho e queria retornar para Alagoas em breve

## 1. Percursos metodológicos

porque se queixava que na cidade não havia opções de lazer. Nesse bairro também conheci outras pessoas vindas de Alagoas: Cecília, Gilson e Gláucia.

No município de Mogi Mirim, a inserção em campo empírico se deu somente nas áreas da Fazenda Filomena, onde estão localizadas algumas das colônias de moradores com residências em propriedades de cultivo de flores. A chegada até a Fazenda Filomena só foi possível graças ao contato estabelecido previamente com Roberto, que entrevistara em abril de 2013 em Artur Nogueira. Após sucessivos pedidos e tentativas, Manoel aceitou nos acompanhar até a Fazenda Filomena e nos apresentar para alguns membros de sua família. Manoel residiu muito tempo na Fazenda Filomena e atualmente vive com os pais em um bairro urbano de Artur Nogueira. Na Fazenda Filomena conheci e entrevistei Jairo, Neusa, Laura, Marcelo, Margarida e José.

\*\*\*

Com a descrição das diferentes etapas da pesquisa de campo pretendemos mostrar que a realização da mesma se deu em espaços sociais e físicos bastante distintos: residência de trabalhadores e trabalhadoras em bairros urbanos periféricos, estufas e campos de flores, colônias de moradores em propriedades com cultivo de flores, bairros rurais com residências próximas às estufas. A diversidade dos espaços é só mais uma das dimensões do cenário do cultivo de flores marcado por uma complexidade que buscaremos apresentar nas próximas seções.

Na seção seguinte apresentaremos o universo empírico de realização da pesquisa e um perfil sobre os trabalhadores e as trabalhadoras no cultivo de flores na região de Holambra a partir de dados estatísticos oficiais e das narrativas dos sujeitos sociais entrevistados para a realização dessa pesquisa.

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

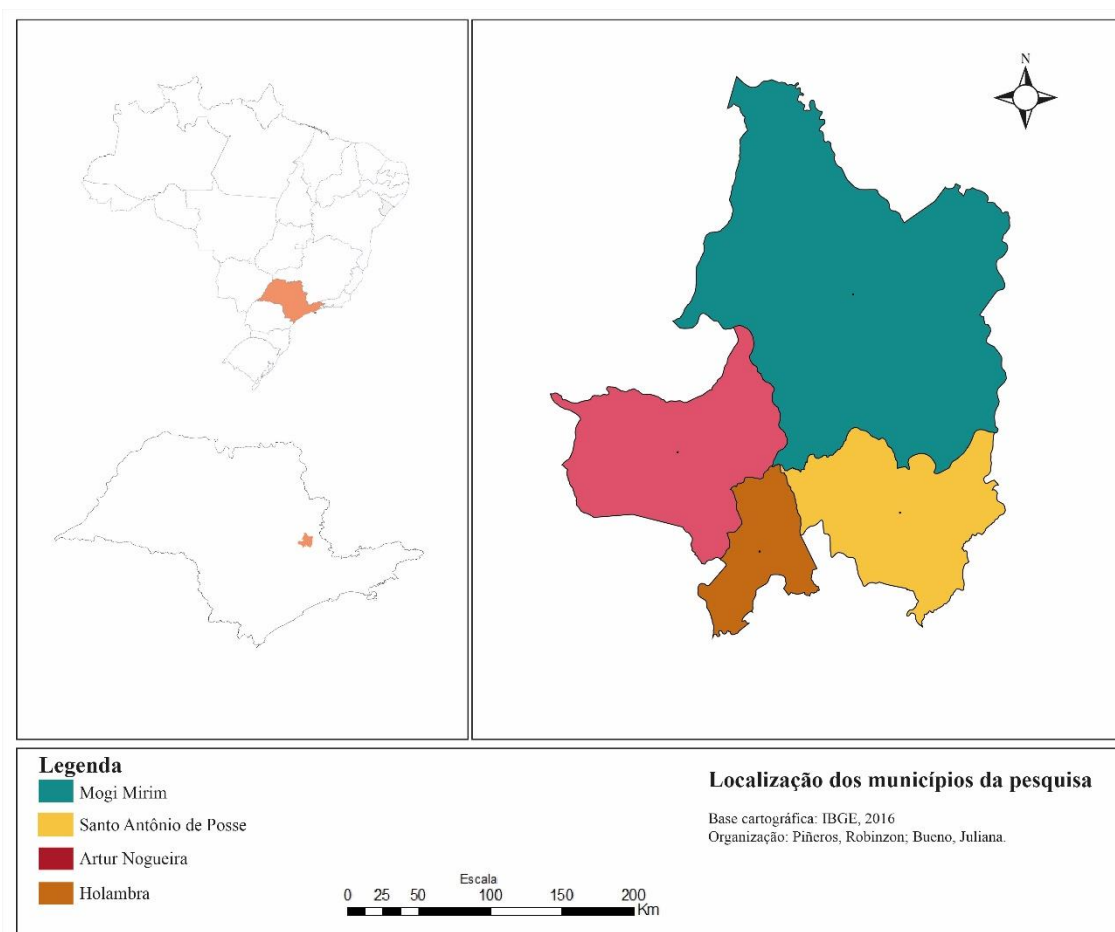
---

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

### 2.1. Apresentação do universo empírico

O campo de análise sobre as experiências de trabalho esteve focado em Holambra, Santo Antônio de Posse, Artur Nogueira e Mogi Mirim. Todos estão localizados no Estado de São Paulo, na Região Administrativa de Campinas e concentram um grande número de Unidades de Produção Agropecuária (UPA) destinadas aos campos e estufas de flores<sup>23</sup>.

**Figura 1.** Localização do universo empírico da pesquisa.



Fonte: Robinzon Piñeros e Juliana Dourado Bueno

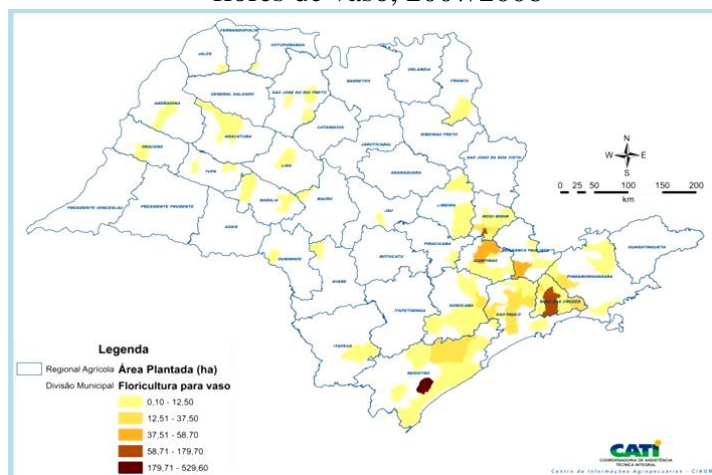
A Figura 2 mostra a distribuição das Unidades de Produção Agropecuária do Estado de São Paulo que destinam sua área ao cultivo de flores de vaso (LUPA, 2007/2008). Nessa imagem é possível visualizar três grandes regiões produtoras de flores:

<sup>23</sup> Os municípios de Holambra, Santo Antônio de Posse e Artur Nogueira possuem, juntos, 232 UPAs destinadas à floricultura de corte e de vaso (LUPA, 2007/2008).

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

a Região de Registro; a Região da Grande São Paulo, na qual se sobressai a produção de Mogi das Cruzes; e a Região de Campinas, com destaque para Holambra.

**Figura 2.** Distribuição Geográfica de área cultivada com flores de vaso, 2007/2008



FONTE: LUPA (2007/2008)

A Tabela 1 também nos ajuda a visualizar a importância dos municípios que cobrem o universo empírico desta pesquisa para a produção de flores do Estado de São Paulo. Os dados estão divididos em três campos: a área destinada à produção de flores de vaso em cada município, o percentual que essa área representa na área total do Estado destinada a essa cultura; e a posição no *ranking* dos dez municípios paulistas com as maiores proporções de área desse setor.

**Tabela 1** – Ranking com as dez maiores produções no Estado de São Paulo de floricultura para vaso (2007/2008).

Município	Área		Ranking *
	Hectare	Percentual	
Pariqueraçu	529,60	39,03	1
<b>Holambra</b>	<b>179,70</b>	13,24	<b>2</b>
Mogi das Cruzes	116,00	8,55	3
Campinas	58,70	4,33	4
Atibaia	56,50	4,16	5
<b>Santo Antônio de Posse</b>	<b>37,50</b>	2,76	<b>6</b>
Cotia	32,30	2,38	7
São Roque	27,30	2,01	8
Miracatu	26,80	1,97	9
<b>Artur Nogueira</b>	<b>25,10</b>	1,85	<b>10</b>

Fonte: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, CATI/IEA, Projeto LUPA (2008)

\* O ranking é estabelecido a partir da proporção da área cultivável em cada município considerando a área total de cultivo de flores para vaso no Estado de São Paulo.

## 2.2 Histórico de Holambra e da produção de flores

A imigração de famílias holandesas para o interior de São Paulo resultou de um projeto de um grupo de holandeses que planejava viver e trabalhar em uma fazenda na região de Mogi Mirim na década de 1940. A responsável por intermediar a negociação entre o governo brasileiro e holandês foi uma entidade católica de agricultores holandeses, a Associação dos Lavradores e Horticultores Católicos da Holanda (KNBTB). Na Holanda, muitos filhos de agricultores não tinham terra suficiente para cultivar, tampouco perspectivas de encontrar um trabalho remunerado. Desse modo, as famílias se mostraram dispostas a migrar, pois “a maioria já estava passando por dificuldades havia vários anos nas terras improdutivas do sul e leste da Holanda. Além disso, eles ainda atravessaram períodos de crise e guerra” (WIJNEN, 2012, p. 27-28).

No Brasil, o órgão responsável pela negociação da vinda das famílias de holandeses foi o Departamento de Colonização do Estado de São Paulo, que tinha um enorme interesse em trazer agricultores holandeses para a produção de leite em Campinas. Findadas as reuniões, estabeleceu-se um acordo por meio do qual os Governos federal e estadual concederiam empréstimos para o grupo de agricultores holandeses comprar a Fazenda Ribeirão, onde hoje estão localizadas as terras pertencentes ao município de Holambra. O resultado do acordo, como mostra Corrêa (2011), “foi ideal para os holandeses conseguirem permissão para se instalar no Brasil. Eram europeus, brancos, e vieram para cá a partir da compra de terras – a Fazenda Ribeirão – indicando que já estariam previamente instalados” (p. 97).

O Brasil, então, aparentava ser um país de portas abertas para receber imigrantes. Entretanto, “tal ‘magnanimidade’ atribuída ao nosso país teve seu reverso nas leis referentes à questão imigratória, com textos que não se deram nem ao trabalho de esconder o forte teor racista implícito em suas linhas” (CORREA, 2011, p. 80). Outros estudos (LEITE, 2007; LOURENÇO, 2001) reforçam o argumento de que a preferência pelo emprego de mão de obra imigrante em detrimento dos trabalhadores nacionais não teve somente um viés econômico ou tecnológico.

Os discursos das teses raciais e principalmente das teses eugênicas, que estiveram presentes durante o final do século XIX e até pelo menos meados dos anos 50 do século XX foram decisivas [sic] para a aceitação de grandes levas de europeus pela elite paulista. Nesse sentido defendia-se que com os brancos europeus seria possível se ter uma “melhora racial”, visto que no Brasil a grande miscigenação teria criado um povo

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

repleto de problemas trazidos pelas “raças inferiores” (LEITE, 2007, p. 20).

Lourenço (2001) remonta aos períodos pré e pós-abolição da escravatura para analisar ensaios agronômicos que tinham o objetivo de aperfeiçoar a agricultura e desafricanizar a nação. Tal reforma na agricultura tinha como consequência uma explícita institucionalização de medidas de segregação racial (LOURENÇO, 2001, p. 150). No caso da imigração holandesa financiada pelo governo brasileiro e paulista, a vinda do grupo foi interpretada pelo governo estadual como uma possibilidade de trazer o desenvolvimento para a agricultura que até então não progredia por estar nas mãos dos caipiras (CORRÊA, 2011, p. 84).

Ao negociar a compra de terras na região de Mogi Mirim, os grupos de imigrantes holandeses tinham a opção de se instalar em uma parcela de terra da Fazenda Ribeirão que até então abrigava o frigorífico Armour. Foram colocados à disposição dos holandeses cinco mil hectares de terra dessa fazenda. Os funcionários que – antes da chegada dos imigrantes holandeses – viviam nas casas localizadas na propriedade do frigorífico, na ocasião da venda das terras e desativação do frigorífico, puderam optar entre trabalhar para os holandeses ou migrar para Barretos para continuar trabalhando para o frigorífico Armour (WIJNEN, 2012).

Em 1948 partiu da Holanda o primeiro navio que realizou o transporte de imigrantes que se estabeleceriam na Fazenda Ribeirão. Desde essa ocasião, até o final de 1950 partiram mais de 10 navios, trazendo a cada viagem para o Brasil aproximadamente 60 pessoas que se destinavam para a região de Mogi Mirim, além de religiosos e famílias que já tinham algum contato com pessoas que viviam em municípios do Rio Grande do Sul. Os imigrantes desembarcavam<sup>24</sup> no porto de Santos, de onde partiam – de trem – com destino à Jaguariúna. Deste município o trajeto até a fazenda Ribeirão era feito de ônibus (Fotografia 8) ou caminhão.

---

<sup>24</sup> No triênio (1948-1950) foram trazidas da Holanda aproximadamente 700 cabeças de gado que pertenciam às famílias de imigrantes que se estabeleceram na Fazenda Ribeirão.

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

### **Fotografia 8** – Chegada de famílias de imigrantes holandeses na Fazenda Ribeirão. (Janeiro de 1950).



Fonte: Wijnen, 2012, p. 128.

Para cumprir os acordos que tinham feito com diferentes estâncias governamentais no Brasil, o grupo de imigrantes holandeses fundou uma cooperativa, em junho de 1948, denominada *Cooperativa Agropecuária do Núcleo Holandês Ribeirão*, que posteriormente recebeu o nome de *Cooperativa Agropecuária de Holambra* (CAPH). Na Holanda, as famílias faziam acordo com a cooperativa para se instalar nas terras da Fazenda Ribeirão. Chegando em Holambra, as famílias tinham direito a um lote de, no mínimo, 10 hectares. Além disso, para cada filho do sexo masculino, acima de 17 anos, receberiam 1,5 hectare. Em cada lote a Cooperativa construiria – a preço de custo – uma casa, um estábulo e um celeiro. Em contrapartida, as famílias de imigrantes tinham que passar uma parte dos recursos financeiros advindos da comercialização dos produtos para a CAPH, que comprava gado, maquinário e outros equipamentos de uso coletivo (WIJNEN, 2012, p. 40).

Entre as primeiras atividades realizadas em Holambra pelos imigrantes holandeses destacava-se a criação de gado leiteiro. Os holandeses enfrentaram muitos problemas, pois o gado tinha sido trazido da Holanda e os animais não se adaptaram ao clima da região de Holambra. É importante ressaltar que o processo de desmatamento da



## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

área para a criação de gado foi feito em parceria com brasileiros que já viviam nas terras da Fazenda Ribeirão antes da vinda dos holandeses e que já conheciam a região.

Quando os holandeses chegaram ao Brasil para se instalar em Holambra, grande parte das terras na Fazenda Ribeirão era ociosa, coberta com vegetação rasteira, capim alto e algumas árvores aqui e ali. Nos vales, junto aos inúmeros córregos, havia mata virgem. Algumas partes já haviam sido trabalhadas para o cultivo de café. A exploração da fazenda começou por volta da virada do ano 1948-1949. Para acabar com a vegetação existente, o método mais utilizado era a queimada. O que restava era arrancado, e os cupinzeiros, destruídos (WIJNEN, 2012, p. 239).

Já no início da década de 1950 os holandeses plantaram culturas perenes que pudessem formar a base para a renda familiar. Foi desenvolvido o cultivo de frutas cítricas (laranja, limão e tangerina), e também a cafeicultura. O objetivo dos imigrantes holandeses era cultivar também verduras e legumes nas terras mais baixas da Fazenda Ribeirão, entretanto, esses cultivos não foram rentáveis. Alguns imigrantes trouxeram da Holanda – a partir da década de 1960 – bulbos de gladiolos. O cultivo de flores teve um êxito maior, pois o transporte das flores para a comercialização era mais adequado que aquele das verduras e legumes. O gladiolo foi, durante muitos anos, a principal flor cultivada pelos produtores em Holambra. Posteriormente, buscaram novas espécies e variedades. O cultivo de flores e plantas teve um grande impulso a partir de 1977 com o fortalecimento da assistência técnica. A cooperativa, além de contratar profissionais com conhecimento<sup>25</sup> na área da floricultura, importava material de plantio da Holanda. De acordo com o relato de um descendente de imigrantes holandeses estabelecidos em Holambra, o cultivo de gladiolo foi iniciado “à beira da estrada, à maneira holandesa: de joelhos, plantando manualmente e arrancando com as mãos as ervas daninhas” (SCHOENMAKER, 2006, p. 28).

Os imigrantes não desenvolviam os cultivos somente com mão de obra familiar. No período de 1948 a 1950 a CAPH contratou mais de 70 funcionários e funcionárias entre os moradores brasileiros: pessoas vindas de bairros vizinhos, antigos moradores que trabalhavam para o frigorífico Armour e trabalhadores de outras regiões. Para abrigar os trabalhadores e as trabalhadoras vindos de regiões longínquas foram construídas moradias nas propriedades dos holandeses. Com o crescimento na produção

---

<sup>25</sup> Parte desse conhecimento fora adquirido em centros de pesquisa na Flórida – Estados Unidos.

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

de flores, os brasileiros se tornaram maioria entre os moradores de Holambra (Ver Tabela 2).

**Tabela 2** – Distribuição de moradores em Holambra segundo a nacionalidade (1950, 1975, 1988 e 1988)

Ano	Brasileiros	Holandeses	Total
1950	50	650	700
1975	1 800	1 000	2 800
1988	3 300	1 200	4 500
1998	8 500	1 500	10 000

Fonte: Wijnen (2012)

**Fotografia 9** – Caminhões no centro de Holambra que faziam o transporte de trabalhadores e trabalhadoras rurais (1965)



Fonte: WIJNEN, 2012, p. 188.

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

**Fotografia 10** – Trabalhadores e trabalhadoras na colheita do algodão em Holambra (1997).



Fonte: WIJNEN, 2012, p. 185.

Em 1975, a CAPH já tinha mais de 1.200 trabalhadores fixos contratados para a colheita de algodão (Fotografia 10), o cultivo de flores, e a criação de aves e suínos. A contratação de mão de obra assalariada demonstra, entre outros aspectos, que o esquema de trabalho comunitário na cooperativa foi se dissolvendo – a função da cooperativa foi mudando ao longo dos anos: “No início, ela recrutava e transportava os seus sócios-imigrantes, desbravava as terras com o grupo, concedia lotes, cuidava do ensino para as crianças e do serviço médico” (WIJNEN, 2012, p. 84). Posteriormente, a cooperativa passou algumas atividades comunitárias para a responsabilidade da Prefeitura de Holambra<sup>26</sup>. Na área produtiva, ela foi desmembrada em três novas cooperativas (KNAAP, 2012): Cooperativa Veiling Holambra (flores e plantas); Cooperativa Agropecuária de Insumos Holambra (defensivos, fertilizantes); Cooperativa Pecuária Holambra – Alimentos (frangos de corte, ração animal).

Para o desenvolvimento de técnicas agrícolas nos diferentes setores, os produtores de Holambra contavam com a colaboração da equipe do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). Além disso, os filhos de imigrantes começaram a frequentar escolas

---

<sup>26</sup> A área da Fazenda Ribeirão que deu início à Holambra pertencia originalmente aos municípios de Jaguariúna, Artur Nogueira, Santo Antônio de Posse e Cosmópolis. Em outubro de 1991 a cidade votou sua emancipação político-administrativa e tornou-se independente.

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

técnicas agrícolas e cursos superiores de agronomia<sup>27</sup>, principalmente os que estavam localizados em Espírito Santo do Pinhal/SP e Piracicaba/SP (WIJNEN, 2012, p. 217). Na busca por novas terras para o desenvolvimento de atividades produtivas dos descendentes de imigrantes holandeses, a Cooperativa comprou no final dos anos de 1980 a área da Fazenda Esmeralda (localizada em Mogi Mirim/SP), com 1.600 hectares. Até então, essa área era utilizada para o cultivo de cana-de-açúcar.

Após a década de 1990, não só imigrantes holandeses, mas os brasileiros também começaram a cultivar flores. O aumento no número de floricultores (tanto holandeses como brasileiros) se deu pelo fato de “muitos agricultores terem uma propriedade pequena demais para manter culturas anuais ou para cultivar *citrus*. Alguns começaram a produzir flores e plantas nas antigas granjas da propriedade. As telhas então deram lugar ao plástico” (WIJNEN, 2012, p. 278). Com o grande aumento no número de produtores em Holambra e região, o município recebeu também empresas produtoras de mudas e sementes, além das fábricas de estufas agrícolas e indústrias de terras para plantio (WIJNEN, 2012). Na entrada do século XXI, Holambra se tornou também um dos principais centros de conhecimento biotecnológico. Empresas – algumas das quais com matriz na Holanda – que se estabeleceram na região de Holambra são líderes em tecnologia de tecidos vegetais, sementes, análise de solo, análise foliar e clonagem de mudas (KNAAP, 2012).

No que diz respeito à comercialização das flores, é possível dizer que até 1991 as plantas eram levadas para um barracão e depois enviadas para grandes centros de distribuição em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre e Brasília. No início da década de 1990, um dos produtores de flores em Holambra visitou o leilão<sup>28</sup> Veiling Westland na Holanda e propôs que a Cooperativa Agropecuária de Holambra adotasse o mesmo sistema. A sugestão foi acatada e em 1991 o Veiling Holambra foi inaugurado oficialmente<sup>29</sup>. Atualmente, além do Veiling, existem outras duas cooperativas de produtores de flores e plantas na região de Holambra – a Cooperplantas e a Cooperflora.

---

<sup>27</sup> No que diz respeito à crítica do aprendizado agrícola como política de substituição de mão de obra escrava, conferir Lourenço (2001).

<sup>28</sup> O sistema Veiling é uma forma de leilão reverso de comercialização de flores e plantas ornamentais. O lance inicial (valor máximo) e as especificidades dos lotes de flores são anunciados para os compradores, que registram os lances. O objetivo é reduzir ao máximo o tempo entre a entrada das flores no galpão e a saída das plantas nos caminhões dos compradores. Atualmente, no Veiling Holambra, um lote de flores é adquirido a cada 1,5 segundo. Disponível em << <http://www.veiling.com.br/>>>

<sup>29</sup> Até junho de 2009, a sede da Cooperativa Veiling estava localizada no município de Holambra. Atualmente, está localizada no município de Santo Antônio de Posse.

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

A Cooperplantas tem aproximadamente 70 associados e conta com uma infraestrutura bastante modesta quando comparada àquela disponibilizada pelo Veiling. A Cooperflora tem sua base produtiva em 50 sítios<sup>30</sup> que produzem flores em vários municípios paulistas, mineiros e cearenses.

### 2.3 Artur Nogueira, Santo Antônio de Posse e Mogi Mirim

O município de Artur Nogueira possui uma população de aproximadamente 44 mil habitantes. De acordo com o Plano Municipal de Desenvolvimento Rural e Sustentável (PMDRS 2010-2013), existem aproximadamente 1.200 trabalhadores em culturas do campo, sendo que a maioria está empregada no setor de flores<sup>31</sup> (viveiros de plantas ornamentais, floricultura de corte e vaso<sup>32</sup>). É válido destacar que o setor de flores (vaso e corte) é responsável pela segunda maior receita de produção Agropecuária Anual do município de Artur Nogueira, ficando atrás apenas da produção de laranjas. Ainda de acordo com o PMDRS (2010-2013) de Artur Nogueira, o município recebe inúmeros migrantes para o corte de cana e colheita de laranja.

Os dados apresentados por Braga (2002) e o PMDRS (2010-2013) de Artur Nogueira apontam para a presença significativa de pessoas que residem neste município e estão empregadas na produção e colheita de flores. Muitas delas vivem nos seguintes bairros que ficam na periferia da cidade: Saciloto I, Saciloto II<sup>33</sup>, Parque dos Trabalhadores e Itamaraty. Os ônibus que vão para os campos e estufas de flores de Holambra, Santo Antônio de Posse e Artur Nogueira partem, aproximadamente, às 5h30 dos bairros supracitados.

O município de Santo Antônio de Posse possui aproximadamente 20 mil habitantes. A relevância de Santo Antônio de Posse para a pesquisa está no fato de o município abrigar várias unidades produtivas de cultivo de flores de vaso e de corte. Em

---

<sup>30</sup> A Cooperplantas e a Cooperflora possuem, juntas, cerca de 120 associados. A Cooperativa Veiling, por sua vez, tem aproximadamente 400 produtores associados em várias regiões do Brasil. Disponível em <<http://www.cooperplantas.com.br/index.html>>; <<http://www.cooperflora.com.br/base-produtiva/>>, <<http://www.veiling.com.br/historia/>>. Acesso em 25 de abril de 2014.

<sup>31</sup> Cabe lembrar que esse número de trabalhadores diz respeito somente àqueles empregados na área de abrangência territorial do município de Artur Nogueira. Diariamente partem muitos ônibus fretados pelas empresas com trabalhadoras e trabalhadores para os campos de flores dos municípios de Santo Antônio de Posse e Holambra.

<sup>32</sup> Flores de corte são as plantas comercializadas geralmente em buquês (como as rosas), enquanto as flores de vaso são comercializadas em vasos (como as violetas).

<sup>33</sup> Localizados às margens da Rodovia Professor Zeferino Vaz.

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

seu território estão localizados a sede da empresa Terra Viva – empresa que emprega o maior número de funcionários e funcionárias na região de Holambra no cultivo de flores, mudas e bulbos, e o galpão da Cooperativa Veiling Holambra, onde acontecem os pregões para comercialização de flores. A estrutura da Cooperativa Veiling<sup>34</sup> tem 79 mil m<sup>2</sup> de área construída, sendo 4.566 m<sup>2</sup> de câmaras frias e três grandes relógios que marcam o leilão eletrônico de flores.

O município de Mogi Mirim é o que possui a maior população (91 mil habitantes<sup>35</sup> aproximadamente) e abrangência territorial dentre os municípios visitados na pesquisa de campo. Entretanto, diferente dos outros três municípios de abrangência da pesquisa, Mogi Mirim não está na lista dos dez municípios com a maior produção de flores do Estado de São Paulo. Sua importância para a pesquisa está no fato de abrigar em sua área a Fazenda Filomena, onde estão localizadas as colônias de moradores que visitamos.

### 2.4 Trabalhadoras e trabalhadores do cultivo de flores

Nesta subseção apresentamos um perfil de trabalhadoras e trabalhadores do cultivo de flores na região de Holambra, tendo como base as estatísticas oficiais de órgãos como o Ministério do Trabalho e Emprego e a Fundação Seade, e o levantamento feito a partir da pesquisa de campo realizada na região de Holambra entre os anos de 2012 e 2015. Neste espaço, dedicamos a apresentar em linhas gerais as características anunciadas nas estatísticas e nas narrativas das pessoas entrevistadas. As experiências mais detalhadas serão apresentadas na segunda parte da tese, nas três seções finais.

#### 2.4.1 “Trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais”

A denominação “trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais” é empregada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) – 2002. A CBO contém um documento normalizador que apresenta classificações enumerativas e descritivas das ocupações do mercado de trabalho brasileiro<sup>36</sup>. De acordo com a CBO – 2002, os trabalhadores agrícolas no cultivo de flores

---

<sup>34</sup> O prédio da Cooperativa Veiling está localizado às margens da Rodovia que liga o município de Holambra ao município de Santo Antônio de Posse e a poucos metros da Fazenda Terra Viva.

<sup>35</sup> População estimada para 2015, de acordo com o IBGE.

<sup>36</sup> Disponível em <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/informacoesGerais.jsf> Acesso em 07 de abril de 2014.

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

e plantas ornamentais recebem a seguinte classificação enumerativa: **6224**. A classificação “6224: Trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais” faz referência a uma “Família”<sup>37</sup>. Nessa família estão incluídas cinco ocupações:

- 6224-05 - Trabalhador no cultivo de flores e folhagens de corte;
- 6224-10 - Trabalhador no cultivo de flores em vaso;
- 6224-15 - Trabalhador no cultivo de forrações;
- 6224-20 - Trabalhador no cultivo de mudas;
- 6224-25 - Trabalhador no cultivo de plantas ornamentais.

As classificações enumerativas na CBO vêm acompanhadas de classificações descritivas. Nos quadros a seguir apresentamos o relatório de atividades das ocupações listadas acima<sup>38</sup>. Com os quadros, intentamos fazer uma apresentação geral das atividades desenvolvidas nos campos e estufas de flores, apontando alguns detalhes dos procedimentos realizados por homens e mulheres empregados nessa atividade. Desde já, destacamos que a experiência trazida à superfície por meio das narrativas e da observação em campo empírico possibilita o acréscimo de informações que, em alguns momentos, podem ser distintas daquelas trazidas pela classificação oficial do Ministério do Trabalho e Emprego. Tais distinções dizem respeito, entre outros elementos, à forma como denominam a atividade.

Os quadros foram separados de acordo com área de atividade realizada no cultivo de flores e plantas ornamentais. Dentro de cada quadro, separamos nas colunas as quatro ocupações da Família 6224 e que são de interesse para nossa pesquisa.

---

<sup>37</sup> Nomenclatura da CBO.

<sup>38</sup> Com exceção da ocupação 6224 – 15: Trabalhador no cultivo de forrações, pois foge do âmbito dessa pesquisa.

2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

**Quadro 1** – Descrição das atividades no cultivo de flores, segundo a CBO (continua na próxima página)

<b>Área A – PLANTAR MUDAS, SEMENTES, BULBOS, RIZOMAS E ESTACAS</b>				
<b>Atividades</b>	<b>Flores de corte</b>	<b>Flores de vaso</b>	<b>Mudas</b>	<b>Plantas ornamentais</b>
Aplicar soluções nutritivas para enraizamento de galhos e estacas	X	X	X	X
Selecionar mudas para plantio	X	X	X	X
Coletar sementes	X			X
Semear flores e plantas	X	X	X	X
Enraizar folhas, galhos e estacas de plantas	X	X	X	X
Cultivar bulbos, rizomas e mudas através de divisão de touceiras	X	X	X	X
Retirar resíduos de mudas, bulbos e sementes	X	X	X	X
Coletar amostras de mudas para análise laboratorial	X	X	X	X
Transplantar mudas e plantas	X	X		X
Repor mudas danificadas ou mortas	X	X	X	X
Misturar produtos químicos para solução imunizadora	X	X	X	X
Enxertar planta doadora em planta cavalo	X			X
<b>Área B – COLHER FLORES, FOLHAGENS E PLANTAS ORNAMENTAIS</b>				
<b>Atividades</b>	<b>Flores de corte</b>	<b>Flores de vaso</b>	<b>Mudas</b>	<b>Plantas ornamentais</b>
Verificar ponto de colheita de plantas	X	X	X	X
Apanhar flores e folhagens	X			
Arrancar plantas ornamentais com torrões				X
Colocar hastes de plantas colhidas em tubetes	X			
Hidratar flores, folhagens e plantas	X	X	X	X
Adicionar soluções para conservação de folhagens e flores de corte	X			



2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

**Quadro 1** – Descrição das atividades no cultivo de flores, segundo a CBO (continua na próxima página)

<b>Área C – MANEJAR CULTIVO DE FLORES, FOLHAGENS E PLANTAS</b>				
<b>Atividades</b>	<b>Flores de corte</b>	<b>Flores de vaso</b>	<b>Mudas</b>	<b>Plantas ornamentais</b>
Monitorar desenvolvimento de mudas e plantas	X	X	X	X
Controlar temperatura de solo e ambiente	X	X	X	X
Controlar luminosidade de ambiente	X	X	X	X
Irigar flores e plantas	X	X	X	X
Controlar umidade de ambiente e solo	X	X	X	X
Adubar flores e plantas	X	X	X	X
Detectar pragas e doenças em cultivos	X	X	X	X
Pulverizar defensivos agrícolas em flores e plantas	X	X	X	X
Podar plantas	X	X	X	X
Desbrotar plantas	X	X		X
Remover ervas daninhas	X	X	X	X
Fixar hastes ou redes de sustentação em plantas	X	X		X
Revestir botões de rosa com redes de proteção individual (camisinha)	X	X		
Limpar mananciais de captação de água	X	X	X	X
<b>Área D – ACONDICIONAR FLORES, FOLHAGENS E PLANTAS PARA COMERCIALIZAÇÃO</b>				
<b>Atividades</b>	<b>Flores de corte</b>	<b>Flores de vaso</b>	<b>Mudas</b>	<b>Plantas ornamentais</b>
Higienizar galpão de seleção	X	X	X	X
Classificar folhagens	X			
Classificar flores	X	X		
Classificar plantas ornamentais				X
Organizar flores, folhagens e plantas de acordo com qualidade e variedade	X	X	X	X
Carregar flores, folhagens e plantas	X	X	X	X
Embalar flores e folhagens	X	X		
Embalar plantas ornamentais				X
Aparar caules de flores e folhagens	X			
Pesar flores de corte	X			
Contar flores, folhagens e plantas	X	X	X	X
Identificar produto embalado	X	X	X	X
Limpar flores, folhagens e plantas colhidas	X	X	X	X
Encerar flores e folhagens	X			
Acondicionar flores, folhagens e plantas em câmaras frigoríficas	X	X	X	X
Acondicionar flores, folhagens e plantas em veículos de transporte	X	X	X	X

2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

**Quadro 1** – Descrição das atividades no cultivo de flores, segundo a CBO (continua na próxima página)

<b>Área E – CONSTRUIR ESTUFAS E TELAS DE SOMBREAMENTO</b>				
<b>Atividades</b>	<b>Flores de corte</b>	<b>Flores de vaso</b>	<b>Mudas</b>	<b>Plantas ornamentais</b>
Nivelar terreno	X	X	X	X
Instalar rede elétrica e painel de controle	X	X	X	X
Construir estruturas de sustentação para cobertura de plástico	X	X	X	X
Fixar calhas coletoras de água	X	X	X	X
Estender plástico	X	X	X	X
Construir estruturas de sustentação para tela de sombreamento	X	X	X	X
Estender tela de sombreamento	X	X	X	X
Instalar sistema de ferti-irrigação	X	X	X	X
Instalar sistema de pulverização	X	X	X	X
Construir mesas de sustentação de flores e plantas	X	X	X	X
Confeccionar redes de sustentação de plantas	X	X		
<b>Área F – PREPARAR LOCAL PARA PLANTIO</b>				
<b>Atividades</b>	<b>Flores de corte</b>	<b>Flores de vaso</b>	<b>Mudas</b>	<b>Plantas ornamentais</b>
Auxiliar em escolha de áreas de cultivo	X	X	X	X
Coletar amostras de solo para análise laboratorial	X	X	X	X
Arar terreno	X			X
Subsolar terreno	X			X
Aplicar técnicas antierosivas	X			X
Distribuir adubo em terreno	X			X
Esterilizar áreas de plantio	X	X	X	X
Preparar canteiros	X			X
Abrir covas	X			X
Abrir sulcos	X			
Preparar substratos	X	X	X	X
Encher recipientes (vasos, sacos plásticos) com substrato	X	X	X	X
Instalar quebra-ventos naturais	X	X	X	X
Inspecionar presença de animais nocivos ao cultivo	X	X	X	X

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

**Quadro 1** – Descrição das atividades no cultivo de flores, segundo a CBO (continuação de páginas anteriores)

<b>Área G – REALIZAR ATIVIDADES DE MANUTENÇÃO E SEGURANÇA</b>				
<b>Atividades</b>	<b>Flores de corte</b>	<b>Flores de vaso</b>	<b>Mudas</b>	<b>Plantas ornamentais</b>
<b>Inspecionar funcionamento de equipamentos e máquinas</b>	X	X	X	X
<b>Lavar equipamentos e utensílios</b>	X	X	X	X
<b>Realizar reparos em equipamentos e máquinas</b>	X	X	X	X
<b>Lubrificar máquinas</b>	X	X	X	X
<b>Realizar tríplice-lavagem em embalagens de produtos tóxicos</b>	X	X	X	X
<b>Descartar embalagens de produtos tóxicos</b>	X	X	X	X
<b>Guardar equipamentos e utensílios</b>	X	X	X	X
<b>Área Z – DEMONSTRAR COMPETÊNCIAS PESSOAIS</b>				
<b>Atividades</b>	<b>Flores de Corte</b>	<b>Flores de vaso</b>	<b>Mudas</b>	<b>Plantas ornamentais</b>
<b>Demonstrar habilidade manual</b>	X	X	X	X
<b>Dar prova de resistência física</b>	X	X	X	X
<b>Manifestar iniciativa</b>	X	X	X	X
<b>Trabalhar em equipe</b>	X	X	X	X
<b>Possuir acuidade visual</b>	X	X	X	X
<b>Concentrar-se em atividades de trabalho</b>	X	X	X	X
<b>Comunicar problemas de cultivo para produtor e/ou técnico agrícola</b>	X	X	X	X
<b>Notificar falhas em equipamentos e máquinas</b>	X	X	X	X
<b>Trabalhar em posições especiais</b>	X	X	X	X
<b>Trabalhar em ambientes com temperatura elevada</b>	X	X	X	X

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego

Os quadros acima possibilitam uma visualização das atividades no cultivo de flores, de acordo com as áreas (plantio, colheita, manejo das plantas, classificação, embalagem, construção de estufas, manutenção e segurança, e competências pessoais). No interior de cada quadro são apresentadas muitas das atividades que foram descritas pelos trabalhadores e pelas trabalhadoras na realização da pesquisa de campo, mas alguns aspectos (como o trabalho feito a partir de metas e a intensificação das jornadas nos períodos de pico) não estão contemplados na descrição da CBO.

A classificação da CBO em famílias e ocupações também possibilitou o levantamento de alguns dados estatísticos. Para tal finalidade, realizamos consultas nas plataformas eletrônicas da Fundação Seade e da Relação Anual de Informações Sociais

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

(RAIS), tendo como base de análise a família ocupacional **6224**. Nas próximas páginas apresentamos tabelas e gráficos gerados a partir dessa busca.

Na Tabela 3 é possível constatar um decréscimo no número de vínculos ativos de trabalhadores da referida família ocupacional no período de 2010 a 2014, além disso, nota-se que os quatro municípios de abrangência da pesquisa respondem, juntos, por aproximadamente 30% do total de pessoas empregadas nessa atividade no Estado de São Paulo. É preciso lembrar que a base de dados é a RAIS, portanto, os números dizem respeito somente aos empregos formais. O desenvolvimento da pesquisa empírica forneceu evidências de que existe um número acentuado de pessoas empregadas como “diaristas”, que não possuem vínculos empregatícios formalizados na carteira de trabalho. Portanto, muitas pessoas que se responsabilizam pela alta produtividade do setor estão ausentes das estatísticas oficiais.

**Tabela 3** – Número absoluto de vínculos ativos de trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais na região de Holambra, de 2010 a 2014

<b>Localidade</b>	<b>Ano</b>				
	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>
<b>Artur Nogueira</b>	313	300	321	327	285
<b>Holambra</b>	1 448	1 427	1 439	1 328	1 299
<b>Sto. Ant. de Posse</b>	530	411	409	436	439
<b>Mogi Mirim</b>	253	241	140	114	115
<b>Total dos quatro municípios</b>	2 544	2 379	2 309	2 205	2 138
<b>Estado de São Paulo</b>	8 062	7 910	7 957	7 728	7 517

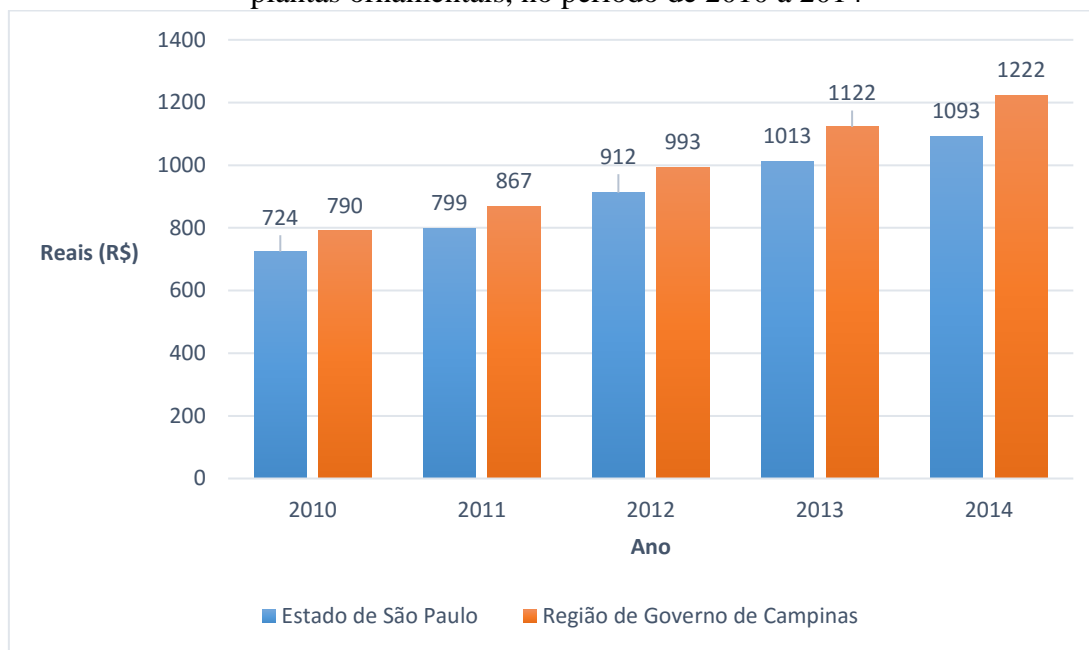
Fonte: Painel das Profissões. Fundação Seade. Elaboração de Juliana Dourado Bueno

No que diz respeito à remuneração média dessa atividade (Gráfico 1), é possível afirmar que o valor pago no período de 2010 a 2014 para os trabalhadores que

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

atuam na Região de Governo de Campinas<sup>39</sup> subiu de 790 reais para 1222 reais. A remuneração média dos trabalhadores do Estado de São Paulo também aumentou, passou de 724 reais para 1093 reais no mesmo período.

**Gráfico 1** – Remuneração média dos trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais, no período de 2010 a 2014



Fonte: Painel das Profissões. Fundação Seade. Elaboração de Juliana Dourado Bueno

No caso específico dos quatro municípios de abrangência da pesquisa apresentamos os dados referentes à remuneração na tabela 4, que contém informações separadas por sexo. Os números referentes ao ano de 2014 – com exceção do município de Mogi Mirim – nos permitem verificar que a maioria das pessoas empregadas no cultivo de flores e plantas ornamentais recebe provimentos que estão na faixa de remuneração equivalente a um salário mínimo e meio a dois salários mínimos. Considerando que o valor do salário mínimo em 2014 era R\$724,00, é possível afirmar que a média segue o padrão apresentado no gráfico 1 em relação à remuneração média das pessoas empregadas na Região de Governo de Campinas e no Estado de São Paulo no referido grupo ocupacional. Além disso, pode-se fazer uma leitura dos dados a partir da diferença de remuneração dos homens e mulheres – elas são a maioria das pessoas com vínculos de emprego nessa ocupação, mas a minoria na faixa de remuneração mais elevada. Nos

<sup>39</sup> De acordo com a Fundação Seade, a Região de Governo de Campinas é composta por 22 municípios, dentre os quais estão Artur Nogueira, Holambra, Mogi Mirim e Santo Antônio de Posse.

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

municípios de Artur Nogueira, Mogi Mirim e Santo Antônio de Posse, por exemplo, não há registros de trabalhadoras na faixa de remuneração acima de quatro salários mínimos. Percebe-se ainda que, nos quatro municípios, existem mais homens que mulheres na faixa de remuneração entre três e quatro salários mínimos (temos a hipótese de que se trata de pessoas empregadas em cargos de liderança e supervisão do trabalho, que atuam como “encarregados” de turma), sendo que nos municípios de Holambra e Santo Antônio de Posse – que concentram o maior número de pessoas empregadas na atividade de cultivo de flores e plantas ornamentais entre os quatro municípios citados – a discrepância é ainda mais acentuada. Em Holambra, há somente uma mulher registrada nessa faixa de remuneração para 22 homens; e em Santo Antônio de Posse são duas mulheres registradas e 14 homens registrados na faixa de remuneração entre três e quatro salários mínimos.

**Tabela 4** - Vínculos ativos de trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais na região de Holambra, por sexo e remuneração média, em 2014.

Faixa de Remuneração*	Artur Nogueira		Holambra		Mogi Mirim		Sto. Ant. de Posse	
	H	M	H	M	H	M	H	M
<b>0,51 a 1,00</b>	2	1	4	6	0	0	0	0
<b>1,01 a 1,50</b>	30	78	159	523	21	67	30	28
<b>1,51 a 2,00</b>	22	115	189	206	15	3	86	195
<b>2,01 a 3,00</b>	12	8	82	37	4	2	31	34
<b>3,01 a 4,00</b>	3	2	22	1	1	0	14	2
<b>4,01 a 5,00</b>	2	0	4	2	0	0	9	0
<b>5,00 a 7,00</b>	0	0	4	2	0	0	2	0
<b>Não classificados</b>	1	9	21	37	0	0	2	6
<b>Total</b>	72	213	485	814	41	72	174	265

Fonte: RAIS, MTE (2014)

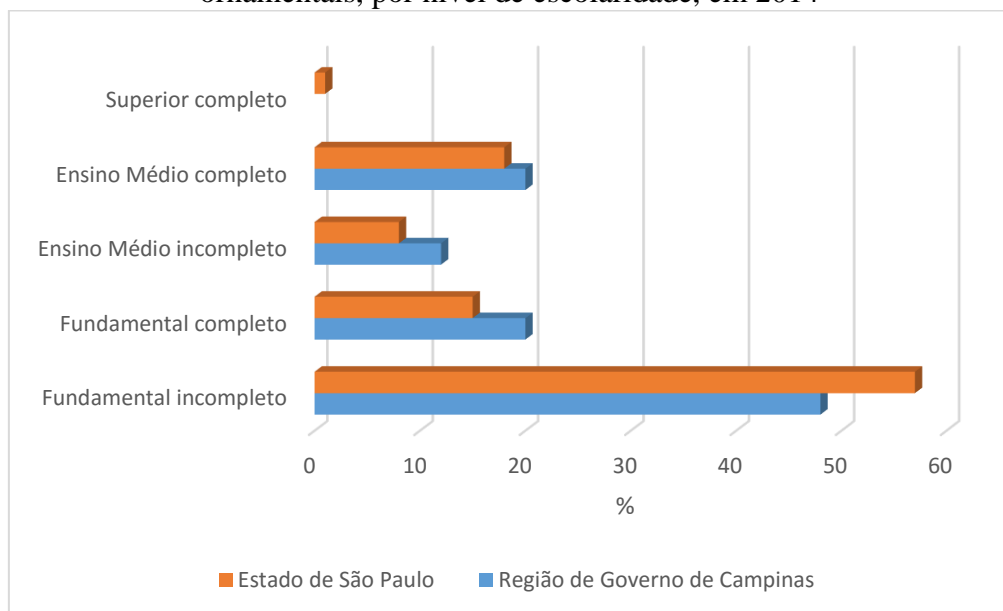
\* Em salários mínimos. H – Homens; M – Mulheres

No gráfico 2 estão apresentados os dados referentes ao nível de escolaridade das pessoas empregadas no cultivo de flores e plantas ornamentais. Com os dados

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

apresentados no gráfico 2 podemos concluir que mais de 65% das pessoas empregadas nessa atividade – tanto na Região de Governo de Campinas, como no Estado de São Paulo – cursou (completa ou parcialmente) somente o Ensino Fundamental.

**Gráfico 2** – Distribuição de trabalhadores no cultivo de flores e plantas ornamentais, por nível de escolaridade, em 2014

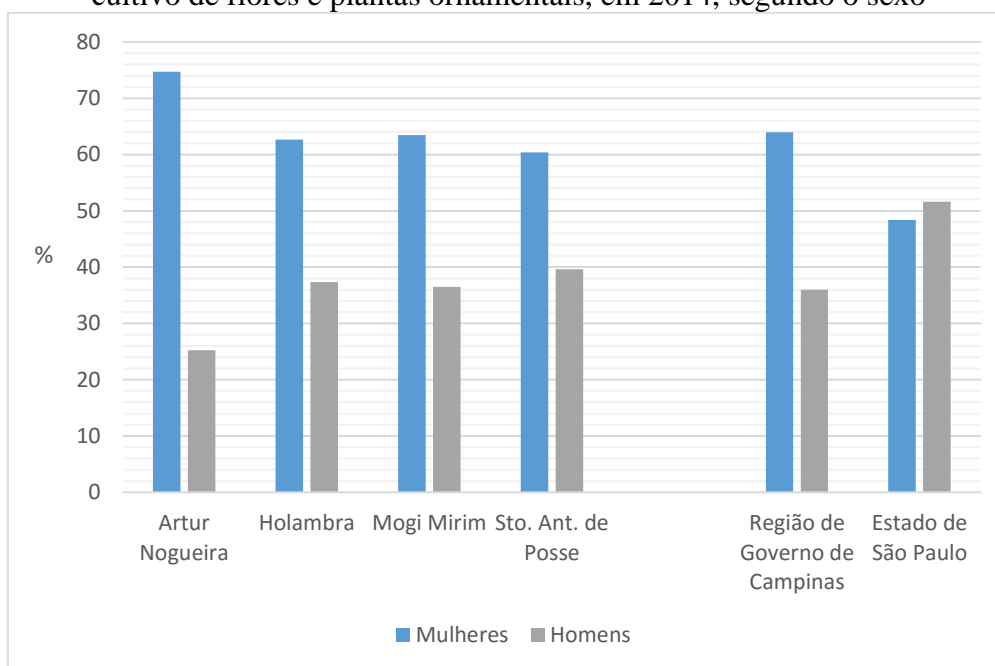


Fonte: Fundação Seade, Painel das Profissões (2014)

No que diz respeito à distribuição dos vínculos por sexo (ver Gráfico 3), é possível afirmar que, no Estado de São Paulo, a proporção de homens e mulheres nessa ocupação é praticamente a mesma (51,6% de homens e 48,4% de mulheres). Entretanto, no caso específico da Região de Governo de Campinas e dos quatro municípios de abrangência da pesquisa existe uma diferença mais acentuada na proporção de homens e mulheres. No município de Artur Nogueira, por exemplo, aproximadamente 75% das pessoas com vínculos ativos nessa ocupação são mulheres. Nos demais municípios de abrangência da pesquisa a proporção de mulheres está na média dos 60% dos vínculos ativos registrados.

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

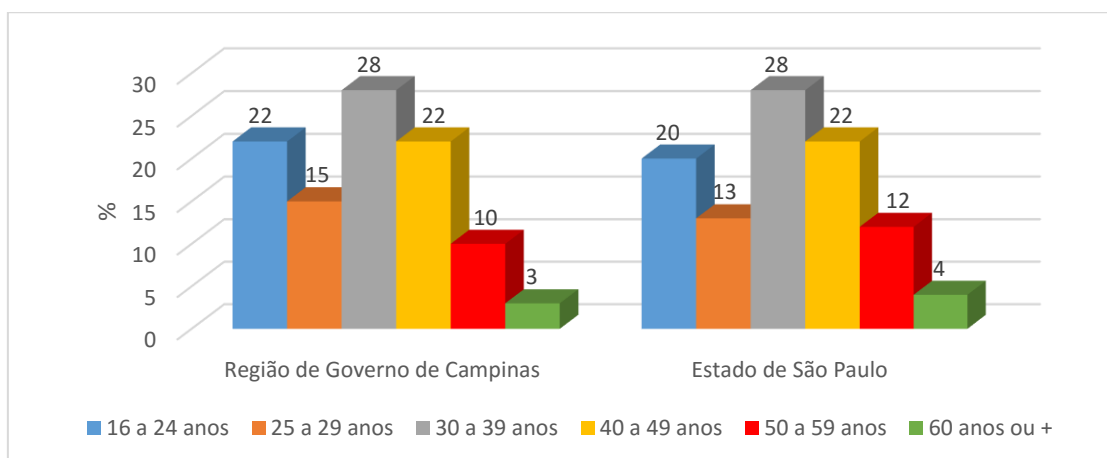
**Gráfico 3** – Proporção de vínculos ativos de trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais, em 2014, segundo o sexo



Fonte: Fundação Seade, Painel das Profissões (2014)

Finalmente, no que diz respeito à faixa etária das pessoas registradas, temos os dados apresentados nos gráficos 4 e 5<sup>40</sup>. É possível observar que, para a Região de Governo de Campinas e para o Estado de São Paulo, 50% das pessoas registradas têm entre 30 e 49 anos.

**Gráfico 4** – Distribuição etária dos vínculos ativos de trabalhadores agrícolas no cultivo de flores na Região de Governo de Campinas e no Estado de São Paulo, em 2014



<sup>40</sup> Separamos as informações em dois gráficos porque os dados primários relativos à faixa etária foram agrupados de forma distinta nas diferentes plataformas de busca (Painel das Profissões/Seade e RAIS).

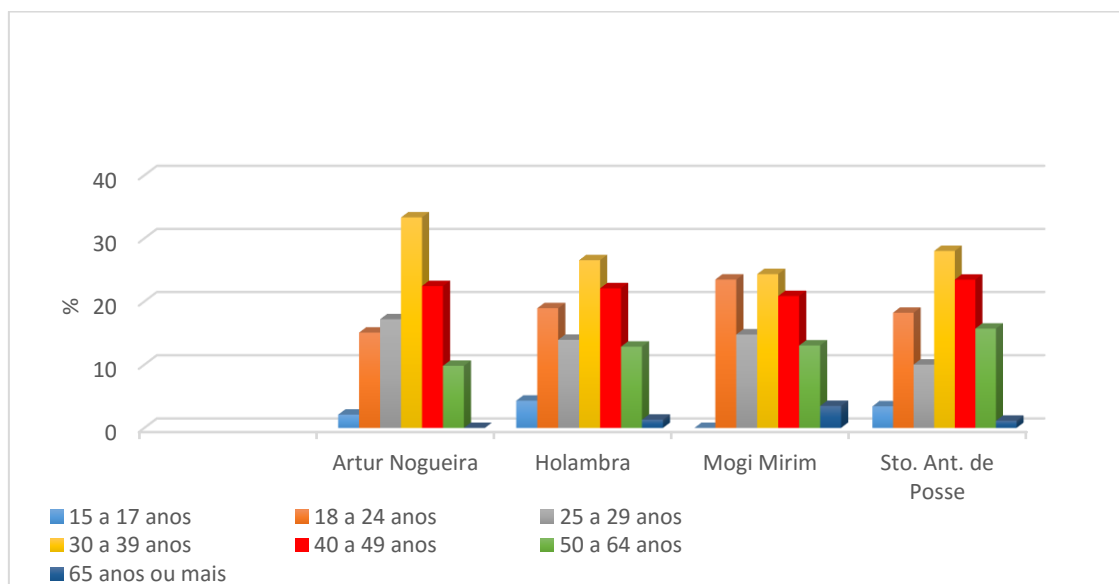


## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

Fonte: Painel das Profissões, Fundação Seade (2014).

A mesma faixa etária (30 a 49 anos) predomina entre os vínculos ativos de trabalhadores nos municípios de Artur Nogueira, Holambra e Santo Antônio de Posse. Outro ponto importante a ser destacado nos Gráficos 4 e 5 é a tendência de diminuição<sup>41</sup> no número de vínculos ativos quando se passa da faixa etária de 18 a 24 anos (ou 16 a 24 anos) para a faixa etária de 25 a 29 anos. Entendemos que a tendência de queda no vínculo ativo de trabalhadores se cumpre pelo fato de que nessa faixa etária existe um número elevado de mulheres em idade reprodutiva<sup>42</sup>. As experiências de vida narradas pelas trabalhadoras no cultivo de flores nos permitem afirmar que algumas interrompem a trajetória laboral nesta atividade no período pós-parto, e muitas delas continuam trabalhando no cultivo de flores. Dentre estas, algumas fazem a opção de trabalhar sem registro em carteira porque essa condição lhes permite desfrutar de maior flexibilidade de horários, uma vez que nem sempre as mulheres e os homens contam com algum tipo de ajuda para o cuidado das crianças aos finais de semana para que possam cumprir as jornadas de trabalho nas estufas.

**Gráfico 5** – Distribuição etária dos vínculos ativos de trabalhadores agrícolas no cultivo de flores na região de abrangência da pesquisa, em 2014



<sup>41</sup> Essa tendência só não foi observada no caso do município de Artur Nogueira.

<sup>42</sup> De acordo com o Censo feito pelo IBGE em 2010, cerca de 51% das gestantes no Brasil estavam na faixa etária dos 20 aos 29 anos.

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

Fonte: RAIS, MTE (2014)

### 2.4.2 Sujeitos sociais do cultivo de flores: floristas, brasileiros, alagoanos, pessoal da estufa

Neste tópico apresentamos o perfil dos sujeitos sociais do cultivo de flores na região de Holambra que não está presente nas estatísticas oficiais. Para a elaboração dos perfis, analisamos todas as entrevistas e os diários de campo e elaboramos o Quadro 2, que contém informações sobre o local de nascimento, a idade, as espécies de flor já trabalhadas durante a trajetória e uma lista com as atividades realizadas fora do âmbito do cultivo de flores.

2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

**Quadro 2** – Informações sobre as pessoas entrevistadas durante a pesquisa de campo  
(continua na próxima página)

Nome	Local de nascimento	Idade	Espécies de flor trabalhadas	Atividades e experiências laborais
<b>Mariana</b>	SP	24	Gérbera, crisântemo, violeta e rosa	[Primeiro trabalho foi no cultivo de flores]
<b>Bruna</b>	SP	25	Bulbos e rosa	Colheita de laranja
<b>Taís</b>	SP	28	Begônia, crisântemo, kalanchoe	Limpeza e manutenção de chácara
<b>Luciana</b>	SP	37	Rosa, crisântemo, violeta, orquídea	Colheita do café
<b>Pricila</b>	SP	40	Rosa, orquídea, violeta	Limpeza de chácara, cuidadora
<b>Maísa</b>	SP	42	Violeta	Sitiantes, colheita do café, operária na fábrica de toalhas
<b>Isabel</b>	SP	57	Gipsófila, rosa e violeta	Colheita de café e cultivo de verduras
<b>Júlia</b>	SP	62	Rosa, violeta, gérbera, crisântemo	Plantio e colheita de algodão, milho, feijão e arroz
<b>Marcela</b>	MG	33	Crisântemo, gérbera	Sitiantes, empregada doméstica
<b>Neusa</b>	MG	33	Lisyanthus, crisântemo	Cultivo de milho
<b>Tacinara</b>	MG	37	Violeta, crisântemo, rosa, ixora	Sitiantes e meeira. Empregada doméstica
<b>Margarida</b>	MG	37	Rosa e crisântemo	Meeira, roça de feijão e milho
<b>Inês</b>	MG	51	Crisântemo, violeta, rosa, áster, calandra	Sitiantes, meeira, colheita de laranja
<b>Solange</b>	MG	53	Rosa e mini rosa	Costureira e sitiantes
<b>Amália</b>	BA	35	Antúrio, lavanda, zamiculca, violeta, dipladenia	[Primeiro trabalho foi no cultivo de flores]
<b>Lúcia</b>	BA	55	Crisântemo	Sitiantes, corte de cana
<b>Gláucia</b>	AL	19	Kalanchoe	[Primeiro trabalho foi no cultivo de flores]
<b>Cecília</b>	AL	27	Violeta	Cultivo de feijão, milho e fumo; monitora de creche
<b>Daniela</b>	PA	17	Violeta	[Primeiro trabalho foi no cultivo de flores]
<b>Tatiane</b>	PR	32	Kalanchoe, flor de maio e crisântemo	[Primeiro trabalho foi no cultivo de flores]

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

Nome	Local de nascimento	Idade	Espécies de flor trabalhadas	Atividades e experiências laborais
<b>Roberto</b>	BA	37	Violeta, antúrio, rosa	Jardinagem
<b>Jairo</b>	BA	37	Violeta, rosa, palmeira, zamioculca, crisântemo	Cultivo de verduras
<b>Jaime</b>	BA	71	Violeta, antúrio, rosa	Plantio e colheita de milho, feijão e mandioca. Colheita da laranja, jardinagem e cultivo de legumes
<b>José</b>	MG	34	Ráfis, zamioculca, xanadoria, areca-bambu	Vigiar e transportar gado, granja de porco, roça de feijão.
<b>Henrique</b>	MG	52	Rosa, mini rosa e ixora	Pedreiro e sitiante.
<b>Alceu</b>	MG	59	Antúrio, crisântemo e begônia	Sitiantes e meeiro. Colheita de algodão, corte de cana, transporte de cana, serviços gerais em usina de álcool.
<b>Marcelo</b>	MG	64	Lisyanthus	Meeiro, trabalho em roça de feijão, milho, corte de cana
<b>Willian</b>	AL	16	Mini rosa e grama	[Primeiro trabalho foi no cultivo de flores]
<b>Gilson</b>	AL	33	Rosa, kalanchoe, orquídea	Plantio de fumo, mandioca, feijão e milho
<b>Fábio</b>	PR	40	Plantio e colheita de grama	Montagem de estufa e operário em frigorífico

Fonte: Elaboração da autora a partir de pesquisa de campo.

As informações do quadro 2 nos permitem fazer as seguintes considerações em relação ao perfil das pessoas entrevistadas: a faixa etária que concentra o maior grupo de trabalhadores e trabalhadoras (11 pessoas) é a que vai dos 30 aos 39 anos de idade. Boa parte das pessoas entrevistadas tem uma trajetória laboral marcada por atividades rurais, seja em terras próprias ou de terceiros, em diferentes cultivos. As atividades que não estavam ligadas à terra tratam-se de trabalho remunerado doméstico (empregadas domésticas) ou trabalho em indústria têxtil. No que diz respeito ao local de nascimento é possível afirmar que oito pessoas nasceram no Estado de São Paulo, a

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

mesma quantidade em Minas Gerais, cinco nasceram na Bahia, quatro pessoas entrevistadas nasceram em Alagoas, duas no Paraná e uma nasceu no Estado do Pará.

No quadro 3 apresentamos um contexto geral do cultivo de flores, levando-se em consideração três aspectos: o vínculo empregatício, o local de residência e a realização de movimento migratório. O objetivo no quadro não é apresentar a distribuição das pessoas entrevistadas em cada uma das categorias, mas traçar categorias que nos permitam compreender o contexto geral do cultivo de flores na região de Holambra. Desse modo, é válido destacar que as trajetórias das trabalhadoras e dos trabalhadores não são compostas por situações rígidas, na medida em que uma pessoa pode ter trabalhado com carteira assinada e também como diarista, pode ter vivido na área urbana e rural ao longo de sua trajetória. Portanto, os dados do quadro buscam demonstrar a complexidade de relações possíveis.

**Quadro 3** – Perfil de sujeitos sociais na produção de flores

<b>Vínculo empregatício</b>	Assalariado com registro em carteira	
	Diarista	
	Mão de obra familiar (Proprietário)	
<b>Residência</b>	Área Urbana	
	Área Rural	Morador em colônia (casa cedida por empresa). Reside na mesma propriedade onde está a estufa que trabalha
		Casa própria ou alugada, fora da propriedade onde trabalha
	Morador e proprietário da terra onde cultiva flores	
<b>Movimento Migratório</b>	Não realizou	
	Realizou	Pretende retornar para a região de origem
Não pretende retornar para a região de origem		

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de campo.

São três os eixos que estruturam o perfil: o vínculo empregatício, o local de residência e o movimento migratório. No que diz respeito ao vínculo empregatício, este pode ser formal com registro em carteira; ou sem vínculo formal de trabalho: pessoas que trabalham na diária. Neste caso, trata-se de pessoas que trabalham no cultivo de flores principalmente nos períodos de pico de produção e que na maioria das vezes recebe pelo dia de trabalho. Estão incluídos também os casos de adolescentes com idade inferior a 16 anos, pessoas que estão usufruindo do período de seguro-desemprego e não podem ter

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

contrato formal de trabalho, pessoas que têm outro emprego e querem complementar a renda trabalhando na diária. A terceira divisão desse eixo diz respeito às pessoas entrevistadas que residem no campo e trabalham nas estufas de sua propriedade.

O segundo eixo diz respeito ao local de residência, que pode ser na:

a) **Área urbana** – vivem principalmente em bairros com uma concentração elevada de trabalhadores empregados em estufas. Nesses casos, o transporte dos bairros para as estufas é feito majoritariamente por meio de ônibus fretados pelas empresas. Algumas dessas pessoas realizam diariamente movimentos pendulares entre municípios da região de Holambra.

b) **Área rural**. Neste caso, estão subdivididos em:

b.1) Moradores e moradoras de colônia. São propriedades produtoras de flores com núcleos residenciais. As casas são “cedidas” pelos patrões para os trabalhadores, as trabalhadoras e seus familiares residirem no período em que estiverem empregados e empregadas. O número de casas em cada propriedade varia bastante.

b.2) Moradoras e moradores na área rural. São pessoas que trabalham nas estufas, residem na área rural, em casas próprias ou alugadas, localizadas fora das propriedades onde trabalham.

b.3) Moradores e moradoras, proprietários e proprietárias da terra onde cultivam flores. Estão incluídos os membros da unidade doméstica que trabalham nas estufas.

O terceiro eixo diz respeito à realização do movimento migratório. Entre as pessoas que migraram, algumas possuem vínculos com parentes em sua região de origem. A maioria das pessoas entrevistadas realizou ao menos um movimento migratório, seja no interior do Estado de São Paulo ou vindos dos Estados do Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pará e Alagoas. No município de Holambra, o principal estado de origem dos trabalhadores e das trabalhadoras que migraram recentemente é Alagoas. Algumas pessoas demonstraram o desejo de retornar para a região de origem porque não gostam de viver em Holambra ou porque querem retomar os vínculos com familiares. Também conversamos com pessoas que ainda mantêm vínculos familiares na região de origem, mas que já estão estabelecidas na região de Holambra e pretendem permanecer no local.

A sistematização das categorias também nos permitiu elaborar retratos dos sujeitos sociais representativos dos diferentes perfis encontrados durante a pesquisa de

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

campo, e que contribuíram para o entendimento do contexto social que permeia o cultivo de flores. A partir de diferentes combinações das categorias presentes no quadro 3, estruturamos sete retratos dos sujeitos sociais, caracterizados da seguinte maneira:

- 1) Assalariado com registro em carteira que reside em área urbana e não realizou movimento migratório;
- 2) Assalariado com registro em carteira que reside na área urbana, realizou movimento migratório e não pretende retornar;
- 3) Assalariado com registro em carteira que reside em casa própria na área rural [fora da propriedade onde trabalha ou trabalhou], realizou movimento migratório e não pretende retornar;
- 4) Assalariado com registro em carteira que reside em casa alugada na área rural [fora da propriedade onde trabalha], realizou movimento migratório e não pretende retornar;
- 5) Assalariado com registro em carteira que reside em colônia, realizou movimento migratório e não pretende retornar;
- 6) Diarista que reside em casa alugada na área rural [fora da propriedade onde trabalha], realizou movimento migratório e pretende retornar;
- 7) Proprietário da estufa onde trabalha, realizou movimento migratório e não pretende retornar.

Dadas as configurações acima, selecionamos sete histórias de vida<sup>43</sup> para compor os retratos sociais. Escolhemos histórias que fossem representativas dos perfis apresentados acima. É importante ressaltar que os retratos sociais foram elaborados levando-se em consideração a configuração apresentada no momento da entrevista, portanto, ao longo da trajetória de uma pessoa, ela pode ter passado por diferentes configurações (há relatos, por exemplo, de pessoas que já residiram em colônias e que passaram a viver na área urbana das cidades; há casos também de pessoas que trabalham com registro em carteira em uma empresa de flores e aos finais de semana trabalham como diaristas em outra estufa).

Compreendemos, tal como Collet e Veith (2013) que as histórias de vida são reconstruções narrativas de experiências trazidas pelas trajetórias pessoal e coletiva

---

<sup>43</sup> A partir dos relatos e narrativas das 28 pessoas entrevistadas para a pesquisa entre os anos de 2012 e 2015.

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

de sujeitos sociais. Nessas narrativas estão presentes elementos de diferentes âmbitos da vida social que se entrelaçam, tais como as relações sociais de classe, gênero, e raça/etnia. A partir desse entendimento, selecionamos os aspectos das narrativas que entrecruzam as dinâmicas pessoais e coletivas, buscando escapar de essencialismos e de discursos que fragmentam a experiência dos sujeitos sociais. A seleção dessas narrativas está presente nos sete retratos sociais que apresentamos nas páginas seguintes. Neles destacamos a configuração representada no contexto geral de cultivo de flores na região de Holambra e um breve relato de história de vida. Em cinco retratos apresentamos também transcrições de excertos de narrativas em diferentes temáticas abordadas durante a entrevista.

<b>Retrato 1</b>	<b>Pricila</b>
<i>Assalariada</i> <i>Reside na</i> <i>área urbana</i> <i>Não migrou</i>	<p>Pricila é uma mulher negra de 40 anos que vive com o esposo em um bairro urbano, mas já viveu em casas alugadas e próprias na zona rural, em colônia e numa chácara com a família. Ela foi criada pela mãe e o padrasto – sua mãe trabalhou um período no corte de cana, mas logo saiu porque o parceiro não aprovava que ela trabalhasse fora de casa. Irmã mais velha entre os 11 irmãos e irmãs, Pricila iniciou sua trajetória laboral remunerada aos 12 anos, no cultivo de rosas, para contribuir com as despesas da casa. Neste setor trabalhou em campo aberto e em estufas fazendo o corte e embalando as plantas – durante três meses trabalhou como diarista. Aos 15 anos Pricila se casou e teve a primeira filha, decidiu então largar o trabalho na roseira para cuidar da criança. Quando a criança completou um ano de vida, ela decidiu retornar para o trabalho no cultivo de flores. Ela e o então marido decidiram convidar a irmã de Pricila para cuidar das crianças para que ela e o esposo pudessem trabalhar fora de casa.</p> <p>Além do trabalho no cultivo de rosas, Pricila também trabalhou como faxineira. No setor de flores ela trabalhou com plantas verdes, orquídea e violeta.</p>



---

Atualmente está desempregada, depois de passar por vários períodos de afastamento do trabalho nas flores por problemas na coluna e depressão. Não consegue mais trabalhar na estufa em razão das fortes dores nas costas e braços e sente muita dificuldade para executar o trabalho doméstico.

### Trechos da narrativa

**Temas abordados:** relacionamento familiar, responsabilidade pelo cuidado com as crianças, entrecruzamento dos trabalhos produtivo e reprodutivo.

Pricila – É, era minha irmã que olhava porque não tinha onde deixar, não tinha creche naquele tempo. E... aí como essa irmã minha era separada do marido, tinha filho também, ficou com filho sozinha, então a gente morava numa chácara, ela tomava conta da chácara, e meu marido ganhava... trabalhava para fora, meu ex-marido trabalhava pra fora, ganhava o salário dele pra fora, o patrão pagava um pouco também para cuidar da chácara, eu trabalhava pra fora também, daí nós falamos: “Ah, vamos pagar um pouco para a Duda, para ajudar ela, que ela está desempregada, aí ela olha a Vivian enquanto eu vou trabalhar. A gente paga um pouco para ela e ajuda ela também”. Aí ela veio aqui fazer o que eu não fazia na chácara e eu ia trabalhar pra fora. Aí ela começou a cuidar da Vivian, depois aconteceu tudo essas coiseiras, aí teve uma brigaiada feia, nós nos desentendemos.

Juliana – Mas ela ficou quanto tempo cuidando da sua filha, você lembra?

Pricila – Ah, ficou uns par de ano, uns três anos ou mais.

Juliana – E você trabalhando na roça nesse período?

Pricila – E eu trabalhando. Aí depois eu larguei dele [esposo] e exigi... aí eu descobri tudo [traição conjugal]. Exigi que ele fizesse uma casa para mim e as crianças porque se ele não fizesse ele teria que pagar um aluguel para mim, senão eu ia na justiça, falei para ele: “Ou você faz uma casa para mim no terreno da mãe, lá, ou você paga aluguel para mim até as crianças ficarem tudo de maior”, porque as crianças eram tudo pequenas, de menor. Aí ele preferiu comprar os materiais e fazer dois cômodos na minha mãe, lá, para mim. Aí ele fez, rapidão, o mais rápido possível ele fez para eu sair da chácara logo para ele amigar com minha irmã. Aí ele fez dois cômodos no terreiro da minha mãe lá, e eu fui morar com as crianças. Aí eu fiquei três anos sozinha com minhas crianças.

\*\*\*

Juliana – Aí aqui, na sua casa, como que vocês dividem o trabalho doméstico, quem passa, quem limpa a casa, quem cuida da roupa?

Pricila – Ai, eu faço tudo sozinha [em tom de desânimo].

---

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

---

Juliana – Você que acaba fazendo?  
Pricila – É, não faz nada [em relação ao marido]. Faço sozinha. Quando quer, quando dá na doida faz, sabe? Quando está com vontade, de bom humor faz, mas é mais eu só, eu faço tudo.

---

### Retrato 2

### Tacinara

*Assalariada  
Reside na  
área urbana  
Migrou e não  
pretende  
retornar*

Tacinara é uma mulher negra de 38 anos, nascida no interior de Minas Gerais. Atualmente vive na área urbana de Artur Nogueira com o marido, duas filhas, um filho e uma neta. Quando morava em Minas Gerais trabalhava na roça dos pais e também em outros sítios. Nestes casos recebia um prato de comida em troca do trabalho realizado durante o dia.

Aos 15 anos mudou-se com a família para a região de Artur Nogueira, onde seus pais trabalharam no corte de cana-de-açúcar. A família e ela viviam em um sítio e não pagavam aluguel, foi lá onde conheceu o primeiro marido.

No Estado de São Paulo, o primeiro trabalho com registro em carteira foi no cultivo de crisântemo. Ela ficou durante três anos e depois foi demitida porque a empresa realizou um corte de gastos. Nessa empresa ela também trabalhou no cultivo de rosas. Trabalhou cinco anos como empregada doméstica e depois retornou para as atividades no cultivo de flores, dessa vez, no setor de mudas de violeta.

Aos 17 anos Tacinara se casou, teve duas filhas e decidiu pelo divórcio já que o casamento lhe trouxe muito sofrimento. Mudou-se para a casa da mãe com as filhas.

Na ocasião da entrevista Tacinara estava trabalhando no matrizeiro da violeta. Sua função é picar as mudas de violeta que serão usadas para fazer uma nova brotagem. O trabalho no cultivo de violeta, ao mesmo tempo que lhe traz sofrimento em razão da jornada intensa e dores nas costas, colunas e braços pelos movimentos

---

repetitivos, também é narrado utilizando termos como carinho, admiração e contentamento.

### Trechos das narrativas

Temas abordados: trajetória laboral, trabalho infantil e movimento migratório

Tacinara – Minha infância é isso. Eu morava numa casinha, assim, bem no escuro, não tinha luz elétrica, não tinha água encanada, nós tomávamos banho de rio. E... às vezes passava muita fome, muita fome, mesmo, às vezes não tinha nada para você comer, você comia farinha seca! Porque não tinha nada para comer. E a gente tocava uma rocinha, assim, mas... às vezes dava alguma coisa, às vezes não dava nada.

Juliana – Roça própria ou chegou a trabalhar em roça dos outros?

Tacinara – É, roça própria. Roça própria. Eu ia, às vezes, trabalhar para os outros, mas... eu ia ajudar as pessoas, mas aí eles me pagavam com um prato de comida [risos contidos].

[...]

Eu parei com os estudos, eu parei na terceira série. Quando eu ia fazer a quarta, meu pai me tirou. Falou: “Tacinara, você não vai mais estudar, você vai ter que me ajudar”.

\*\*\*

Juliana – E quem falou daqui [Artur Nogueira] para vocês?

Tacinara – Um tio meu, um tio que morava lá perto da casa da minha mãe. Ele tinha muita dó da gente, sabe? Ele via aquela situação, assim, ele queria ajudar a gente, só que não tinha como porque a gente morava lá e ele morava aqui, tal. Só que aí reuniu todos os irmãos da minha mãe que moram aqui e pagou a nossa passagem para a gente vir para cá. E arrumaram um sítio ali para nós, para nós ficarmos. No sítio não pagava nada. Nós ficamos lá um bom tempo nesse sítio. Eu, meus outros irmãos, minha mãe, meu pai.

### Retrato 3

Júlia

*Assalariada  
Reside em  
casa própria  
fora da  
propriedade  
onde  
trabalhou  
Migrou e não  
pretende  
retornar*

Mulher branca que vive com os três filhos no bairro Palmeirinha, em Holambra. Sempre morou em sítios. Quando criança, trabalhava na colheita de algodão, feijão e milho. Trabalhou no corte de cana-de-açúcar antes de ser empregada nas estufas e campos de flores.

Durante os 52 anos de vida residiu em municípios paulistas, passou por diferentes cidades acompanhando os pais que buscavam novas terras para plantar e, posteriormente, o marido, que herdou uma terra na região de Holambra. O primeiro trabalho com flores foi no “trato” da rosa na estufa da propriedade de seu cunhado. Nesse período trabalhava na diária porque já tinha um filho e nem sempre tinha com quem deixá-lo. Júlia levou as crianças para a estufa de flores em várias ocasiões. Trabalhou em campo aberto, plantando e colhendo crisântemos. Antes de se aposentar trabalhou no cultivo de gérbera. Em todos os trabalhos que fez nas estufas Júlia conseguia ir a pé e retornava para casa no período do almoço porque as estufas eram muito próximas de sua residência.

Júlia teve várias complicações de saúde em razão dos esforços físicos feitos no trabalho com flores: desgaste na coluna, bico de papagaio, dor no joelho e dor no fêmur. A intensificação do trabalho durante os períodos de pico e a humilhação de trabalhar com a patroa vigiando e comandando o serviço com falas e gestos rudes também fizeram com que a recordação do trabalho nas flores não fosse narrada de forma positiva e agradável.

Sua casa é cercada por um espaço bem grande onde cria porcos e galinhas e durante muito tempo plantou milho. Também tem um alqueire de terra que está arrendado para o cultivo de cana – que após a colheita é comercializada para os garapeiros, vendedores de caldo de cana da cidade. Júlia reduziu o tempo que destinava à roça em sua propriedade porque sente muitas dores na coluna. É a única responsável pela realização das atividades domésticas, mesmo que o

---

médico tenha proibido a execução de algumas tarefas de limpeza para não desgastar a coluna.

---

---

## Retrato 4

## Gilson

---

*Assalariado;  
Reside em  
casa alugada  
na área  
rural, fora da  
propriedade  
onde  
trabalha;  
Migrou e  
não pretende  
retornar*

Gilson é um homem negro que reside em Holambra há aproximadamente 12 anos. Nascido no interior de Alagoas, Gilson migrou para a região duas vezes. Na primeira não se adaptou à cidade e retornou para Alagoas depois de um mês trabalhando com flores em Holambra. Na ocasião da entrevista, vivia com a esposa e o filho no bairro Palmeirinha, em Holambra. Sua esposa, paulista, também trabalha com plantas, é encarregada do setor de embalagem em uma estufa.

Em Alagoas trabalhava na terra dos pais e também na terra de terceiros. Ele pondera que o trabalho em Alagoas ocupava apenas seis meses do ano, sendo assim ficava sem fonte de renda durante um semestre. Além disso, considera que o trabalho na região de Holambra é “mais avançado” e desenvolvido (pelo fato de possibilitar o acesso a um salário) que aquele realizado em Alagoas. Gilson tem um filho que mora em Alagoas. A criança passou a viver com a avó (mãe de Gilson) depois que a mãe faleceu em um acidente de carro. Gilson não pensa em trazer a criança para viver com ele em Holambra, mantém contato com o filho por meio de ligações telefônicas.

Gilson chegou a Holambra por intermédio do tio, que já tinha vindo para a região para trabalhar com flores. Os irmãos de Gilson também trabalham com flores, vivem em uma mesma residência no interior de uma colônia. Ele já viveu em colônia, mas atualmente vive em uma casa alugada fora da propriedade, pois prefere pagar um aluguel de uma casa relativamente distante da estufa onde trabalha e ter garantida sua liberdade, uma vez que as pessoas que residem em

---

---

casas na colônia não ficam à vontade para receber visitas e precisam estar disponíveis para atender alguma ocorrência na estufa e são as primeiras a serem chamadas quando há prolongamento de jornada de trabalho.

Desde que chegou a Holambra já trabalhou com rosa, kalanchoe e orquídea, em diferentes setores, mas se ocupou principalmente do transporte das plantas e condução do trator que realiza o preparo da terra. Sempre preferiu os trabalhos com carteira registrada porque é uma possibilidade de desfrutar de direitos trabalhistas depois que é dispensado da atividade, ao contrário da situação encontrada no trabalho na diária. Para Gilson, todas as atividades nas flores causam sofrimento aos trabalhadores, seja porque o ambiente é corrido, ou mesmo porque existe um controle muito acentuado que retira a possibilidade de executar o trabalho de forma mais livre.

### Trechos da narrativa

Temas abordados: relacionamento familiar e locais de moradia

Gilson – Aí em Holambra eu morei com meu irmão. Aí amiguei com a mãe dele [filho de Gilson], aí namorei seis meses e amiguei com a mãe dele. Nós moramos tudo juntos num quartinho só. Dois cômodos só, eu e a mãe dele, aí ela engravidou, pedi a casa para o patrão, mas não deu certo...

Juliana – Você morou quanto tempo com seu irmão antes de encontrar sua esposa?

Gilson – Quase um ano, bem dizer uns seis meses, namorei com ela uns dois meses, só. Aí a gente amigou, na casa morava eu, meu irmão e ela. É chato dormir num quarto só, né? É igual aqui, um quarto e a cozinha. O banheiro era para fora.

**Retrato 5**

**Neusa**

*Assalariada  
Reside em  
colônia  
Migrou e não  
pretende  
retornar*

Neusa é uma mulher branca que vive em uma das colônias da Fazenda Filomena, em Mogi Mirim. Nasceu no interior de Minas Gerais e migrou para a região de Holambra, acompanhada dos pais, quando era adolescente. Não tem vontade de retornar para o local onde nasceu por considerar a situação de trabalho e estudos bastante precária. Em seu relato, Neusa afirma que no interior de Minas Gerais tinham acesso escasso à água e que o meio de transporte utilizado para levar as crianças à escola era um caminhão. Percebe o trabalho nas flores como algo positivo em relação à realidade vivida no interior de Minas Gerais, mas afirma que são poucas as possibilidades de ascender na hierarquia do trabalho com flores. Para ela, o salário não corresponde ao grau de dificuldade e cansaço gerados pela atividade. Não deseja que os filhos trabalhem com flores – afirma que “trabalhar todo dia com flor é chato”, e espera que eles encontrem um trabalho mais satisfatório e possam estudar.

Ela e o marido, Jairo, trabalham para o mesmo proprietário, mas Neusa já trabalhou para outro patrão na Fazenda Filomena, quando morava com os pais. Com 35 anos, já lidou com *lysianthus*, rosa e crisântemo – todas elas realizadas na Fazenda Filomena, onde Neusa sempre morou desde que veio para o Estado de São Paulo. Ela e o esposo têm dois filhos – no período pós-parto eles deixaram a criança com a mãe dela, e depois colocaram em uma escola de educação infantil.

Com uma perspectiva crítica sobre a atividade, Neusa aponta, por exemplo, os riscos para a saúde por trabalhar na colheita de flores e ter alguém muito próximo aplicando veneno nas plantas. Em sua narrativa também estão presentes queixas em relação às posições desconfortáveis que geram dores e problemas na coluna das trabalhadoras e dos trabalhadores.

Ela gosta muito de morar em uma colônia em virtude da possibilidade de proporcionar aos filhos um ambiente tranquilo para

viver – principalmente quando comparada com a insegurança sentida por moradores das áreas urbanas. Além disso, acredita que financeiramente não compensa sair da colônia para pagar um aluguel na cidade porque o custo da locação é muito elevado e a diferença salarial não é tão acentuada para compensar os gastos. Neusa está bastante satisfeita com a qualidade da casa oferecida pelo patrão na colônia.

Neusa e o esposo dividem as tarefas domésticas e as responsabilidades com os filhos – se revezam para ir às reuniões escolares e acompanhar as crianças em consultas médicas. Os dois gostam muito de plantas – eles têm várias plantas verdes em vasos que ficam no quintal da casa. Ambos descrevem a relação que estabeleceram com a planta de maneira bastante afetuosa: ficam encantados com sua beleza e falam com carinho da ligação estabelecida com algumas plantas que ajudaram a criar na estufa e depois puderam levar para casa – evidenciando, portanto, uma relação para além da mercantilização das plantas.

### Trechos da narrativa

**Temas abordados:** impactos das regras da empresa na dinâmica familiar, trabalho infantil, visões sobre o trabalho nas estufas de flores.

Neusa – Igual eu, várias vezes eu precisei ir para hospital com minha filha, e eles [empresa de flores onde trabalha] não pagam o atestado. Eles nunca pagaram atestado. Eu fiquei seis dias, oito dias com ela no hospital. Foi bom para justificar, mas eles não pagam. Nunca pagaram nenhum atestado meu...

Jairo – De acompanhante, não.

Neusa – Aí, o que acontece? Fica ruim nessa parte. Porque você não está lá porque você quer. [...] Até 12 anos eles pagam atestado de acompanhante para seu filho, meio período. Se eu trago meio período eles pagam, mais de meio período eles não pagam. Se eu pego um dia de atestado de acompanhante eles não pagam mais.

[...]

Neusa – É umas leis que são muito... sei lá. Então está cada dia mais difícil. Está cada dia mais difícil, então a gente tem que saber manusear as coisas. Agora eu divido com eles, às vezes quando eu tenho que ir no médico, igual segunda-feira, que teve médico para os dois, sorte que foi no mesmo horário, no mesmo lugar. E eu vou. Mas



quando tem médicos de uns e médico do outro, aí eu divido com ele [esposo]. Porque eu não posso jogar tudo para ele também. Aí eu divido. Eu vou no do um [filho] e ele vai no do outro [filho]. Para não sobrecarregar muito para mim porque se tiver que faltar...

Jairo – Aqui em casa é tudo dividido. A parte das crianças, a reunião da escola, reunião de creche, ir em médico, então a gente divide o...

Neusa – Acho que mesmo assim a gente sai no prejuízo ainda, eu acho, viu... como eu estava falando para ele essa semana. Mesmo assim a gente ainda sai no prejuízo porque a gente trabalha o mês inteiro certo, procura não faltar, aí quando você chega no final do mês você desanima do pagamento [pausa].

[...]

Neusa – No meu tempo... nossa, eu chorava para ir para a escola e meu pai falava: “Não, hoje você tem que trabalhar! [em tom rude]”. “No dia de hoje tem que trabalhar, não tem essa de ir para a escola, não”. Aí eu ia trabalhar chorando, tinha que trabalhar porque tinha que cuidar dos irmãos pequenos. Eu tinha que ajudar ele a trabalhar. Plantar, os pouquinhos que dava na terra seca, para ver se colhia alguma coisa. Aí depois a gente veio para cá e graças a Deus meus irmãos tiveram a oportunidade de conseguir os estudos deles, ainda bem que valorizaram o estudo. Os meus irmãos mais novos valorizaram os estudos deles.

\*\*\*

Neusa – Eu nunca vou ver a vida do meu filho igual a minha, porque eu tenho pouco estudo e fui trabalhar com flor. Igual todo dia ter que trabalhar em estufa é chato. Agora, se ele tem um sonho a realizar, quer realizar o sonho dele a gente vai dar força, a gente vai mudar isso porque a gente pode.

---

**Retrato 6****Cecília**

*Diarista*  
*Reside em*  
*casa*  
*alugada, fora*  
*da*  
*propriedade*  
*onde*  
*trabalhou*  
*Migrou e*  
*pretende*  
*retornar*

Cecília é uma mulher negra de 30 anos que nasceu no interior de Alagoas, onde vivia com os pais e trabalhava colhendo feijão e milho. Ela e os irmãos iam para a roça acompanhar o pai e aos finais de semana também trabalhavam vigiando o gado que o pai criava em uma fazenda para o abate. A mãe de Cecília se ocupava de tratar a carne que seria vendida. Não tinha uma relação saudável com o pai, porque este forçava os filhos e as filhas a trabalharem (o primeiro trabalho de Cecília foi com sete anos) e tomava o dinheiro recebido deles e delas. De acordo com Cecília, seu casamento aos 13 anos de idade ocorreu também como forma de escapar dos mandos do pai.

Em 2011, Cecília se mudou para Holambra, com perspectivas de que ela e o marido trabalhassem com flores porque a cunhada já estava na cidade e dizia que a região era “boa para emprego”. Quando chegou ao Estado de São Paulo não gostou muito do que encontrou, mas disse que era melhor do que ficar em Alagoas, onde era difícil sobreviver.

Trabalhou como diarista em uma estufa no mesmo bairro onde vive atualmente. Não gostou do trabalho porque transpirava muito e não conseguia respirar bem em razão da temperatura elevada no interior da estufa. Além disso, se queixou do controle exercido pelo patrão, que ficava bem próximo das trabalhadoras e dos trabalhadores durante a execução das atividades na estufa. Em sua trajetória laboral também estão presentes atividades de faxineira em uma escola infantil e monitora de transporte escolar. O trabalho como diarista se deu de duas formas: trabalhava de segunda a sábado em uma estufa pequena sem vínculos empregatícios – o proprietário da estufa não tinha alvará de funcionamento; e depois trabalhou em algumas ocasiões na diária aos finais de semana, em períodos de pico, quando já estava trabalhando como monitora de transporte escolar.

Dentre as atividades realizadas no cultivo de violeta, já repicou muda, plantou e embalou as plantas. Para trabalhar na estufa, Cecília

não precisou “preencher ficha” ou entregar currículo, como muitas pessoas que residem nas áreas urbanas fazem. Ela estava em sua casa e o proprietário da estufa foi até lá perguntar se ela queria trabalhar na diária. A dinâmica de viver perto da estufa também lhe possibilitava voltar para a casa no horário de almoço. O patrão não gastava com transporte porque ela ia a pé.

O marido de Cecília também já trabalhou na diária com rosas e atualmente trabalha com gramas. Em uma das firmas ele teve problemas com intoxicação na aplicação do veneno porque não recebeu treinamento adequado para realizar a atividade. O antigo patrão do esposo de Cecília tinha uma casa disponível para uma família de trabalhadores, mas se recusou a passar para a família de Cecília alegando que o casal tinha muitos filhos e poderia atrapalhar a dinâmica da vizinhança.

Cecília realiza sozinha as atividades domésticas e de cuidado com as crianças. E se queixa da falta de opção de atividades de lazer na cidade.

### **Trechos da narrativa**

**Temas abordados:** casamento e divisão da tarefa doméstica

Juliana – Como você conheceu seu primeiro marido?

Cecília – Conheci ele em Alagoas. Ele morava perto de onde a minha mãe mora. Só que eu não conheci ele muito tempo, sabe? Porque meu pai gostava de maltratar. Aí todo dinheiro que eu trabalhava, que eu ganhava meu pai tomava. Tomava meu Bolsa Família, tomava tudo. Dizia que era porque eu estava morando lá, dizia que era comida que eu estava comendo. Aí eu nem comia. Vivia lá e só chorava. Aí assim que eu vi ele eu fui morar junto com ele. Na minha casa não tinha nada, meu marido vendeu tudo, sumiu, não ajudava em nada. Aí fiquei com três filhos sozinha. Uma menina minha faleceu, adoeceu e não pude levar no médico, deu uma febre nela, deu convulsão, ela morreu. [...]

Juliana – E como você conheceu seu atual marido?

Cecília – Ah, eu conhecia a mãe dele. A gente morava em Alagoas, eu morava lá perto. O irmão dele que apresentou, só que ele não bebia muita pinga como ele bebe agora. Agora todo dia ele bebe, todo dia ele chega tarde do serviço, fica bebendo com o patrão. Aí eu chego do serviço, eu deixo comida pronta na geladeira, esquento quando ele

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

chega. Aí ele come e vai dormir. Quando é umas oito, nove horas, ele entra, toma banho, come e vai dormir. Eu acho que ele tem outra, não está nem aí para a mulher, ele não vem me procurar. Eu que não vou chegar junto. Ele é o homem.

### Retrato 7

### Solange e Henrique

*Mão de obra familiar  
Moradores e proprietários da terra onde cultivam flores  
Migraram e não pretendem retornar*

Casal de pequenos proprietários de terras da Associação dos Agricultores Familiares de Holambra (AAFHOL). O casal migrou do interior de Minas Gerais para a área urbana do município de Holambra, onde Henrique trabalhou durante muito tempo como pedreiro. Tinham o sonho de viver na área rural – para trabalhar com agricultura e criação de animais e também para que Henrique escapasse do contato com o cimento, que lhe prejudicava em razão de problemas respiratórios. O primeiro passo para concretizar o desejo foi a mudança para um sítio, onde a família pagava aluguel da casa e do terreno utilizado para construir uma estufa onde plantavam rosas.

Depois de um tempo, os dois conseguiram reunir recursos para comprar um terreno na AAFHOL – entraram para substituir uma família que já estava no lote. No princípio, quando compraram o lote, Dona Solange e o filho mais velho – que não vive mais com eles, trabalhavam na estufa e o marido continuou trabalhando na cidade como pedreiro para conseguir dinheiro para investir na construção de uma estufa e na produção de flores que seria iniciada. Receberam bastante apoio dos vizinhos que já residiam na AAFHOL e produziam flores. Henrique e Solange construíram também a casa onde vivem atualmente. Logo compraram vacas leiteiras, que eram criadas para a retirada de leite para o consumo familiar. No lote há também pés de frutas usadas para o consumo próprio.

Henrique deixou de trabalhar como pedreiro e ficou exclusivamente no cultivo de flores na estufa em sua propriedade.

Dona Solange, depois de um tempo não conseguia mais trabalhar na estufa e se dedicou mais à realização das atividades domésticas. Já produziram mini rosas, tomate-cereja e ixora no interior da estufa - que não é feita com um material muito reforçado. Em uma das visitas, inclusive, pudemos visualizar que parte da cobertura havia sido carregada pela força do vento. A família deixou de produzir mini rosas porque a concorrência com os grandes produtores era muito acentuada e tinham dificuldade em comercializar as plantas por um custo rentável, por isso decidiu iniciar o plantio de tomate-cereja. Quando plantavam tomate, Sr. Henrique trabalhava em parceria com a filha e mais uma pessoa que mora em um sítio vizinho. Sua filha, Silvana, contribuía na comercialização: ela recebia por *email* o valor da pesagem dos tomates que o pai passava para o intermediário e fazia o controle da quantidade de produto vendido.

Depois de alguns anos no cultivo de tomate-cereja, eles passaram para a produção de ixora, que é uma planta bastante resistente – desenvolve-se bem tanto na chuva como no sol. Decidiram mudar de planta porque os intermediários pagavam muito pouco para os produtores e comercializam com um preço elevado. Henrique passou a tocar a produção praticamente sozinho porque a esposa sente muitas dores nas costas e a filha iniciou um curso de Graduação, se ocupando mais das atividades na Universidade. Contudo, mesmo com o cansaço gerado pelo esforço no trabalho na estufa, Henrique demonstra estar bastante entusiasmado com a possibilidade de viver na terra onde trabalha. Ele relata que quando ficava estressado com o trabalho no sítio, nos momentos em que as coisas pareciam não estar se encaminhando, gostava de parar para ouvir os pássaros cantando.

---

\*\*\*

O objetivo desta seção foi construir uma delimitação espacial do universo empírico da pesquisa, destacando a importância da região de Holambra no cenário nacional de produção mercantilizada de flores e plantas ornamentais. Buscamos também

## 2. Apresentação do universo empírico e sujeitos da pesquisa

apresentar um primeiro delineamento dos sujeitos sociais que atuam no cultivo de flores, lançando mão de duas vertentes: os dados estatísticos oficiais referentes à ocupação de trabalhadores agrícolas no cultivo de flores; e os retratos sociais que são representativos das pessoas entrevistadas e que evidenciam a heterogeneidade de experiências de vida no contexto de produção de flores.

Na próxima seção apresentamos as bases teóricas que ancoraram as reflexões desta tese.

### 3. Bases teóricas

---

#### 3.1 – Apresentação

A partir da década de 1970, o processo de reestruturação do capital tem assumido um caráter global. Seu desenvolvimento é marcado principalmente pelo aumento da precarização do trabalho e a conseqüente produção de trabalhadores sobrantes e descartáveis. Outra característica preponderante do processo de reestruturação do capital é o movimento pendular que vai de trabalhos mais qualificados realizados por um contingente mínimo de trabalhadores para “modalidades de trabalho cada vez mais instáveis para um universo crescente de trabalhadores” (ANTUNES, 2013, p. 21).

Araújo e Oliveira (2006) anunciaram que a reestruturação produtiva atinge de forma diferente homens e mulheres pelo fato de não ter rompido com a divisão sexual do trabalho presente em formas anteriores de organização do trabalho produtivo. De acordo com as autoras, os estudos sobre o trabalho moderno

mostram que a inserção nos diferentes postos de trabalho e as condições de trabalho são desiguais para os dois sexos. As mulheres, na sua grande maioria, estão nas empresas subcontratadas e são, em geral, submetidas aos trabalhos mais intensificados e aos postos taylorizados, que exigem delas qualidades vistas como naturalmente femininas, como, por exemplo: cuidado, atenção, higiene e habilidades manuais (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2006, p. 171).

Compreendemos que as contribuições de estudos da Sociologia do Trabalho são de extrema relevância para se pensar no contexto global de produção de mercadorias. Entretanto, compartilhamos com Olaizola (2009) o entendimento de que existem diferenças nos modos de produção da indústria e aqueles ligados à agricultura. Portanto, não se trata de transpor ideias e regras vigentes na indústria para a agricultura, como se existisse um paralelismo automático entre os setores, mas antes de tudo é necessário contextualizar os esquemas teóricos e as análises sem apagar as particularidades locais e as peculiaridades de cada sistema agrícola. Diante dessa compreensão, apresentaremos reflexões e argumentos do debate nacional e internacional sobre a agricultura intensiva globalizada e o assalariamento rural. Conforme apresentado anteriormente, a produção acadêmica sobre o processo de produção das flores recebeu pouca atenção de estudos sociológicos. Por conta dessa evidência, buscaremos fazer um diálogo com as pesquisas desenvolvidas no México (BECERIL, 1995; FLORES, 1995; 2001; 2010) e Equador (VALLE, 2013) na área da Sociologia; e com um estudo sobre a produção de flores (ROLDÁN, 1994) na Espanha. Diante da escassez de interlocutores



### 3. Bases teóricas

na temática aqui abordada, recorreremos aos estudos sobre o assalariamento rural e a agricultura intensiva globalizada. Tais estudos abordam o contexto social de produção de frutas e hortaliças (principalmente no debate internacional) e da agroindústria canavieira (debate nacional). A aproximação com o debate referente à produção de frutas e hortaliças se dá, também, em razão de serem (assim como as flores) produtos cultivados em estufas – em sua maioria –, com elevado grau de perecibilidade. O diálogo com os estudos sobre a agroindústria canavieira, por sua vez, nos permite tratar das particularidades do assalariamento rural no Brasil, destacando elementos como os movimentos migratórios internos, a precarização do trabalho rural e a divisão sexual do trabalho no campo.

#### **3.2 Agricultura intensiva globalizada e assalariamento rural**

Pesquisadores de diferentes países têm estudado o tema da agricultura intensiva globalizada para analisar o contexto de produção de frutas e hortaliças. De acordo com Cánovas (2012b), a globalização da agricultura não supõe uma homogeneização das condições laborais, entretanto, implica em uma convergência global de determinadas pautas de trabalho, dentre as quais estão a condição imigrante do trabalhador e a feminização do trabalho.

O novo regime agrícola globalizado, que se iniciou nos anos de 1980, foi antecedido por outros dois períodos: o primeiro deles (1850 a 1950) caracterizado pela agricultura extensiva e o segundo (que compreende o período de 1950 a 1970) marcado pela industrialização da agricultura, com a progressiva substituição do trabalho manual por instrumentos mecanizados (OLAIZOLA, 2009). O rendimento insuficiente da agricultura tradicional fez com que muitos camponeses deixassem suas terras para, em seguida, transformarem-se em trabalhadores temporários em grandes produções. Desse modo, compreendemos que as transformações geradas pelo novo regime agrícola globalizado têm consequências em diferentes esferas: no sistema produtivo e na estrutura do mercado de trabalho, mas também na relação que os trabalhadores e as trabalhadoras estabelecem com o território, nos movimentos migratórios e nas formas de organização da vida social. Nas próximas linhas, abordaremos aspectos pertinentes a cada uma dessas esferas.

De modo geral, é possível dizer que a produção de frutas e hortaliças é marcada pela grande concentração de capital e forte reestruturação produtiva. No México, as empresas hortofrutícolas e de flores são as únicas empresas agrícolas com capacidade

### 3. Bases teóricas

para se inserir no mercado internacional. Sua força está, entre outros fatores, no intenso uso de novas tecnologias (GRAMMONT, 1999). As grandes empresas transnacionais com sede no território mexicano aplicam os seguintes princípios básicos de tendência tecnológica na agricultura: economia de energia natural (principalmente a água) e de trabalho, diminuição de agroquímicos, uso da biotecnologia para obter sementes resistentes, maturação homogênea do produto e frutos de longa vida útil<sup>44</sup>. Nessa cadeia estão presentes também empresas de pequeno porte voltadas, principalmente, para o setor de embalagem das frutas – muitas realizam suas atividades em instalações improvisadas (SUÁREZ, 1995).

As alterações no processo de produção são também consequência de um aumento no padrão de exigência dos supermercados e empresas certificadoras das frutas que serão comercializadas. Demandas específicas implicam diretamente em alterações nos processos de plantio, colheita (tamanhos de frutas variadas de acordo com o mercado consumidor), transporte e exposição dos produtos (CAVALCANTI, 2012).

No Brasil, a região do Vale do Rio São Francisco se destaca pela produção de uvas e mangas e pela exportação dessas frutas para os Estados Unidos e a Europa. No que diz respeito ao cultivo de uvas, especificamente, a exigência de um padrão elevado de exportação trouxe como consequência a produção de sacolas específicas para embalar as uvas e a ampliação do conhecimento em informática<sup>45</sup> para rastrear as mercadorias. A autora anuncia ainda a existência de um verdadeiro paradoxo das certificações das frutas (CAVALCANTI, 2012): de um lado, as empresas certificadoras controlam os espaços físicos e a limpeza dos barracões e galpões de embalagem das frutas, mas deixam os trabalhadores submetidos a práticas abusivas sobre seus corpos, na medida em que as jornadas de trabalho são bastante exaustivas. O controle exercido pelas empresas certificadoras causa impacto em diferentes etapas do processo de produção e comercialização das frutas:

produtores são controlados pela inspeção do tipo de mercadorias que oferecem; trabalhadores são controlados pelo tipo de trabalho que realizam; produtores e exportadores, pelas regulações que definem a qualidade do produto, as quais consideram cor e formato (peso,

---

<sup>44</sup> Os princípios tecnológicos se concretizam na aplicação de três preceitos: lavoura zero, plasticultura e fertirrigação (GRAMMONT, 1999, p. 15).

<sup>45</sup> A imposição de um aumento no conhecimento ligado à informática trouxe ainda conflitos entre as diferentes formas de conhecimento, na medida em que o conhecimento prático, trazido pela experiência dos trabalhadores que lidam com as frutas, foi sendo abandonado gradativamente, dando lugar ao conhecimento especializado voltado para as tecnologias (CAVALCANTI, 2012).

### 3. Bases teóricas

tamanho) das frutas e as condições gerais do processo de produção. Nesse contexto, o valor agregado aos produtos (polimento das frutas, tipos de embalagem, rótulos, são valores que ultrapassam a produção como tradicionalmente considerada) foge ao controle direto de alguns atores sociais e os deixam vulneráveis frente aos demais (CAVALCANTI, 1997, p. 84).

Em muitos cultivos de frutas no contexto internacional, o aumento na demanda não vem acompanhado de um acréscimo no salário dos trabalhadores e das trabalhadoras (NIETO, 2012). Além disso, para cumprir as exigências dos compradores e supermercados, as empresas adotam novas formas de gerenciar o local de trabalho – como consequência, os trabalhadores e as trabalhadoras têm que lidar com jornadas mais flexíveis, safras mais pesadas e intensas (PREIBISCH, 2011).

Em estudo realizado na temática da produção de frutas em Marrocos, Nieto (2012) demonstra a elevação no nível de exigência de qualidade das frutas por parte dos consumidores europeus. A produção de morangos neste país constitui um exemplo da agricultura inserida nas cadeias globais de produção – tais cadeias são marcadas pela divisão internacional do trabalho que situa as fases de produção no Sul, enquanto a investigação, o desenvolvimento e boa parte do consumo estão no Norte, sendo essas últimas etapas as que concentram os maiores benefícios gerados pelo setor (NIETO, 2012).

Na temática da agricultura intensiva globalizada, existe uma linha argumentativa que apresenta a tese do processo de taylorização do campo (CÁNOVAS, 2012b), na medida em que a agricultura está cada vez mais especializada e integrada a outros sistemas produtivos. A tese se insere nas novas leituras propostas pelos sociólogos do trabalho em seu entendimento sobre o taylorismo. As novas leituras apontam a descontinuidade introduzida pelo taylorismo, pois o que se buscava era a mobilização de uma mão de obra proveniente do universo camponês para se converter em trabalhadores industriais. Cánovas (2012b), em estudo sobre a produção de frutas no Sul da Espanha, mostra que o novo trabalhador agrícola não precisa de uma socialização prévia na cultura do campo ou no universo camponês, na medida em que a taylorização do processo de produção de frutas e hortaliças possibilitou uma divisão do trabalho como se fosse uma verdadeira “fábrica vegetal”.

Olaizola (2009) também analisou o contexto de produção de frutas no Sul da Espanha, especificamente a produção intensiva de morangos por trabalhadoras imigrantes. Diferentemente das constatações de Cánovas (2012b), Olaizola (2009) mostra

### 3. Bases teóricas

que a experiência com trabalho rural é valorizada pelos empregadores no momento de selecionar as trabalhadoras. Elas são contratadas por meio de um convênio estabelecido entre os empregadores (com atuação parcial do governo espanhol) e os países de origem (Romênia, Polônia, Marrocos e Senegal) que realiza a contratação nestes países para encaminhar as trabalhadoras para as fazendas produtoras de morango no Sul da Espanha. Tal sistema é visto como vantajoso para os empregadores na medida em que possibilita planejar com antecedência a safra, diminuindo o risco de o trabalhador abandonar a colheita no meio do percurso. Entretanto, organizações sociais e sindicatos mostram que esse sistema de contratação deixa as trabalhadoras e os trabalhadores sem liberdade, uma vez que, findadas as safras, são obrigadas e obrigados a retornar para os países de origem.

O sistema de contratação de origem no Sul da Espanha demanda um perfil específico de trabalhadora: nem muito gorda, nem muito magra, de preferência vinda da zona rural, de média idade e com filhos. Além disso, a trabalhadora não pode ser muito baixa para poder saltar os canteiros onde os morangos são plantados. A presença de vínculos familiares é valorizada pelos empregadores, pois é uma forma de garantir que as mulheres vão retornar a seus países no final da safra (OLAIZOLA, 2009). De acordo com os empresários da produção de morangos, as mulheres imigrantes são contratadas porque apresentam maior flexibilidade, agilidade e delicadeza – características consideradas ideais para colher o morango, que é uma fruta delicada e perecível.

No que diz respeito às condições de trabalho, Olaizola (2009) destaca que o morango é uma das frutas que requer a posição mais desconfortável para a colheita, pois exige uma postura curvada com as costas flexionadas, sem nunca estar apoiada no chão – as trabalhadoras têm que ficar em uma posição que facilite o deslocamento com certa facilidade e rapidez ao longo do canteiro e empregar as duas mãos para recolher a fruta. (OLAIZOLA, 2009). A autora faz a seguinte crítica em relação à idealização das trabalhadoras como pessoas delicadas e habilidosas:

Sob a idealização que se produz no plano das representações simbólicas do trabalho realizado pelas mulheres e do produto, encontramos, entretanto, um trabalho duro (sob a perspectiva do esforço físico e das condições laborais), que exige uma postura incômoda durante toda a jornada, que provoca enfermidades laborais (tais como a lombalgia, desvio de coluna, dor muscular, alergias e irritações cutâneas); e, unido a isso, um produto delicado, mas com muitas duvidosas garantias de qualidade (OLAIZOLA, 2009, p. 386, *tradução minha*).

### 3. Bases teóricas

A discrepância entre a simbologia do produto e as condições de trabalho em atividades agrícolas também foi apresentada por Silva, Bueno e Verçoza (2013) em análise sobre as condições de trabalho na agroindústria canavieira no Brasil. As autoras e o autor demonstram, entre outros fatores, que a imagem desenvolvida pelo setor sucroalcooleiro, de que o etanol se constitui como um combustível sustentável do ponto de vista ambiental, econômico e social, está bastante distante do contexto de intensificação e superexploração do trabalho no corte manual da cana-de-açúcar (SILVA, 1999, 2004, 2012; ALVES, 2007; VERÇOZA, 2011). O pagamento por produção, somado às diferentes formas de controle do trabalho, faz com que a atividade seja bastante extenuante. Além disso, os movimentos repetitivos e intensos de golpes com os facões têm como consequência acidentes graves – cortes nos membros superiores e inferiores com facões, fortes dores musculares e câibras<sup>46</sup>, que imobilizam os trabalhadores.

No interior paulista, a precarização do trabalho rural não está presente somente nos canaviais, é também uma característica marcante na colheita da laranja. Embora as condições de trabalho nos laranjais tenham melhorado, a atividade se realiza, muitas vezes, sem vínculos formais entre trabalhadores e empregadores. Além disso, há riscos de acidentes durante a execução da atividade (MACIEL, 2013). Dentre os riscos é possível destacar: “as quedas de escadas, alergias, picadas por animais peçonhentos e dores causadas pelos movimentos repetitivos e pelo peso da sacola que é apoiada no ombro durante a colheita do fruto” (MACIEL, 2013, p. 86).

O emprego maciço de trabalhadores temporários se apresenta também como uma tônica na agricultura intensiva globalizada. A fruticultura na Argentina, por exemplo, emprega aproximadamente  $\frac{3}{4}$  de trabalhadores temporários nos períodos de pico de produção. Os trabalhadores permanentes (boa parte deles são antigos migrantes sazonais chilenos que permaneceram no local) costumam ser contratados pelos pequenos produtores de frutas e hortaliças. Os médios e os grandes produtores priorizam a contratação de trabalhadores temporários, que migraram recentemente para a região produtora (BENDINI et al., 2012). Bendini et al. (2012) também destacam a formação de um assalariado rural com pluriatividade de base agrária, caracterizado por uma situação na qual os trabalhadores e as trabalhadoras se empregam em dois ou mais ciclos

---

<sup>46</sup> As câibras que acometem os trabalhadores recebem diferentes denominações, de acordo com a região do Brasil. No Estado de São Paulo é conhecida como birôla (SILVA et al, 2006) e câibra de nó (SILVA, VERÇOZA, BUENO, 2013); em Alagoas, os trabalhadores denominam a câibra nos canaviais como “canguru” (VERÇOZA, 2011).

### 3. Bases teóricas

produtivos ao longo do ano. Os autores mostram ainda a existência de um assalariado com pluriatividade multissetorial, ou seja, pessoas que combinam tarefas urbanas de caráter temporário nos setores de serviços e indústria com o trabalho agrícola sazonal (BENDINI et al., 2012).

No Brasil, a descontinuidade nas trajetórias laborais também é tema de reflexão. Para Guimarães & Georges (2009), ao se depararem com o contexto de desemprego oculto caracterizado pelo trabalho precário em diferentes setores da economia, os trabalhadores estão sempre em busca de novas atividades, situação que configura a formação de trajetórias laborais fragmentadas. Bueno (2011), por sua vez, apresentou em seu estudo trajetórias laborais femininas que tinham pontos de convergência, dentre os quais é possível destacar: o início de vida passado no campo e a posterior migração para bairros urbanos, a transitoriedade de tarefas realizadas entre os espaços “rurais” e “urbanos” (cortadoras de cana, colhedoras de laranja, empregadas domésticas, operárias de abatedouro de frangos e cozinheiras), e o aspecto precário de cada uma dessas atividades.

Bendini et al. (2012) atentam para o fato de que os trabalhadores sazonais agropecuários estão sub-representados no Censo. Cavalcanti (2012) também faz uma ressalva mostrando que os números oficiais subestimam a quantidade de trabalhadores empregados na produção de uvas e mangas no Vale do Rio São Francisco, já que muitos são temporários. Na região de Araraquara/SP e São Carlos/SP, muitos migrantes trabalham sem contrato formal na colheita da goiaba e o número de pessoas empregadas ao longo do ano varia muito, tornando quase impossível a estimativa da quantidade de pessoas empregadas nessa atividade (MACIEL, 2013).

No Sul da Espanha também há um predomínio de trabalhadores eventuais na produção de frutas e hortaliças (PÉREZ, 2012). Na produção de morangos, em especial, aproximadamente 80% do total de pessoas empregadas nessa atividade são trabalhadores temporários. O restante é constituído por uma turma de trabalhadores semipermanentes que trabalham na fazenda por um período de nove a onze meses e se encarregam do preparo da terra e do plantio. Essa turma é composta por pessoas de confiança dos patrões, principalmente homens. A turma dos temporários, majoritariamente feminina, é empregada no período de colheita do morango, que acontece no primeiro semestre do ano. Os contratos curtos não só tornam o trabalho instável, mas enfraquecem as tentativas de organização sindical (OLAIZOLA, 2009).

### 3. Bases teóricas

Bendini et al. (2012), ao analisarem a transitoriedade laboral na agricultura argentina, mostram que a descentralização geográfica das fazendas onde são produzidas as frutas e hortaliças também contribuiu para a sazonalidade do trabalho e o deslocamento dos trabalhadores por diferentes regiões do país. Esse cenário possibilita a formação do assalariamento rural com pluriatividade de base agrária, ou seja, os trabalhadores passam por dois ou mais ciclos produtivos ao longo do ano. A pluriatividade ocorre não somente pelo fato de trabalharem em diferentes cultivos agrícolas durante o ano, mas por transitarem entre atividades urbanas e rurais. Diferentes locais de destino dos trabalhadores migrantes fazem com que esse trabalhador seja denominado como “*trabajador migrante estacional permanente*” (BENDINI et al, 2012). No que diz respeito à realidade brasileira, Silva (2004) utilizou a denominação “migração permanentemente temporária” para caracterizar a condição dos trabalhadores do corte manual de cana-de-açúcar que se deslocam a cada safra para o interior de São Paulo (tais deslocamentos eram maiores quando a mecanização no Estado de São Paulo ainda não era tão intensa) – e retornam para sua região de origem ao final do período de colheita.

O processo de mecanização na agricultura contribuiu para a condição de transitoriedade dos trabalhadores e das trabalhadoras. Isso pode ser observado no intenso uso de máquinas colheitadeiras de cana – que afastou as pessoas empregadas no corte manual de cana. Silva, Bueno e Melo (2014) mostram que o avanço do processo de mecanização no corte de cana tem eliminado postos de trabalho que eram ocupados principalmente por trabalhadores migrantes, que representavam o maior percentual no conjunto de trabalhadores empregados pelas usinas (SILVA, 1999). Diante desse cenário, os trabalhadores migrantes “estão sendo descartados paulatinamente e substituídos pelas máquinas, enquanto uma pequena parte é destinada a outras tarefas subsidiárias das máquinas, sob o manto da contratação direta e formal. Os descartados tomaram a rota de seus locais de origem” (SILVA, BUENO, MELO, 2014, p. 89).

No interior paulista, em municípios da região de São Carlos e Araraquara, estão presentes muitos migrantes vindos do Paraná, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Piauí para trabalharem em granjas e abatedouro de frangos (BUENO, 2011) e também na colheita da goiaba e laranja (MACIEL, 2013). A safra da laranja está entre os cultivos que mais utilizam o trabalho sem vínculo formal. Sobre a escassez de vínculos formais e a transitoriedade do trabalho, Maciel (2013) aponta que

### 3. Bases teóricas

durante cerca de cinco meses, esses trabalhadores realizam ‘bicos’ na cidade, geralmente aqueles relacionados à construção civil, no caso dos homens, e ao trabalho doméstico, como as diaristas, no caso das mulheres, ou ainda atuam em outras culturas como da goiaba, do café e do eucalipto. Esses trabalhos permitem a manutenção do núcleo familiar na entressafra (p. 97).

No contexto de produção de frutas na Espanha, Olaizola (2009) mostra que a transitoriedade de tarefas que marca a trajetória de trabalhadoras apresenta nuances diferentes segundo o critério de nacionalidade. As imigrantes vindas do leste europeu costumam ter o Ensino Médio completo ou graduação, e a trajetória laboral constituída pelo emprego nos seguintes ramos produtivos e de serviços: supermercado, oficinas de costura, fábricas, abatedouros; algumas trabalharam como engenheiras, professoras, psicólogas, publicitárias e também no setor administrativo e empresarial. As imigrantes marroquinas, por sua vez, apresentam um nível de escolarização menor do que as imigrantes do leste europeu. Sua trajetória laboral é constituída pela realização de atividades no cultivo do morango em Marrocos, trabalho doméstico e setor de limpeza (OLAIZOLA, 2009).

Ainda no contexto de produção de frutas na agricultura intensiva globalizada, Pérez (2012) mostra que a porta de entrada para boa parte dos trabalhadores que migram para o Sul da Espanha é a agricultura e o serviço doméstico. A autora ressalta a existência de uma “estrutura laboral etnofragmentada” (PÉREZ, 2012, p. 10), na medida em que se criam setores de atividades e trabalho “próprios” de imigrantes. A fragmentação também se faz presente na organização produtiva e hierárquica das empresas. Cánovas (2012a) mostra que existem dinâmicas sociais que perpetuam essa fragmentação entre os grupos de imigrantes trabalhadores. Nos momentos de contratação, por exemplo, os empregadores preferem os bolivianos e os equatorianos aos marroquinos porque esses são vistos como causadores de conflitos e improdutivos. Sobre os bolivianos e os equatorianos recai a imagem da disciplina e empenho na execução do trabalho. Há, portanto, um “novo racismo laboral” que se expressa quando condutas e características culturais são ligadas diretamente a um grupo humano e destinadas a qualquer pessoa desse grupo (CÁNOVAS, 2012a).

Sobre a situação de trabalhadores migrantes na produção de frutas no Vale do Rio São Francisco, Cavalcanti (2012) destaca em sua análise a (in)visibilidade dos trabalhadores migrantes. Estes são invisíveis no que diz respeito à garantia de direitos e



### 3. Bases teóricas

visíveis quando se trata de culpabilizá-los pelos inconvenientes causados na sociedade contemporânea (CAVALCANTI, 2012).

É importante ressaltar que as políticas migratórias e o Estado têm papel fundamental na legitimação do racismo contemporâneo (OLAIZOLA, 2012).

A segregação étnica se tornou o modelo dominante de inserção sociolaboral. Ela oferece a oportunidade de visualizar os fatores (sociais, econômicos e culturais) que incidem nas formas de violência, racismo e xenofobia vividas hoje em dia nos campos agrícolas, e não nos deixa esquecer o papel fundamental que as políticas migratórias e o Estado desempenham no exercício e legitimação do racismo contemporâneo (OLAIZOLA, 2012, p. 46, *tradução de JDB*).

No Canadá, o Estado também tem participação relevante na regulamentação do mercado por meio de políticas migratórias. Empresários canadenses, de diferentes setores agroindustriais (produção de frutas, flores e hortaliças), buscam trabalhadores pouco qualificados de toda parte do mundo. Desde 2007 o Canadá começou a receber imigrantes provenientes de mais de 70 países – até então predominava o trabalho de mexicanos e jamaicanos. Os empregadores, para pressionar e aumentar a produtividade do trabalho, perpetuam a ideia de que determinados grupos produzem mais que outros, estabelecendo, assim, um ambiente de competitividade entre os diferentes grupos de imigrantes. Além disso, a diversidade de origem dos imigrantes fragmenta os trabalhadores, enfraquecendo o poder de luta e reivindicações por melhores condições de trabalho (PREIBISCH, 2011).

O estudo de Benencia (2012) mostra que enclaves étnicos, com a presença majoritária de um grupo em um determinado território permitem, por outro lado, o fortalecimento do poder de luta dos trabalhadores imigrantes. O autor analisou os enclaves étnicos em diferentes territórios hortícolas na Argentina. Ele mostra que espanhóis, italianos e portugueses levaram para a Argentina (no início e meados do século XX) a tradição campesina de produção de subsistência na horticultura. No começo do século XXI, os bolivianos se estabeleceram na Argentina para trabalhar nas propriedades com horticultura e passaram a monopolizar a produção nesse setor. Alguns deles se tornaram meeiros, arrendatários e depois proprietários. Benencia (2012) denomina esse processo como “*escalera boliviana*” (p. 167). Dentre os que se tornaram proprietários, muitos empregam bolivianos imigrantes em suas terras.

### 3. Bases teóricas

O objetivo desse grupo de famílias bolivianas em áreas hortícolas da Argentina é alcançar determinados fins, para os quais utilizam os laços ou vínculos “fortes” (membros de sua família – relações de parentesco – relações de confiança) ou “débeis” (trabalhadores sem parentesco “a baixo custo”; funcionários municipais; técnicos locais”) para se constituir em um grupo produtivo e comercializar, com suficiente massa crítica para se converter em um coletivo com poder de decisão para impor suas próprias regras em uma área específica da produção: regras que se referem à quantidade, qualidade, preço e forma de distribuição das mercadorias que produzem, que lhes permitem ser competitivos entre os grupos de produtores locais (BENENCIA, 2012, p. 174, *tradução de JDB*).

Partindo das considerações de Benencia (2012) é possível compreender que as redes de contato com amigos e familiares da região de origem possibilitam uma mobilidade social para alguns membros do grupo de bolivianos. Entretanto, o autor faz uma ressalva importante na análise dos enclaves étnicos ao mostrar que os imigrantes ficam restritos aos próprios grupos, ou seja, os proprietários contratam imigrantes e os submetem a condições de exploração, com baixos salários. Desse modo, uma situação de evidente opressão pode ser velada e aparecer como “proteção e ajuda aos imigrantes”.

Os estudos desenvolvidos por Silva (1999; 2012) também demonstram aspectos que ultrapassam a esfera econômica para analisar os movimentos migratórios realizados por trabalhadores da agroindústria canavieira. Um dos elementos citados pela autora é a *apropriação do afeto* (SILVA, 2012) como consequência do isolamento em que vivem os trabalhadores, muitos dos quais deixam suas famílias na região de origem para residir em alojamentos da usina ou em casas alugadas pelas empresas. Os trabalhadores são vistos apenas a partir da força física que dispõem e são impedidos de desfrutar de desejos, prazeres e sentimentos (SILVA, MENEZES, RIBEIRO, 2013).

Soma-se à apropriação do afeto uma situação de sociabilidade fragmentada e cisão familiar gerada pelo sistema de trabalho que impera em muitas usinas no interior paulista, conhecido como “cinco por um”: cinco dias consecutivos trabalhados e um de folga durante os meses de duração da safra da cana. Isso significa que os dias de descanso não são os mesmos para todos, pois depende do dia de folga de cada turma. Percebe-se, então, que a dominação é estendida para o espaço reprodutivo, pois a frequência a festas, igrejas, casa de amigos e parentes é dificultada em razão das folgas alternadas (SILVA, BUENO, VERÇOZA, 2013). A organização política também fica comprometida, pois os trabalhadores se reúnem poucas vezes fora do ambiente de trabalho.

Olaizola (2009), do mesmo modo, apresenta aspectos que vão além do universo de trabalho e da esfera econômica para analisar o movimento migratório. A

### 3. Bases teóricas

autora ressalta a importância de um enfoque feminista na análise, que não implica em contemplar isoladamente “a realidade das mulheres imigrantes, e sim apostar em um enfoque relacional e contextualizado capaz de contemplar a situação específica e diferencial em que se encontram homens e mulheres ao longo do processo migratório” (OLAIZOLA, 2009, p. 184, *tradução de JDB*). Esse enfoque permite verificar, por exemplo, a dinâmica das moradias nas fazendas onde vivem as mulheres imigrantes e os elementos que intervêm na segregação sexual e étnica da convivência desses grupos com os moradores locais; as medidas de controle estabelecidas a partir do modelo residencial<sup>47</sup> que limita o acesso a determinados espaços sociais (bancos, clubes de lazer, praças públicas). O enfoque feminista permite visualizar, ainda, que para muitas mulheres a migração para a colheita de frutas na Espanha é uma forma de garantir o pagamento do estudo dos filhos. Desse modo, elas obtêm certa autonomia e escapam de mecanismos de controle aos quais estavam submetidas em seus países de origem (OLAIZOLA, 2009). A autora traz uma importante ponderação na análise sobre os estudos migratórios, argumentando que “o direito de toda pessoa a emigrar em condições de vida e trabalho dignas deve estar acompanhado do direito a não emigrar, o direito a poder viver em sua terra com dignidade” (OLAIZOLA, 2009, p. 651, *tradução de JDB*).

#### 3.3 A cultura das flores na análise sociológica e antropológica

Conforme apresentado na Introdução da tese, as pesquisas e os estudos na área de Ciências Sociais no Brasil – até o momento, não se debruçaram sobre a temática da produção de flores. Desse modo, recorreremos à literatura internacional que traz uma análise sociológica e antropológica sobre a produção de flores em diferentes países, além de uma reflexão sobre a cultura e a simbologia dessas plantas. Apresentamos nesta subseção um delineamento desses estudos, que forneceram um referencial para a análise que buscamos desenvolver no texto.

##### 3.3.1. A cultura e a simbologia das flores na análise antropológica

O antropólogo Jack Goody apresentou em sua obra *The culture of flowers* (1993) uma extensa análise sobre a cultura e a simbologia das flores em diferentes períodos históricos e países. Buscando fugir de uma visão etnocêntrica, Goody expõe em

---

<sup>47</sup> Modelo residencial caracterizado por alojamentos no interior de fazendas produtoras de morango.

### 3. Bases teóricas

sua análise elementos que valorizam as contribuições de diversos povos e regiões para a cultura das flores ao redor do mundo.

Para isso, o autor traz para a análise aspectos religiosos, literários, botânicos, estéticos que marcaram a difusão da cultura das flores, mostrando inclusive que o cultivo das plantas foi influenciado por processos de colonização, uma vez que certas práticas eram levadas de um continente a outro.

No âmbito religioso, por exemplo, Goody destaca que a prática de cultivar as flores e utilizá-las para montar buquês ora era permitida, ora condenada por líderes religiosos do cristianismo. A proibição estava embasada no argumento de que os fiéis deveriam recusar a ostentação dos ricos que tinha como uma de suas expressões o cultivo de flores. Em um livro muito lido na Renascença, Clemente de Alexandria condena comportamentos luxuosos de todos os tipos, tais como: o uso de perfume pelas mulheres, o corte de cabelo pelos homens, e a comida e a bebida em excesso. Ele condena também o uso de coroas e a colheita de flores. De acordo com o teólogo, as flores deveriam ser apreciadas com os olhos e como forma de adorar a Deus, e não fazendo delas um instrumento de adoração. Ele aceitava o uso de flores para fins medicinais de forma moderada e sensata (GOODY, 1993, p. 87).

O ressurgimento da cultura das flores na Europa se deu por uma mediação mediterrânea, principalmente a partir da ocupação islâmica na Espanha (que foi de 711 a 1492). Depois desse período, muitos elementos da cultura islâmica foram mantidos ali, especialmente as formas dos jardins mouros. Além disso, houveram muitas influências da Turquia, Índia e China no ressurgimento da cultura das flores na Europa. Juntamente com as civilizações do Sul e Oeste asiáticos, a Pérsia tinha uma das mais desenvolvidas culturas de flores. No antigo território persa, o cultivo de rosas era bastante difundido. As pétalas eram usadas para fazer uma água de rosa que era respingada nas pessoas e as flores constituíam um ingrediente aromatizante para sorvetes e doces<sup>48</sup> (GOODY, 1993, p. 103).

Goody (1993) também apresenta um recorte de classe na análise sobre a cultura das flores. O autor mostra que o crescimento no uso de flores esteve voltado, primeiramente, para o prazer de ricos que podiam arcar com os enormes preços dos serviços prestados por jardineiros. Gradativamente, o mercado possibilitou às classes médias urbanas cultivarem jardins de flores e a partir daí essa prática também se espalhou

---

<sup>48</sup> Na Expoflora, em Holambra, o sorvete de rosas é comercializado em grande quantidade para os turistas que visitam a festa.

### 3. Bases teóricas

para o meio rural. A flor que predominava nesses jardins era a rosa. Em toda Europa central não havia um jardim – ainda que simples – sem roseira. O aumento da demanda por flores gerou o crescimento no número de profissionais de jardinagem e cuidado com viveiros de plantas. Cresceu também o número de publicações relacionadas ao cultivo das flores, inclusive com livros luxuosos contendo ilustrações de flores.

Além das diferenças de classe que permeavam as práticas de cultivo de flores, havia também uma diferença entre o cultivo praticado nas áreas urbanas e rurais: o uso de peitoris e de flores de corte, por exemplo, se apresentava como um fenômeno urbano, enquanto nas áreas rurais a preferência se dava pelo crescimento de plantas nos jardins, e não no interior das casas. O desenvolvimento das flores de corte surgiu principalmente em razão da escassez de espaço disponível para a cultura das flores. A evolução ocorreu quase ao mesmo tempo entre comerciantes e burgueses da Europa Ocidental e cidades japonesas, como Kyoto (GOODY, 1993, p. 188).

A ampliação da cultura das flores no interior das casas revelava o enorme cuidado e atenção com as plantas, e um interesse estético que levou a uma contínua introdução de novas espécies. A proliferação de novas variedades foi acelerada pela intervenção humana, por meio de um processo de manipulação que teve seu ápice expressado na notável história do *boom* das tulipas na Holanda.

Em 1578, chegaram à Holanda as primeiras variedades de tulipa provenientes da região da antiga Pérsia. A partir de então as variedades começaram a ser manipuladas, o que deu origem a uma indústria de bulbos de tulipas. As tulipas eram cobiçadas e tornaram-se um símbolo de poder e riqueza. Um só bulbo de tulipa chegou a ter o preço equivalente ao valor de uma casa. A cada ano surgiam novas cores e variedades dessas plantas e as pessoas começaram a apostar grande quantidade de dinheiro nas cores dos novos bulbos. A especulação ocorreu não só na imprevisibilidade das cores, mas também na dos preços. Os compradores se reuniam e especulavam sobre o preço de mercadorias ainda não disponíveis, tendo como alvo os mercados futuros. Ao fim de 1634 muitos compradores amadores foram atraídos pela chance de grandes lucros. No ano seguinte, os preços das flores subiram rapidamente. Em fevereiro de 1637 a bolha estourou; os preços caíram drasticamente e os compradores e vendedores tiveram notórias perdas. O incidente se tornou uma síntese das operações financeiras capitalistas e da perversidade do mercado desregulado – embora os floristas, as autoridades locais e eventualmente o Estado tenham intervindo. A desaprovação era ainda mais forte porque as *commodities* eram vistas como parte do comércio de luxo. Apesar dos contratemplos, a

### 3. Bases teóricas

produção de bulbos e das flores de modo geral continuou crescendo (GOODY, 1993, p. 189).

Concomitante ao crescimento na produção de bulbos e flores houve o aumento do mercado de flores e plantas exóticas, e da demanda por flores de corte. Nas artes decorativas, uma alteração importante foi a democratização da flor, que se concretizou com o desenvolvimento dos algodões e papeis de parede impressos – ambos invenções do Oriente baseadas em protótipos pintados. As influências do Oriente na Europa mostraram-se por meio da arquitetura, pintura e literatura. Foi mais tarde, com as artes domésticas que essas influências começaram a dominar, especialmente na esfera do algodão da Índia e a porcelana da China. Na primeira parte do século XX praticamente todas as casas da Europa Ocidental tinham cortinas floridas, papeis de parede floridos, lençóis floridos e vestidos floridos das mulheres no verão. Como o capitalismo mercantil deu lugar ao capitalismo industrial, o mercado se expandiu e o que era considerado um artigo de luxo foi se tornando um item de consumo de massa.

A gama de flores naturais cresceu enormemente e flores de jardins se tornaram mais populares – o crescimento foi impulsionado pelo advento de flores luxuosas exóticas que chegaram à Europa após o período de colonização. Muitos cultivos, incluindo as flores, foram levados da América para a Europa no século XVII.

Em território europeu, após o período da colonização, a Holanda foi o país que teve o mercado de flores mais desenvolvido, isso se deu em razão da riqueza do solo aluvial e das diversas conexões com o mar. Tais vantagens resultaram em um vívido comércio não apenas de flores de corte, mas de bulbos de vários tipos. A importância desse país no cenário internacional se verifica até os dias de hoje, e ela se expressa também na existência dos leilões computadorizados<sup>49</sup> de Aalsmeer e Westland, que despacham flores para a Europa e outras regiões mais distantes (GOODY, 1993, p. 228).

Para além das formas de cultivo e comercialização das flores, Goody (1993) também lançou um olhar sobre a simbologia das flores nas práticas cotidianas e na literatura. O autor mostra, por exemplo, que para muitas pessoas, na Europa, falar de “cultura das flores” era falar de “Linguagem das Flores”. Em diferentes países deste continente, em meados do século XIX, foi difundido um livro que trazia a simbologia com o significado de mais de cem variedades de flores – uma palavra para cada flor. As flores poderiam indicar, por exemplo, o horário de encontros amorosos. Os significados

---

<sup>49</sup> Modelo esse que foi importado para o Brasil no Veiling, em Holambra.

### 3. Bases teóricas

poderiam mudar também de acordo com a maneira como a flor era entregue: na posição vertical, com espinhos, com folhagem.

Gradativamente, foram incluídas nas listas de significados outras versões de escritores, alguns com um cunho mais científico, outros mais práticos, ligados à horticultura, ou ainda à moralidade e interpretações cristãs. As interpretações dos principais livros tinham origem na fé islâmica praticada principalmente na Turquia. Tanto escritores antigos como os contemporâneos dos dicionários das flores acreditam que a linguagem das flores revela aspectos de padrões tradicionais de comportamento. Goody (1993) afirma que trata-se de uma tradição, e como toda tradição, é inventada. Além disso, para este autor, o significado das flores era uma forma de revelar, por meio da natureza, a moralidade vigente na época. Ainda hoje é possível encontrar os dicionários com a *Linguagem das Flores* na França e Inglaterra, como uma lembrança de uma vida agradável da burguesia urbana vitoriana e edwardiana da Inglaterra. Esses livros são conhecidos como “livros de etiqueta” (GOODY, 1993, p. 248).

No que diz respeito à simbologia do uso de flores em diferentes eventos e ocasiões da vida cotidiana, Goody (1993) também aponta a variação das práticas em diferentes países. A mesma variedade pode ser oferecida como presente ou como oferta para as pessoas mortas. O crisântemo, por exemplo, teve seu *status* radicalmente modificado: de uma flor que representava a fertilidade e a longevidade na China passou a ter um significado ligado à morte nas áreas católicas da Europa.

As flores também têm sua representação em correntes políticas e ideológicas. As flores rosas e brancas tinham uma associação com os partidos socialistas. O cravo vermelho, por sua vez, se tornou o símbolo da Revolução socialista de abril de 1974 em Portugal. Nesta ocasião, os cravos eram colocados nos canos das espingardas, simbolizando uma luta moral contra o poder das armas. A oferta de uma flor se opunha ao sacrifício de sangue. O poder da flor contra o poder de fogo, e o amor contra a guerra e a autoridade. Mas, mesmo a provisão de flores para essas ocasiões “revolucionárias” teve um aspecto comercial. Goody (1993) mostra que as flores dadas aos soldados no muro de Berlim foram fornecidas por uma companhia holandesa que enviou uma frota de vans acompanhada por floristas. Com essa atitude, os comerciantes holandeses celebravam a ocasião como forma de ganhar publicidade para seus produtos.

### 3. Bases teóricas

#### 3.3.2. A produção de flores na América Latina e Espanha

Nesta seção apresentamos as reflexões acerca da produção de flores em países como Colômbia, Equador, México e Espanha que nos auxiliam na compreensão da cadeia de produção de flores como um todo, assim como das particularidades de cada país.

Flores (1995) apresenta um debate sobre a alteração na produção e no processamento dos cultivos de exportação não tradicionais, como flores, frutas e hortaliças. A alteração ocorreu, em grande medida, em razão de existirem vantagens competitivas no setor agroexportador latino-americano, dentre as quais é possível destacar o clima favorável ao crescimento das plantas, os recursos naturais e a mão de obra barata e flexível. Nos países desenvolvidos economicamente e que apresentam desvantagens climáticas, a reconversão produtiva faz uso da biotecnologia e da biogenética para adaptar as variedades de flores ao clima local.

Beceril (1995), por sua vez, elaborou uma dissertação de Mestrado em Antropologia Social sobre o cultivo de flores no México e propôs na análise que as trabalhadoras fossem vistas como sujeitos sociais capazes de introduzir no espaço de trabalho e nas relações familiares uma representação a partir de suas trajetórias, seus ciclos de vida e sua história pessoal e laboral (p. 182). A autora também analisou a estrutura da organização produtiva, ressaltando uma diferença entre pequenas e grandes empresas produtoras de flores no México: as pequenas empresas apresentam baixos níveis de produção (mais voltada para o mercado local e nacional), usam pouca tecnologia e empregam poucos trabalhadores e trabalhadoras; as empresas grandes contam com tecnologia e orientação técnica por parte dos produtores de bulbos na Holanda e França – dispõem de capital nacional e internacional e empregam mais de mil trabalhadores cada uma delas. Nas grandes empresas, aproximadamente 70% das pessoas empregadas são mulheres e não há muito espaço para a polivalência – em boa parte dos casos as trabalhadoras são empregadas para a realização de uma atividade específica. Para além dos números, Beceril (1995) mostra que as emoções estão presentes no processo de produção e consumo das flores, na medida em que as plantas, enquanto ornamentos vivos, trazem diferentes significados associados ao colorido e à beleza. Na perspectiva dos produtores, obter uma planta de qualidade significa ser competitivo no mercado interno e externo; para as trabalhadoras, a atividade representa a capacidade de criação de vida,



### 3. Bases teóricas

ao mesmo tempo em que estão submetidas a um trabalho exaustivo no plantio e colheita de flores.

Relevantes são as contribuições de Valle (2013) acerca do contexto de produção de flores em Cotopaxi, no Equador. Neste país, a mão de obra empregada nas empresas capitalistas de flores é constituída, em sua maioria, por trabalhadores locais – poucos trabalhadores migram de outras regiões do país<sup>50</sup> para o cultivo de flores. Valle (2013) argumenta que o avanço da cultura das flores da região de Cotopaxi não se deu somente com a expulsão dos camponeses de suas terras, mas também com a alteração na orientação produtiva nas fazendas. O autor reforça esse argumento para mostrar que a proletarização parcial também é importante para o capitalismo, na medida em que a manutenção de áreas rurais – ainda que em pequenas propriedades – é uma possibilidade de dar continuidade à produção capitalista no campo.

Em seu estudo, Valle (2013) traça o perfil dos trabalhadores e das trabalhadoras no cultivo de flores no Equador: boa parte é constituída por jovens, com idade que vai dos 20 aos 30 anos, com nível de escolaridade não muito elevado (somente cerca de 47% com educação primária e aproximadamente 46% com educação secundária). Ao contrário do que acontece em outros sistemas agroindustriais, na produção de flores na região de Cotopaxi existe pouca diferença entre o trabalho feito por homens e mulheres. Os empregadores dão mais importância para a juventude dos trabalhadores e das trabalhadoras, pois seria uma “garantia” de que podem apresentar elevada produtividade.

Apesar de haver um predomínio de trabalhadores permanentes no cultivo de flores (95% das pessoas entrevistadas para a realização da pesquisa estavam há mais de seis meses no cultivo de flores), existe uma rotação laboral interempresarial – muitas pessoas trocam de empresas florícolas em razão dos baixos salários, das jornadas prolongadas e da pouca estabilidade laboral oferecida pelas empresas de produção de flores (VALLE, 2013). Entre os trabalhadores que transitam de atividades, muitos afirmam que preferem trabalhar no cultivo de brócolis, pois esta atividade é considerada mais leve, com jornadas de trabalho que não são tão longas como as do cultivo de flores – além disso, os trabalhadores e as trabalhadoras consideram que a atividade no cultivo de brócolis é mais parecida com a do trabalho camponês.

---

<sup>50</sup> Os trabalhadores migrantes são contratados para realizar atividades nos períodos de pico, com contratos temporários.

### 3. Bases teóricas

Nas pesquisas desenvolvidas por Castañeda (2006), Cabrera (2012) e Jaramillo (2007) acerca do contexto de produção de flores na Colômbia, Equador e Costa Rica encontramos mais elementos para nossa reflexão. Entre os eixos destacados pelas autoras e pelo autor estão as condições de trabalho, os problemas de saúde advindos de jornadas extenuantes, as (im)possibilidades de participação sindical e o contexto global de produção dessas plantas, citando, por exemplo, o caso de grandes empresas de capital estadunidense que atuam na Colômbia, Equador e Costa Rica, tais como a Floramérica e Dole. Esta foi fundada em 1851 com produção em larga escala de abacaxi e atualmente é líder mundial na produção de frutas frescas, vegetais e flores de corte. A empresa tem grandes áreas produtoras de bananas na Costa Rica e no Equador e mantém práticas abusivas de controle do trabalho, despedindo os trabalhadores e as trabalhadoras que se sindicalizam. No Equador a situação é ainda pior porque existe trabalho infantil, abuso sexual, longas jornadas de trabalho e baixo nível salarial (CASTAÑEDA, 2006). Na Colômbia, a transnacional Dole é responsável por 20% da exportação de flores. A empresa possui uma infraestrutura gigantesca, contando com grandes galpões nos Estados Unidos e transporte aéreo próprio (JARAMILLO, 2007).

Atrás apenas da Holanda, a Colômbia se configura como um importante país exportador de flores. A maior parte do cultivo de flores neste país está localizada na região de Sabana de Bogotá (85%) e Rio-Negro Antioquía (12%). As vantagens dessas regiões estão relacionadas ao clima favorável para o cultivo de flores e a existência de infraestrutura (JARAMILLO, 2007). Com custos sociais elevados, como explicitaremos adiante, a Colômbia obtém essa colocação de destaque no cenário internacional também pelo fato de que as empresas recebem diferentes tipos de isenção tributária e só se responsabilizam por pagar o imposto predial (JARAMILLO, 2007). Além disso, tem privilégio por não pagar uma das tarifas alfandegárias para exportar flores para os Estados Unidos. Tal isenção se deve à Lei de Promoção Comercial Andina e Erradicação de Drogas, que beneficia países como a Bolívia, a Colômbia, o Equador e o Peru. A presença de capitais transnacionais vai dificultando a sobrevivência de pequenas empresas, que não conseguem competir com os grandes investidores (JARAMILLO, 2007).

É válido destacar que aproximadamente 98% da produção de flores na Colômbia é destinada para a exportação, sendo os Estados Unidos o principal mercado consumidor dessa produção (JARAMILLO, 2007; CASTAÑEDA, 2006). Nesse sentido,

### 3. Bases teóricas

podemos pensar que parte considerável da produção de flores e drogas ilícitas na Colômbia se dá para a satisfação do prazer de estadunidenses<sup>51</sup>.

No que diz respeito aos elevados custos sociais do cultivo de flores em países como Colômbia e Chile, são inúmeras as irregularidades (CASTAÑEDA, 2006; CABRERA, 2012; CARRASCO, VEJA, 2006), dentre as quais é possível citar:

- a) A violação do direito ao trabalho digno: os contratos são temporários, não maiores que quatro meses; subcontratação por meio de cooperativas de trabalho associado, situação na qual as trabalhadoras costumam perder os direitos sociais; e pagamento por produção. É preciso destacar que o salário por produção realizado nos períodos de pico cria uma situação em que os trabalhadores intensificam a jornada para receber uma quantidade alta em um curto período de tempo, ignorando os sinais de cansaço físico e mental, aumentando os riscos de sofrer algum acidente ou adquirir alguma doença ocupacional. Alguns trabalhadores precisam atingir uma quantidade mínima de fileiras para receber o bônus no salário. Entretanto, só conseguem atingir essa meta de produção mínima nas fileiras fazendo hora extra.
- b) Uso indiscriminado de banco de horas: os trabalhadores e as trabalhadoras fazem hora extra e depois quando precisam se ausentar as empresas negam a “devolução” da hora trabalhada.
- c) A violação do direito à saúde: riscos por entrar na estufa depois que aplicam veneno. Além disso, as trabalhadoras temporárias não são incluídas no sistema de proteção à saúde da empresa;
- d) Discriminação à mulher grávida e atentado aos direitos sexuais e reprodutivos das trabalhadoras: a maioria das empresas não aceitam mulheres grávidas no período de contratação. Algumas trabalhadoras relataram que tiveram que apresentar o certificado de ligadura das trompas para serem contratadas;
- e) Empresas que mudam o nome para se livrar do pagamento das dívidas com os trabalhadores e as trabalhadoras;

---

<sup>51</sup> A exploração dos corpos no cultivo de flores e no tráfico de drogas na Colômbia é retratada de maneira brilhante no filme *Maria Cheia de Graça* (2004), dirigido por Joshua Marston. A protagonista do filme, uma jovem de 17 anos, após deixar o emprego na colheita de rosas busca uma nova forma de remuneração e escolhe trabalhar como “mula”, transportando da Colômbia para os Estados Unidos cápsulas de heroína dentro do estômago. (A reflexão sobre o prazer de estadunidenses no ato do consumo de flores e drogas produzidas pela Colômbia foi feita pela professora Maria Inês Mancuso, na ocasião do exame de qualificação desta tese de doutorado).

### 3. Bases teóricas

#### f) Violação do direito de associação sindical<sup>52</sup>.

Apesar de todas as irregularidades trabalhistas e as violações ao direito de associação sindical, muitas empresas de cultivo de flores na Colômbia conseguem um certificado internacional que prevê o cumprimento dos principais acordos da Organização Internacional do Trabalho (CASTAÑEDA, 2006). Segundo Castañeda (2006), a contradição na certificação é resultado de um

exercício de marketing e de relações públicas que busca mascarar as violações atroztes que cometem contra os direitos laborais de milhares de pessoas ao redor do mundo e que reforçam impedindo que estas se defendam através do exercício legítimo do direito de associação sindical (CASTAÑEDA, 2006, p. 11, *tradução minha*).

No Brasil também existe uma contradição entre os selos de certificação e as práticas trabalhistas no contexto da produção sucroalcooleira. Em razão de inúmeras denúncias e do aumento da preocupação internacional com as condições de trabalho no setor, no ano de 2009, o Governo Federal, em negociação com a União Nacional das Indústrias Canavieiras (UNICA) e as entidades de trabalhadores rurais do corte manual de cana-de-açúcar, lançou o Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar (RODRIGUES, 2012). Depois de assumir o compromisso, as empresas receberam visitas para que fosse certificado o cumprimento das boas práticas uma vez acordadas. Em junho de 2012 a presidenta Dilma Rousseff, em cerimônia realizada no Palácio do Planalto, entregou para 169 usinas o selo de “Empresa Compromissada”, atestando que receberam a visita e cumpriram as boas práticas, dentre as quais estão: fornecimento de transporte seguro e grátis aos trabalhadores e às trabalhadoras, contratação direta, eliminando a figura do atravessador, e a garantia de local adequado para a alimentação e fornecimento de recipiente térmico para conservar a temperatura da refeição (AGÊNCIA BRASIL, 2012). Entretanto, aproximadamente 60 usinas que receberam o referido selo possuem processos trabalhistas em razão de más condições de trabalho nos canaviais. Dentre elas, estão várias usinas do interior de São Paulo.

Existe na Colômbia uma forte pressão para que os trabalhadores e as trabalhadoras do setor do cultivo de flores não se sindicalizem. Algumas empresas

---

<sup>52</sup> A Colômbia é considerada o país mais perigoso do mundo para ser sindicalista (AMARGO FLORECER, 2007).

### 3. Bases teóricas

oferecem férias extras e subsídios alimentares para as pessoas que não estão sindicalizadas (AMARGO FLORECER, 2007). Grupos de trabalhadores e trabalhadoras, diante de situações de greves, decidiram formar uma associação, para não ter que se apresentar para a negociação com os empresários sob o nome de “sindicato”, pois essa palavra gera repulsa e já é motivo para que sejam demitidos (CABRERA, 2012).

Em outros países de produção intensiva de flores, como o Quênia, os postos de trabalho também são extremamente inseguros. Em algumas fazendas produtoras deste país as empresas oferecem aos trabalhadores somente contratos temporários que podem ou não ser prorrogados no ano seguinte. Isso impede, por exemplo, que os trabalhadores e as trabalhadoras se filiem a algum sindicato ou que desfrutem de direitos como a licença-maternidade (AMARGO FLORECER, 2007).

Apesar da pressão internacional pela melhoria das condições sociais no processo de cultivo de flores – uma vez que boa parte da produção de países como a Colômbia é exportada, as condições de trabalho não melhoraram muito. A renda é insuficiente para que os trabalhadores e as trabalhadoras tenham acesso a bens alimentares, serviço de saúde, lazer, habitação e educação. Para aumentar a renda, muitas trabalhadoras realizam hora extra, fazem dívidas ou procuram atividades extras como serviços domésticos. Somam-se a esse cenário uma configuração de trabalho com alta rotatividade em razão dos períodos de pico de produtividade, subcontratação e uso de cooperativas de trabalho associado para reduzir os custos trabalhistas (JARAMILLO, 2007).

No que diz respeito aos impactos socioambientais do cultivo de flores na Colômbia, é possível citar o alto consumo de água para o cultivo em detrimento da disposição de água para consumo humano; e a contaminação das fontes de água subterrâneas em razão do uso elevado de agrotóxico (JARAMILLO, 2007). A diminuição do volume de água do aquífero da região da produção de flores na Colômbia fez, inclusive, com que os produtores importassem água de outras regiões (AMARGO FLORECER, 2007).

Com pesquisas na interface entre as Ciências Sociais e a área da Saúde, Varona (1998), Torres (2013), Carrasco e Veja (2006) enfatizaram os aspectos relacionados à saúde dos trabalhadores e das trabalhadoras no contexto de produção intensiva de flores na Colômbia e Chile. Varona (1998), em pesquisa realizada pelo grupo de Saúde do Ambiente, do Instituto Nacional de Saúde da Colômbia, descreveu os efeitos agudos e crônicos em trabalhadoras que realizaram tarefas em setores expostos a

### 3. Bases teóricas

praguicidas, dentre os quais é possível citar: dano pulmonar, lesões hepáticas e renais, lesões irritativas ou cáusticas locais, anormalidades imunológicas e lesões reprodutivas (abortos, má formação congênita e partos prematuros). O estudo mostrou a diferença de grau de exposição aos praguicidas nos setores de cultivo de flores – as pessoas que trabalhavam no cultivo, corte, classificação e embalagem estavam submetidas a um alto grau de exposição, enquanto as que trabalhavam em setores como administração, construção, manutenção, preparo do terreno e matizeiro estavam sob baixa exposição.

Torres (2013), por sua vez, entrevistou trabalhadores e trabalhadoras do cultivo de flores na Colômbia e detectou que a maioria dessas pessoas dizia que tinha alguma doença ou dor relacionada ao trabalho. Dentre as principais doenças ocupacionais encontradas estavam: síndrome do túnel de carpo<sup>53</sup>, problemas respiratórios e alergias pelo contato com praguicidas, asma pelo contato com flores, discopatia lombar, discopatia cervical, doenças ocasionadas por temperaturas altas e baixas, lesões traumáticas por roturas parciais no manguito rotador, restrição da mobilidade nos ombros, tendinite no cotovelo, dermatites, e patologias causadas pelo estresse no trabalho.

Torres (2013) ainda destaca que a doença é definida somente quando está em um estágio avançado, em um quadro irreversível. De modo geral, os órgãos de saúde colombianos evitam definir essas doenças como ocupacionais para reduzir os gastos para os empresários. Do lado dos trabalhadores e das trabalhadoras, eles e elas não exigem atestados médicos quando adoecem por receio de entrar na lista das pessoas dispensadas.

A pesquisa de Carrasco e Veja (2006) mostrou que os fatores de riscos no ambiente de trabalho no cultivo de flores estão relacionados principalmente com a temperatura e a umidade. Os fatores de riscos físicos têm suas principais sequelas na pele e em alguns casos “desencadeiam patologias com complicações sistêmicas. Os efeitos químicos afetam principalmente a pele, o sistema nervoso periférico e central, o sistema respiratório e digestório” (CARRASCO; VEJA, 2006, *tradução minha*, p. 26). Algumas empresas buscam amenizar esses efeitos e interrompem a jornada de trabalho no período de maior incidência dos raios solares, quando a sensação térmica passa dos 40 °C. Isso demonstra que existe uma heterogeneidade de relações e condições de trabalho nas empresas de cultivo de flores – algumas delas estão muito acima do exigido em lei e outras não cumprem sequer os requisitos mínimos da lei trabalhista. Como recomendação

---

<sup>53</sup> Encontrada com frequência maior nas mulheres, em uma relação de nove mulheres para um homem acometido pela doença. Das pessoas que apresentam essa doença na região de Bogotá, 12% são trabalhadores do cultivo de flores (TORRES, 2013).

### 3. Bases teóricas

para melhorar a ergonomia no trabalho, as autoras sugerem que sejam promovidas tarefas que possam ser feitas na posição sentada e diversificadas as atividades para que não fiquem sempre na mesma posição (CARRASCO; VEJA, 2006).

Em pesquisa realizada sobre os trabalhadores e as trabalhadoras de países produtores de flores como Quênia<sup>54</sup> e Colômbia (AMARGO FLORECER, 2007), foi destacado o fato de que as pessoas que trabalham com flores para exportação estão mais expostas a riscos para a saúde porque as plantas transportadas em uma quilometragem elevada recebem mais agrotóxicos para manter as flores bonitas até chegarem às prateleiras dos supermercados. Diante disso, é fundamental que os centros comercializadores, inclusive os supermercados, sejam responsabilizados pelas contradições do sistema, pois há o entendimento de que “os supermercados exercem grande influência sobre os produtores de flores e sobre as condições laborais dos trabalhadores, assim como sobre sua segurança e saúde” (AMARGO FLORECER, 2007, p. 2).

O trabalho e as estratégias econômicas nas explorações em Sanlúcar de Barrameda (Espanha) foram o alvo da pesquisa desenvolvida por Roldán (1994). A autora tinha como objetivo mostrar o processo de transformação vivido nos setores agrários de Sanlúcar e a materialização de novas estratégias econômicas dos agricultores que produzem hortaliças, flores de corte e uvas. A “nova agricultura” se fortalece na região a partir da década de 1990 e se caracteriza pela aceleração extrema dos processos naturais de crescimento das plantas. A técnica possibilitou a estabilização da população agrária (ROLDÁN, 1994), na medida em que emprega mão de obra familiar nas pequenas propriedades, cujas terras até então eram insuficientes para que todos os filhos herdeiros pudessem dar continuidade à produção. Entretanto, os novos cultivos, como o das flores de corte, passam a exigir atividades mais especializadas e intensificadas. Desse modo, toda mão de obra se mostra indispensável – crianças e idosos também trabalham no cultivo das flores, mesmo que seja em atividades que requerem esforço menor.

Os pequenos agricultores recorrem à economia moral para conseguir ajuda nos períodos de pico de colheita, para evitar a contratação de diaristas – o que elevaria demasiadamente as despesas com a produção. Roldán (1994) destaca que os novos

---

<sup>54</sup> O Quênia, junto com países como China, Etiópia, Malásia, Zâmbia e Tanzânia, se apresenta como região adequada para a produção intensiva de flores em razão do custo reduzido com mão de obra (AMARGO FLORECER, 2007).

### 3. Bases teóricas

espaços de trabalho para os agricultores representam uma alteração não somente nos ciclos de trabalho, mas também em um sistema de representações ideológicas ligadas à horticultura tradicional, por meio da qual campo e natureza se unem em um mesmo significado. Mesmo com as transformações nos ciclos de produção, os agricultores familiares entendem como positiva essa produção porque lhes permite desfrutar de certa autonomia, evitando assim que recorram ao assalariamento.

#### **3.4. Bases conceituais para um olhar feminista**

Um dos eixos de análise fundamental para esta tese diz respeito às relações sociais de gênero, com ênfase no trabalho. Argumentaremos aqui, por meio da apresentação de bases teóricas, que nosso ponto de vista e instrumentos de análise partem do entendimento do trabalho em sua totalidade, sem dicotomizar as relações entre os espaços produtivo e reprodutivo. A elaboração deste tópico é também uma tentativa de romper com as análises sobre o trabalho feminino que sustentam a existência de “qualidades femininas” – mesmo que consideradas adquiridas e não inatas – que justificariam o emprego majoritário de mulheres em atividades nos campos e estufas para o cultivo de flores.

Uma das principais referências em nossa elaboração argumentativa é a antropóloga Alicia Reigada Olaizola, que desenvolveu sua tese de doutoramento sobre o trabalho de mulheres no cultivo de morangos no sul da Espanha. O diálogo com Olaizola (2009) foi fundamental por trazer uma análise referente ao assalariamento rural feminino e por revelar em seu estudo uma preocupação com o entrecruzamento das relações sociais de classe, gênero e raça/etnia – que também perpassa nossa temática.

Nas próximas linhas lançaremos as bases argumentativas da análise proposta, organizadas nos seguintes eixos: negação de qualidades inatas femininas e masculinas; afastamento da dicotomia entre espaços produtivos e reprodutivos; e o entrelaçamento das relações sociais de classe, gênero e raça/etnia.

##### 3.4.1 A negação de qualidades inatas femininas e masculinas

Em diferentes discursos e relatos de empregadores, trabalhadores, trabalhadoras e manuais de orientações para o plantio está presente a noção de que mulheres possuem habilidades manuais inatas que lhe facilitariam o trato com as plantas.



### 3. Bases teóricas

Destacamos abaixo um fragmento da narrativa de uma trabalhadora do cultivo de flores para demonstrar esse argumento:

Tacinara – Eu fico olhando, assim, aquelas violetas, tudo bonitinha, verdinha, eu fico admirando. E aí perguntam: “por que ela está assim?” “porque suas mãos são mãos abençoadas” [risos] “porque suas mãos, você fica aí, o que você tocar tudo fica bonito” (Artur Nogueira/SP, maio de 2013).

O excerto mostra que a habilidade manual de Tacinara foi classificada como “bênção”, e não como um conhecimento adquirido ou desenvolvido. Desse modo, o entendimento de que algumas mulheres possuem o “dedo verde” e as “mãos mágicas” desde o nascimento contribuem para a baixa remuneração das atividades, uma vez que existe uma interpretação de que as habilidades não teriam sido desenvolvidas e adquiridas com o tempo, e sim presenteadas pela natureza, e por isso não precisariam ser remuneradas. Adiante veremos como essa construção também faz com que recaia sobre as mulheres o peso da responsabilidade pelos cuidados com a saúde e o bem-estar dos membros da unidade doméstica.

Para dar seguimento à reflexão, lembramo-nos dos escritos de Simone de Beauvoir (1970) que contribuíram para a recusa de que os corpos biológicos levariam a um destino imutável para homens e mulheres. A autora mostra que os corpos e a fisiologia humana são instrumentos de domínio não por conta da natureza em si, mas de uma construção social que estabelece uma hierarquia entre os sexos e relega à mulher o lugar de *Outro*, enquanto o homem teria sempre a posição de tipo humano absoluto e universal. Beauvoir (1970) mostra que a fisiologia por si própria não cria valores e que o corpo da mulher “só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o *Outro*?” (BEAUVOIR, 1970, p. 57). Para buscar respostas a este questionamento, a autora recorre aos pontos de vista da psicanálise e do materialismo histórico, apontando avanços e limites destas correntes.

O progresso da psicanálise em relação à explicação biológica, de acordo com Beauvoir (1970), foi “considerar que nenhum fator intervém na vida psíquica sem ter revestido um sentido humano” (p. 58). Portanto, a natureza não seria suficiente para definir a mulher. É de suma importância que se conheça também a estrutura econômica e social na qual homens e mulheres estão inseridos e inseridas. Nesse sentido, a relevância do materialismo histórico para as reflexões de Beauvoir (1970) se dá pelo fato de

### 3. Bases teóricas

proporcionar o entendimento de que a humanidade é uma realidade histórica e não sofre passivamente a presença da Natureza.

A partir desse entendimento, explicações que determinam que mulheres sejam as únicas responsáveis pelos cuidados das crianças em razão do fato biológico de serem progenitoras perdem sentido, na medida em que os costumes são construídos historicamente.

Joan W. Scott (1990) apresenta outros elementos para o debate ao enfatizar a necessidade de rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária homem/mulher, masculino/feminino, historicizar e desconstruir os termos da diferença sexual. A autora mostra que a história do pensamento feminista é marcada pela recusa à construção hierárquica entre masculino e feminino, buscando reverter ou deslocar seus funcionamentos (p. 13). As feministas, segundo Scott (1990), “não somente começaram a encontrar uma voz teórica própria; elas também encontraram aliados científicos e políticos. É dentro deste espaço que nós devemos articular o gênero como uma categoria de análise” (p. 14).

Dando prosseguimento à proposta, Scott (1990) elabora as bases para a definição de gênero. Primeiramente, o conceitua como um “primeiro modo de dar significado às relações de poder” (p. 14) e como um “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” (p. 14). Para a autora, as relações de gênero podem ser compreendidas por meio do entrelaçamento de quatro elementos: o primeiro deles são os símbolos culturais disponíveis que evocam representações simbólicas (por exemplo, Maria como símbolo da mulher na tradição cristã ocidental); o segundo elemento é constituído por conceitos normativos que evidenciam as interpretações do sentido dos símbolos – estes conceitos estão assentados em doutrinas religiosas, educativas, científicas, legais e políticas, e adquirem a forma de oposições binárias fixas e afirmam de forma categórica o sentido do homem e mulher; o terceiro diz respeito à noção de político com uma referência às instituições e à organização social (pensando numa perspectiva de gênero que inclua o mercado de trabalho e a educação, por exemplo); e o quarto elemento refere-se à construção da identidade de gênero historicamente situada (SCOTT, 1990, p. 15).

No tocante aos símbolos sociais que possuem a força de organizar as relações sociais, podemos retomar a análise feita por Beauvoir (1970) sobre as correspondências entre a mulher, a natureza, a reprodução e a agricultura de um lado, e de outro lado a figura do homem relacionada com o poder de criação. A autora faz menção

### 3. Bases teóricas

ao caso dos índios do Rio Orinoco que confiavam às mulheres o cuidado de semear e plantar, acreditando que as sementes e as raízes plantadas por elas poderiam dar mais frutos pelo fato de que as mulheres sabiam conceber e parir. Do mesmo modo, em algumas sociedades, o trabalho agrícola era confiado à mulher porque os grupos acreditavam que ela era capaz de “atrair a seu seio as larvas ancestrais” e tinha o poder de “fazer jorrar dos campos semeados os frutos e as espigas” (BEAUVOIR, 1970, p. 88). Na Índia existia uma crença de que as plantas floresceriam com maior facilidade depois de receber as súplicas e o toque das mulheres (GOODY, 1993). Em outras sociedades, pelo contrário, a natureza feminina teria o poder de destruição – as mulheres que estivessem no período menstrual não podiam cozinhar ou se aproximar de algumas plantações porque, ao tocar as flores, a “impureza” da menstruação faria murchar as plantas (BEAUVOIR, 1970).

As plantas e o corpo feminino não apresentam somente uma relação de reprodução ou destruição da natureza, mas também são carregados de outras simbologias e metáforas. Uma delas é a expressão “colher a flor”, que para muitos grupos significa tirar a virgindade de uma mulher (BEAUVOIR, 1970, p. 197). As simbologias também estão presentes na literatura, quando os poetas do Ocidente e do Oriente “metamorfoseiam o corpo da mulher em flores, em frutos, em pássaros” (BEAUVOIR, 1970, p. 197).

O antropólogo Jack Goody (1993), em estudo aprofundado sobre a representação e uso das flores ao redor do mundo, nos ensina que a sexualidade é o centro da existência da flor e desempenha um papel importante quando é referida à vida humana. Em muitas sociedades estão presentes comparações entre a flor e a atividade reprodutiva/menstrual das mulheres. Por meio dessa associação, muitos grupos sociais entendem que a “defloração de uma virgem” seria como se estivesse arrancando as pétalas de uma flor, tirando sua essência (GOODY, 1993). O autor remonta ao ano de 240 a.C., citando o Festival Romano da Floralia<sup>55</sup> que consagrava a fertilidade e os ciclos agrários – uma das celebrações do festival era um espetáculo com prostitutas que se despiam a convite dos espectadores. Nestas festividades as flores eram associadas com a ostentação pública da sexualidade (GOODY, 1993). Em Pompeia, durante a Antiguidade, o uso e a venda de flores eram associadas com o sexo e com a venda de sexo. No âmbito religioso, em diferentes países como Israel e Roma, a Virgem Maria era representada por meio da imagem da flor em um jardim fechado ou ainda por meio de uma rosa branca sem

---

<sup>55</sup> Deusa das flores

### 3. Bases teóricas

espinhos (GOODY, 1993). O autor ressalta que as flores não estavam relacionadas somente com as mulheres – no Egito, por exemplo, as flores eram usadas pelas mulheres, que as colocavam nos cabelos e seios, mas também por homens que a utilizavam como adorno e também para extrair o perfume delas (GOODY, 1993).

No que diz respeito ao contexto social de nossa pesquisa – o cultivo de flores na região de Holambra, podemos mencionar os seguintes aspectos que relacionam de modo concreto e simbólico as plantas com as relações sociais de gênero:

- a) No âmbito da produção simbólica de significados no cultivo de flores é possível dizer que a referência da maternidade é utilizada em pelo menos três ocasiões. A primeira delas diz respeito à nomeação de plantas como “plantas-mãe” ou “folha-mãe” – são as folhas utilizadas no matrizeiro para dar origem a outras plantas. A segunda é o uso do termo “berçário” para indicar o local onde são realizados os processos de enraizamento de certos tipos de plantas e é caracterizado por ser um ambiente ainda mais protegido que a estufa. O fluxo de circulação de pessoas em seu interior é restringido para evitar a propagação de fungos e bactérias. Finalmente, podemos citar uma metáfora utilizada por um trabalhador para enfatizar a importância das rosas no contexto geral do cultivo de flores: “A rosa é a mãe de todas as plantas” (Roberto, *Artur Nogueira/SP*, abril de 2013).
- b) Na dimensão da distribuição das atividades no cultivo de flores é possível afirmar que existe uma divisão sexual do trabalho<sup>56</sup>. Os homens são destinados principalmente para atividades de irrigação, aplicação de veneno, transporte dos carrinhos entre as estufas e os barracões, e condução de tratores que fazem o preparo da terra e dos caminhões que transportam as plantas para a comercialização. As mulheres estão empregadas principalmente no plantio, enraizamento, colheita, classificação e embalagem das plantas.
- c) No âmbito da comercialização – com implicações diretas no processo de produção – temos o fato de que as mulheres são as principais presenteadas com flores, isso porque o Dia das Mães é a data comemorativa com a maior produção de plantas, e isso faz com que sejam intensificadas as atividades no cultivo de flores, com prolongamento das jornadas de trabalho e utilização do trabalho de diaristas.

---

<sup>56</sup> Este tema será abordado em maior profundidade no item **4.2 Descrição das atividades nos campos e nas estufas**.

### 3. Bases teóricas

Desse modo, compreendemos que as reflexões propostas por Beauvoir (1970) e Scott (1990) nos fornecem ferramentas necessárias para pensar nos usos, associações e metáforas das flores com os corpos, na medida em que estruturam a percepção e a organização das relações, seja no plano concreto ou simbólico da vida social. Portanto, serão de fundamental relevância para a análise acerca do trabalho no contexto do cultivo de flores na região de Holambra pelo fato de que a construção social de gênero se apresenta como chave explicativa de dinâmicas laborais que se dão nos campos e estufas de flores e que estão intrinsecamente ligados às dinâmicas no ambiente doméstico.

#### 3.4.2. Falsa dicotomia entre espaços produtivos e reprodutivos

Consideramos pertinente trazer ao debate uma reflexão acerca do trabalho não apenas restrito ao ambiente das estufas e campos de flores, pois consideramos que as atividades dentro e fora do ambiente doméstico se entrelaçam na vida dos sujeitos sociais do cultivo de flores. Compartilhamos com Picchio (1994) o entendimento de que o trabalho no âmbito doméstico, muitas vezes, é invisibilizado em termos analíticos e sociais que levam, conseqüentemente, à ocultação da experiência das pessoas que o realizam.

Desse modo, partimos do entendimento de que o trabalho, qualquer que seja sua forma, é reivindicado como uma experiência estruturadora de vida (BERTAUX-WIAME et al., 1988, p. 74). Como um ponto de partida fundamental, o trabalho revela a complexidade do social marcado por relações de classe, gênero e raça/etnia. Isso fica evidente, por exemplo, quando pensamos nas idas e vindas das mulheres no mercado de trabalho em razão de interrupções para se dedicar ao cuidado com as crianças e membros da família que adoecem.

Além das interrupções, em diferentes tempos e espaços, é possível citar aspectos semelhantes que marcam o trabalho feminino: a quantidade significativa de mulheres em idade laboral que não têm trabalho remunerado; o grande volume de trabalho doméstico realizado por elas; e concentração de mulheres nos setores mais pobres da população trabalhadora (PICCHIO, 1994). Esse cenário revela, entre outros aspectos, uma continuidade de trabalhos entre as esferas dentro e fora do ambiente doméstico.

Borderías e Carrasco (1994) mostram que desde a década de 1970, disciplinas como a Sociologia e a História já estavam ampliando o conceito de trabalho

### 3. Bases teóricas

para se referir não somente ao trabalho remunerado, mas também ao trabalho doméstico e familiar. Aos poucos, os estudos foram desconstruindo algumas categorias e também reconsideraram algumas dicotomias temáticas, como produção/reprodução, família/trabalho, e trabalho assalariado e trabalho doméstico (BORDERÍAS; CARRASCO, 1994). Também no final da década de 1970, diferentes correntes de estudos com enfoques marxistas tinham como principal argumentação a ideia de que a situação da mulher na família, como dona de casa, obedecia a “lógica do capital”. Para essas correntes somente o sistema capitalista se beneficiava do trabalho doméstico “não produtivo” das mulheres. Estudiosas feministas começaram a criticar essa análise, mostrando a existência da “lógica do patriarcado”, e não só a “lógica do capital”, como queriam os/as marxistas (BORDERÍAS; CARRASCO, 1994).

Benería (1987), por sua vez, mostra que a realidade social não pode ser analisada de maneira dual, enfatizando as lógicas do capital e do patriarcado em suas respectivas implicações para a vida social. Ao observar a realidade concreta da situação social da mulher, não há como separar o que é patriarcado do que é capitalismo. Desde então, houve uma mudança de enfoque nas análises, que passaram a pensar qualitativamente a estrutura do trabalho doméstico e suas modalidades, enfatizando as lógicas e as relações sociossexuais nas quais estavam inscritas, possibilitando uma análise da divisão sexual do trabalho em um conjunto de relações econômicas e sociais (BORDERÍAS; CARRASCO, 1994).

A partir dessas problematizações, os estudos feministas começaram a reconceitualizar as categorias de atividade, emprego e trabalho. Também avançaram ao reconhecer a dupla jornada de trabalho das mulheres e por romper com uma visão naturalista das relações e das práticas sociais. Entretanto, é preciso reconhecer que o trabalho duplo das mulheres não diz respeito exatamente a uma soma do trabalho assalariado com o trabalho doméstico, e sim a uma:

articulação complexa porque não se trata somente da soma de duas jornadas de trabalho, uma depois da outra, posto que estão sempre presentes ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Ademais, estas duas esferas exigem estratégias, práticas, atitudes e valores contraditórios, apresentando assim importantes problemas de identidade para a maioria das mulheres (BERTAUX-WIAME et al., 1988, p. 75, *tradução minha*).

Picchio (1994) segue a mesma linha argumentativa ao mostrar que o trabalho doméstico e o trabalho para a produção de mercadorias exigem lógicas distintas:

### 3. Bases teóricas

“O trabalho doméstico tem como objetivo o bem-estar das pessoas, enquanto o objetivo da produção de mercadorias é a acumulação de benefícios” (PICCHIO, 1994, p. 455, *tradução minha*). Para o caso do cultivo de flores, conforme demonstraremos em detalhes na última seção, essas lógicas não se apresentam de maneira contrastante, na medida em que a produção das flores enquanto mercadorias passa também pela satisfação do bem-estar das pessoas – pensando não só nas consumidoras e nos consumidores das plantas, mas também no processo de trabalho que recorre à lógica do cuidado que as trabalhadoras e os trabalhadores devem destinar a planta para que a mercadoria seja apresentada não só com uma quantidade necessária para a obtenção do lucro, mas também com uma qualidade satisfatória para passar nos procedimentos de controle de qualidade. Além disso, destacaremos adiante também o fato de que o trabalho com as flores, em alguns casos, pode ser gerador de vida, pois permite que homens e mulheres acessem uma “zona de apropriação” da atividade, na medida em que se cria um vínculo com a planta que, em certos casos, são levadas para as residências dos trabalhadores e das trabalhadoras e se apresentam como símbolos de um trabalho que gera um sentimento de satisfação e apego afetivo à planta<sup>57</sup>.

Se a configuração do trabalho nas flores permite uma apropriação parcial do processo e do resultado do trabalho, ela também se beneficia da histórica responsabilização das mulheres pelos cuidados e atenção destinados aos membros da unidade doméstica – e como outra produção capitalista qualquer, tem o capital reproduzido por meio do trabalho não pago feminino no ambiente doméstico. As narrativas das trabalhadoras do cultivo de flores revelam, por exemplo, o fato de que muitas vezes outras mulheres (irmãs, tias, avós e sogras) se responsabilizam pelo cuidado com as crianças no período posterior à licença-maternidade, quando as mulheres retornam para as estufas e os campos de flores. Uma das trabalhadoras, que ocupava o cargo de encarregada no momento em que realizamos a entrevista, relatou que costumava prolongar a jornada de trabalho nos períodos de pico de produção – nestas ocasiões, o filho ficava sob a responsabilidade de sua mãe. Este fato evidencia aquilo que destacamos desde o início desta seção – o entrelaçamento dos trabalhos produtivo e reprodutivo.

Aceitamos a ideia de que os trabalhos no âmbito produtivo e reprodutivo estão entrelaçados, mas refutamos, ancoradas em Milkman (1999), o entendimento de que o trabalho feminino fora do âmbito doméstico é uma simples reprodução das tarefas

---

<sup>57</sup> Estes aspectos serão tratados com maiores detalhes na última seção desta tese.

### 3. Bases teóricas

realizadas no ambiente doméstico (socializar as crianças, fazer limpezas e cuidar de doentes): “Uma vez que o trabalho doméstico é composto por uma variedade de tarefas, essas analogias podem ser arbitrariamente ampliadas a praticamente todos os trabalhos que as mulheres possam realizar” (MILKMAN, 1999, p. 108). Além disso, as tarefas são ressignificadas como femininas, como no caso de funções que as mulheres começaram a desempenhar nas fábricas no período da II Guerra Mundial – atividades que até então eram realizadas majoritariamente por homens. Estas considerações nos fornecem a base para recusar as análises que estabelecem uma chave explicativa da “destreza manual feminina” nos espaços produtivos como adquirida por aprendizado no ambiente doméstico.

Picchio (1994) também apresenta alguns elementos sobre o entrelaçamento dos espaços produtivo e reprodutivo, enfatizando o acúmulo de energia que as mulheres dedicam a outras pessoas

para fazê-las sentirem-se humanas em um sistema que as trata como mercadorias (em uso, destinadas para um uso futuro, ou fora de uso). O trabalho de reprodução tem sido confiado historicamente às mulheres. Isto significa que a elas se exige que compensem as insuficiências dos serviços públicos e os efeitos destrutivos do mercado de trabalho. Quanto mais encobertos são estes efeitos, mais importante é o papel da família como lugar onde se descarregam as tensões e as inseguridades de seus componentes (PICCHIO, 1994, p. 456, *tradução minha*).

É por isso que enfatizamos, uma vez mais, como o capital se apropria – não só no espaço de produção, das construções sociais de gênero. Queremos destacar do excerto supracitado dois aspectos: a importância de analisar o trabalho não só a partir da produção material, como também emocional; e a sobrecarga de trabalho para as mulheres como consequência da insuficiência de serviços públicos de cuidados. No que diz respeito ao trabalho emocional, enfatizamos desde já a relevância do tema para a atividade no cultivo de flores – não só porque às flores são destinadas ações de cuidado e afeto<sup>58</sup>, mas pelo fato de que as mulheres relatam que continuam cuidando da família quando estão nos campos e nas estufas, por exemplo, quando utilizam o horário de almoço para telefonar para os companheiros, os filhos e as filhas.

Em relação à escassez de serviços públicos, cabe mencionar as interrupções na trajetória laboral feminina para que as mulheres cuidem das crianças em razão das vagas insuficientes na educação infantil (ou horários escolares inconsistentes

---

<sup>58</sup> Este tema será desenvolvido com maior profundidade em outra seção desta tese.



### 3. Bases teóricas

com os laborais), e as interrupções para cuidar de membros da família que exigem cuidados especiais (idosos dependentes e pessoas com enfermidades). As mulheres são responsabilizadas por essas atividades com o argumento de que essas tarefas são parte constituinte de sua natureza. Entretanto, relacionar os cuidados com um fato natural acaba sendo “um recurso que permite reduzir o custo desses cuidados” (FOLBRE; HARTMANN, 1999, p. 111, *tradução minha*).

Compreendemos que a sobrecarga de trabalho para as mulheres não diz respeito somente a um problema de escassez de serviços públicos, mas também aponta para os impactos de uma política neoliberal que se reflete no âmbito de um mercado de trabalho cada vez mais desregulado e com relações flexíveis que prejudicam os trabalhadores, e ainda mais as trabalhadoras, na medida em que há uma redução de benefícios sociais que tem como consequência uma maior carga de atividades para as mulheres (CARRASCO, 1999).

Estudos têm mostrado que as mulheres ficam com a sobrecarga de trabalho, como também são as que ocupam em maior número os postos de trabalho em período parcial, as que passam um maior número de vezes por experiências de demissão em razão do corte no quadro de funcionários e funcionárias (BEECHEY, 1994) e as que ocupam o maior número de postos de trabalho informal (VARA, 2006) nas cadeias de produção global. É válido destacar que a divisão entre o que é considerado trabalho formal e informal hoje em dia é bastante tênue porque um mesmo setor pode ter pessoas empregadas em condições mais estáveis [característica ligada ao mercado de trabalho formal], mas que recebem um salário muito baixo, são impedidas de ter participação sindical e submetidas a riscos no ambiente de trabalho (VARA, 2006). Nestas cadeias de produção global, de modo geral,

as mulheres são principalmente as que cortam, costuram e embalam artigos de confecção; as que colhem e embalam frutas e hortaliças; as que cultivam e cortam flores; as que realizam o trabalho em domicílio. Os estudos indicam também que as mulheres tendem a perder esses empregos quando as empresas locais ingressam na cadeia produtiva e passam a realizar fases mais intensivas em tecnologia e em trabalho de maior qualificação (VARA, 2006, p. 73, *tradução minha*).

Vara (2006) acrescenta que as mulheres são a maioria entre as pessoas que têm contratos sazonais ou temporários. Além disso, elas têm uma menor mobilidade ascendente em relação aos homens. Barrientos (1999), em pesquisa sobre as Exportações

### 3. Bases teóricas

Agrícolas não tradicionais<sup>59</sup> (EANT) em países da África, Ásia e América Latina também mostrou que as mulheres são a maioria entre as pessoas empregadas com contratos temporários para a produção de frutas frescas, verduras e flores. De acordo com os empresários, elas são empregadas em maior número porque têm maior destreza e capacidade para realizar as atividades mais delicadas, e são consideradas como uma mão de obra mais dócil (BARRIENTOS, 1999, p. 305). Além disso, fora da temporada, “quando não há emprego alternativo disponível para as mulheres em particular, elas voltam para o lar e para seu papel ‘tradicional’. Como consequência disso, as mulheres continuam disponíveis para o mercado laboral frutícola ano após ano” (BARRIENTOS, 1999, p. 307).

Olaizola (2009), em sua análise sobre o emprego majoritário de mulheres para a colheita de morangos no sul da Espanha, refuta o entendimento de que as trabalhadoras – em comparação com os trabalhadores – possuem uma maior flexibilidade e delicadeza nas mãos para tratar a fruta perecível. “Além de negar que essas qualidades sejam inatas, recusamos o apontamento feminista que sustenta que, ainda que sejam consideradas profissionais e adquiridas, existam essas ‘qualidades femininas’” (OLAIZOLA, 2009, p. 399, *tradução minha*). Ela amplia a crítica, apontando que para combater a discriminação em razão do sexo não é necessário – como fazem muitas pesquisadoras e pesquisadores – sobredimensionar a qualificação requerida para esses trabalhos realizados por mulheres. Olaizola (2009) argumenta que a crítica feminista não deve se conformar em visualizar e valorizar socialmente o trabalho desempenhado pelas mulheres nos estratos mais baixos, e sim dar um segundo passo e buscar a eliminação da estrutura fragmentada do mercado de trabalho em função do sexo e de outras hierarquias sociais (OLAIZOLA, 2009, p. 402).

Compreendemos, uma vez mais, que o capital, em busca de reprodução, se apropria das construções sociais de gênero em diferentes etapas de seu curso. No caso da produção agrícola, isso se demonstra no fato de que as mulheres pagam a conta das contradições do capital, das sucessivas tentativas de redução de custos nos diferentes elos da cadeia produtiva. Elas pagam o preço da redução de salários para lidar com as consequências das variações climáticas, pagam o preço porque são a maioria entre as demitidas quando alguma variedade de muda não “rende” a quantidade desejada.

---

<sup>59</sup> Trata-se de uma agroindústria moderna que produz alimentos frescos durante o ano todo com preços mais baixos.

### 3. Bases teóricas

Com essa discussão, procuramos evidenciar o entrecruzamento dos espaços produtivo e reprodutivo, apontando as formas em que as categorias classe e gênero se entrelaçam para dar forma às relações sociais concretas. É preciso vislumbrar as relações também a partir da chave da raça/etnia. Nesse sentido, recorreremos à discussão proposta por Saffioti (1997) ao evidenciar o entrelaçamento das relações de classe, gênero e raça/etnia por meio do uso da categoria nó. De acordo com a autora, o nó é constituído por “contradições fundamentais da sociedade brasileira” (p. 61) e se expressa na existência de “três identidades sociais básicas: a de gênero, a de raça/etnia e a de classe social”. Saffoti (1997) ressalta que tais identidades não são autônomas, em virtude, justamente, de estarem atadas aos antagonismos que lhes dão origem: “não se trata, contudo, de conceber três diferentes ordenamentos das relações sociais, correndo paralelamente. Ao contrário, estes três antagonismos fundamentais entrelaçam-se de modo a formar um nó” (SAFFIOTI, 1997, p. 61).

Silva (1999) lança mão do conceito de nó (SAFFIOTI, 1997) em seu estudo sobre a expropriação dos camponeses e a experiência de trabalhadores e trabalhadoras rurais migrantes no interior de São Paulo. Ao lançar mão do entrecruzamento das relações sociais de classe, gênero e raça/etnia, Silva (1999) traz para a análise a experiência de homens, mulheres, negros, negras e migrantes para além da exploração econômica, evidenciando, assim, a multiplicidade e a diversidade de relações sociais. Na definição de Silva (1999), trata-se de um processo de “exploração-dominação baseado na articulação das três organizações sociais: de classe, de gênero e étnico/racial. Não se hierarquizam estas organizações” (p. 17).

Outras pesquisadoras trabalharam com a noção de entrelaçamento das categorias de classe, gênero, raça/etnia, utilizando para isso diferentes termos. Anthias (2006) lança mão do conceito de interseccionalidade<sup>60</sup> como uma forma de “conectar entre si as divisões e as identidades de gênero, etnicidade e classe social” (ANTHIAS, 2006, p. 51, *tradução minha*). Compartilhamos com a autora a ideia de que os diferentes pertencimentos identitários supracitados não devem ser simplesmente somados, na medida em que “é bastante difícil separar nosso pertencimento como mulheres, de nosso pertencimento como membros de uma classe particular ou como membros de um grupo

---

<sup>60</sup> Segundo Velasco (2012), a teoria da interseccionalidade tem como base o feminismo negro afro-americano. Nas palavras da autora, “o que desde o feminismo pós-moderno tem sido traduzido como teoria da interseccionalidade está na base genealógica do feminismo negro afro-americano” (VELASCO, 2012, p. 28).

### 3. Bases teóricas

étnico particular” (ANTHIAS, 2006, p. 57, *tradução minha*) pelo fato de que estas experiências são entrelaçadas.

Desse modo, valendo-se do conceito de interseccionalidade, a análise se afasta das noções de pertencimento essencialista<sup>61</sup> ao mesmo tempo em que evita o vazio deixado pelas aproximações pós-modernas que promovem um desconstrucionismo radical das noções de pertencimento e identidade (ANTHIAS, 2006, p. 51).

Alexander e Mohanty (2004) também fazem uma crítica às teorias pós-modernas que recusam as experiências, as identidades e a cultura por considerarem essas noções como essencialismos:

O discurso pós-moderno busca deslocar-se para além do essencialismo, pluralizando e dissolvendo a estabilidade e a utilidade analítica das categorias de raça, classe, gênero e sexualidade. Esta estratégia, entretanto, nega a possibilidade de qualquer recuperação válida dessas categorias ou das relações por meio das quais são constituídas. Se dissolvermos a categoria de raça, por exemplo, se torna difícil a reivindicação da experiência do racismo (ALEXANDER; MOHANTY, 2004, p. 144, *tradução minha*).

Esta postura analítica não busca encontrar essências ou traços culturais que caracterizam os grupos sociais, e sim verificar as identidades encontradas em situações sócio-históricas concretas (ALEXANDER & MOHANTY, 2004), e que estão ancoradas nas relações sociais de classe, gênero, raça/etnia.

Ainda na chave de pensamento do entrelaçamento de relações sociais, Bhavnani e Coulson (2004) reivindicam a necessidade de reconhecer o legado do racismo no debate sobre o feminismo. Trata-se, portanto, não só de lançar mão de novas interpretações sobre a realidade social, mas antes de tudo, adotar um olhar sobre as questões pertinentes às identidades de mulheres negras – entre outros pontos, é possível lembrar da eugenia e do controle de natalidade baseado em critérios racistas (BHAVNANI; COULSON, 2004). As autoras propõem uma análise baseada na ideia de um “capitalismo patriarcal racialmente estruturado” (BHAVNANI; COULSON, 2004, p. 60). No que diz respeito ao entrecruzamento das relações sociais de classe e raça, especificamente, Bhavnani e Coulson (2004) apontam o interesse do capital em manter

---

<sup>61</sup> De acordo com Ferber e Nelson (2004) são essencialistas as pautas que regem a atribuição do gênero por meio de uma “combinação superficial do homem biológico com determinada construção da masculinidade, ou da mulher com a feminilidade correspondente” (p. 22).

### 3. Bases teóricas

os trabalhadores negros como excedente de mão de obra<sup>62</sup>: “Essa mão de obra é vista como temporária, fácil de conseguir, fácil de deslocar e abundante” (BHAVNANI; COULSON, 2004, p. 58, *tradução minha*).

Autoras como hooks (2010) e Velasco (2012) também defendem a introdução da categoria raça nas análises feministas para romper com o contexto de invisibilização da experiência de mulheres negras. hooks (2010) critica o pensamento feminista moderno que estabelece como princípio central a ideia de que todas as mulheres são oprimidas, como se não houvesse uma diversidade de experiências femininas baseadas em diferenças de classe, raça, religião e sexualidade. Segundo hooks (2010), para as mulheres que não experimentaram a opressão de raça ou classe é mais fácil centrar a análise exclusivamente nas relações de gênero – neste contexto, elas tendem a menosprezar a raça em suas análises. Entretanto, a autora defende que “só através da análise do racismo e de sua função na sociedade capitalista se pode obter uma compreensão completa das relações de classe. A luta de classes está unida de forma inseparável da luta para terminar com o racismo” (hooks, 2010, p. 36).

Williams (2004) defende que a introdução da raça na teorização de gênero fornece uma importante contribuição para os estudos científicos, na medida em que busca romper com a hierarquia científica estabelecida no século XIX entre os povos e as culturas em função da raça, que culminou em um conjunto de oposições binárias, tais como dinâmico/estático, ativo/passivo, razão/paixão, cultura/natureza, civilizado/selvagem, progressivo/subdesenvolvido, étnico/tribal, normal/patológico (WILLIAMS, 2004).

As reflexões trazidas por Dussel (1994) já lançavam essa base argumentativa ao contestar a oposição binária e o uso que a ciência fez destas dicotomias. Entre outros aspectos, Dussel (1994) critica a dualidade hierárquica que ancorava a análise de pensadores como Hegel. No entendimento de Dussel, Hegel desconsiderou a experiência das culturas africanas em seus estudos por acreditar que os homens africanos estavam em seu estado bruto e que sua consciência não tinha alcançado a objetividade – esta conquistada sim pela Europa moderna cristã.

O pensamento dicotômico que estabelecia a superioridade da civilização europeia sobre a “selvageria” da América e África forneceu as bases para o processo que

---

<sup>62</sup> Nesta tese, na subseção “3.2 – Agricultura intensiva globalizada e assalariamento rural”, mostramos que em diferentes produções agrícolas na América do sul da Espanha, grupos de trabalhadores e trabalhadoras deslocam-se para acompanhar as safras.

### 3. Bases teóricas

Dussel (1994) chama de en-cobrimento da alteridade do Outro<sup>63</sup>, na medida em que justificava os processos de colonização e conquista dos territórios e corpos de nativos habitantes da América. Para além de uma relação política e militar, Dussel (1994) nos adverte que o processo de colonização europeia na América produziu uma violência física com extermínio dos grupos nativos, mas também subsumindo seus corpos por meio de práticas pedagógicas, culturais e eróticas<sup>64</sup>. Tais atrocidades foram cometidas em nome de uma razão moderna que dava legitimidade aos conquistadores para dominar e destruir. Por essa razão, Dussel (1994) chamou de Mito a ideia de encontro de dois mundos que formaria uma cultura harmoniosa entre a cultura europeia e a indígena. O autor nos mostra que existe, sim, o nascimento de uma nova cultura, mas esta é fruto de uma relação assimétrica, carregada de dominação e traumas.

Também no intuito de se afastar do pensamento eurocêntrico e dos pares dicotômicos que estabelecem hierarquias entre distintos modos de vida, conhecimento e territórios, o feminismo negro traz elementos de análise que buscam romper com a “construção individual do pensamento filosófico ilustrado, apostando na inclusão de distintos saberes, lógicas e atrizes sociais” (VELASCO, 2012, p. 28). Velasco (2012) reivindica um conhecimento dialógico, construído a partir da experiência vivida e não somente a partir de uma posição teoricamente “objetiva”. Em termos gerais, a autora rejeita: a postura analítica de criar uma distância objetiva em relação à realidade pesquisada, e a ruptura binária entre intelecto e emoção tal como proposta pelo pensamento eurocêntrico. Defende que o conhecimento deva ser “testado pela presença da empatia e emoções” (VELASCO, 2012, p. 35).

Ainda com o propósito de combater os dualismos hierárquicos estabelecidos entre o pensamento objetivo/subjetivo, razão/emoção, Ferber e Nelson (2004) alertam:

A ideia de que a objetividade pode ser alcançada individualmente graças ao rigor metodológico, ao desapego emocional e à ‘distância’ que se mantém tanto no que diz respeito ao objeto de estudo como no que diz respeito a outros pesquisadores não é outra coisa que uma carga emocional, uma construção cultural (FERBER; NELSON, 2004, p. 25).

---

<sup>63</sup> O processo de “conquista” dos europeus em território americano é violento e inclui o *Outro* [neste caso os grupos nativos] o negando. O *Outro* é incluído como o *Mesmo*, que tem que ser incorporado à Totalidade como oprimido, assalariado e escravizado (DUSSEL, 1994).

<sup>64</sup> No processo de domínio dos corpos também estão incluídas as práticas machistas que estabeleciam que a mulher indígena deveria ser dominada sexualmente, enquanto a mulher europeia era considerada a única digna de receber o respeito dos homens (DUSSEL, 1994).

### 3. Bases teóricas

Desse modo, compreendemos que é preciso lançar mão de um novo olhar, não só para realizar pesquisa sobre a vida de mulheres, negras, trabalhadoras, é preciso também colocar na agenda de estudos temas como distribuição, igualdade, bem-estar coletivo, mudança social. Este olhar feminista nos permite visualizar as construções sociais de gênero presentes nos campos e estufas de flores, que estabelecem a divisão sexual do trabalho, mas que também levam a situações como aquelas declaradas por um assistente social da região de Holambra, que nos relatou que algumas trabalhadoras estavam levando as crianças para trabalharem nas estufas e elas ficavam entre os canteiros porque não conseguiram vagas em escolas públicas de educação infantil.

Para além das estufas, as construções sociais de gênero também mostram sua força no âmbito privado, na medida em que boa parte das mulheres entrevistadas em nossa pesquisa afirmou que são as principais, ou as únicas responsáveis pela realização das tarefas domésticas. Entre as que possuem filhos e filhas, a maioria delas afirma que não delegam atividades para os meninos, por considerarem que estes não devem realizar as atividades domésticas. Nestes casos, existe uma sobrecarga de trabalho doméstico que só intensifica as dores causadas pelas posições desconfortáveis<sup>65</sup> durante a atividade no cultivo de flores.

Buscamos mostrar, com essa discussão, a necessidade de romper com as explicações ancoradas em “qualidades” ou “características” femininas – sejam elas inatas ou desenvolvidas, e também apresentar a complexidade das relações sociais entrelaçadas pela classe, gênero, e raça/etnia.

Na próxima seção apresentamos as descrições das atividades tais como são relatadas nas narrativas das trabalhadoras e dos trabalhadores, assim como uma reflexão acerca do modo como a experiência de trabalho é vivenciada nos corpos.

---

<sup>65</sup> Em muitos setores do cultivo de flores, como o enraizamento e o plantio, as atividades são realizadas na posição agachada, o que gera fortes dores nas pernas e colunas.

## 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

---

“Já estamos atravessando a Cintura Agrícola, ou Verde, como lhe continuam a chamar as pessoas que adoram disfarçar com palavras a áspera realidade, esta cor de gelo sujo que cobre o chão, este interminável mar de plástico onde as estufas, talhadas pela mesma medida, se assemelham a icebergues petrificados, a gigantescas pedras de dominó sem pintas. Lá dentro não há frio, pelo contrário, os homens que ali trabalham asfixiam-se no calor, cozem-se no seu próprio suor, desfalecem, são como trapos encharcados e torcidos por mãos violentas” (José Saramago, *A Caverna*).



#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

##### 4.1 Apresentação

A metáfora do “mar de plástico” e “dominó sem pintas” empregada no romance de Saramago com a finalidade de descrever o espanto causado pela enorme quantidade de estufas nos campos traz semelhanças com a paisagem rural na região de Holambra/SP na medida em que este cenário é marcado pela presença de estufas para a produção de flores. Lá e cá, as estufas simbolizam transformações com significados para além da implantação de novas técnicas agrícolas. A terra que até então era um “espaço de vida”, com sociabilidades e relações sociais peculiares se transforma em “terra de negócio” por meio da mercantilização da natureza que há pouco era elemento constituinte da convivência entre grupos humanos. Se, por um lado, a terra perde seu protagonismo enquanto componente material de produção do rural, a emergência das estufas revela uma complexidade de situações que passam a compor a paisagem social.

Conforme apresentado na Introdução da tese, a região de Holambra é uma das maiores produtoras de flores do Brasil. O destaque nacional está também no fato de a região em questão abrigar, em território latino-americano, a maior cooperativa de comercialização de flores, o Veiling, e a maior festa de celebração das flores e cultura holandesa, a Expoflora. O cenário é propício para o desenvolvimento de um importante campo de investimento – o agronegócio das flores. Neste caso, entretanto, a fertilidade do solo acaba tendo uma relevância secundária no processo de formação da renda do setor, já que a maioria das flores produzidas em Holambra e nos municípios vizinhos cresce em ambientes protegidos – as estufas.

Semelhante a outras culturas que passaram pelo processo de Revolução Verde<sup>66</sup> e que estão inseridas no contexto da agricultura intensiva globalizada (OLAIZOLA, 2009), a cultura de flores e plantas ornamentais é desenvolvida a partir da aplicação de alta tecnologia na produção de mudas e sementes. Estão localizadas na região de Holambra empresas que comercializam material de propagação oriundo de sementes importadas de laboratórios de Chicago/Estados Unidos. Parte da maquinaria e muitas espécies de muda também são importadas – algumas delas são trazidas da Holanda. Este país é visto pelos empresários das flores como modelo de agricultura de alta tecnologia em condições desfavoráveis (o país possui poucas áreas agricultáveis). Os

---

<sup>66</sup> Com o objetivo de remover os limites que a natureza impõe ao crescimento e acumulação de capital na agricultura, a Revolução Verde é entendida como a substituição dos cultivos tradicionais próprios da agricultura extensiva pelos chamados cultivos industriais, utilizando novas técnicas de cultivo que aumentam a rentabilidade da terra. Inclui também o desenvolvimento de pesquisas (genética, biologia molecular, química) para a melhoria das inovações tecnológicas (OLAIZOLA, 2009).

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

centros de pesquisa holandeses possuem parcerias com universidades<sup>67</sup> para desenvolver melhorias na área do genoma e biotecnologia – buscando reduzir impactos ambientais, desenvolver sistemas de armazenamento dos produtos e controle do clima.

Na busca pela chamada “tecnologia verde e limpa”, as empresas que trabalham com tecnologia e inovação de sementes buscam um aumento na produtividade por meio da racionalização de recursos (terra, água, mão de obra, fertilizantes e agroquímicos). Tal racionalidade é uma forma de eliminar aqueles fatores que seriam os limites do desenvolvimento do capitalismo na agricultura: a natureza orgânica, a terra e o espaço (GOODMAN, SORJ, WILKINSON, 1990). O desenvolvimento de uma cultura em estufas é um exemplo da diminuição do tempo de dependência dos ciclos naturais, sendo possível controlar no interior desses ambientes a temperatura e a intensidade de luz ideais para o crescimento das plantas. Desse modo, os processos de trabalho e produção passam a ser melhor sincronizados, “aproximando a agricultura cada vez mais de uma operação de processo contínuo” (GOODMAN, SORJ E WILKINSON, 1990, p. 36).

No caso das flores, em razão de os produtos serem altamente perecíveis, existe ainda uma preocupação em diminuir o tempo de transporte das plantas até os barracões e caminhões que levam as flores para a comercialização. Por esse motivo, em muitas espécies, as plantas já são embaladas no interior das estufas – posteriormente são destinadas para as câmaras frias<sup>68</sup> e outras são transportadas diretamente para a cooperativa de comercialização.

As grandes empresas, no ímpeto de aumentar o ritmo da produção, utilizam pequenas esteiras para o transporte de vasos no interior das estufas. Elas também são usadas dentro dos barracões de embalagem para a classificação das hastes de rosas<sup>69</sup>. Uma das grandes empresas produtoras de azaleias visitadas durante a pesquisa de campo exhibe dentro da estufa uma máquina (importada da Holanda por meio de crédito do Banco do Brasil) que faz o enchimento dos vasos com substrato. De acordo com o produtor, proprietário da máquina, o equipamento tem capacidade para completar com substrato 4.400 vasos por hora, enquanto no trabalho manual essa mesma quantidade seria realizada por quatro pessoas ocupando toda uma manhã. As reflexões de Marx nos mostram que as

---

<sup>67</sup> Existem, inclusive, parcerias e convênios entre universidades holandesas e a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”- ESALQ/USP.

<sup>68</sup> Dependendo da variedade, a refrigeração pode prolongar em até 10 dias a validade das plantas.

<sup>69</sup> No processo de embalagem das rosas, as plantas são classificadas de acordo com o tamanho das hastes. O valor da venda da rosa é diretamente proporcional ao tamanho de sua haste.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

transformações no campo da tecnologia contribuem para a multiplicação das forças produtivas do capital.

Todo aumento das forças produtivas sociais, “se se quiser”, das forças produtivas do próprio trabalho – tal como resultam da ciência, das invenções, da divisão e combinação do trabalho, do aperfeiçoamento dos meios de comunicação, da criação do mercado mundial, da maquinaria, etc. –, não enriquecem o trabalhador, mas o capital; em consequência, só ampliam o poder que domina o trabalho; só multiplicam a força produtiva do capital. Como o capital é a antítese do trabalhador, tais progressos aumentam unicamente o poder objetivo sobre o trabalho (MARX, 2011, p. 241).

É preciso considerar também a apropriação das subjetividades pelo capital, principalmente porque, no caso do comércio em grande escala de flores, além da mercantilização da natureza, os afetos<sup>70</sup> também se transformam em mercadoria. “Não é somente o objeto de consumo que é produzido pela produção, mas também o modo de consumo, não apenas objetiva, mas também subjetivamente. A produção cria, portanto, os consumidores” (MARX, 2011, p. 47). Nesse sentido, compreendemos que a mercantilização das flores pode ser entendida como parte de um processo de reprodução do capital ancorado na subjetividade dos consumidores. Ademais, as emoções<sup>71</sup> que se buscam despertar com a comercialização das plantas devem ser entendidas não somente a partir de sensações individuais, mas como experiências emocionais sentidas e vividas e que se apresentam como produtos relacionais entre o indivíduo, a cultura e a sociedade (KOURY, 2005, p. 239).

#### 4.2. Descrição das atividades nos campos e estufas

Ancoradas nas narrativas dos trabalhadores e das trabalhadoras empregados nos campos e estufas de flores na região de Holambra (SP), as reflexões seguintes buscam apresentar a descrição das atividades realizadas no ambiente de trabalho e as experiências ligadas a essas práticas.

Cada espécie de flor apresenta um processo de produção distinto, apesar de existirem muitas semelhanças entre certas etapas de produção, tais como: plantio,

---

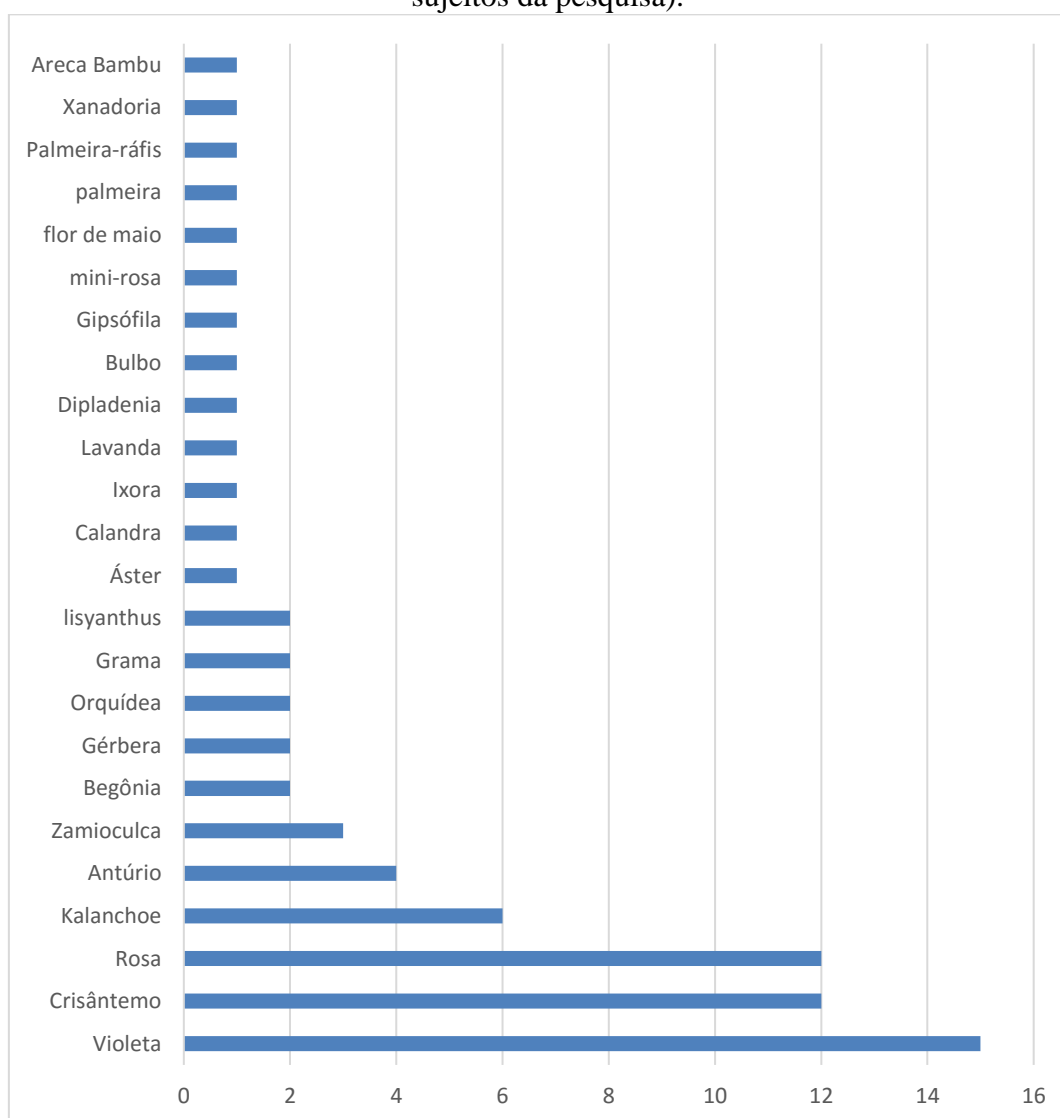
<sup>70</sup> O Dia das Mães e o Dia dos Namorados são as datas comemorativas com maior número de flores vendidas. Nessas datas, as flores são comercializadas com apelos de sentimentos como amor, paixão e gratidão.

<sup>71</sup> Na seção 6 apresentamos um debate sobre as emoções no cultivo de flores.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

espaçamento, irrigação, classificação, colheita e embalagem. As narrativas analisadas trazem a experiência de trabalho em pelo menos 20 espécies de plantas. A distribuição do número de pessoas empregadas (entre os sujeitos da pesquisa) em cada espécie pode ser observada no Gráfico 6. É possível observar que as espécies de flores e plantas verdes mais trabalhadas pelos sujeitos da pesquisa são violeta, crisântemo, rosa, kalanchoe e antúrio. O Quadro 4 apresenta a imagem de algumas das espécies citadas pelas trabalhadoras e pelos trabalhadores.

**Gráfico 6** – Número de pessoas empregadas em cada espécie de flor (Entre os sujeitos da pesquisa).



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa empírica

4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

**Quadro 4** - Imagem das flores (Nomes populares)

			
Gipsófila	Bulbos	Orquídea	Dipladenia
			
Zamiolcuca	Lavanda	Ixora	Calandra
			
Áster	Gérbera	Kalanchoe	Begônia
			
Antúrio	Rosa	Crisântemo	Violeta

Fonte: [www.veiling.com.br](http://www.veiling.com.br); [www.plantei.com.br](http://www.plantei.com.br); [www.tecnologiaetreinamento.com.br](http://www.tecnologiaetreinamento.com.br); [www.caliandradocerrado.com.br](http://www.caliandradocerrado.com.br); [www.florisa.com.br](http://www.florisa.com.br).

Dentre as espécies elencadas no **Gráfico 6**, serão apresentadas neste texto partes das etapas produtivas de nove espécies<sup>72</sup>: begônia, crisântemo, kalanchoe, antúrio, violeta, rosa, gérbera, orquídea e bulbo. O objetivo do texto ora apresentado não é pormenorizar as fases de cultivo das flores – mesmo porque faltariam termos técnicos

<sup>72</sup> Foram escolhidas as espécies cujo processo de trabalho foi descrito de forma mais detalhada durante as narrativas.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

para descrever cada etapa – e sim elaborar um panorama a partir do qual serão elucidadas as experiências dos sujeitos nesse ambiente de trabalho.

Iniciamos a apresentação das atividades de trabalho a partir da experiência daquelas pessoas que vivem nos bairros urbanos e se deslocam para campos e estufas de flores e plantas ornamentais. De modo geral, para se candidatar a um trabalho nos sítios e fazendas produtoras de flores, as pessoas vão até os estabelecimentos e preenchem fichas que contêm dados sobre a experiência laboral e as atividades desejadas pela trabalhadora e pelo trabalhador. A maior oferta de vagas costuma ser na colheita de crisântemos, pois esta atividade é realizada sob um ritmo bastante intenso e exige um grande número de pessoas empregadas. Nos períodos de pico, em que a produção é intensificada em razão da maior comercialização de flores em datas comemorativas como o Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia Internacional da Mulher e Finados, algumas empresas recorrem aos trabalhadores e às trabalhadoras da “diária”: pessoas pagas para trabalhar em atividades específicas durante um curto período de tempo. Elas recebem por dia e não têm os direitos trabalhistas assegurados<sup>73</sup>.

A jornada de trabalho das pessoas que estão empregadas nos campos e estufas de flores se inicia logo cedo. As formas de transporte até o local de trabalho variam de acordo com o local onde vivem as trabalhadoras e os trabalhadores. A maioria vai para o trabalho de ônibus fretado. Algumas pessoas relataram que fazem o percurso de bicicleta, pois existem estufas de flores localizadas bem próximas aos bairros urbanos. De modo geral, as empresas fretam um ônibus para transportar os trabalhadores e as trabalhadoras. Entretanto, como existem muitos sítios de pequeno e médio porte, com menos de 50 funcionários, é comum que os empresários do setor dividam os custos do transporte. Ou seja, em um mesmo ônibus são transportadas pessoas de diferentes empresas. Alguns empresários das flores terceirizam o serviço de transporte e pagam de acordo com o número de pessoas e os dias de utilização do serviço.

A extensão da jornada de trabalho também varia de acordo com a empresa e com o tipo de vínculo estabelecido. Muitas trabalhadoras relataram que durante a adolescência elas trabalhavam meio período, sem registro em carteira de trabalho. Entre as que possuem vínculo formal, a jornada diária perdura, em média, oito horas. Algumas trabalham de segunda a sexta. Outras empresas operam de segunda a sábado, com revezamento de funcionários neste dia. No período de pico, em muitas empresas, os

---

<sup>73</sup> Abordaremos as irregularidades dessas formas de contratação posteriormente.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

trabalhadores não chegam a ter um dia completo de descanso, pois trabalham de segunda a sábado e aos domingos trabalham meio período.

Algumas espécies de plantas exigem a presença de plantonistas – que são as pessoas encarregadas de fazer a irrigação/adubação ou que se responsabilizam pelo controle da luminosidade em certas etapas do crescimento das plantas. Plantonistas são homens, em sua maioria.

No período da manhã, o trabalho começa por volta das 7h00. Muitas empresas oferecem ginástica laboral e um café da manhã simples (pão com suco, geralmente). A partir daí, as atividades são distribuídas pelos encarregados e encarregadas. Nos sítios maiores é comum que uma pessoa faça diferentes atividades durante o dia – mas sempre sob o comando de um supervisor. Nas empresas menores geralmente as trabalhadoras têm mais liberdade para realizar as atividades.

As empresas maiores contam com a possibilidade de deslocar a mão de obra de um sítio para outro. Por exemplo, algumas empresas que possuem várias unidades dividem as etapas em cada sítio. Assim, se uma turma foi destinada inicialmente para fazer a seleção de mudas, é possível que no “período de pico” essas pessoas sejam destinadas para outro sítio onde a prioridade é a colheita das plantas.

Não existem cursos de capacitação para a maioria das funções no cultivo de flores. Os relatos evidenciam que as pessoas aprenderam o trabalho com algum encarregado ou alguma encarregada ou com os companheiros e as companheiras de trabalho. A sensação de medo pela possibilidade de não conseguir executar a tarefa foi apresentada por várias pessoas. Em muitos casos, o trabalho é supervisionado e os trabalhadores e as trabalhadoras tiram suas dúvidas durante a execução das tarefas.

No caso de certas espécies de flores de vaso, os potes ficam no chão que, muitas vezes, é cimentado. Algumas mudas chegam embaladas em pequenos sacos plásticos e devem ser colocadas uma a uma, em bandejas que possuem substratos, como no caso da violeta. Em algumas variedades de mudas de orquídea o substrato não é utilizado: sua muda é mantida em uma substância gelatinosa, armazenada em um pequeno recipiente de vidro. Nesse recipiente ficam 12 ou 13 mudas que são retiradas para ser plantada cada uma em um vaso. Tanto os recipientes de vidro como os vasos ficam sobre mesas que estão localizadas no interior das estufas. As mudas da orquídea são muito frágeis e precisam ser retiradas com cautela para que não sejam quebradas. O recipiente é movimentado cuidadosamente para que as mudas se soltem do gel que as prendem e caiam sobre a mesa que fica forrada com um papel. Posteriormente, elas são separadas de

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

acordo com o tamanho e plantadas em um vaso que contém musgo. Depois de algumas semanas os vasos são transportados para um ambiente climatizado, com temperatura bastante amena, para que as hastes possam crescer de forma rápida. Em seguida, os homens fazem a irrigação, aplicam o veneno e depois se encarregam de transportar os vasos para a comercialização.

Muitos sítios e fazendas produtoras de flores possuem um setor específico para reproduzir as mudas, chamado de “matrizeiro”. No caso do antúrio, a “planta matriz” vem de um laboratório até chegar ao “matrizeiro” que fica na estufa. As plantas são cortadas com o auxílio de um bisturi e plantadas em um multivaso<sup>74</sup> que contém o substrato. Os vasos ficam na mesa e depois são levados para um local chamado “berçário”, onde as mudas passam por um processo de enraizamento. O “berçário” é um ambiente ainda mais protegido que a estufa. A circulação de pessoas em seu interior é restringido para evitar a propagação de fungos e bactérias. Depois que enraízam, as mudas são retiradas do multivaso e vão para os vasos pequenos, também denominados de “PP-pote”.

O cultivo de begônia também conta com um “matrizeiro” para enraizar as plantas que servirão como mudas. Depois que as “plantas-mãe” foram enraizadas nos vasos segue-se com o processo de colheita e corte da muda da begônia – essa atividade é realizada prioritariamente por mulheres. A função delas é selecionar e cortar as melhores folhas que serão depositadas em uma caixa de isopor. Elas trabalham em pé, em frente à mesa onde estão os vasos. Próximo aos pés ficam grandes latas onde deve ser depositado “o lixo”, ou seja, as folhas que não servem como mudas. Conforme vão passando pela mesa, elas empurram com o pé a lata de lixo, para que esta fique o mais próximo possível de seus corpos. Em suas cinturas fica afixado um aparelho para facilitar a contagem – a cada dez folhas de muda colhida as trabalhadoras devem pressionar o botão que aciona a contagem. No início da jornada os encarregados apresentam às trabalhadoras a meta que deve ser cumprida naquele dia. Ao final da jornada, a produção de cada trabalhadora é contabilizada. Em algumas empresas as trabalhadoras recebem acréscimo no salário de acordo com a produtividade.

No cultivo da begônia, depois que as mudas são selecionadas, elas são plantadas nos vasos. As etapas seguintes são: espaçamento, caracterizado pela tarefa de afastar os vasos uns dos outros para acelerar o crescimento da planta; ventilação e

---

<sup>74</sup> O multivaso é uma espécie de bandeja quadrada com pequenos compartimentos onde são depositados o substrato e a minimuda.



#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

escurecimento do ambiente – o controle da temperatura e luminosidade muitas vezes é informatizado; irrigação e adubação; classificação das flores de acordo com o tamanho; colheita dos vasos e embalagem. Essas últimas são as atividades consideradas como as mais corridas, pois no caso em que existem encomendas de produção e também nos períodos de pico existe uma grande demanda pela entrega rápida do produto, que é altamente perecível.

Os procedimentos no cultivo do crisântemo em muito se aproximam aos da begônia. Também existe um matrizeiro com várias mesas onde estão os vasos com substratos. Os vasos são alocados para os canteiros. Em seguida, é feita uma cobertura com um plástico para as plantas enraizarem. Ainda no matrizeiro é realizada a colheita das mudas – como os vasos já estão no chão, as trabalhadoras realizam a atividade na posição “agachada”. A tarefa consiste em selecionar as folhas, colher, passar cada uma delas no hormônio de crescimento e dispor 54 mudas em um pequeno saco plástico. Como as mudas devem ser colocadas na embalagem em uma só posição, as trabalhadoras acumulam entre os dedos polegar e indicador antes de colocar no saco plástico. A embalagem é fechada e recebe uma etiqueta com o código de cada trabalhadora e trabalhador. A identificação é feita para que haja o controle de qualidade. Muitas empresas exportam essas embalagens com mudas.

O plantio do crisântemo é feito tanto em campo aberto como nas estufas. No campo, os trabalhadores ficam com os joelhos e as mãos no chão para plantar as mudas nos canteiros. Nas estufas existe primeiro o processo de enraizamento das mudas. As bandejas ficam sobre as mesas e os trabalhadores e as trabalhadoras têm que colocar as mudas nos substratos que estão na bandeja. Esse trabalho é feito na posição sentada e é considerado como um dos mais leves. Geralmente o enraizamento é realizado por mulheres em período de gestação ou por pessoas que estejam com fortes dores nas costas ou braços. Se, por um lado, o trabalho no enraizamento das mudas do crisântemo é considerado leve, o mesmo não se pode dizer sobre o plantio e a colheita – tarefas executadas sob forte pressão por produtividade. Na colheita é preciso pegar várias flores formando um grande maço, numa quantidade máxima que os braços possam suportar. Depois de feito um maço grande, as flores são amarradas e colocadas na ponta dos canteiros. A mesma pessoa responsável pela colheita se encarrega também de levar os maços para as mesas onde as plantas serão embaladas. O trabalho na colheita de crisântemos em algumas empresas é remunerado de acordo com a produtividade – por isso existe um encarregado anotando a quantidade de flores colhidas pelas trabalhadoras

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

e trabalhadores. Depois de colhidos, os crisântemos vão para a câmara fria. Algumas dessas flores passam pelo processo de tingimento<sup>75</sup> – depois que já foram colhidas – para ganhar novas colorações.

O trabalho no cultivo do kalanchoe também foi descrito como cansativo e corrido. As etapas são as mesmas daquelas apresentadas nos cultivos anteriores: plantio, espaçamento, colheita e embalagem. Para aqueles que trabalham com a colheita e embalagem existe meta de produção, aumentando a pressão para que o trabalho seja realizado sob um ritmo intenso.

Entre as espécies descritas pelos sujeitos de pesquisa, o cultivo da rosa é um dos que mais utilizam os canteiros em campo aberto. Em comparação às rosas plantadas em estufas, as rosas plantadas a céu aberto costumam ser menos produtivas – porque necessitam de um espaçamento maior entre as fileiras, o que resulta em um número menor de plantas por hectare – e com qualidade inferior porque as plantas estão sujeitas a chuvas, geadas e temperaturas elevadas. A perda da produtividade e qualidade da planta tem como consequência a não comercialização das plantas em mercados mais exigentes (BARBOSA, 2003, p. 70).

No tocante aos procedimentos deste cultivo, é possível afirmar que antes de ir para o campo aberto as mudas das rosas são transplantadas no matrizeiro. As trabalhadoras do matrizeiro utilizam uma espécie de canivete ou bisturi para fazer o enxerto, que consiste em pegar uma parte do caule da planta, passar o broto no hormônio e anexá-lo no “cavalo” – parte que dará origem a novos caules. As partes das plantas são unidas com um prendedor. Depois que a planta enraíza, as mudas são passadas para bandejas com substratos. Quando crescem são levadas para os canteiros, onde são plantadas. Em seguida, é armada uma estrutura um pouco acima dos pés de rosa que recebe uma manta de plástico que tem a função de cobrir as plantas para que desenvolvam com maior rapidez. Os pés de rosa são irrigados e adubados. Outra etapa do processo aplicada com o objetivo de controlar a floração da planta de acordo com a demanda é a poda. Sobre este processo, Barbosa (2003) explica:

O ciclo de florescimento dos ramos que se desenvolvem a partir das gemas das hastes selecionadas é de 5-7 semanas, permitindo o planejamento da produção de flores para épocas determinadas em que o consumo é mais acentuado, como o dia das mães, dos namorados,

---

<sup>75</sup> O processo de tingimento consiste em mergulhar as bases das flores em um balde com água e anilina (TEIXEIRA, 2004).

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

finados, etc., procedendo-se à derrubada de todos os pontos de crescimento. Dessa forma, tem-se uma uniformidade de produção numa mesma data (BARBOSA, 2003, p. 121-122).

Uma vez floridas, o processo continua com a colheita. Nesta atividade cada trabalhadora ou trabalhador é responsável por uma quadra que contém de seis a oito fileiras de pés de rosa. O espaço entre as fileiras é bastante reduzido. Portanto, os braços e as pernas estão em contato com os espinhos das plantas. Por esse motivo, as trabalhadoras e os trabalhadores utilizam equipamentos de proteção nas pernas, braços, usam luvas<sup>76</sup> para proteger as mãos dos espinhos e chapéus com tecidos no pescoço para se proteger do sol. As rosas são carregadas nos braços e levadas até o começo da fileira. Ali são depositadas em caixas com água.

**Fotografia 11** – Cultivo de rosas e equipamentos de trabalho



Fonte: Juliana Dourado Bueno. Andradas/MG, 2011

---

<sup>76</sup> Muitas trabalhadoras relataram que o uso das luvas atrapalha a execução do movimento com as mãos durante a colheita de rosas. Por outro lado, a ausência da luva pode ocasionar problemas na pele, em razão do contato direto com os agrotóxicos. Uma das trabalhadoras relatou que seu pai teve micose depois de trabalhar um período no cultivo de rosas – nesta empresa, as luvas eram distribuídas somente para as mulheres.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

**Fotografia 12.** Canteiro de rosas no interior de estufa



(Andradas/MG, outubro de 2011) Foto: Juliana Dourado Bueno

Em algumas fazendas e sítios produtores de rosas existe uma turma específica para transportar as rosas que estão depositadas no interior das caixas para os barracões. Quando chegam ao interior desses galpões, dá-se o encaminhamento para os seguintes processos: colocação de rede, classificação, embalagem, corte das pontas e transporte para a câmara fria.

Como as rosas são destinadas tanto para lugares próximos como para aqueles mais longínquos, o ponto de colheita varia de acordo com o destino das plantas. Assim, as rosas que serão levadas para locais mais distantes são colhidas em um ponto em que estão ainda bastante fechadas. Para retardar o tempo de abertura dos botões, as rosas recebem uma pequena rede de proteção – chamada de “camisinha” pelos trabalhadores e trabalhadoras – que tem uma elasticidade para que a rosa possa crescer. Uma das fazendas produtoras de rosas que visitamos tinha um grupo específico trabalhando no interior do barracão para descer essa rede de proteção, retirar as pétalas externas que estavam com uma textura mais seca, e subir novamente a rede. A encarregada da turma relatou que as pétalas externas eram arrancadas para preservar a beleza da planta e ressaltou que esse era um “diferencial” da empresa. As pétalas externas não ficam tão macias e uniformes como aquelas da parte interna da planta.

A etapa seguinte consiste na classificação das plantas de acordo com o tamanho das hastes – esta etapa pode ser executada manualmente ou com o auxílio de

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

uma máquina. Quanto maior o tamanho da haste, mais elevado será o valor de venda da rosa. A altura das hastes varia de 40 a 50 centímetros.

Depois de separadas de acordo com o comprimento das hastes, as rosas são agrupadas em maços de acordo com o grau de abertura dos botões. Nesta etapa, eliminam-se as pétalas externas, picadas por insetos ou queimadas e os botões de má qualidade, com infecção por botrytis<sup>77</sup> (BARBOSA, 2003, p. 145).

Posteriormente, as rosas são encaminhadas para o setor de embalagem. As pessoas encarregadas de embalar as flores recebem, na esteira, as rosas, para que sejam colocadas (em grupos de 12 a 18 botões) em embalagens de papelão, deixando uma parte das hastes para fora da embalagem. Após esta etapa, as rosas saem da esteira e um trabalhador fica encarregado de passar as pontas das hastes das rosas em uma máquina que contém uma lâmina giratória para retirar as folhas em excesso e os espinhos da ponta da haste. Depois que passam pela lâmina e recebem um elástico para unir as pontas das hastes, as rosas são transportadas para a câmara fria. Em seu interior, um trabalhador fica responsável pela logística e organização dos carrinhos que contêm caixas com rosas embaladas. As plantas ficam no máximo dois dias na câmara fria até serem transportadas para a comercialização.

A despeito de a maioria das flores crescer em ambientes protegidos e com controle de temperatura, o clima externo gera alterações no processo de produção. No cultivo de rosas isso fica evidenciado na atividade de recolhimento de pedras. No período do inverno, quando a produtividade das rosas é menor, a turma que estava trabalhando na colheita é realocada para recolher as pedras que ficam no meio dos canteiros. As pedras são retiradas para não prejudicar o crescimento das plantas.

A alteração no processo produtivo em decorrência do clima também pode ser observada no cultivo de violetas. A irrigação das plantas, por exemplo, é intensificada durante os dias de verão. O crescimento da violeta é mais intenso nos períodos em que a temperatura externa é mais elevada. Nessas ocasiões, o crescimento das plantas é mais acentuado, portanto, aumenta o número de vasos colhidos em cada jornada.

Muitos empresários do setor produtivo de violetas compram as mudas que são produzidas por grandes empresas localizadas na região de Holambra. No matrizeiro da violeta existem as “plantas-mãe” a partir das quais são retiradas as folhas para fazer o

---

<sup>77</sup> Doença na rosa ocasionada pela alta umidade (BARBOSA, 2003).

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

processo de enraizamento das mudas. As folhas são retiradas e picadas com a mão – algumas trabalhadoras relataram que esse processo também é feito com o uso de uma pequena faca –, posteriormente, elas são plantadas em uma bandeja. As trabalhadoras colocam 42 folhas em cada bandeja. Ali, depois de algumas semanas, cada folha duplica ou triplica. Sendo assim, cada bandeja conterà mais de 120 folhas que serão destinadas para o repique. Depois são levadas para serem plantadas no Pote 11<sup>78</sup>. Transcorridas algumas semanas, as folhas são colhidas e passam pelo processo de classificação. As folhas são colocadas em esteiras que levam as plantas até uma máquina que classifica e separa a folha de acordo com o tamanho. Assim, depois de passar por essa máquina, as mudas já estão separadas em caixas. As empresas que exportam as mudas embalam as folhas e já encaminham para o transporte. Os sítios de pequeno porte compram as mudas ou fazem a seleção/classificação das plantas-matriz manualmente.

Nas empresas que dão continuidade ao processo, as mudas são colocadas nos vasos, que são levados para os canteiros – já separadas de acordo com o tamanho das folhas. Os canteiros são forrados com uma manta protetora, que tem a função de manter o ambiente úmido por mais tempo depois que a irrigação é realizada. Depois de um mês, inicia-se o processo de espaçamento, que consiste em afastar os vasos uns dos outros para que a planta possa se desenvolver. Antes do florescimento as plantas passam pela irrigação – processo parcialmente computadorizado. Existe uma programação do horário e substâncias que são utilizadas na irrigação. Muitas vezes, os canos de irrigação ficam sob os vasos e nem todos os potes recebem água. Para fazer a correção da irrigação existem alguns trabalhadores que verificam os vasos que não foram molhados. Eles também se responsabilizam por verificar a ocorrência de doenças nessas plantas. Uma vez constatada a doença, os encarregados são comunicados para que retirem a planta e registrem a ocorrência.

É importante ressaltar que durante todo o processo que vai do plantio até a embalagem, os vasos da violeta passam por diferentes locais no interior da estufa. No deslocamento, os vasos são transportados em carrinhos, manualmente ou mesmo por meio de esteiras que ficam rente ao chão e entrecortam os vãos dos canteiros. Os vasos também são deslocados do chão para mesas, estas podem ser movimentadas para vários locais no interior da estufa.

---

<sup>78</sup> A numeração do pote corresponde ao diâmetro (em centímetros) do topo do vaso.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

**Fotografia 13.** Cultivo de violeta – “fase verde”



(Holambra/SP, março de 2012) Foto cedida por entrevistado

Depois de algumas semanas, a violeta está pronta para a colheita. Os vasos são colhidos, embalados e levados para os carrinhos transportadores. Para a colheita, cada vaso deve ter ao menos oito flores abertas. Cada carrinho contém 320 vasos. No sistema Veiling de comercialização das plantas, de acordo com normas estabelecidas previamente, o carrinho que apresentar mais de um vaso com menos de oito flores abertas em cada é desclassificado. Ou seja, o carrinho não é destinado ao leilão e os 320 vasos são devolvidos para o sítio produtor, que tem que arcar com os prejuízos da não comercialização do produto.

**Fotografia 14.** Cultivo da violeta – “fase flor”.



(Holambra/SP, março de 2012) Foto cedida por entrevistado

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

As pessoas que trabalham no repique das mudas, ao final da jornada, recolhem o “lixo” que ficou esparramado pela estufa durante a execução do trabalho.

É comum em alguns processos de produção de flores que as trabalhadoras e os trabalhadores se responsabilizem pelo carregamento de sacos de lixo. No caso da gérbera, a limpeza do canteiro é feita pelas mesmas pessoas que colhem as plantas. A gérbera é cultivada em campo aberto. Quando está no ponto de colheita, as trabalhadoras e os trabalhadores retiram a folhagem externa que cobre as flores e a coloca em sacos de lixo. Os talos das flores são retirados com o auxílio de uma tesoura. Depois de colhidas, as flores são colocadas em uma embalagem com compartimentos específicos para encaixar o talo. Posteriormente, as caixas são colocadas nos carrinhos transportados até o barracão com câmara fria.

Para finalizar a descrição das etapas do processo de produção das flores e anunciar a discussão subsequente, apresentamos nas linhas seguintes uma atividade que possivelmente seja a mais invisibilizada no setor: a produção de bulbos. Os bulbos são espécies de caules modificados ou raízes engrossadas a partir dos quais é possível brotar flores como amarílis e tulipas. O broto ou “filhote de bulbo”<sup>79</sup> é jogado na terra para, depois de enraizado e crescido, ser colhido, embalado e comercializado como um bulbo. Após sair de uma câmara fria, já separado por diferentes espécies e tamanhos, o “filhote de bulbo” é plantado nos canteiros que ficam em campo aberto. O processo do plantio se inicia com a abertura dos sulcos pelo trator. Logo em seguida, uma máquina – onde ficam 12 pessoas deitadas em posição de “bruços” – passa lentamente por esses sulcos. A metade delas se encarrega de depositar a muda na terra. Em seguida, as outras seis pessoas que estão deitadas na máquina jogam a terra por cima da planta. Todas elas ficam somente com parte dos braços e a cabeça para fora da máquina. Essa posição faz com que as pessoas fiquem a poucos centímetros do chão, portanto, em contato direto com a terra.

#### **4.3 A experiência de trabalho vivenciada nos corpos**

Se partirmos da premissa de que as relações sociais se inscrevem nos corpos e retomarmos a constatação de que, até o momento, parte da experiência de homens e mulheres que trabalham nos campos e estufas de flores vem sendo invisibilizada

---

<sup>79</sup> O termo “filhote de bulbo” foi empregado por uma das trabalhadoras da região de Holambra, na ocasião da pesquisa de campo realizada em 2012.



#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

nos estudos acadêmicos, é preciso apresentar a vivência que se expressa nos corpos no ambiente de trabalho. Ferreira (1994) apresenta as seguintes considerações acerca da pertinência do estudo do corpo pelas Ciências Sociais:

O corpo é um reflexo da sociedade, não sendo possível conceber processos exclusivamente biológicos, instrumentais ou estéticos no comportamento humano. Ao corpo se aplicam sentimentos, discursos e práticas que estão na base de nossa vida social. Por sua vez, o corpo é emblemático de processos sociais. Neste sentido, o estudo do corpo torna-se imprescindível não só para especialistas das áreas biomédicas como para os cientistas sociais (FERREIRA, 1994, p. 101).

Desde o início da pesquisa de campo ficou evidente que o trabalho no setor de flores não era descrito como “leve” ou “delicado”. Em Artur Nogueira, as primeiras pessoas contatadas durante o desenvolvimento da pesquisa e que residem no bairro Saciloto II já alertavam para um cenário de trabalho marcado por jornadas exaustivas e afastamentos gerados por tendinites, problemas respiratórios e dores na coluna. As dores e doenças ocasionados pelo trabalho foram apresentadas nas narrativas dos trabalhadores e das trabalhadoras durante toda a pesquisa de campo – os relatos mais comuns diziam respeito a dores na coluna.

Pricila trabalhou muito tempo no cultivo de flores e não conseguiu afastamento<sup>80</sup>, mesmo apresentando queixas de fortes dores na coluna, que torna dolorosa a realização de suas atividades domésticas. Destacamos um fragmento de sua narrativa que demonstra que as dores estavam presentes no cotidiano de trabalho nas estufas:

Juliana – Você chegou a trabalhar muito em período de pico?

Pricila – Trabalhei. Ah, tinha vez que eu não aguentava. Eu não aguentava, eu descia no barracão, batia o cartão e ia embora. Eu chegava até chorar de dor quando vinha do serviço. Eu ficava tão ruim, eu ficava vomitando, vomitava porque atacava o estômago, atacava tudo, aí ficava passando mal, com uma dor de cabeça que não aguentava. Dor nas costas, vomitando e eu pegava. Às vezes, eu não falava nem para o encarregado. “Ah, se quiser mandar embora”, só que eu já tinha três anos no serviço. Aí eu saía, saía nervosa, ia para o barracão, batia o cartão e ia embora. No outro dia eu chegava no serviço ninguém falava nada para mim. Ah, mas tinha hora que não dava para aguentar (Pricila, *Artur Nogueira/SP*, maio de 2015).

---

<sup>80</sup> Na ocasião da entrevista estava desempregada, com fortes dores na coluna e depressão.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

Além disso, muitas pessoas relataram que consideraram o trabalho “muito difícil” de ser aprendido. Era comum que, no momento em que eram indagadas sobre o teor da atividade no cultivo de flores, as pessoas relatassem que o trabalho com flor requer mais habilidade e experiência quando comparado a outros trabalhos realizados na área rural<sup>81</sup> (em cultivos de algodão, café, feijão e milho, por exemplo). A dificuldade de trabalhar com as rosas e a comparação com o trabalho em outras atividades rurais são relatadas no seguinte excerto da narrativa de Margarida:

Margarida – Então, na época que eu cheguei [na região de Holambra], o meu tio ele era encarregado, e aí ele ensinava pra gente. Aí ele ensinava pra gente como que era para emendar, na hora da colheita. Assim, o cuidado para não quebrar o botão que estava para abrir, então ele ensinava pra gente. E no começo eu achei muito difícil porque quando a gente trabalhava lá [em Minas Gerais] era mais enxada, de enxada, a maioria dos serviços lá era mais de enxada (Margarida, *Mogi Mirim/SP*, maio de 2015).

Gilson também considera que o trabalho com rosa é difícil. No seguinte fragmento de sua narrativa, depois que perguntamos sobre a dificuldade de trabalhar com flores, Gilson afirmou:

Gilson – Quem não sabe mexer não mexe não porque não dá certo. Quem vem de lá [Alagoas] para cá [região de Holambra], quem vem de fora acha que é facinho, para mexer com rosa, porco, frango, é tudo difícil. Quem não tem experiência em um serviço desse “quebra a cara”. [...]

Juliana – E qual dessas [plantas] que você trabalhou que você gostou mais, que você achou mais fácil, qual você achou mais difícil?

Gilson – Ah, na verdade, fácil não tem nenhum [risos]. Todos judiam da gente [risos], só que o mais fácil eu preferia no kalanchoe. É corrido só que é mais fácil (Gilson, *Holambra/SP*, maio de 2015).

Mariana, encarregada do setor de embalagem de uma estufa de kalanchoe mostra em sua narrativa que o trabalho realizado por ela é feito sob um ritmo intenso e ela não considera que o mesmo seja “leve”:

Mariana – Hoje eu já estou há quatro anos nessa empresa aí de kalanchoe. E como eu era a maior das embaladeiras, que embala mais rápido, e como sempre tive pulso, sempre tive... assim, sempre trabalhei

---

<sup>81</sup> Conforme apresentamos na seção 2, a maioria das pessoas entrevistadas tinha a trajetória laboral marcada por atividades remuneradas na área rural.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

certo, não tenho problema de ficar fazendo graça no serviço. Aí eu ganhei o cargo de encarregada, já estou há dois anos e pouco, já. E pretendo ficar lá um bom tempo. É difícil lidar com pessoas porque na minha turma é ao todo 15 pessoas para lidar. Mas... hoje eu já acostumei, sabe? Eu já gosto mais. É gostoso, eu gosto. Eu mesma, assim, eu tenho vontade de terminar meus estudos, que eu parei no segundo. Só que eu não quero sair, eu acostumei, eu não gosto de serviço leve. Eu gosto de trabalhar em estufa, mesmo.

Juliana – O que é serviço leve que você chama?

Mariana – Ai... sentada, ou no mercado... para mim não vai (Mariana, *Holambra/SP*, março de 2015).

Além de considerarem o trabalho difícil, corrido e pesado (em algumas variedades de flores), a atividade geralmente é feita em uma posição desconfortável. Conforme demonstrado na seção anterior, muitas etapas do cultivo de flores são executadas na posição “agachada” (Ver Fotografia 15), pois os vasos ficam no chão e algumas espécies de mudas são plantadas em canteiros. Principalmente no caso dos setores nos quais o trabalho é desenvolvido por meta, para acelerar o ritmo da produção, as trabalhadoras e os trabalhadores percorrem vários metros nos chãos das estufas com os joelhos dobrados, bem próximos ao chão. Tatiane, que trabalhou muito tempo no cultivo da flor de maio, relatou que muitas companheiras de trabalho levavam almofadas e banquinhos de suas casas para as estufas para aliviar as dores nos joelhos e nas costas. Algumas empresas – para reduzir os riscos ocupacionais – fazem um esquema de revezamento nas funções, desse modo as trabalhadoras e os trabalhadores realizam as atividades em posições corporais distintas ao longo do dia. Entretanto, ainda que fiquem “apenas” duas horas na posição “agachada”, esse tempo já é suficiente para gerar dores no corpo.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

##### **Fotografia 15.** Posição corporal no cultivo de flores



Fonte: Casa da Agricultura de Santo Antônio de Posse (2014)

Afora as dores ocasionadas pela posição desconfortável na qual o trabalho é realizado, existem outros inconvenientes e fatores de risco à saúde, dentre os quais é possível destacar o espaço demasiadamente reduzido entre as fileiras de rosas, por onde as trabalhadoras e os trabalhadores passam. O espaço reduzido restringe a possibilidade de movimentação e ocasiona um ambiente propício para que as pessoas que ali trabalham sejam perfuradas pelos espinhos, como demonstrado no trecho da narrativa de Tacinara. Destacamos também o relato de Margarida, ela ressalta que em algumas empresas as luvas são fornecidas somente para as mulheres.

Tacinara: Às vezes a rosa estava apurada, igual na época do Dia das Mães, aí eles levavam a gente lá para colher. Mas era muito pouco que eu ia na rosa. Eu nem gostava de ir, também, furava tudo a gente... mas eu ia muito pouco, já tinha a turma da rosa, já.

Juliana – E eles davam luva?

Tacinara – Ah, davam, mas mesmo assim espetava (Tacinara, *Artur Nogueira/SP*, maio de 2013).

\*\*\*

Margarida – Meu pai, mesmo, esse negócio de não ter equipamento certo para trabalhar, meu pai, ali... quando tem luva eles só dão para as mulheres, e para os homens não davam, daí meu pai ficou com micose nos dedos, assim, porque o mato tem muito veneno, e entra em contato com o micróbio da terra, aí ele ficou com micose nas mãos, assim, nos dedos (Margarida, *Mogi Mirim/SP*, maio de 2015).

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

Os ruídos intensos gerados pelos climatizadores nas estufas e o risco de escorregar<sup>82</sup> também foram relatados como fatores que fazem com que o ambiente de trabalho seja sentido e vivenciado negativamente.

Outra condição de trabalho insalubre apresentada em quase todas as narrativas foi a sensação térmica elevada no interior das estufas e em campo aberto. Quando estão fora dos ambientes protegidos, as trabalhadoras e os trabalhadores ficam em exposição direta aos raios solares e nem sempre as empresas fornecem chapéus ou outro equipamento de proteção individual (EPI) que possa protegê-las e protegê-los da incidência direta dos raios solares. No interior das estufas, em algumas espécies, a temperatura chega a ser ainda mais elevada que no ambiente externo. A falta de circulação de ar nesses espaços gera um ambiente de trabalho bastante desagradável:

Juliana – E você preferiu trabalhar em campo aberto ou dentro da estufa?

Pricila – Ah, eu preferia... eu gostava de cortar rosa no campo. Dentro de estufa é muito quente, sufoca muito a gente. Eu tinha muita falta de ar, já cheguei a quase desmaiar dentro de estufa. Eu passo muito mal quando eu trabalho dentro de estufa, na época de calor. Trabalhei muito tempo porque a gente precisa, precisava... estava num tempo difícil, eu precisava trabalhar, precisava ganhar dinheiro. Eu ia, de dura, às vezes saía daqui de casa vomitando, com dor de cabeça, logo de manhã cedo. Eu chegava do serviço, tomava um remédio, melhorava, aí continuava trabalhando, mas não é fácil, não. Eu já trabalhei muito doente também, vixe! (Pricila, Artur Nogueira/SP, maio de 2015).

\*\*\*

Juliana – E lá na colheita do crisântemo, como foi o trabalho?

Tacinara – Ah, lá era muito sofrido, viu? Às vezes era no campo, no sol. Às vezes era agachada, a semana inteira. Às vezes era dentro da estufa de 40 graus. A blusa da gente chegava a molhar, tudo assim, molhava todo o corpo. Você podia tirar e torcer, de tanto suor que tinha (Artur Nogueira/SP, maio de 2013).

Além do chapéu – que nem sempre é fornecido pelas empresas – faltam outros EPIs, ou os mesmos são inadequados para o uso, tais como as luvas e os uniformes. Algumas trabalhadoras relataram que as luvas não são confortáveis para fazer a poda ou colher as rosas. As peças feitas com materiais mais grossos dificultam o movimento das

---

<sup>82</sup> O chão no interior das estufas costuma apresentar a superfície lisa em razão da aplicação de um produto químico – peróxido – para eliminar os fungos.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

mãos, e as que são mais finas causam ferimentos quando perfuradas pelos espinhos, além de rasgarem-se facilmente. Os empregadores nem sempre substituem as luvas. Destarte, muitas pessoas são obrigadas a comprar a luva por conta própria – uma trabalhadora relatou que compra suas luvas na feira aos domingos.

No que diz respeito ao uniforme, o fato de não receberem roupas para o trabalho atrapalha bastante a dinâmica de tarefas domésticas, pois precisam lavar as roupas com bastante frequência. Algumas espécies de flores como a gipsófila<sup>83</sup> e o crisântemo exalam um odor bastante acentuado, que fica impregnado nas vestimentas, impossibilitando que as trabalhadoras vistam a mesma peça por dois dias sem que a mesma seja lavada.

Existe ainda o risco advindo da exposição a agrotóxicos e fertilizantes. Os homens, principais – senão exclusivamente – responsáveis pela aplicação desses produtos, acabam sendo mais submetidos a esses riscos, mesmo que utilizem EPIs. Gasparini e Freitas (2013) mostram em seu estudo que a produção de flores é uma atividade com elevado emprego de agrotóxicos. Além da pressão para a utilização ampliada de agrotóxico para cumprir as exigências de qualidade na comercialização das flores, os trabalhadores das estufas são mais expostos aos venenos – em relação a outros trabalhadores agrícolas – porque o rigor para o uso desses produtos nas plantas não é tão intenso como no caso da produção de alimentos (GASPARINI; FREITAS, 2013).

Torres (2013), em pesquisa sobre a saúde de trabalhadores e trabalhadoras no cultivo de flores na Colômbia, mostrou que o perigo para a saúde na aplicação dos venenos nas plantas é potencializado no caso das estufas porque as altas temperaturas nos ambientes fechados favorecem a vaporização das substâncias químicas aplicadas e retarda o tempo de dispersão do praguicida. Os riscos ocorrem em razão do contato direto e da inalação desses produtos.

Colasso (2011) também apontou os riscos a que trabalhadores que aplicam venenos em estufas de flores estão submetidos. O estudo da autora, feito a partir da análise e entrevistas com homens que aplicavam veneno em estufas na região do Alto Tietê/SP mostrou que as roupas que fazem parte dos EPIs incomodam os trabalhadores porque são pesadas e grossas, elevando a sensação de calor que já é bastante acentuada no interior das estufas. Assim, muitos optam por retirar parte do EPI para suportar o clima e acabam

---

<sup>83</sup> Pequena flor branca conhecida como “mosquitinho”.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

sendo mais expostos à contaminação. O maior risco ocupacional no setor está relacionado também ao fato de o veneno ficar enclausurado no interior das estufas (COLASSO, 2011).

O perigo que a aplicação do veneno representa para a saúde dos trabalhadores e das trabalhadoras da estufa foi ressaltado em boa parte dos relatos. O esposo de Cecília trabalhou muito tempo aplicando veneno em flores e teve uma intoxicação porque não estava usando as roupas adequadas para a atividade. Como outras pessoas que trabalham aplicando veneno, ele não recebeu qualquer tipo de treinamento para a realização da atividade. Algumas empresas oferecem curso preparatório e exames médicos semestrais para quem trabalha na aplicação de veneno – o que demonstra que existem diferentes perfis em relação ao cumprimento da legislação trabalhista por parte das empresas, especificamente no que diz respeito à oferta de EPIs e treinamento para exercer atividades insalubres. Essa diferença se expressa também no fato de que algumas empresas se encarregam de lavar as roupas utilizadas para a aplicação do veneno, enquanto outras deixam a responsabilidade para os trabalhadores, que levam as vestimentas para as residências e nem sempre aplicam os cuidados exigidos pelas normas de segurança<sup>84</sup>.

As mulheres, a despeito de estarem praticamente ausentes da atividade de aplicação do veneno, não estão livres da contaminação por agrotóxicos, pois os produtos ficam impregnados no ambiente da estufa e nas plantas que serão manuseadas por elas. De acordo com Neusa, o risco de contaminação é ainda mais acentuado no caso do cultivo de rosas em campo aberto:

Neusa – Na roseira também a gente está trabalhando e eles estão socando veneno atrás. Em campo aberto geralmente é assim. Não tem horário certo para passar veneno. Você está colhendo aqui e estão passando veneno em você (Neusa, *Mogi Mirim/SP*, março de 2015).

O excerto da entrevista com Margarida e José também traz elementos que demonstram os riscos da aplicação de agrotóxicos e outros produtos químicos no interior das estufas:

---

<sup>84</sup> Uma das normas relativas à aplicação de veneno indica que as roupas utilizadas devem ser lavadas somente depois de 24 horas, para evitar que o veneno contamine o solo.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

Margarida – Tem um produto que eles passam lá na estufa da planta verde – quando desocupou o canteiro para esterilizar – o produto tem um cheiro forte que nem vinagre, bem forte mesmo. Nossa!

José – É peroxide que chama, ele é para acabar com os fungos. E se tiver lodo no chão, enquanto o lodo... porque é muito escorregadio também. Aí passa para tirar aquela alga verde, porque lá seca tudo, fica normal, com tudo. É tanto que se ele cair na mão de você sem a luva ele come.

[...]

Margarida – E nossa, arde tudo o olho da gente. Nossa, teve um dia que eles estavam passando e a gente estava... estava passando lá, nossa senhora! Só de passar no corredor, assim...

José – É tanto que no setor dela passa isso com eles tudo junto. Lá nos dois setores que eu trabalho lá não fica ninguém a hora que vai passar isso. Não fica ninguém, só fica quem está passando e terminou, tira a roupa lá, deixa lá e vem embora tomar banho. E lá no setor que ela trabalha é um pouquinho... é porque cada encarregado tem um jeito de trabalhar.

Juliana – Eles aplicam com vocês dentro da estufa?

Margarida – Às vezes, quando eles estão muito apertado, assim, que não tem como tirar a gente para fazer o serviço, aí às vezes, se está muito tempo o serviço que a gente tem que fazer e tem um lugar que está desocupado que eles vão, então eles acabam passando, mandando o rapaz passar porque está... para agilizar o espaço porque aí, tem um pessoal aí que eles trabalham muito por empreita, sabe? Aí eles pegam uma quantidade de homens e eles fazem empreita depois do expediente. Aí, então, no meio do dia, assim, às vezes tem uns espaços que eles vão trabalhar à noite, aí tem que deixar limpo e daí tacar o veneno. Passa o produto mesmo com a gente dentro, que é perigoso, prejudica a gente (Margarida e José, *Mogi Mirim/SP*, maio de 2015).

O trabalho realizado no plantio de bulbos também foi relatado como uma atividade bastante extenuante. Uma das trabalhadoras narrou sua experiência nessa atividade, caracterizando-a como “tudo fora do normal”. Isso porque na empresa que trabalhava, a remuneração era de aproximadamente 20 reais por dia. As trabalhadoras e os trabalhadores não tinham as horas-extras contabilizadas no holerite e não recebiam os prêmios que tinham direito. Além disso, o refeitório e os banheiros eram sujos e não existia um lugar para esquentar a comida. O trabalho, muitas vezes, era feito sem o uso dos EPIs. Além de não ter um salário “digno”, a atividade é bastante desgastante porque



#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

as pessoas ficam o dia todo deitadas, realizando esforços contínuos e duradouros com a cabeça, que fica para fora da máquina. Por não receberem aventais e algum tipo de protetor para o rosto, uma trabalhadora relatou que no final da jornada se sentia como um “tatu”<sup>85</sup> porque ficava em contato direto com a terra e saía de lá com a roupa e o rosto repletos de terra vermelha. Diante das irregularidades, um grupo de trabalhadores/trabalhadoras fez a denúncia da empresa no Ministério Público, ocasião na qual tomaram conhecimento de que a empresa não possuía sequer CNPJ e que atuava, portanto, de forma irregular<sup>86</sup>.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cosmópolis também encontrou irregularidades no setor de flores da região de Holambra. Foram dois os principais problemas constatados em sítios de pequeno, médio e grande porte: o uso indevido de banco de horas e os contratos irregulares. O banco de horas é uma prática irregular porque os valores da hora trabalhada são diferentes de acordo com o horário e o dia da semana. Assim, por exemplo, uma hora trabalhada numa tarde de segunda-feira não tem o mesmo valor que uma hora trabalhada à noite ou no dia que seria destinado à folga do trabalhador. Os empresários recorrem a essa prática para se livrar dos adicionais noturnos e do pagamento de horas-extras. Outra estratégia utilizada pelos empregadores<sup>87</sup>, principalmente no período de pico, é a realização do chamado “contratinho”, ou seja, eles fazem sucessivos “contratos de experiência”, com diferentes grupos de trabalhadores. Recorrem a essa prática quando a necessidade de mão de obra aumenta em razão da intensa produtividade, e depois quebram o vínculo com as trabalhadoras e os trabalhadores sem precisar pagar os direitos trabalhistas. As visitas de fiscalização feitas pelo Sindicato constataram ainda jornadas excessivas de trabalho. O prolongamento das jornadas de trabalho também foi apontado na narrativa de Marcela:

Marcela – Realmente, eu tive até uma notícia que lá na empresa... o que está acontecendo? Estão trabalhando o dia e a noite inteira, até

---

<sup>85</sup> Retornaremos a esse tema para abordá-lo com maiores detalhes posteriormente.

<sup>86</sup> As irregularidades na produção de bulbos extrapola o âmbito trabalhista e passa pelo setor ambiental. Em fevereiro de 2011, uma companhia produtora de bulbos no Ceará (ligada a um dos grupos de empresários holandeses que produzem flores em Holambra/SP) foi impedida de dar continuidade à produção de bulbos em razão do uso inadequado e excessivo de agrotóxicos. A empresa fazia a aplicação aérea de agrotóxicos em uma área muito próxima a residências e pastos com criação de animais. “Os moradores já reclamam de coceira na pele e problemas respiratórios e foi comprovada a morte de animais por intoxicação. As irregularidades foram confirmadas pela Agência de Defesa Agropecuária do Ceará (Adagri) e pelo Ministério de Agricultura Pecuária e Abastecimento”, informa o jornalista Melquíades Júnior, do Diário do Nordeste. <<http://pratoslimpos.org.br/?p=2212>.>

<sup>87</sup> Essas informações foram obtidas durante entrevista com uma sindicalista dos trabalhadores rurais na região de Holambra, em abril de 2013.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

às cinco da manhã. Realmente, na lei, isso não existe muito, né? Mas isso aí... os patrões querem lucro. Tipo assim: o serviço, aí a pessoa vem na casa, toma banho, janta e tem que voltar pra trabalhar até a noite inteira. Essa é a parte do enraizamento que está acontecendo. Agora eu não sei o crisântemo se está ficando lá ou não. [...] Aí eu ainda estava perguntando porque eu conversei com uma pessoa que está trabalhando lá dentro, eu perguntei: “e daí, vem pra casa dormir ou volta?” Volta a trabalhar. Acho isso injusto, gente. (*Artur Nogueira/SP, abril de 2013*).

Além das jornadas excessivas, o sindicato constatou irregularidades em uma empresa onde os trabalhadores e as trabalhadoras almoçavam perto das latas de veneno. Algumas pessoas procuram o sindicato para fazer queixas em razão de doenças adquiridas no trabalho, como a tendinite, e reclamam também da exaustão causada pelo calor excessivo. Uma trabalhadora abriu um processo trabalhista porque os movimentos realizados no trabalho a deixaram com o braço infeccionado. Posteriormente, ela conseguiu receber a indenização. A maioria das trabalhadoras e dos trabalhadores, entretanto, não abre um processo trabalhista pelo receio de ficar sem emprego.

O medo e o sofrimento apareceram em diferentes momentos das narrativas das trabalhadoras e dos trabalhadores, evidenciando que as dores advindas das atividades laborais se manifestam não só por meio de sua expressão física, como também psíquica. Sentimentos como o medo e o sofrimento vieram à tona para descrever o ambiente de trabalho em algumas situações, como a angústia vivenciada no período de “experiência”, em não saber se a atividade será bem sucedida, se a flor será colhida no momento certo ou se terá o corte executado corretamente. O sofrimento foi marcante para algumas trabalhadoras que conviviam com dores durante a execução das tarefas nas estufas. Uma das trabalhadoras, Taís, decidiu sair da empresa onde trabalhava colhendo e embalando o kalanchoe. Como recebiam por produção e tinham uma meta a ser atingida – embalar mil vasos por hora – as trabalhadoras intensificavam o ritmo de produção. Todo o trabalho era feito na posição “agachada”, o que gerava dores fortes na coluna.

Inês, de 51 anos, trabalhou por mais de 13 anos em diferentes espécies de flores, na maioria delas executou o trabalho na posição “agachada”, com exceção do crisântemo que era colhido “em pé”. A realização das jornadas nessa posição desconfortável lhe causou problemas na coluna e pescoço que a retiraram do trabalho. Inês teve seu pedido de afastamento negado e foi demitida do trabalho. Não quis abrir um processo trabalhista contra a empresa por medo de não encontrar outro serviço depois que as dores passassem. Em outra narrativa, uma trabalhadora relatou que uma colega de

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

trabalho não conseguiu afastamento, apesar de estar com problemas na pele causados pelo contato com o veneno das plantas. Além disso, de acordo com os trabalhadores e as trabalhadoras, existe uma burocracia que impede que as pessoas consigam se afastar por problemas de saúde.

O medo de não encontrar mais serviço no cultivo de flores também impossibilitou que outras narrativas fossem relatadas durante a pesquisa de campo. Muitas pessoas indicavam amigas, parentes e colegas de trabalho que estavam afastadas em razão de doenças adquiridas no trabalho ou que já tinham dado entrada a algum processo trabalhista contra as empresas em razão de doenças ocupacionais. Entretanto, após inúmeras tentativas, essas pessoas se recusaram a conversar sobre o trabalho, mesmo depois de reforçarmos que não tínhamos ligação com as empresas e que o mais importante era ouvir os relatos e as experiências de trabalho.

A diferença e a desvalorização salariais também geraram descontentamento nos trabalhadores e nas trabalhadoras. Muitas pessoas percebiam que, a despeito da elevada responsabilidade que têm no ambiente de trabalho, a mesma não é valorizada no momento de estabelecer um padrão de remuneração. Existem muitos encarregados que recebem um salário elevado para controlar e vigiar o trabalho, mas foram escolhidos para exercer essa função em razão de relações de proximidade estabelecidas com um empregador. E isso gerou descontentamento entre os trabalhadores e as trabalhadoras que conhecem o cultivo de flores há muitos anos e, muitas vezes, conhecem melhor as etapas do processo produtivo que aqueles que controlam e vigiam o trabalho. Jaime, que trabalhou mais de 20 anos no cultivo de flores, relatou:

Jaime – Entra um encarregado ruim, que não sabe de nada, às vezes quer mandar em você, sendo que você sabe mais do que ele, é mais informado, tudo, mais do que ele. E sabe mesmo que você manda nele, não ele manda em você. (*Artur Nogueira/SP, abril de 2013*).

Tacinara também comentou a diferença salarial entre as pessoas que trabalham com flores e exercem diferentes atividades: “Às vezes aqueles que trabalham menos ganham mais ainda do que a gente que trabalha mais”. Ela trabalha no repique das mudas de violeta e se alegra bastante com o resultado de seu trabalho. Entretanto, sente que a remuneração não condiz com o grau de responsabilidade que tem. Bastante experiente no setor de plantas, Tacinara realiza as atividades sem precisar consultar o encarregado. Inclusive, fez uma sugestão no processo de produção que foi acatada pelo produtor.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

Tacinara – Porque às vezes as ideias que eu dou para eles, eles pegam as ideias que eu dou para eles. Por eu estar ali, mexendo com aquilo ali, às vezes tem uma coisa que não está dando certo, aí eu dou uma ideia para eles, eles pegam aquela ideia, faz e dá certo. [...] Aí, tipo, era uma bandeja enorme assim, só que aquelas bandejas eram muito sofridas pra gente pegar elas, eram muito pesadas, e quando estava molhada, então? Meu Deus do céu! E às vezes ela quebrava fácil porque elas eram de outro metal, ela quebrava *facinho, facinho*, depois eu falei assim: “Por que você não faz o teste com uma bandeja pequena?” Tinha uma bandeja pequena lá. Aí eles fizeram o teste com a bandeja pequena. Aí eu falei assim: [fala em tom animado] “Com a bandeja pequena ela fica muito mais bonita e muito mais grossa”. E não é que foi verdade, mesmo? Que essa bandeja mais pequenininha, ela desenvolveu mais bonita e melhor. Aí o que ele fez? Encheu a estufa inteirinha de bandeja pequena! Ninguém lá, só a encarregada e o outro, lá, que cuidam lá, igual eu, que sabem que a ideia foi minha! Mas ninguém ali sabe. Se soubessem não iam acreditar [em tom de desabafo], por que? Por causa da inveja, né? (*Artur Nogueira/SP, maio de 2013*)

A experiência e o conhecimento prático de Tacinara não tiveram o reconhecimento por parte dos colegas de trabalho e não foram valorizados em forma de aumento de salário. A presença de técnicos agrícolas, engenheiro e agrônomos é comum nas estufas. Entretanto, é preciso considerar também o conhecimento prático de quem trabalha há muitos anos com o cultivo e percebe as necessidades no cotidiano de trabalho, que nem sempre são valorizadas no pagamento. Em sítios pequenos, onde não há a presença contínua de técnicos agrícolas, a experiência das trabalhadoras e dos trabalhadores é fundamental. Maísa, que trabalha há mais de 14 anos em um pequeno sítio produtor de violetas, é solicitada pelos patrões para coordenar as atividades no processo produtivo. Quando o sítio recebe trabalhadoras na “diária”, os patrões solicitam que Maísa acompanhe a tarefa feita pelas pessoas que estão iniciando o trabalho. Sua experiência lhe permite identificar as doenças nas plantas, saber o ponto exato de colheita, e também controlar a tarefa feita pelos demais trabalhadores:

Maísa – Você tem que estar no pé de quem vai colher, às vezes é assim: você trabalha com três, quatro pessoas, mas às vezes você tem dor de cabeça, entendeu? Porque eu sei o que vai ser porque às vezes entra aquela pessoa lá, no Dia das Mães, mesmo, nossa, a gente quase fica louca! Porque você pega diarista, que às vezes fala que sabe, chega lá não sabe! Aí não pode ir com flor estragada (*Artur Nogueira/SP, maio de 2013*).

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

A responsabilidade que recai sobre Maísa – ensinar o trabalho para as pessoas que iniciaram suas atividades há pouco tempo na empresa, controlar o trabalho na colheita da violeta, distribuir as tarefas que serão feitas na estufa –, tem um peso bastante acentuado que não é refletido em sua remuneração. O mesmo não acontece com Agenor, que trabalha com irrigação. Quando questionado sobre a diferença salarial entre as tarefas da colheita e irrigação, afirmou que seu salário era maior pelo fato de que a responsabilidade na irrigação é maior que na colheita. Ele define sua atividade como “trato cultural”, que consiste em fazer a correção da irrigação e adubação das plantas. Na empresa em que trabalha, o processo de irrigação é parcialmente informatizado. Existe uma programação para realizar a irrigação que já possui a quantidade exata de água que será distribuída pelas mesas que contêm os vasos com as violetas quando ainda não floresceram. A função de Agenor é olhar e irrigar os vasos que não receberam a quantidade suficiente de água. Enquanto observa as folhas têm que verificar também a presença de doenças.

Não é só a responsabilidade de Agenor no trabalho que recebe maior valorização. Seu discurso também é bastante legitimado pelos membros da família<sup>88</sup>. A narrativa de Agenor se mostrou bastante detalhada<sup>89</sup>, utilizando inclusive termos técnicos, como o nome das doenças encontradas na violeta e a diferença entre a “fase verde” da produção de violetas e a “fase flor”<sup>90</sup>. É possível atentar, então, para a legitimidade do conhecimento de um homem jovem em oposição ao conhecimento trazido pelas mulheres, que também têm muita experiência no trato com flores e que, muitas vezes, não têm essa experiência transformada em acesso a cargos com maiores remunerações, como no caso dos homens.

Agenor percebe positivamente a execução de seu trabalho e a postura dos patrões diante dos funcionários e das funcionárias. Ele ressalta, por exemplo, a diferença entre as formas de contratação no cultivo de flores e no cultivo de laranjas, afirmando que o trabalho na colheita de laranja é muito instável porque os trabalhadores recebem de acordo com a produção e que conseguem uma remuneração razoável somente quando

---

<sup>88</sup> A sobrinha e os pais de Agenor ressaltaram que deveríamos conversar com ele, pois ele “sabia tudo de flor”.

<sup>89</sup> Enquanto descrevia as etapas do processo produtivo de diferentes espécies de flores, Agenor mostrava, na tela de um computador, as imagens de fotografias tiradas por ele em seu ambiente de trabalho. Agenor cedeu, gentilmente, as imagens e autorizou a divulgação das mesmas.

<sup>90</sup> A “fase verde” consiste nas etapas em que os vasos estão cobertos somente com as folhas. Na “fase flor”, os brotos das flores já começaram a despontar. Cada fase requer um cuidado diferente, como no caso da irrigação.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

encontram bons pomares para fazer a colheita. Ao contrário, o trabalho no cultivo de flores apresenta uma maior estabilidade, na medida em que as pessoas são contratadas formalmente, recebendo assim os direitos trabalhistas indisponíveis na colheita da laranja, como 13º salário, férias e Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Questionado sobre os trabalhadores e as trabalhadoras no cultivo de flores que são empregados no período de pico sem contrato formal, Agenor afirma que a prática é comum, mas que a empresa na qual trabalha não recorre aos diaristas nos períodos de intensificação da produção.

Outras trabalhadoras também ressaltaram o aspecto positivo de trabalhar no cultivo de flores, principalmente para aquelas que já tinham trabalhado em outras culturas agrícolas ou como empregadas domésticas:

Inês – Ah, da flor é mais gostoso, né, porque é mais leve. A laranja é gostoso, assim, mas é muito pesado para a mulher. (*Artur Nogueira/SP, maio de 2013*)

\*\*\*

Juliana – E entre trabalhar no crisântemo e trabalhar em casa de família, qual você preferiu?

Tacinara – Ai, eu preferia no crisântemo. Porque casa de família, às vezes era tão chato! Você fazer o mesmo serviço, e às vezes você levava reclamação ainda. Falava: “Ai, não fez direito. Ai, vai fazer aquilo lá”. Sei lá, eu não trocava mais firma nenhuma por casa de família, não. Hoje! Como naquela época não tinha escolha, né, então eu topei ir, mas eu nunca gostei. Eu preferia mais trabalhar fora, assim, em firma (*Artur Nogueira/SP, maio de 2013*).

A atividade de Tacinara nas estufas é vista de forma positiva porque ela trabalha sozinha em uma sala que faz a repicagem das plantas. E, enquanto trabalha, evita as brigas por não ficar próxima a outras trabalhadoras e também consegue pensar e refletir sobre os relacionamentos pessoais. Tacinara sente que o trabalho é uma “fisioterapia para a cabeça”. As mesmas trabalhadoras que tecem elogios à empresa ressaltam que certas atividades no interior das estufas são perigosas, pois exigem que os trabalhadores e as trabalhadoras usem vários EPIs (luvas, botas) para protegê-las dos venenos e outras ferramentas pontiagudas que ficam ao lado dos canteiros. Elas se queixam também do cansaço gerado pelas longas jornadas de trabalho nos períodos de pico. Quando há necessidade de fazer hora extra, ficam mais de 12 horas fora de casa – considerando o período de deslocamento dos pontos de ônibus até os sítios e as fazendas produtoras de flores.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

Conforme apresentado anteriormente, algumas tarefas executadas nas estufas são remuneradas de acordo com a produção. E, mesmo aquelas que não recebem de acordo com a produtividade, sofrem pressão para atingir as metas de acordo com as demandas dos compradores. O trabalho é visto como ideal quando os trabalhadores e as trabalhadoras conseguem “dar produção e qualidade”, ou seja, quando produzem o maior número de flores com uma estética bastante valorizada no mercado consumidor. A estética valorizada requer a apresentação das inflorescências com uma coloração uniformizada e livre de doenças – esse padrão é estabelecido previamente pelas empresas que fazem a comercialização dessas plantas. A Veiling-Holambra é a cooperativa que estabelece padrões de qualidade mais rígidos. Nas figuras que apresentamos a seguir, é possível observar os critérios estabelecidos para que os vasos de violeta sejam comercializados pela cooperativa. As imagens estão disponíveis no sítio eletrônico da cooperativa Veiling, são direcionadas aos produtores com a finalidade de ilustrar e definir os critérios de classificação das plantas. Compreendemos que existe uma padronização das plantas por meio da aplicação do conhecimento científico.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

**Figura 3.** Informes da Cooperativa Veiling com os critérios de classificação da violeta (continua na próxima página)

### Critério de Classificação Violeta.

Classificar é separar os produtos em lotes homogêneos quanto ao padrão e qualidade, caracterizados separadamente. O critério de classificação é o instrumento que unifica a comunicação entre toda a cadeia de produção. Produtores, atacadistas, varejistas, consumidores precisam seguir os mesmos critérios para determinar a qualidade do produto. Assim, haverá mais transparência na comercialização, valorização do melhor produto, maior qualidade e maior consumo.

**1. PADRÃO.** São as características mensuráveis do produto. O Padrão é determinado pela uniformidade do lote. O lote de violeta padronizado é aquele que possui **95% de uniformidade** quanto à quantidade de flores abertas por vaso, formação da planta e ponto de abertura.

**1.1. Quantidade de flores abertas por vaso**  
Refere-se ao volume de flores abertas (e botões) mínimos que o vaso deverá apresentar no momento da comercialização.  
O vaso de Violeta classificado deverá apresentar no mínimo **08 flores abertas e demais botões.**



**A1**



**A2**



**Poucas flores**

Será considerado **botão aberto** quando as pétalas estiverem mostrando a cor do "pólen" no momento da **classificação**, caso contrario o botão é considerado fechado.



**Botão Aberto**



**Botão Aberto**



**Botão Fechado**

Cooperativa Veiling Holambra  
Departamento de Qualidade e Pós-Colheita



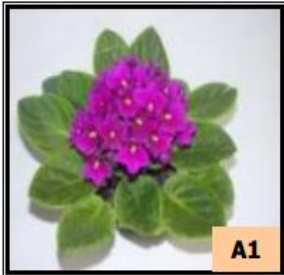
#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

**Figura 3.** Informes da Cooperativa Veiling com os critérios de classificação da violeta  
(continuação)

### 1.2. Formação da planta

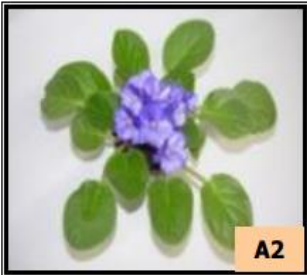
Refere-se ao aspecto e constituição da planta.

O vaso de Violeta deverá apresentar muda centralizada no vaso para que haja uma formação compacta, tanto para folhas como para as flores, sem falhas, caracterizando uma formação redonda da planta. O lote de Violeta classificado deverá apresentar **uniformidade** na formação das plantas.



**A1**

**Planta com boa formação**



**A2**

**Planta com má formação**

### 1.3. Ponto de maturação

O ponto de maturação refere-se a ponto de colheita no qual o produto é comercializado.

Consideraremos **excesso de maturação**, o vaso que apresentar um avançado estágio de maturação. Não serão aceitos lotes com flores com excesso de maturação "passadas". Os lotes que apresentarem acima de 10 % de vasos com flores passadas serão desclassificados.

Exceção para as variedades que apresentam uma descoloração natural.

## 2. QUALIDADE.

É a ausência de defeitos.

A categoria de classificação (A1 ou A2) caracteriza a qualidade do lote e deverá ser estabelecida conforme limites de tolerâncias para defeitos graves e leves. Os defeitos graves são aqueles que podem continuar a evoluir durante o processo de comercialização. O produtor deverá selecionar o produto, eliminando os defeitos antes do embalagem, assegurando requisitos mínimos de qualidade, abaixo do qual o produto não poderá ser comercializado.

Fonte: Página eletrônica da Cooperativa Veiling Holambra. Disponível em:  
[http://www.veiling.com.br/uploads/padrao\\_qualidade/criterios/violeta-fv.pdf](http://www.veiling.com.br/uploads/padrao_qualidade/criterios/violeta-fv.pdf)

Na figura 3, pode-se observar que a cooperativa estabelece dois níveis de flores "classificáveis": A1 e A2. As flores classificadas como A1 são aquelas que apresentam um valor maior de comercialização que aquelas classificadas como A2. Os vasos que não apresentam os requisitos mínimos do padrão A2 são desclassificados. As flores desclassificadas são jogadas no lixo, o produtor recebe de volta somente os vasos e fica com o prejuízo resultante da não comercialização das plantas. As figuras elucidam o que é evidenciado nas narrativas das trabalhadoras e dos trabalhadores, de que o trabalho tem que "dar produção e qualidade".

Olaizola (2009), em estudo sobre a produção de morangos no Sul da Espanha, demonstrou que existe também um duplo controle – de quantidade e qualidade

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

– na colheita e embalagem das frutas. Cada trabalhadora tem um número de identificação que é afixado nas caixas que contêm os morangos. Durante o processo de embalagem, quando a pessoa que faz a pesagem verifica que a fruta está fora dos padrões de qualidade, o turmeiro é comunicado, e este chama a atenção da trabalhadora que colheu.

São altas também as exigências de qualidade para as trabalhadoras brasileiras empregadas na colheita da uva no Vale do São Francisco: a realização do trabalho tem se transformado ao longo dos anos e a tarefa que antes era realizada nos galpões de distribuição passa a ser de responsabilidade daquelas pessoas que fazem a colheita das uvas nos campos. Desse modo, além da colheita, as trabalhadores têm que realizar um trabalho bastante detalhado de preparação da embalagem das frutas. O nível de exigência de qualidade do trabalho é ainda maior quando se trata da produção de frutas para a exportação (CAVALCANTI, 2012).

No cultivo de flores na região de Holambra, para atingir o padrão de qualidade, o controle do trabalho no interior das estufas e nos campos é bastante rígido. Assim, o trabalho é observado durante a execução, mas existe também um controle da qualidade da planta. Em muitas espécies de flores, as caixas que contêm as plantas recebem uma etiqueta com o número da trabalhadora e do trabalhador que executou a tarefa. Desse modo, caso aconteça algum problema – por exemplo, mudas com colorações diferentes em uma caixa – o produto retorna ao sítio produtor. No caso das plantas que são destinadas para o mercado externo as exigências de qualidade são ainda mais acentuadas. No cultivo de rosas, as plantas que serão exportadas precisam apresentar as seguintes especificações:

**Pétala:**

Não deve apresentar mancha de botrytis (após tirar uma pétala).

Não pode apresentar dobras de amassados mecânicos.

Não apresentar furos de espinhos.

Não conter pragas (ácaro, tripés e pulgão).

Cor e tamanho padrão dentro das especificações da variedade.

Abertura conforme padrão da variedade.

**Sépalas:**

Devem ter todas as sépalas perfeitas.

Não devem apresentar manchas de oídio<sup>91</sup>.

**Receptáculo:**

Não deve apresentar mancha de oídio.

---

<sup>91</sup> Doença causada por fungo.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

**Hastes:**

Proporcionais ao comprimento.

Proporcionais ao tamanho do botão.

Proporcionais às folhas.

**Folhas:**

Limpas de defensivos e poeira.

Verdes (cor típica da variedade).

Não deve apresentar manchas causadas por pragas e doenças.

Folhas inteiras.

Não deve apresentar deformações físicas.

Nos 2/3 superiores não podem faltar folíolos (BARBOSA, 2003, p. 146-147).

Conforme apresentado anteriormente, muitas espécies de flores crescem em ambientes protegidos e são cultivadas durante o ano todo, entretanto, existe o período de maior produtividade que começa no mês de abril e diminui em julho. Nesses meses, a pressão para “dar produção e qualidade” é ainda maior. Nas semanas que antecedem as grandes datas comemorativas com comércio de flores – Dia das Mães, Dia dos Namorados, Finados e Dia Internacional da Mulher – algumas turmas são deslocadas de suas atividades de origem para trabalhar na colheita e embalagem das flores, como mostra o seguinte excerto da narrativa de Taís:

Taís – Aí vai, embala, põe no carrinho, aí depois leva para o barracão para misturar, sabe? Que aí, cada porta vaso, cabem 10 vasos, aí ele coloca três vermelhas e as outras cores, variadas, rosa, branco, amarelo, laranja, tudo misturado. Aí já é uma correria danada. Porque aí é final de semana, sábado e domingo, direitão. No final de semana, um final de semana antes do Dia das Mães a gente trabalha direto. A gente trabalha a semana normal, até umas cinco horas, cinco e pouquinho, e se precisar passar da hora... e no sábado a gente trabalha o dia inteiro, e no domingo a gente trabalha o dia inteiro, ou até o meio-dia (*Artur Nogueira/SP, abril de 2013*).

As empresas que não conseguem atingir as metas de produtividade somente com o prolongamento das jornadas recorrem ao trabalho dos diaristas. Geralmente, divulgam as vagas entre as pessoas que já trabalham nas empresas, para que anunciem a oferta de trabalho para colegas ou familiares que estejam desempregados, ou em período de seguro-desemprego. Existem também empreiteiros e pequenos produtores que têm contatos em bairros onde reside um grande número de trabalhadoras e trabalhadores empregados em atividades agrícolas.

O trabalho “na diária” é realizado sem contrato em carteira de trabalho e é utilizado muitas vezes por pequenos produtores que não possuem o alvará da estufa. As

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

peças empregadas nessas condições recebem aproximadamente 45 reais por dia. Do ponto de vista das trabalhadoras e dos trabalhadores essa forma de vínculo é vista como favorável para as pessoas que não completaram a idade mínima para receber o registro na carteira. No caso de adultos, o trabalho “na diária” é visto como positivo quando buscam uma complementação de renda (algumas pessoas trabalham com carteira assinada em uma estufa e no período noturno, geralmente nos picos de produção, trabalham “na diária” para outros patrões) ou quando procuram formas mais flexíveis de emprego. Júlia, uma das trabalhadoras que reside no bairro Palmeirinha, em Holambra, nos relatou que escolheu trabalhar “na diária” no período pós-parto porque tinha maior flexibilidade para faltar do trabalho na estufa aos finais de semana, uma vez que aos sábados e domingos era a única responsável pelo cuidado das crianças.

Para muitas pessoas, o trabalho na diária também é uma boa opção quando estão em período de seguro-desemprego, entretanto, muitas ingressam no período de pico com a esperança de terem um contrato formal de trabalho mas depois do período de intensa produção são dispensadas do trabalho. A situação instável gera não só incertezas sobre a continuidade do trabalho, mas também expectativas em relação aos vínculos estabelecidos no ambiente de trabalho. O seguinte excerto da narrativa de Marcela evidencia a dificuldade de estreitar os vínculos com colegas de trabalho quando está empregada como “diarista”:

Marcela – Realmente eu trabalhei por dia ali em uma firma porque a firma me chamou pra uma entrevista... fichas... essas coisas. Aí naquela firma, eu trabalhei por justos quinze dias, aí eu apeguei muito com as pessoas que... quinze dias! Dentro de quinze dias, eu apeguei muito com as pessoas, oh! Aí eu saí. Pra mim, eu sinto falta de... [pausa] sou uma pessoa que não gosta de ficar muito sozinha, eu gosto de estar sempre acompanhada, com gente... gente que você vê que é gente boa, né? [risos] (*Artur Nogueira/SP, abril de 2013*).

No cultivo de flores, além da pressão para “dar produção e qualidade”, existe mais uma variável que influencia na forma como o trabalho será executado: a demanda dos clientes. Nem toda a produção de flores é destinada para os leilões de comercialização. Existem também as vendas diretas, ou seja, contratos fechados previamente com supermercados ou outras redes varejistas, por exemplo, que fazem uma encomenda de produtos. Assim, uma mesma espécie de flor destinada ao supermercado exige “qualificações” diferentes daquelas que são destinadas para os leilões e compradas por designers ou comerciantes proprietários de floriculturas. A demanda específica varia

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

também de acordo com o país que comprará as flores. Na produção da muda de violetas – que são enviadas para fora do Brasil – a pressão para colher um produto de “qualidade” é ainda maior, pois os consumidores estrangeiros são mais exigentes. Além disso, o Japão, por exemplo, possui normas muito rígidas de fiscalização fitossanitária. Isso implica em um cuidado maior por parte das trabalhadoras e dos trabalhadores quando sabem que as mudas serão destinadas para o referido país. O seguinte excerto da narrativa de Taís mostra a variação no cultivo de kalanchoe de acordo com o pedido dos clientes:

Taís – O kalanchoe, quanto mais aberto ele ficar, é mais fácil para vender porque a maioria dos clientes de onde eu trabalhei, eles pegavam mais aberta. Então a gente não podia colher vaso assim, fechado. Às vezes tinha pedido assim, com uma flor só aberta, que aí ia para muito longe, aí durava mais. Agora quando ia para perto, assim, aí já pediam mais aberto (*Artur Nogueira/SP, abril de 2013*).

Os estudos desenvolvidos por Cánovas (2012; 2010) sobre os assalariados agrícolas que trabalham na colheita de frutas e hortaliças no sul da Espanha fornecem importantes elementos para a reflexão acerca das demandas específicas da agricultura globalizada. O autor mostra que as empresas agrícolas estão deixando para trás a era da produção em massa, característica do modelo fordista. Elas estão entrando na fase pós-fordista de consumo diferenciado, que requer normas de produção flexíveis. As exigências específicas do mercado consumidor fazem com que haja um mercado de trabalho com hierarquias e contradições. Por um lado, novas categorias de trabalhadores com qualificações elevadas são requeridas. Essas pessoas geralmente entram em contato direto com as novas tecnologias. Ao mesmo tempo, a precariedade e eventualidade de certos tipos de trabalho se aprofundam como forma de baratear os custos em certas tarefas do processo de produção. Cria-se, então, uma dualidade nas qualificações de trabalho: incremento das qualificações no topo da hierarquia (gerentes, engenheiros) e ampliação do processo de desvalorização e desqualificação do trabalho manual (CÁNOVAS, 2012). Nesse sentido, Silva e Melo (2009) também apontam uma dualidade que envolve o uso de maquinários na atividade de corte de cana no Brasil. As autoras demonstram que o processo de mecanização não é linear. “Ao mesmo tempo em que muitos trabalhadores são descartados, outros são empregados com baixos salários, muitas vezes, sem os direitos trabalhistas, duramente conquistados ao longo das últimas décadas” (SILVA; MELO, 2009, p. 133).

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

A discrepância entre o trabalho de gerentes, engenheiros e aqueles realizados manualmente pelos trabalhadores e trabalhadoras das estufas de flores na região de Holambra se soma ao mistério gerado pelo uso da tecnologia. Muitas vezes, algumas etapas do processo de produção não são muito detalhadas nas narrativas. Nessas etapas, a tecnologia encontra-se presente e ganha protagonismo. O protagonismo da tecnologia é evidenciado nos seguintes excertos das narrativas de Alceu e Roberto:

Alceu – Tem um técnico também que vem pra ver a flor, pra ver como é que está a doença ali. Ver qual é o veneno que pode jogar, qual é o produto que pode jogar. Se a muda está dando bem com o substrato. É assim. Eles têm um laboratório lá que eles põem na mesa e daqui o cara já está olhando lá em Holambra. De lá o cara já sabe a doença que tem na muda.

Juliana – Como, ele está filmando?

Alceu – É, eles têm esse sistema... um aparelho que eles colocam lá. Eles têm um laboratório em Holambra e lá eles sabem qual é o... De lá mesmo ele faz o teste. Já manda para o gerente ali pra saber qual é o substrato que está aí na... Qual é o problema que está dando na muda, né. (*Artur Nogueira/SP, abril de 2013*).

\*\*\*

Roberto - Agora o antúrio eu não posso falar nada para vocês porque é tudo perto de onde eu trabalho, lá, mas eu não trabalho direto com antúrio. [...] a única coisa que eu sei é esse aparelho aqui<sup>92</sup>, ele mede a temperatura da terra, tudo, e até acho que... Aí ele manda um sinal para a Holanda, pra Holanda, lá, de como que está a terra, como está a temperatura da terra. Porque da Holanda vem por *email*, para o escritório do homem a análise da terra, tudinho. Vem por *email*, aí esse aparelho que faz essa função, aqui. (*Artur Nogueira/SP, abril de 2013*).

#### Fotografia 16 – Tecnologia no cultivo do antúrio



(Holambra/SP, março de 2012) Foto cedida por entrevistado

<sup>92</sup> Conferir **Fotografia 16**. Tecnologia no cultivo do antúrio.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

No que diz respeito à discrepância entre os diferentes conhecimentos nas etapas do processo de produção das flores, é válido ressaltar que, muitas vezes, o trabalho realizado pelas mulheres é visto como uma “ajuda” à atividade de produção mais sofisticada feita pelos técnicos em algumas espécies de flores, como as orquídeas e o antúrio. O seguinte trecho da entrevista com Luciana evidencia a forma como ela considera o trabalho feito por mulheres no plantio de orquídea:

Juliana – E como você sabe quando [a muda] vai render ou não? Olhando assim para o vaso... como você sabe se ela vai para frente?

Luciana – Mas aí já são outras pessoas que ficam ali... Porque a gente só vai mais para ajudar, para poder o serviço andar mais rápido. Aí tem gente, mesmo, que fica ali só naquela parte, só quando chega a mudinha e tal. Aí você só vai ali para ajudar a plantar ou se não quando é para tirar de um lugar e colocar em outro.

Juliana – E quem são essas pessoas que ficam depois?

Luciana – Já é funcionário do patrão, mesmo. Funcionário do patrão, mesmo.

Juliana – Mas vocês não são contratadas dele?

Luciana – É. É porque as pessoas já são mais velhas, né? Mais velhas de tempo, então a gente como é mais nova, estamos aprendendo agora, né? Então eles já sabem mais do que a gente (*Artur Nogueira/SP, abril de 2013*).

As mulheres empregadas no plantio das mudas de orquídea na empresa onde Luciana trabalha são vistas como aquelas que “fazem o serviço andar mais rápido”. As diferenças entre o trabalho feito por homens e mulheres não estão restritas à produção de orquídeas. A hierarquia no ambiente de trabalho das estufas e campos de flores da região de Holambra se manifesta não apenas na diferença de cargos e salários de encarregados, gerentes, engenheiros e trabalhadores e trabalhadoras manuais, ela está presente de forma explícita nos nichos de tarefas executadas prioritariamente por homens ou mulheres.

De modo geral, os homens se encarregam das atividades de transporte de carrinhos com flores, preparam a terra com o trator, irrigam, aplicam veneno e são empregados em cargos de liderança. As mulheres fazem a seleção das plantas, picotam as mudas, fazem o “espaçamento das plantas”, podam as folhas, classificam as plantas de acordo com o tamanho, fazem o enxerto no matrizeiro, colhem as flores e trabalham no setor de embalagens. As justificativas para a diferença na execução das tarefas estão assentadas na atribuição de características como “força” e “coragem” aos homens,

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

enquanto as mulheres são classificadas como “sensíveis”, “jeitosas” e “caprichosas”. Nos seguintes excertos é possível visualizar tais referências:

Juliana – Você acha que tem algum motivo que faz com que tenha mais mulher nessa parte da colheita?

Roberto – É porque as mulheres trabalham mais, já são mais *sensíveis*, tem mais jeito para trabalhar. Elas são mais *calmas* que os homens, por isso que tem mais mulher que trabalha. E elas têm uma atenção especial de lidar mais com a flor (*Artur Nogueira, abril de 2013*)

[...]

Agenor – O processo de colheita, principalmente nessas bancadas, quando você fizer a retirada dos vasos, é como se você tivesse *acariciando* um bebê – porque a *delicadeza* e a *sutileza* que tem que tocar no produto é como se fosse uma coisa equivalente. Então a gente precisa acomodar bem as hastes e continuar o processo de colheita. E, nesse caso específico, as mulheres levam vantagem dos homens (*Agenor, pequeno empresário produtor de flores em Holambra*<sup>93</sup>).

Os trechos das narrativas de Roberto e Agenor fornecem importantes indícios para que o trabalho da produção de flores seja visto somente a partir do aspecto relacionado aos sentimentos e às emoções. Isso fica evidente por meio da utilização das seguintes palavras – destacadas em negrito e itálico no texto: *sensíveis*, *calmas*, *acariciando*, *delicadeza*, *sutileza*.

As emoções e os sentimentos também são ressaltados na narrativa de Tacinara. Ela mostra que a empresa tentou colocar várias pessoas para quebrarem as mudas de violeta, mas o processo não foi bem sucedido porque algumas pessoas faziam a atividade com raiva. Depois que Tacinara passou a fazer e a empregar em seu trabalho o carinho e o cuidado, a produção trouxe novos rendimentos:

Tacinara – Porque no começo ia todo mundo [para repicar mudas de violeta], ia bastante gente, bastante mulher – homem não, mulher. Aí o homem falou assim: “Nossa, está parecendo que passou um monte de vaca roçadeira aqui”, porque fazia muita bagunça, assim, tipo, umas quebravam de um jeito, outras quebravam *com raiva*, outras quebravam *com carinho*, sabe? Era a maior bagunça, ele

---

<sup>93</sup>A fala de Agenor consta em um vídeo promovido por um programa que faz a divulgação do material em mídias eletrônicas. Neste caso, o objetivo era mostrar a convivência pacífica entre produtores brasileiros e holandeses. Agenor foi entrevistado e, entre outras coisas, descreve o processo de colheita das flores nas estufas.



#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

achou que aquilo lá não estava progredindo para ele. Aí ele contratou duas pessoas para fazer só esse serviço. Que é o que eles mais preocupam, de quebrar a folhinha, para o brotinho crescer. Aí... e eu, quando eu entrei lá eu fiz dois serviços para depois eles colocarem eu lá. Aí depois eles colocaram eu lá, gostou, colocou duas. Ele não gostou da outra, mandou a outra embora e deixou eu: “eu vou deixar ela. Se eu gostar dela eu fico, senão eu vou mandar ela embora também”. E eu lá querendo ficar, sabe, porque eu gostava. Eu comecei a gostar do serviço, eu *me apaixonei pelo serviço*, menina. Até hoje, eu fico lá, eu me sinto tão bem. Eu fico sozinha! Eu adoro trabalhar sozinha. As pessoas falam: “Ai, Tacinara, eu não sei como você aguenta trabalhar sozinha”. Eu falo: “Eu adoro, adoro!” Eu tenho raiva quando eu desço lá no meio do bando lá, sabe? [risos] Eu adoro ficar ali sozinha. Lá eu choro, lá às vezes eu fico triste, ou eu estou alegre. [...] Mas é muito gostoso isso que eu faço lá. Muito gostoso. Às vezes quando eu fico de atestado, quando eu fico de férias, eu fico doidinha para voltar de novo. Porque eu fico: “Olha, cuidado, não vai botar as pessoas para fazerem bagunça aí, hein?” [...] Porque acho que ele gosta, o André<sup>94</sup>, que é o dono, acho que ele gosta do serviço que eu faço. Eu já falei até com ele, pessoalmente, eu falei: “Olha, eu faço isso aqui porque *eu gosto. Eu faço com carinho porque eu cuido*, sabe?” Às vezes eu sou exigente, é como se eu fosse a dona, entendeu? Às vezes eu faço o papel de como se eu fosse a dona. Mas porque eu gosto, eu faço com *carinho* (Artur Nogueira/SP, maio de 2013).

Comprendemos que as emoções estão presentes no processo de produção e consumo das flores (BECERIL, 1995). Entretanto, é preciso ressaltar que, a despeito de os sentimentos serem ressaltados no discurso de homens e mulheres principalmente quando retratam o trabalho feminino no cultivo de flores, as emoções também estão presentes na realização de tarefas por homens, como mostra o seguinte trecho da narrativa de Roberto.

Roberto - Nesse período aqui [“fase flor”] você não pode molhar a flor, então tem que ser com muito *cuidado* para molhar aqui. Esse é meu trabalho aqui. Daí essa é minha função que eu faço de segunda-feira. Aí, meu trabalho aqui é molhar esses vasinhos aqui, dar uma olhada porque eu fico mais no meio do contato com os vasos formados, eu tenho que olhar para ver se tem algum tipo de doença, tem ácaro... Então eu tenho que estar atento. Tendo as doenças, aí eu vou lá, falo para meu encarregado, marco o vão que está a doença e ele vai lá, olha, e ele cuida da parte de veneno, essas coisas (Artur Nogueira/SP, abril de 2013).

---

<sup>94</sup> Nome fictício.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

Buscamos mostrar que as emoções não estão ligadas somente ao trabalho das mulheres no cultivo de flores. Além disso, em muitas atividades no interior das estufas e campos – como descrevemos anteriormente – o trabalho é bastante cansativo e intenso. A reafirmação desse entendimento é importante para a reflexão acerca do trabalho, na medida em que a atribuição de características como a “sensibilidade”, o “carinho” pode fazer com que o trabalho se aproxime mais do campo da “natureza”, ou seja, existe um argumento que reforça a ideia de que o trabalho é bem realizado porque as pessoas recorrem a um instinto, como se esse conhecimento não tivesse sido construído socialmente, ao longo de suas trajetórias. Além disso, tal forma de atribuição faz com que o trabalho não seja valorizado em termos salariais, já que esse conhecimento não seria adquirido, e sim inato.

É preciso compreender criticamente as considerações acerca das características que seriam inerentes às mulheres. As pesquisas desenvolvidas por Olaizola (2009; 2012) reforçam essa postura crítica. A autora mostra a necessidade de “compreender dialeticamente como as ideologias sexuais vão se materializando nos processos de trabalho e como as condições materiais de existência formatam e condicionam essas ideologias, as quais não são estáticas e sim cambiantes” (OLAIZOLA, 2009, p. 254-255).

Beceril (1995), em estudo sobre o cultivo de flores no México, aponta que o espaço de produção de flores é repleto de significados para as trabalhadoras e os empregadores. A *fecundidade* e a *fertilidade* femininas são usadas para relacionar a flor aos filhos da trabalhadora, e o local de trabalho à casa. A empresa lança mão desses termos para empregar as mulheres no cultivo, colheita e classificação das flores. Os empregadores dão ênfase na maternidade, ressaltando os aspectos reprodutivos da mulher – para que ela cumpra sua função de portadora da vida. Assim, para os empregados e para muitas trabalhadoras, se o resultado final for uma flor de qualidade para a exportação é porque a mulher cumpriu seu poder de concepção e reprodução (BECERIL, 1995).

Michelle Perrot (1998) traz relevantes contribuições ao refletir sobre a forma como um discurso biologizante e medicinal torna “legítima” a representação que se tem sobre o trabalho feminino e o trabalho masculino. Esse discurso naturalista divide as “espécies” em duas, mostrando que homens e mulheres têm aptidões e qualidades peculiares a cada grupo. Nessa forma de representação, o homem está ligado ao cérebro,

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

à inteligência e à capacidade de decisão, enquanto às mulheres cabe a imagem do coração, da sensibilidade e dos sentimentos (PERROT, 1998, p. 177).

No Brasil, o estudo de Cavalcanti (1997) sobre a produção de frutas no Vale do Rio São Francisco também ressalta a divisão de tarefas realizadas por homens e mulheres<sup>95</sup>:

Os trabalhos braçais são geralmente realizados por homens, como a preparação dos campos para produção, disseminação de agrotóxicos e tratamentos relativos à produção de manga. Os trabalhos relativos às várias etapas necessárias para tornar os cachos de uva prontos para serem levados ao mercado, tarefas que exigem técnicas adequadas de manuseio da uva segundo os padrões de qualidade previamente definidos – que se estendem do raleio até à embalagem – são, no mais das vezes, executados por mulheres (CAVALCANTI, 1997, p. 86).

Os estudos desenvolvidos recentemente por Silva (2012) apontam para a divisão de tarefas baseada em critérios sexistas. Seus estudos analisam as configurações das atividades no campo que compõem o agronegócio canavieiro do interior paulista. Entre outros elementos, a autora mostra que as mulheres têm sido alijadas do trabalho no corte manual da cana-de-açúcar. Muitas delas estão empregadas em atividades que são ainda mais invisibilizadas do que aquelas feitas pelos homens nos eitos dos canaviais. Esse contexto tem sido apresentado e denominado por Silva (2012) como o “trabalho oculto das mulheres nos canaviais”. Muitas das mulheres que são expulsas do corte manual de cana-de-açúcar permanecem no setor canavieiro, sendo empregadas como “faxineiras dos canaviais” (SILVA, 2012), em atividades como a *bituca*, *abrir eito* e o *recolhimento de pedras* nos canaviais<sup>96</sup>. O trabalho das mulheres na *bituca* e coleta de pedras é justificado pelos empregadores da seguinte maneira – para eles, as mulheres são pessoas mais “caprichosas e atenciosas”, que não deixam a cana espalhada pelo chão,

---

<sup>95</sup> A autora observou que a vinicultura emprega um grande número de mulheres, em razão da atividade de manuseio das uvas ser considerada como artesanal, pois exige bastante cuidado no momento da colheita e embalagem (CAVALCANTI, 1997).

<sup>96</sup> Bituqueiras são as trabalhadoras que recolhem, no chão, os restos da cana deixados após o corte manual e o carregamento pelo guincho. As mulheres trabalham em dupla carregando as “bitucas” de cana para a “rua do monte”, de onde serão levadas para a usina. “*Abrir eito* significa cortar as fileiras de cana que estão sobre as curvas de nível – sulcos feitos para a drenagem das águas fluviais – antes da utilização das máquinas, pois estas só cortam as canas em terras planas” (SILVA, 2011, p. 26). As mulheres empregadas na “pedra” também fazem a limpeza do canavial, retirando as pedras do campo para que as máquinas colheitadeiras de cana possam passar pelo terreno sem obstáculos.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

como os homens fazem. As mulheres também são empregadas nas atividades de aplicação de venenos e extração de colônia, que são muito penosas e desgastantes:

foram encontradas mulheres que, com o uso do enxadão, arrancavam as touceiras do capim no meio das fileiras de cana. Por serem resistentes, elas não são eliminadas pelos herbicidas, sendo, portanto, necessário arrancá-las, garantindo, assim, o crescimento da cana. Trata-se de um trabalho pesado dado que exige muito dispêndio de energia para extrair as raízes profundas do capim. A preferência por mulheres deve-se ao fato delas “serem mais cuidadosas”, segundo os fiscais do controle (SILVA, BUENO, MELO, 2014, p. 16).

A pesquisa de Olaizola (2012) também destaca e lança um olhar crítico sobre os argumentos utilizados pelos empresários para contratar mais mulheres em certas atividades: elas dão menos problemas que os homens, são mais responsáveis, a mulher tem capacidade maior de sofrimento e é, ao mesmo tempo, mais dócil e curiosa. A autora menciona ainda o que seria, de acordo com os empresários, o perfil da trabalhadora idônea: mulheres procedentes de meios rurais, de meia idade e com responsabilidades familiares (OLAIZOLA, 2012, p. 25).

Araújo e Oliveira (2006), por sua vez, abordam a divisão sexual do trabalho no processo de reestruturação produtiva. As autoras mostram que a inserção e as condições de trabalho para homens e mulheres não se dão de forma igualitária:

As mulheres, na sua grande maioria, estão nas empresas subcontratadas e são, em geral, submetidas aos trabalhos mais intensificados e aos postos taylorizados, que exigem delas qualidades vistas como naturalmente femininas, como, por exemplo: cuidado, atenção, higiene e habilidades manuais (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2006, p. 171).

Chodorow (1990) traz importantes elementos para a reflexão da categorização de homens e mulheres no que diz respeito ao posicionamento na família e na organização da produção:

A ideologia sobre as mulheres e o tratamento delas nessa sociedade, sobretudo na força de trabalho, tendem a decorrer desse posicionamento na família e dos pressupostos de que é ou deve ser exclusivo e claro para as mulheres e que essa exclusividade e primazia provêm de diferenças biológicas dos sexos (...). As mulheres estão posicionadas primeiro no sistema sexo-gênero, e os homens primeiro na organização da produção (CHODOROW, 1990, p 223).

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

Na organização da produção, no ambiente de trabalho das estufas e campos de flores na região de Holambra, os homens são vistos como fortes e corajosos, por isso são destinados a carregar as bandejas pesadas com terras, realizar o transporte dos carrinhos de flores e aplicar o veneno – atividade vista como altamente perigosa. Nos seguintes trechos as trabalhadoras descrevem as atividades que cabem aos homens:

Juliana – Qual é a tarefa dos homens?

Maísa – Assim, empurrar carrinho, tipo o espaçamento, carregar vaso de uma estufa para outra, que é serviço mais pesado, entendeu? Porque as mulheres não fazem serviço em estufa, pesado, entendeu?

Juliana – Não?

Maísa – Em nenhum lugar eu acho. Eu acredito que não. Já tem homem para isso mesmo, né? Serviço de homem é de homem.

\*\*\*

Juliana – E por que é o homem, só, que trabalha no veneno?

Tacinara – Ai, eu não sei. Eu não sei. Ah, talvez para não prejudicar a vida da mulher, sei lá, sei lá! Porque eles usam máscara, eles usam roupa, tal, eles usam os protetores. Eu não sei, isso aí eu nunca... sempre que eu vejo ali é homem que passa veneno, eu nunca vi nenhuma mulher passando veneno nenhum ali!

\*\*\*

Daniela – Tem as pessoas certas para passar veneno porque é muito perigoso, né? Veneno no sangue. [...] muitas mulheres lá pegaram veneno no sangue, então elas tiveram que fazer mais ou menos um ano de tratamento.

*(Artur Nogueira, abril e maio de 2013)*

Os excertos das narrativas mostram que aos homens são destinadas algumas características que dizem respeito à força física e ao enfrentamento de situações consideradas perigosas. Por essa razão, acabam mais expostos aos riscos químicos (agrotóxicos e fertilizantes) presentes no ambiente de trabalho.

Para além das condições de trabalho e hierarquias no interior das estufas, a reflexão supracitada buscou apresentar entendimentos distintos daqueles que concebem as flores somente a partir da beleza. O intento é fazer com que o colorido das flores, a docilidade do trabalho e o protagonismo dos holandeses e seus descendentes não sejam os únicos elementos apresentados na reflexão. Para tal, é preciso lançar um olhar para o conflito e para os diferentes sujeitos sociais envolvidos nesse processo.

Boa parte das pessoas empregadas nas estufas da região vive em bairros periféricos de Holambra, Artur Nogueira, Engenheiro Coelho e Cosmópolis. Partem diariamente para os campos e estufas de flores. Muitos desses trabalhadores eram

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

colonos, sitiantes e arrendatários que se tornaram assalariados<sup>97</sup>. Distintos são os momentos históricos e as circunstâncias da chegada desses sujeitos às estufas. Em 1948, junto com as primeiras famílias de imigrantes holandeses, chegaram famílias vindas de Minas Gerais e Paraná. Vieram principalmente para ajudar os holandeses a superar as dificuldades que tinham com a produção agrícola no Brasil (LEITE, 2007). Posteriormente, chegaram muitas pessoas vindas dos Estados da Bahia e Alagoas para trabalhar no cultivo de flores. Muitas delas já tinham trabalhado na colheita do café no sul de Minas Gerais e na colheita da laranja na região de Campinas/SP.

Entre as pessoas entrevistadas durante a pesquisa de campo algumas tinham migrado há pouco tempo, outras relataram que pretendiam retornar e muitas famílias não têm qualquer contato com familiares e amigos nas cidades onde nasceram. Foi importante notar que algumas pessoas já tinham migrado para a região de Holambra mais de uma vez, sendo que das primeiras vezes sentiram a necessidade de retornar porque não se adaptaram ao trabalho no cultivo de flores (consideraram muito difícil de ser realizado) ou porque não encontravam opções de lazer na cidade.

A migração, muitas vezes, era relatada como uma possibilidade de desfrutar de um modo de vida caracterizado, entre outros aspectos, pelo acesso à renda mensal. A falta de água e de infraestrutura nas cidades de origem também foram mencionadas nas narrativas sobre a trajetória de migração. Para estas pessoas, o fato de migrar para a região de Holambra, ter acesso à água e possibilitar que os filhos e as filhas estudem e sejam transportados de ônibus para a escola<sup>98</sup> era suficiente para que a experiência de vida em Holambra fosse vista de forma bastante positiva. No caso de Gilson, que migrou mais de uma vez de Alagoas para a região de Holambra, esta região representava o acesso a uma fonte de renda e também a um “serviço mais avançado”.

Gilson – O serviço que tem aqui [Holambra] não tem lá [Alagoas]. Só para isso aí, mesmo, de plantar fumo, mandioca, negócio de feijão, milho. Só isso aí, mesmo. É igual na Bahia, bem dizer. Porque lá é igual na Bahia. Eu vim para cá porque tem negócio de flor, é serviço mais avançado. Os holandeses vieram da Holanda para cá e avançou a Holambra, aí o serviço avançou mais. Se não fossem os holandeses de

---

<sup>97</sup> Luxemburg (1970) já mostrava a dissolução da chamada economia natural enquanto parte constitutiva do processo de acumulação primitiva do capital. Para atingir esse objetivo é preciso que o capital se aproprie diretamente das fontes de força produtiva (terras, minerais), liberte os operários para que trabalhem para o capital (assalariamento) e introduza a economia de mercado.

<sup>98</sup> Muitas pessoas relataram que tiveram dificuldades de dar prosseguimento aos estudos porque não tinham transporte para ir à escola (que não ficava próxima de suas residências) ou quando tinham acesso à transporte, o mesmo era precário (casos em que estudantes eram levados em caminhões).

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

lá para cá não tinha serviço para ninguém que vem daquele lugar lá para cá. Aí estou gostando daqui, para lá não tenho vontade, não [risos].

Juliana – Quem te falou de Holambra? Quando você estava lá quem foi a pessoa que te indicou?

Gilson – Na verdade tinha uns tios meus que moravam para cá há bastante tempo, já. Meu irmão veio primeiro. Eu falei: “Mãe, eu quero ir para Holambra, lá ganha mais, só que eu não sei como é que é! Mas só que ganha mais. Melhor do que ficar aqui, fico aqui parado, trabalho seis meses e fico seis parado”. Eu vim para cá e quando foi em 2003. Eu vim em 2002, eu voltei, em 2003 eu voltei para cá. “Eu vou voltar para lá de novo, nem que não dê certo, mas eu vou”. Aí eu fiquei morando em Cosmópolis, aí eu fui para lá e trabalhei com rosa de novo (Gilson, *Holambra/SP*, maio de 2015).

O perfil das pessoas que migraram para a região de Holambra e que estão empregadas no cultivo de flores é bastante diverso: algumas migram sozinhas, outras vêm acompanhadas de seus familiares. A maioria faz o deslocamento já sabendo com quem vão morar e o local onde vão trabalhar (nestes casos, as redes familiares e de amizade são fundamentais para realizar essa intermediação entre os empregadores e as novas pessoas contratadas). Outras chegam à região sem qualquer tipo de vínculo de trabalho e buscam oportunidades em diferentes setores, dentre os quais estão o cultivo de flores e a colheita de laranjas. Há ainda o caso das pessoas que migram – em sua maioria mulheres – para acompanhar membros da família que estejam doentes ou que sejam dependentes e, depois de transcorrido um certo período, procuram trabalho no cultivo de flores.

As formas de moradia e as dinâmicas familiares também são diversas. Muitos proprietários de estufas alojam os trabalhadores em galpões e barracões que anteriormente estavam destinados para outros fins (como o caso de empresários das flores que adaptaram uma granja de porcos para receber família de trabalhadores e trabalhadoras no cultivo de flores<sup>99</sup>). Outras pessoas residem em cômodos na casa de parentes e amigos que realizaram o movimento migratório anteriormente. Há também os casos de trabalhadores e trabalhadoras que residem nas colônias de flores<sup>100</sup>.

Para além da multiplicidade de relações sociais que cercam o contexto migratório na região de Holambra, é possível dizer que existe uma segregação étnica e cultural entre os holandeses e os brasileiros (LEITE, 2007). Muitos brasileiros veem os

---

<sup>99</sup> Conforme relato de um assistente social de uma prefeitura da região de Holambra, com quem conversamos durante a pesquisa de campo em 2015.

<sup>100</sup> O tema da colônia de flores está desenvolvido de forma mais detalhada na seção 5. AAFHOL e as colônias de flores.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

holandeses como os patrões que acham que são os donos da terra. Mesmo depois de muito tempo vivendo no país, os holandeses com certa frequência conversam em inglês ou holandês entre eles dentro das estufas – afastando, assim, a possibilidade de comunicação com os trabalhadores e as trabalhadoras durante a jornada. Em um dos trechos da entrevista com Tacinara, ela menciona:

Tacinara – É que o Bernardo [proprietário da estufa] perguntou para mim, o Bernardo. “E aí, Tacinara?” Ele fala meio holandês, mas comigo ele tem que falar português e eu não entendo nada de holandês [risos]. Ele perguntou para mim: “Tacinara, você fala inglês ou holandês?” Eu falei: “Ham?” [risos] Eu não falo nada, mal falo português. Ele deu risada, né? [risos] (*Artur Nogueira/SP*, maio de 2013)

Os holandeses, por sua vez, se queixam dos brasileiros, afirmando que esses não se qualificam para o trabalho e têm escolaridade abaixo do que é considerado ideal para os holandeses. O seguinte excerto da narrativa de Solange (que reside na AAFHOL) mostra a visão que os holandeses tinham dos agricultores familiares brasileiros que compraram a terra coletivamente por meio de uma associação e iniciaram a produção de flores em estufas.

Solange – Eles [holandeses] falavam “os sem-terra”. Então, era assim uma visão... muito... como se a gente fosse invasor. Eles não olhavam... e não acreditavam também no peso que a gente tem... Então, os holandeses não acreditavam. Hoje, eu acho que eles já olham com olhares diferentes, mas mesmo assim eu acho que a gente ainda é bem... Eles acham que são melhores. É claro, eles já têm mais tempo. Mas a maneira que eles falavam... acontecia algum roubo aí: “Ah! Mas aquela gente lá”. Então, como se a gente fosse bandido, sabe? “Invadiram” (*Solange, janeiro de 2014, Holambra/SP*).

Se existe por um lado um conflito envolvendo o universo simbólico do modo como holandeses e brasileiros enxergam cada grupo, não é possível dizer que os brasileiros se constituem como um grupo homogêneo na cidade e no processo de produção de flores. Existe uma diferenciação entre os trabalhadores “da região” e os “trabalhadores migrantes” e, a despeito de essa diferença se expressar em termos de pertencimento geográfico, ela revela as clivagens relativas ao pertencimento étnico-racial. Essa diferenciação fica evidenciada no excerto na narrativa de Maísa:



#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

Maísa – Aí em Holambra tem bastante alagoanos. [risos contidos] Só que eles não gostam de trabalhar, entendeu? O problema deles são esses. Que às vezes, lá mesmo, entrou com a gente uma menina, e aí ela ficou por dia. E aí minha patroa querendo registrar, querendo registrar. “Não, eu quero só por dia”. Por que? Porque o “por dia”, você já ganha, por exemplo, 40, 45 reais, já é incluído tudo que você tem direito, né? Agora, a gente que é mensal, a gente recebe menos por dia, entendeu? Só que a gente tem direito: se você machuca, se você tem... Férias, tudo... só que no caso deles é assim: eles querem trabalhar por dia porque depois eles trabalham três meses, por exemplo, eles querem receber, eles jogam na Justiça, entendeu? O problema deles, da Holambra, é esse aqui. Então você vê poucas pessoas que trabalham da Holambra lá. Não trabalha em estufa, sabia? É difícil. Aqui vai ônibus de Artur Nogueira, aqui, de manhã, se você pegar o ônibus aqui, você vê saindo 20, 30 ônibus daqui para a Holambra porque o pessoal que trabalha na Holambra é de Artur Nogueira. O pessoal de Holambra não quer trabalhar, principalmente lá onde eu trabalho. Você vai, as diaristas vão dois, três dias, oh! Somem, nem vêm dar satisfação, recebem o dia e pronto. Não quer nem saber de trabalhar (Maísa, *Artur Nogueira/SP*, maio de 2013).

É possível perceber que o estigma que recai sobre os trabalhadores alagoanos e “diaristas” é bastante forte – são aqueles que “não gostam de trabalhar” e que se aproveitam da situação para “jogar o patrão na Justiça”. Os alagoanos e as alagoanas também são alvo de preconceito linguístico: eles e elas recebem o rótulo de que “não sabem falar”, ou “falam errado”. Os excertos das narrativas de Cecília e Gilson (que nasceram em Alagoas) mostram diferentes tipos de preconceito:

Cecília – Só que às vezes eles [trabalhadores paulistas] ficam rindo da gente porque a gente fala diferente deles. Aqui as coisas são todas diferentes, é o nome da carne... aí a língua da gente não fala como a deles. O jeito da gente falar é bem enrolado, mesmo. E eles ficam rindo às vezes, né? Eles falam: “Ih, não sabe nem falar direito, só os paulistas que sabem”.

[...]

Cecília – Às vezes tem deles que falam, a gente fica sabendo, eles não falam pra gente, dizendo que os alagoanos vêm de lá porque está morrendo de fome, está comendo pedra. Fala isso, é! Muitas vezes já teve gente que chegou para mim: “Nossa, você saiu de lá porque não tem o que comer?”. Eu digo: “O que comer tinha, não tinha serviço pra gente”. Lá comida a gente ainda arruma, agora o direto, direto, que é o serviço, aí fica difícil (Cecília, *Holambra/SP*, março de 2015).

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

\*\*\*

Gilson – falam que alagoano é muito barraqueiro [risos], muito briguento, igual baiano [risos] (Gilson, *Holambra/SP*, março de 2015).

Os insultos, o preconceito linguístico e a violência no espaço de trabalho podem ser interpretados na chave das relações racializadas, tal como apresenta Guimarães (2001):

o insulto racial, ou seja, a violência que se expressa no trabalho, na forma da intolerância pelo outro, não é um recurso final que resulta de um crescendo de antagonismo e desentendimento entre os agentes. Ao contrário, é ele que instala o conflito. Ou seja, a desqualificação do outro, como atitude inaugural da intolerância na relação social no trabalho, parece uma forma de violência que pretende colocar o interlocutor “no seu lugar”, humilhando-o<sup>101</sup> (GUIMARÃES, 2001, p. 264).

Nesse sentido, procuramos mostrar, tal como apresentamos anteriormente, que existe um entrelaçamento das relações sociais de classe, gênero e raça/etnia que se expressam em diferentes espaços sociais.

\*\*\*

Nesta seção apresentamos, a partir das narrativas de trabalhadoras e trabalhadores algumas descrições das atividades cotidianas em espécies de flores como o kalanchoe, a rosa, o crisântemo e a violeta. Para além das etapas do processo produtivo, destacamos a divisão sexual do trabalho, a presença de hierarquias dentro e fora das estufas, o controle da quantidade e da qualidade na produção das plantas, a caracterização da atividade como “corrida” e “difícil” por um lado, e por outro lado o modo como o trabalho no cultivo de flores era visto com um significado de acesso a uma renda mensal ou um “serviço mais avançado”, que não fosse “de enxada”. Destacamos também na análise os prejuízos à saúde em razão do uso intensivo de agrotóxicos e outros danos à saúde física em razão da execução da atividade em posição desconfortável para a coluna e os braços. Nesse sentido, enfatizamos que as consequências do prolongamento da jornada e a execução de atividades extenuantes são ainda mais acentuadas para as mulheres, uma vez que a maioria das trabalhadoras relataram que são as principais ou únicas responsáveis pela execução das atividades domésticas.

---

<sup>101</sup> Na seção 6. “Bem-me-quer, malmequer” – estranhamento e afetividades no trabalho com as flores, abordamos as formas de humilhação no ambiente de trabalho das estufas e campos de flores.

#### 4. As experiências de trabalho no cultivo de flores

Na próxima seção destacamos as experiências de vida na AAFHOL e nas colônias de produção de flores.

## 5. AAFHOL E AS COLÔNIAS DE FLORES

---

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

Nesta seção, apresentaremos em linhas gerais as dinâmicas presentes na Associação dos Agricultores Familiares de Holambra (AAFHOL) e nas colônias de flores na região de Holambra a partir das narrativas dos sujeitos sociais. A reflexão sobre as experiências de vida nesses locais trouxe novos elementos para a análise sobre o contexto do cultivo de flores na região, dentre os quais destacamos: a existência de uma mão de obra familiar, a possibilidade de manter uma roça de subsistência, e o controle acentuado nas colônias de flores. Tais elementos reforçam o entendimento de que há uma complexidade e heterogeneidade de experiências que permeiam o cultivo de flores na região de Holambra.

### 5.1 AAFHOL

A produção de flores em Holambra não está restrita aos médios e grandes produtores. Há também os pequenos produtores, muitos dos quais estão em sítios nas áreas rurais do município. Alguns deles produzem por meio da AAFHOL. A área que abriga a associação é composta por 13 glebas de terra<sup>102</sup> com dois hectares cada uma. Dentro de cada propriedade existe uma microempresa que se responsabiliza individualmente pela produção (a maioria produz flores) e comercialização. A Associação teve início a partir de uma reunião de técnicos agrícolas que trabalhavam nas grandes estufas da região e que desejavam ter um pedaço de terra para tocar o próprio negócio. Assim, no final do ano 2000, por meio de financiamento oferecido pelo programa *Banco da Terra*, do Governo Federal, a AAFHOL comprou coletivamente a terra.

O *Banco da Terra* foi uma política agrária do Governo Federal, que teve início em 1999. O objetivo era fazer uma integração do agricultor familiar com o mercado. Para isso, o programa disponibilizaria o acesso à terra por meio de financiamento (SANTOS, 2005). Em sua concepção, o *Banco da Terra* estabelecia o meio rural não apenas como espaço de produção agrícola, mas também como um espaço pluriativo. Entretanto, para muitas organizações e movimentos sociais, como a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), essa prática do governo federal foi interpretada como um abandono da responsabilidade de realizar uma reforma agrária efetiva, priorizando assim o mercado de terras (SANTOS, 2005). Alentejano (2000) reforça a crítica ao argumentar que o programa buscava

---

<sup>102</sup> 12 glebas de terra para as famílias e uma gleba de uso coletivo dos moradores.

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

desarticular os movimentos sociais e promover a realização da renda fundiária para os proprietários de terra:

Ao eleger o Banco da Terra como instrumento fundamental de obtenção de terras e propor a descentralização das ações fundiárias, transferindo a maior parte da responsabilidade para o âmbito municipal - num país tradicionalmente marcado pelo poder das oligarquias locais -, o governo não só busca desarticular o movimento, apostando na incapacidade deste de se contrapor ao poder local, como aposta na desmobilização dos sem terra, pois oferece, teoricamente, a possibilidade de obtenção de terra sem necessidade de mobilização, pressão política e tampouco sacrifícios. Por outro lado, o Banco da Terra representa a possibilidade da realização imediata da renda fundiária pelos proprietários de terra, principalmente aqueles que adquiriram terra nos anos 70, quando o crédito subsidiado representava enorme atrativo para o capital industrial e financeiro, uma vez que permitia o acesso a recursos baratos e fartos, ao mesmo tempo em que significava proteção contra as oscilações da economia (ALENTEJANO, 2000, p. 97).

O *Banco de Terras* possibilitou, de fato, uma inserção da agricultura familiar à economia de mercado. Na AAFHOL todos os lotes estão voltados para a produção de flores em estufas. Em um deles o morador não é o responsável pela produção: ele arrenda a terra para um produtor de fora da associação. De modo geral, os produtores empregam mão de obra familiar, mas há aqueles que contratam trabalhadores e trabalhadoras e se consideram como “pequenos empresários” das flores.

Boa parte dos produtores da AAFHOL destina as flores para o Veiling. Essa cooperativa exige um contrato de exclusividade com os produtores. Fornece consultorias técnicas e aluga os potes e os carrinhos para os produtores. Em troca, exige que os produtores entreguem as flores com um padrão mínimo de qualidade. Caso esse padrão não seja atingido ou as flores não sejam vendidas no leilão por um preço mínimo estabelecido, as flores são descartadas e o Veiling devolve os materiais (vaso e carrinho) para os produtores, que ficam com os prejuízos. Muitos produtores que estão em sítios pequenos – não só os associados da AAFHOL – compram as mudas das grandes empresas da região de Holambra e dependem delas para a assistência técnica e consultorias para a produção.

Compreendemos que essas configurações são as mesmas daquelas encontradas por Barrientos (1999) ao refletir sobre as dinâmicas das Exportações Agrícolas não tradicionais. Esta autora cita o caso da produção frutícola no Chile e mostra que as grandes empresas

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

só se dedicam parcialmente ao processo produtivo em si, e quando é possível recebem suas mercadorias de produtores menores e formalmente independentes. Isto permite aos exportadores compensar alguns dos riscos da produção, ao mesmo tempo em que mantêm uma fonte de fornecimento estável. (BARRIENTOS, 1999).

Tais elementos nos fornecem pistas para avaliar que os grandes empresários das flores compensam os riscos de produção quando repassam para os pequenos produtores os possíveis prejuízos advindos de doenças nas plantas; e reduzem os custos com o trabalho temporário, por meio do qual os trabalhadores e as trabalhadoras podem ser dispensados sem a garantia de direitos trabalhistas, principalmente após os períodos de pico de produção.

É preciso, diante de tais circunstâncias, lançar um olhar crítico, analisando os prejuízos que envolvem a integração dos pequenos produtores aos grandes empresários. Recorremos aos conceitos de capital usurário e capital comercial utilizados por Marx (1978) para refletir sobre o processo de integração. Na modalidade do capital comercial, o capitalista encomenda a produção para vários produtores diretos e depois vende os produtos. No emprego do capital usurário, o capitalista

adianta aos produtores diretos, matérias-primas, instrumentos de trabalho ou ambos, sob forma de dinheiro. Os enormes juros que obtém, esses juros que, seja qual for seu montante, são extorquidos ao produtor direto, não constituem senão outro nome para a mais-valia. Transforma, de fato, dinheiro em capital, arrancando ao produtor direto trabalho não pago, trabalho excedente. Mas, não se imiscui no próprio processo de produção, o qual, tanto como anteriormente, se desenvolve à margem dele, à maneira tradicional. Cresce em parte graças à atrofia desse modo de produção, mas em parte é um meio de atrofiá-lo, ou de, nas condições mais desfavoráveis, mantê-lo como que vegetando (MARX, 1978, p. 54).

Tal apresentação se aproxima bastante do que é descrito pelos pequenos produtores das estufas de flores em Holambra no que diz respeito à comercialização por intermédio do Veiling. Os produtores que enviam pequenas quantidades de vasos encontram dificuldades ao não conseguirem arcar com os custos da produção quando o preço das flores cai. Isso não acontece com os grandes produtores – em primeiro lugar porque já lucraram com a venda das mudas e com o aluguel dos carrinhos e porta-vasos; em segundo lugar porque compensam os preços baixos de algumas plantas com o lucro

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

obtido na venda de outras plantas<sup>103</sup>. Com isso, configura-se um cenário marcado pela parceria assimétrica entre a agricultura familiar e a agroindústria (GÊMERO; QUEDA, 2013). Por meio dos contratos, as agroindústrias ditam o ritmo do trabalho que deve ser desenvolvido, na medida em que exigem um padrão mínimo de qualidade e ameaçam retirar a parceria dos pequenos produtores caso não sigam as imposições estabelecidas pelas empresas. É preciso considerar também a redução de custos com a terra, a construção de infraestrutura e com a mão de obra.

Em alguns lotes da AAFHOL, além da produção de flores em estufas, as famílias cultivam roça de subsistência e criam animais. Para essas famílias, a terra e a natureza são espaços de vida e moradia. Alguns estudos sistematizaram o entendimento sobre as propriedades familiares no meio rural. Branderburg (2010, p. 418) mostra que a presença de colonos, caipiras e camponeses dá vida ao que ele denomina de “rural tradicional”, que são espaços organizacionais distantes dos centros urbanos nos quais são constituídas relações de sociabilidade, vizinhança e sentimentos de pertencimento. Candido (1975) já mostrava em análise sobre o camponês caipira que existe uma relação de continuidade entre o homem e o ambiente natural. A convivência entre a vida social e o meio natural poderia ser entendida enquanto um “ajustamento ecológico”. O autor mostra ainda que:

A roça, as águas, os matos e campos encerravam-se numa continuidade geográfica, delimitando esse complexo de atividades solidárias – tal forma, que as atividades do grupo e o meio em que elas se inseriam formavam por sua vez uma continuidade geossocial, um interajuste ecológico, onde cultura e natureza apareciam, a bem dizer, como dois pólos de uma só realidade (CANDIDO, 1975, p. 173).

Por tratar da relação entre os recursos naturais e o meio rural, Bradenburg (2010) afirma que Antonio Candido foi um “dos primeiros estudiosos da questão ambiental no meio rural” (p. 419). É válido ressaltar, entretanto, que Marx (1964) já tecia considerações sobre a relação entre o homem e a natureza em seu debate sobre as formações econômicas pré-capitalistas. Para Marx (1964), o homem se mostra originalmente como ser genérico, atua na natureza com a finalidade de criar e reproduzir sua existência na prática diária. Marx assim apresenta a relação dos homens com a terra nas formações econômicas pré-capitalistas:

---

<sup>103</sup> Algumas empresas chegam a produzir 50 variedades distintas de plantas.



## 5. AAFHOL e as colônias de flores

A terra é o grande laboratório, o arsenal que proporciona tanto os meios e objetos do trabalho como a localização, a base da comunidade. As relações do homem com a terra são ingênuas: eles se consideram como seus proprietários comunais, ou seja, membros de uma comunidade que se produz e reproduz pelo trabalho vivo. Somente na medida em que o indivíduo for membro de uma comunidade como esta – literal e figuramente – é que se considerará um proprietário ou possessor (MARX, 1964, p. 67).

É preciso olhar cuidadosamente para a presença dos agricultores familiares no processo de produção de flores, na medida em que existe uma complexidade de relações que não nos permite pensar na terra exclusivamente como “terra de vida”, caracterizada pela continuidade e não divisão entre homens/mulheres e a natureza. Conforme apresentado, a despeito de terem acesso à terra (situação não vivenciada pelas “floristas” ou “trabalhadores da estufa” que deixam o suor nas estufas e retornam para as periferias urbanas ao final da jornada de trabalho), os agricultores familiares estão em uma relação assimétrica, na medida em que o excedente da produção é captado pelas empresas que comercializam as mudas e fazem a intermediação na venda das plantas.

### 5.2 As colônias de flores

Nesta subseção, dedicamo-nos a descrever brevemente a configuração das colônias de produção de flores e as formas pelas quais a vivência nestes locais são apresentadas nas narrativas.

Durante a realização das entrevistas com as trabalhadoras e os trabalhadores, muitas pessoas citaram que, em algum momento de suas trajetórias, já tinham residido em “colônias”, a maioria mencionava as colônias da Fazenda Filomena. Posteriormente, soubemos que existem várias colônias de flores na região de Holambra.

Assim como as estufas, o tamanho e a configuração das colônias também variam. Algumas têm a produção exclusiva de flores, outras colônias também contam com a produção de laranja, limão e granja de porcos e aves. As características das residências também são distintas – há casas grandes, espaçosas, com manutenção frequente e outras que na verdade são alojamentos para receber os trabalhadores e as trabalhadoras. Há casos de produtores que realizaram pequenas adaptações em barracões

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

que anteriormente serviam como granjas de porcos<sup>104</sup> para alojar até cinco famílias de migrantes no mesmo espaço, e outros que abrigaram as famílias em galpões utilizados para armazenar agrotóxicos, e que estavam localizados muito próximos às estufas.

Conforme apresentado anteriormente, as colônias da Fazenda Filomena foram as mais citadas nas narrativas das pessoas entrevistadas. Localizada às margens da rodovia SP-342, no trecho que liga os municípios de Mogi Guaçu a Mogi Mirim, a Fazenda Filomena é a forma como é chamada pelos moradores a área que anteriormente pertencia à Usina Esmeralda (de moagem de cana-de-açúcar). Próximo da antiga usina, ainda existem as casas que eram ocupadas pelos trabalhadores e pelas trabalhadoras. Quando a usina foi desativada, muitos moradores, que continuaram a cortar cana-de-açúcar, se mudaram para um dos distritos do município de Mogi Mirim, chamado Martim Francisco. A área pertencente à Usina Esmeralda primeiramente foi vendida para uma família holandesa, que desmembrou em vários lotes, alguns dos quais foram vendidos para proprietários brasileiros.

Na ocasião de nossa visita os moradores relataram que atualmente a Fazenda Filomena está dividida entre dez produtores: a maioria deles investe no cultivo de flores, alguns possuem granjas de porcos e aves. Nem todos os produtores possuem residências para abrigar as famílias de trabalhadores e trabalhadoras. De modo geral, cada colônia é conhecida pelo nome do proprietário. As casas costumam ser habitadas por famílias com quatro ou cinco membros (em média), mas há relatos de casas que possuem somente um morador – situação que desagrade bastante os proprietários, pois preferem que as casas sejam habitadas por famílias numerosas, cujos membros trabalhem em suas estufas.

Nas colônias que visitamos, uma taxa no valor de 70 reais era cobrada de cada unidade familiar para arcar com as despesas de manutenção da colônia. A manutenção costuma ser feita por um funcionário que também realiza reparos nas residências e se encarrega de roçar os matos que cercam as casas. Quando alguém que vive na colônia é demitido e nenhuma outra pessoa da unidade doméstica possui vínculo empregatício com a empresa, a família tem um prazo de três meses para deixar a casa.

---

<sup>104</sup> Esse caso foi relatado por um assistente social de um dos municípios da região de Holambra/SP durante entrevista que realizamos para a pesquisa. Este profissional relatou ainda que, além das péssimas condições de habitação, os proprietários não disponibilizaram colchões e móveis para as famílias migrantes, por esses motivos a prefeitura recebeu uma denúncia.

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

O salário das pessoas que vivem nas colônias costuma ser um pouco menor do que o daquelas que trabalham nas estufas e não residem em colônia. Jairo e Neusa, que vivem em uma das colônias da Fazenda Filomena, consideram que o salário menor – quando comparado ao salário das pessoas que trabalham em estufas e não residem em colônias – é vantajoso em razão da tranquilidade de se criar os filhos em uma fazenda e de não ter que pagar um valor alto referente ao aluguel:

Jairo – Mas vamos supor assim, se eu sair daqui, que eu moro aqui, e trabalho numa empresa lá em Mogi [Mirim], numa fábrica, vou receber 1.400, 1.500 contos, ou mais... até dois mil reais. Mas depois eu tenho que pagar mais 1000 ou 700, 800 reais de aluguel, o que vai dar? Vai sair a mesma coisa.

Roberto – Pagar água, pagar luz.

Jairo – Sai “elas por elas”. Então no meu caso eu só vou sair daqui para arrumar um serviço melhor para trabalhar. [...] Aqui você não ouve barulho nenhum, todo mundo tem amizade com os vizinhos. Se tiver alguma coisa errada aí, comunica, evita para não ter nada de confusão. Mas é gostoso aqui, viu. Os vizinhos sempre um respeita o outro.

Neusa – Eu gosto de morar aqui porque aqui praticamente é um lugar super sossegado, criamos os dois filhos aqui. Mas... aqui é um lugar super sossegado. 14 anos, né, Jairo? 15 anos que a gente mora aqui.

(Jairo, Roberto e Neusa. *Mogi Mirim/SP*, março de 2015).

Outros moradores e moradoras de colônias também relataram que preferem receber menos e não ter que pagar aluguel, pois os valores estão cada vez mais elevados. É bastante comum que a maioria dos membros da unidade doméstica trabalhe para o mesmo patrão, mas ocorre também os casos de “dar produção pra fora”, que significa trabalhar na estufa de outro proprietário ou trabalhar em outro setor produtivo fora da colônia. Obviamente, essa situação desagrada os patrões porque quanto maior o número de pessoas que residem nas colônias trabalharem nas estufas, menores são os gastos, já que ao empregar pessoas que residem próximas às estufas e dentro da propriedade de produção de flores, o proprietário reduz os custos com transporte, horas extras, manutenção e vigilância do local. No que diz respeito ao último aspecto, é visível que existe um controle que ultrapassa os locais de trabalho de cultivo de flores. Isso faz com que, apesar de considerarem que viver em colônias é agradável pelo fato de ser um lugar sossegado, eles e elas não sintam que têm tanta liberdade para receber familiares e

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

amigos em suas casas, pois não existe um limite estabelecido entre o que é o espaço restrito à família e o que é propriedade da empresa. Isso ficou evidenciado na narrativa de Neusa e Jairo:

Neusa – Teve uma moça, mesmo, outro dia, que ela trabalhava de plantão. Uma moça daqui, mesmo [da colônia da Fazenda Filomena]. Aí a moça... eu estava trabalhando e a moça entrou lá. A moça que é neta da velha aqui [vizinha de Neusa], entrou lá e ele falou para ela assim: “Olha, aqui não é permitido entrar no dia de hoje”. Ela pegou e falou assim: “Não, moço, eu só vim para tirar foto”. Ele falou assim: “Mas nem tirar foto não pode”.

Juliana – Mas ela era o que? Ela é moradora aqui?

Neusa – Ela não mora aqui.

Juliana – Ah! Ela não mora?

Jairo – A avó dela é que mora aqui.

Neusa – Mas a família dela sabe que não pode entrar.

Juliana – Ah! Aí não pode, né?

Jairo – Não pode porque ali... hoje em dia as empresas tudo tem câmera, por todos os lados.

(Jairo e Neusa, *Mogi Mirim/SP*, março de 2015)

No excerto da narrativa é possível verificar que as pessoas que residem nas colônias são orientadas a não permitir que visitantes entrem nas estufas e fotografem as plantas. O controle também fica evidenciado no fato de que existem câmeras<sup>105</sup> nas estufas. Outro aspecto destacável do excerto da narrativa é o fato de a estufa e as flores serem vistas como centros de atração de olhares, como um monumento a ser visitado e fotografado, e no caso das colônias, as estufas estão localizadas nos quintais das casas, estabelecendo-se, assim, um limite bastante tênue entre o espaço restrito da empresa e o ambiente familiar. No caso citado por Neusa, a neta da moradora percebeu a estufa como um dos espaços de lazer da Fazenda Filomena.

---

<sup>105</sup> Durante a realização da pesquisa de campo no município de Holambra, quando percorríamos uma estrada na área rural da cidade para chegar até o Bairro Palmeirinha, era possível visualizar as estufas e placas afixadas em seu exterior com os dizeres: “Sorria, você está sendo filmado”.

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

As atividades de lazer estiveram bastante presentes nas narrativas das pessoas que entrevistamos e que já tinham residido na Fazenda Filomena. Em seus relatos era frequente a memória sobre o tempo das festas, procissões, excursões e campeonatos de futebol que integravam os moradores das diferentes colônias. O seguinte trecho de entrevista mostra que os laços entre os moradores não são mais tão estreitos como no final da década de 1990, quando era mais comum a realização das atividades citadas acima.

Juliana – E vocês têm amigos com os vizinhos daqui, com o pessoal das outras colônias?

Neusa – Tem, tem.

Juliana – O pessoal costuma se reunir para fazer festa?

Neusa – Não. Aqui é o lugar mais fechado, assim. Nós temos amizade, mas não é muito, assim, de ir.

Jairo – Não é de um ir na casa do outro, assim, sabe? Só churrasquinho entre família.

Roberto – Só quando tem algum aniversário, assim.

Jairo – Às vezes o pessoal convida a gente, às vezes não.

[...]

Jairo – Tinha futebol, porque agora não está...

Neusa – Só que agora as pessoas... as culturas vão acabando, né? Hoje não é igual antigamente. Igual na época quando eu era mais nova, na época do meu pai, tinha tipo assim, eles faziam bastante cultura, tipo “Folia de Reis”, essas coiseras, tinha. Só que agora veio para cá, está acabando essas coisas porque não é todo mundo que gosta. Então vai acabando.

(Neusa, Jairo e Roberto. *Mogi Mirim/SP*, março de 2015)

As festividades e os encontros entre moradores são menos frequentes também em razão da diminuição no número de moradores nas colônias. De acordo com Margarida, que vive na Fazenda Filomena desde o final dos anos de 1990, houve um decréscimo não só na quantidade de pessoas que residem nas colônias, mas também no número de pessoas empregadas nas estufas da Fazenda Filomena. Destacamos abaixo um fragmento de sua narrativa:

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

Margarida - Nossa, mas tinha o pessoal, era tanta gente [empregada nas estufas da Fazenda Filomena] que as pessoas vinham de ônibus, sabe? Vinha gente de ônibus da Posse, de Mogi, vinha da Holambra. Aí, agora é tanto que diminuiu bastante porque na planta verde, o mais que ocupa é três pessoas – três, quatro pessoas para colher, nossa, mais de 20... eles conseguem colher mais de 20 carrinhos de planta. Aí reduziu o pessoal. E assim, e na... e esse setor que eles plantam na bandeja, então já tem as pessoas certas, assim, para colher, sabe, que é até quatro pessoas que fazem a colheita. Então, mais gente no crisântemo porque tem a parte que tem o estaqueamento e a parte de fazer o espaguete, que são as mangueirinhas que vão nas plantas. Aí, mas mesmo assim, o pessoal que fica aí fala assim que nossa, como que diminuiu bastante as pessoas porque tirou um pouco a quantidade das plantas que precisava de tanta mão de obra. E também porque para fazer a plantação da planta verde chegou uma... eles compraram uma máquina, eles compraram uma máquina, e tirou também a mão de obra que as pessoas faziam manual, que é uma máquina que ela planta o triplo, sabe, de quantidade do que se fosse manual (Margarida, *Mogi Mirim/SP*, maio de 2015).

Margarida mostra que a redução se deu em razão do maior emprego de máquinas nas estufas, que substituiu o trabalho de várias pessoas, e também pelo fato de que muitos proprietários substituíram parte da área das estufas destinada à produção de crisântemos para a produção de plantas verdes, que exigem uma quantidade menor de mão de obra, pois são plantas mais resistentes e requerem menos cuidados quando comparado aos cuidados destinados à produção de crisântemo, por exemplo.

Muitas famílias chegaram até as colônias porque migraram com vários membros da unidade doméstica e a opção de ter uma casa “disponível”, sem a necessidade de pagar aluguel fez com que muitas pessoas aceitassem viver nas colônias. Se, por um lado, o acesso à moradia se apresenta como um atrativo para residir nas colônias, por outro lado, o fato de “ser fiel” ao patrão acaba gerando uma situação de aceitação de relações de exploração no ambiente de trabalho, pois essas pessoas sentem que devem um favor ao patrão, que lhes ofereceu um local para viver. Compreendemos também, na linha argumentativa de Caíres (2008)<sup>106</sup>, que as dinâmicas de moradia e trabalho presentes nas colônias de flores na região de Holambra servem como uma reserva de força de trabalho barata, estável e disponível, desonerando os proprietários de uma possível competição no mercado de trabalho. Além disso, o sistema de colônias também permite que os prejuízos decorrentes das flutuações dos preços do produto sejam transferidos para

---

<sup>106</sup> O sistema de colonato analisado por Caíres (2008) diz respeito à experiência de colônias em fazendas com produção cafeeira e canavieira a partir das últimas décadas do século XIX. Compreendemos que existem particularidades nessas experiências, mas fazemos referência a esse estudo porque encontramos semelhanças com o caso das colônias de flores na região de Holambra.

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

os trabalhadores e as trabalhadoras, na medida em que os salários são reduzidos (CAÍRES, 2008).

### 5.2.1 A experiência na terra para além do trabalho nas estufas

Nesta subseção apresentamos uma discussão acerca dos modos de vida possibilitados pela moradia em colônias. Para isso, nos remeteremos à experiência de vida trazida pela narrativa de Laura e Marcelo, um casal de idosos que vive há bastante tempo em uma das colônias da Fazenda Filomena.

A discussão será apresentada em três partes. Para isso, trazemos três momentos da fala de Marcelo, quando ele utiliza uma linguagem religiosa e se remete à Deus para apresentar fatos significativos de sua trajetória. Elegemos essas três falas porque consideramos que são significativas e representam três processos que se entrelaçam na vida de moradores das colônias. As frases são as seguintes:

- a) “Deus deu a terra para viver e não para ser vendida”;
- b) “O Deus que tem em São Paulo é o mesmo Deus que tem em Minas”.
- c) “Deus está vigiando meu trabalho, então não posso parar de trabalhar quando meu patrão sai da estufa”;

Compreendemos que as frases são repletas de significados e carregam processos sociais relativos respectivamente à possibilidade de viver a terra como valor de uso, e não como valor de troca; aos dilemas relativos às escolhas sobre os processos migratórios; e ao controle introjetado pelos trabalhadores e pelas trabalhadoras no ambiente de trabalho, e que se mostra ainda mais fortalecido no caso das pessoas que residem em colônias. Desenvolveremos abaixo cada um desses aspectos.

O primeiro dos aspectos destacados na narrativa de Marcelo é bastante elucidativo das possibilidades de viver a terra em sua plenitude, não a compreendendo como terra de negócios na qual se abriga uma estufa que emprega trabalhadores e trabalhadoras, mas a terra onde é possível desfrutar de um modo de vida para além da natureza mercantilizada. Marcelo citou uma passagem bíblica do antigo testamento dizendo que a terra foi ofertada por Deus para se viver, e não para ser vendida. Tal entendimento se apresenta não somente em seus dizeres, mas no modo de vida que ele e Laura levam na colônia.

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

O uso que Marcelo e Laura fazem da terra onde vivem é bastante distinto daquele relatado por outros moradores de colônias de flores. O espaço da família não está restrito ao ambiente da casa. A roça, a horta, os vasos de flores e o pomar dão um significado particular à experiência de viver em colônia – experiência que não seria possível tão facilmente caso optassem por residir em uma casa na área urbana. De acordo com Neusa, filha do casal, o patrão de Marcelo e Laura permite que eles plantem porque já estão na terra há bastante tempo. A terra onde vivem não é somente a terra de negócios onde estão presentes as estufas de flores, ou a terra de moradia, onde está localizada a casa destinada aos trabalhadores e às trabalhadoras das estufas, mas se apresenta como terra de vida, onde encontram espaço para plantar milho, feijão, mandioca, abóbora, é a terra onde estão plantados o açafrão, as ervas, é a terra onde plantam e colhem alface, rúcula, goiaba e fruta do conde, é a terra onde criam galinhas, a terra com espaço para colocar vasos de flores e dezenas de plantas verdes que enfeitam o ambiente. Neusa descreve a relação que o pai e a mãe têm com a terra da seguinte maneira:

Neusa – O pai com a mãe plantam de tudo, de tudo, sabe? O pai, mesmo morando ali [em uma das colônias da Fazenda Filomena], por conta dele morar ali há muito tempo, o Willian<sup>107</sup> dá terra para ele plantar feijão, plantar milho, plantar as coisas de horta.

Juliana – Ele está plantando agora?

Neusa – Ele planta, direto, você precisa ver.

Juliana – Ah, que ótimo.

Neusa – E eu tenho dó dele por causa disso aí que por mais que ele esteja com as pernas ruins... Desde quando ele começou a trabalhar no Willian, ali, o serviço dele foi só fazer limpeza, só limpeza, limpeza, limpeza, então ele pegou um problema no joelho, de ficar muito agachado. Aí, só que agora está agravando mais ainda porque cada dia que passa está agravando ainda mais o joelho dele. Aí a perna dele está ficando meio ruim porque ele não encolhe a perna mais, aí tem que ficar com a perna meio esticadinha, mas mesmo assim ele está ali mexendo com a terra, ainda. Planta milho, planta feijão, planta as coisas.

Juliana – Mas na estufa não está indo, não?

Neusa – Está, está indo na estufa! Faz a limpeza ainda.

---

<sup>107</sup> Nome fictício, proprietário da estufa.



## 5. AAFHOL e as colônias de flores

Jairo – Porque ele trabalha registrado ainda, sabe? Ele trabalha registrado ainda. Mas as coisinhas que ele faz para fora é para ele.

Neusa – Porque tem as responsabilidades no serviço dele. Aí ele está lá, tadinho, mas depois do horário dele, assim, ele vai mexer na roça dele. Vai mexer com a roça, vai cuidar do feijão, vai cuidar das coisas dele, tem o quintal ali. Ali ele vai mexendo. A minha mãe também ajuda ele também. Aí agora eles compraram uma casinha lá em Martinho. Agora eu fico imaginando eles mudarem para lá porque lá não tem muito espaço para plantar. Aí eu falo: “Nossa, acho que eles vão ficar doentes, né, porque eles gostam de mexer com a terra”, e lá não tem esse espaço. Aí ele falou assim: “É, Willian, eu vou ficar aqui mais uns dias, viu?”. Aí ele falou: “Ah, não, Sr. Marcelo, pode ficar o tempo que o senhor quiser”. Mas eu tenho dó, tipo assim, porque está na hora dele descansar, já. Ficar de boa lá, descansar, mas...

Jairo – Essas pessoas não conseguem parar, não.

Neusa – Aí minha mãe gosta de plantar as plantas dela. A minha mãe tem um monte de coiseira, planta, nossa! Nunca vi ter mão boa para plantar daquele jeito. Ela pega uma muda de rosa e depois já nasce. É desse jeito! E ela é feliz assim, tadinha. O jeitinho dela, sabe? Aí ela fala assim: “Ai, meu Deus, acho que eu não vou acostumar na cidade, não”, ela fala.

(Neusa e Jairo, *Mogi Mirim/SP*, março de 2015).

O excerto da entrevista com Neusa e Jairo mostra que a despeito de o trabalho na estufa ter causado um desgaste físico que teve como consequência as dores nas pernas e nos joelhos de Marcelo, o fato de viver em uma colônia permitiu que ele pudesse “mexer na roça” e dar continuidade a um modo de vida que cultivava no interior de Minas Gerais. O fragmento da conversa também mostra que o casal – mesmo depois de adquirir uma casa em um bairro urbano – escolheu continuar morando na colônia para garantir a experiência de trabalhar com a terra, cultivar os pomares e criar os animais. Em pesquisa realizada com trabalhadoras rurais que residiam em colônias e se mudaram para os bairros urbanos, Silva (2004) mostra que o cálculo com a elevação de custos com a sobrevivência também está presente:

Morar nas cidades significou para o trabalhador a perda da roça de subsistência e da indústria doméstica e, paralelamente, o aumento dos gastos com a própria sobrevivência, tais como: água, luz, gás, impostos, aluguel, transporte, etc. (SILVA, 2004, p. 562).

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

Conforme apresentamos anteriormente, o custo de manutenção da colônia é de 70 reais por unidade doméstica – valor menor que aquele gasto por uma família que reside na área urbana e tem que arcar com as despesas de água, energia e gás, por exemplo. No que diz respeito à possibilidade de manter uma roça de subsistência – o que também diminui os gastos com alimentação da família – ela nem sempre está presente nas colônias de flores. No caso de Marcelo e Laura, por exemplo, a oferta da terra pelo proprietário para que eles “mexessem na roça” veio depois de muitos anos em que estavam estabelecidos na Fazenda Filomena. Quando migraram do interior de Minas Gerais para a região de Holambra, o primeiro local que a família residiu foi em uma das casas antigas que pertencia à Usina Esmeralda. Em seguida, conseguiram emprego com o Willian – onde estão até hoje – e passaram a viver em um barracão que ficava muito próximo das estufas, prejudicando a respiração das pessoas que ali viviam, pois estavam permanentemente em contato com os agrotóxicos aplicados nas plantas.

Marcelo apresenta também em sua narrativa uma percepção de que a manutenção da prática de plantio para a subsistência se encontra ameaçada pelos seguintes motivos: o patrão decidiu ampliar a área de estufas, ocupando assim um espaço que até então era destinado para as hortas; e o fato de não contar mais com a mão de obra familiar para dar prosseguimento aos cultivos – duas filhas se casaram e se mudaram para as colônias onde vivem os esposos, um dos filhos que trabalhava com flores mudou de ocupação e começou a trabalhar fora da colônia, como cabeleireiro, então fica pouco tempo na colônia, e o outro filho se casou e mudou-se para outro município. Além disso, Marcelo nos relatou que existem alguns pontos negativos de se viver em uma colônia – um dos aspectos que Marcelo enfatizou foi o fato de não poder fazer reformas na casa. A casa onde vive atualmente na colônia possui somente uma porta, e Marcelo acha fundamental viver em uma casa com duas portas pelo simbolismo de ter uma delas para entrar e a outra para sair as sujeiras, o mau-olhado e as desgraças. Ele se recordou do “tempo de sua mãe”, em Minas, quando os mortos eram velados nas casas e no momento da retirada dos caixões era comum que alguém varresse as sujeiras para fora da casa, para que o espírito do morto não voltasse para a casa. A ausência de duas portas em sua atual casa fez, inclusive, que Marcelo olhasse para uma fotografia do barracão onde viveu anteriormente na colônia com sua família – e que foi descrito como um ambiente bastante precário pelos filhos – e dissesse que era bastante feliz naquele local pelo fato de haver duas portas.

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

Em seguida ao “tempo de sua mãe”, houve o “tempo da seca”: a falta de água em Minas Gerais fez com que Marcelo perdesse uma parte considerável de sua roça, impossibilitando a continuidade do processo de produção. Marcelo apresentou a situação como um dos motivos pelos quais decidiu migrar para a região de Holambra. Ao tomar essa decisão, Marcelo e seus familiares enfrentaram muitas provocações de membros de sua comunidade de origem, que diziam que “o Deus que tem em São Paulo é o mesmo Deus que tem em Minas Gerais”, que o desafiavam a comprovar que a migração para o Estado de São Paulo era uma boa escolha. Por outro lado, havia pessoas que diziam: “Vocês estão indo para São Paulo? Então vocês estão indo para o céu”, afirmando que a situação no Estado de São Paulo era melhor do que aquela encontrada em Minas Gerais. De qualquer maneira, Marcelo ficava constrangido e com vergonha quando ia para Minas Gerais visitar os parentes e amigos e percebia que quem permaneceu no local estava com a vida “melhor” do que a dele. Nesse momento, Marcelo sentia que o céu que representava São Paulo havia se transformado em um inferno.

Finalmente, outra figura religiosa utilizada por Marcelo (“Deus está vigiando meu trabalho, então não posso parar de trabalhar quando meu patrão sai da estufa”) nos possibilita pensar sobre a ética da disciplina e do controle no ambiente de trabalho. Em seu entendimento, as pessoas precisam ter consciência de trabalhar mesmo quando os encarregados e patrões não estão presentes na estufa, pois – de acordo com Marcelo, o patrão pode não estar vigiando, mas Deus está olhando. Compreendemos que no caso dos moradores e das moradoras da colônia – conforme apresentado anteriormente – esse controle é potencializado porque não está presente somente na estufa, no período da jornada de trabalho propriamente dita, mas se estende a outros espaços e temporalidades.

Nesta seção buscamos apresentar as experiências dos sujeitos do cultivo de flores para além da atividade de trabalho nos campos e nas estufas. Destacamos a experiência das pessoas que residem na mesma propriedade onde estão localizadas as estufas, as formas de acesso à terra dos agricultores da AAFHOL e as dificuldades de manter os padrões de exigências da cooperativa de comercialização. No tocante às colônias destacamos as narrativas de moradores e moradoras da Fazenda Filomena, apontando aspectos como o controle para além do ambiente de trabalho, a visão da colônia como um local tranquilo para criar os filhos (em relação aos bairros urbanos) e até mesmo a possibilidade de estabelecer uma relação com a terra enquanto valor de uso, onde podem plantar, colher e criar animais.

## 5. AAFHOL e as colônias de flores

Na próxima seção serão expostos o controle no ambiente de trabalho e as formas de estranhamento, destacando a humilhação que se expressa na relação de trabalho com os encarregados e patrões. Nessa linha argumentativa apresentamos também um debate acerca das emoções e das afetividades no contexto da produção mercantilizada de flores.

## 6. “BEM-ME-QUER, MALMEQUER” – ESTRANHAMENTO E AFETIVIDADES NO TRABALHO COM AS FLORES.

---

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

Nesta seção desenvolvemos uma reflexão sobre as formas de estranhamento e as diferentes expressões de afetividades presentes na produção mercantilizada de flores. Buscamos nas narrativas das trabalhadoras e dos trabalhadores experiências laborais que demonstrassem tais processos. Neste intuito, apresentamos nas próximas páginas uma breve reflexão sobre as formas de estranhamento a partir da ótica da teoria de Marx (2011) e as maneiras pelas quais elas se apresentam no trabalho de cultivo de flores; posteriormente lançamos mão da literatura da Sociologia das Emoções e do trabalho do *care* para analisar os excertos de narrativas de trabalhadoras e trabalhadores que nos revelam a configuração do trabalho para além do estranhamento – fato possibilitado pela apropriação [material e afetiva] parcial do processo e do produto do trabalho.

### 6.1 Sobre assombrações, pesadelos, camelos e tatus

Na primeira parte de nossa argumentação apresentaremos brevemente as considerações de Marx (2011) sobre o processo de estranhamento e as formas pelas quais esse processo se revela no cultivo de flores. Posteriormente, apresentaremos também uma reflexão sobre a humilhação no ambiente de trabalho das estufas e campos de flores.

De acordo com Marx, o processo de estranhamento nasce como uma subordinação dos indivíduos a relações que existem independentemente deles: “A troca universal de atividades e produtos, que deveio condição vital para todo indivíduo singular, sua conexão recíproca, aparece para eles [indivíduos] mesmo como algo estranho, autônomo, como uma coisa” (MARX, 2011, p. 105). No âmbito do processo produtivo, segundo Marx, o processo de estranhamento se dá nos seguintes aspectos: o estranhamento do produto do trabalho, o estranhamento do processo de trabalho, e o estranhamento do homem de sua condição humana. Na relação produtiva, o objeto produzido pelo trabalhador se apresenta como um *ser estranho*, como um “*poder independente* do produtor” (MARX, 2004, p. 80). O produto do trabalho não pertence a quem o cria, e o criador não se reconhece no objeto. Do mesmo modo, o processo de trabalho aparece como algo estranho a quem realiza, na medida em que sua própria atividade não lhe pertence. Nas palavras de Marx (2004), o homem estranha

o seu próprio corpo, assim como a natureza fora dele, tal como a sua essência espiritual, a sua essência *humana*. (...) Uma consequência imediata disto, de o homem estar estranhado do produto do seu trabalho, de sua atividade vital e de seu ser genérico é o estranhamento do homem

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

pelo [próprio] homem. Quando o homem está frente a si mesmo, defronta-se com ele o outro homem. O que é produto da relação do homem com o seu trabalho, produto de seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, como o trabalho e o objeto do trabalho de outro homem (MARX, 2004, p. 85-86).

Nesse sentido, compreendemos que o trabalho no cultivo de flores se apresenta, de certo modo, como um trabalho estranhado, e uma das formas em que as diferentes expressões de estranhamento – neste caso, o estranhamento do produto do trabalho – se revelam nesse cultivo pode ser verificada no excerto da narrativa de Maísa, que relatava sua falta de interesse em visitar a exposição de flores na Expoflora, em Holambra:

Maísa – Eu, mesma, nunca interesse mais em ir na Expoflora, por quê? O que tem lá? Só flor, né? Meu marido, mesmo, foi uma vez, só. Chamei ele para ir, às vezes... Imagina! Você acha que eu vou sair daqui para lá ver flor na Holambra? [...] Vê violeta toda hora, você vai querer ver violeta? Não. Elas [companheiras de trabalho na estufa] dão risada... Às vezes as meninas enchem o saco, quando é Dia das Mães: “Ah, Maísa, eu vou dar uma violeta de presente para você de Dia das Mães”, você quer? “Se você der um vaso de violeta para mim eu tacho na cabeça de vocês”, eu falo (Maísa, *Artur Nogueira/SP*, maio de 2013).

Ao contrário do modo como as flores se apresentam para os visitantes da Expoflora – como expressão da beleza –, as plantas dessa exposição não chamam a atenção de Maísa porque são produto de uma relação mercantilizada com a natureza. Do mesmo modo, as violetas que no Dia das Mães são presenteadas como símbolos de relações afetivas não são alvo do desejo de Maísa porque foram produzidas com a repetição de atividades e jornadas cansativas para as trabalhadoras.

Em concomitância com as formas de estranhamento é preciso destacar o controle do trabalho e a realização de uma tarefa repetitiva, que deixa marcas no corpo e na mente, conforme exposto nos seguintes excertos de narrativas. A primeira delas é um relato de uma trabalhadora que narrava sua experiência no cultivo de flores e ressaltava a importância de ter autocontrole durante a jornada de trabalho, pois mesmo que o patrão não estivesse presente o tempo todo na estufa, ele poderia aparecer a qualquer momento para vigiar os trabalhadores e as trabalhadoras, sem que eles e elas percebessem sua chegada:

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

Mas ficar enrolando, brincando em serviço, eu não tenho coragem de fazer isso. Eu falava: “Nossa, se o patrão chegar e ver, que vergonha que a gente passa”, não tenho coragem. Várias vezes ele chegou lá “pé por pé”, ele faz isso, ele deixava o carro lá em cima na porteira e descia a pé, para pegar, para ver se pegava funcionário parado enrolando. Quantas vezes cheguei até pular, dar pulo para cima quando eu via, olhava para trás e ele estava atrás de mim, mas nunca pegou parada. Mas eu não assustava porque eu estava... eu assustava porque **ele chegava que nem assombração, assustando a gente**. Mas nunca... pode chegar a hora que quisesse, mas nunca pegou eu parada. Eles gostavam, elogiavam meu serviço por causa disso, que era mais o serviço meu que rendia, e também nunca me pegou parada. Eu não tenho coragem de fazer essas coisas. Tinha vez que, nossa, eu estava exausta, não aguentava nem abrir os olhos, de tanta dor nas costas e cansaço, nem assim eu tenho coragem de enrolar, ficar enrolando (Pricila, *Artur Nogueira/SP*, maio de 2015).

Na narrativa de Pricila estão presentes muitos elementos de fundamental relevância para nossa análise, dentre os quais é possível citar o controle do processo de trabalho, a introjeção desse controle na trabalhadora (que não se sentia à vontade para “brincar em serviço”) e o processo de estranhamento do processo de trabalho quando o patrão chegava perto dos trabalhadores como uma assombração. O dicionário Houaiss (2012) traz a definição de assombração como “sentimento de terror causado por coisas que não se podem explicar e que frequentemente são interpretadas como sobrenaturais”, ou ainda como “alma do outro mundo; fantasma”. Diante disso, compreendemos que o processo de estranhamento se mostra além das condições objetivas e materiais de produção, na medida em que está presente também nas subjetividades. O relato seguinte traz elementos que nos permitem pensar nas consequências de um processo de trabalho repetitivo e estranhado:

José – Tem hora, tem dia que eu trabalho muito, tem hora que até de noite eu fico sonhando, mexendo com as plantas aqui. Acho que é muito serviço de vasinho, vai chegando, chegando, você começa a fazer um, vai fazer outro, aí fica com aquilo na cabeça, aí de noite você fica daquele jeito.

Juliana – Mas você sonha com as plantas?

José – Fica sonhando, fazendo... e tem hora que é tanto, por isso que tem hora que eu acordo. Aí eu nem durmo mais, aí eu vou e venho para cá [sala de sua casa] (José, *Mogi Mirim/SP*, maio de 2015).



## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

O excerto da narrativa de José evidencia a forma como o costumeiro prolongamento da jornada de trabalho, somado à execução de uma tarefa repetitiva e estranhada trouxe consequências a sua mente, na medida em que os vasos e o trabalho na estufa habitam também os sonhos. A escolha possível para ele, naquele momento, foi interromper o sono para conseguir descansar a mente do processo de trabalho. Esse processo é ainda mais acentuado porque José reside em uma colônia de flores, sua casa está muito próxima à estufa e nas ocasiões em que está “de plantão”<sup>108</sup> pode ser chamado a qualquer momento para irrigar uma planta ou fazer alguma manutenção não programada na estufa.

Ainda de acordo com as reflexões de Marx, entendemos que a atividade de produção gera o homem não somente como uma mercadoria, “ela o produz, nesta determinação respectiva, precisamente como um ser desumanizado (*entmenshtes Wesen*) tanto espiritual como corporalmente” (MARX, 2004, p. 92-93). É sobre tal processo de desumanização espiritual e corpóreo que queremos lançar luz nesse momento de análise. Para cumprir esse intuito, trazemos novamente as experiências laborais narradas pelos sujeitos da pesquisa.

A primeira delas diz respeito à produção de bulbos<sup>109</sup> e a caracterização dessa atividade como extremamente degradante pelo fato de os trabalhadores e as trabalhadoras ficarem com os rostos muito próximos ao chão durante a jornada, o que fazia com que eles e elas se sentissem como “tatus”. A segunda experiência de humilhação no ambiente de trabalho é trazida pela narrativa de Gilson, que trabalhava no cultivo de orquídea. No excerto abaixo é relatado o que ele e o colega de trabalho faziam no momento em que foram chamados no escritório da empresa para, posteriormente, serem demitidos:

Gilson – É, estava os dois juntos [Gilson e o colega de trabalho], arrancando mato, aí ele [encarregado] achou ruim porque nós cortamos. “O patrão não gosta que vocês tomem água juntos”. “Mas eu não posso tomar água?” Se for no banheiro é outra coisa, enquanto um vai no banheiro o outro fica esperando, mas tomar água junto? A gente foi tomar água junto. “Pega suas coisas lá e vai falar com homem, então”. Aí eu fui e me mandou embora. **A gente não é escravo**, não vai ficar

---

<sup>108</sup> Ele trabalha de segunda a sábado e, em dois domingos de cada mês trabalha na estufa e fica disponível para os plantões. Nestes casos, ele deve ficar em sua residência para que possa chegar rapidamente à estufa em caso de emergência.

<sup>109</sup> Esta atividade foi descrita na seção 4. A EXPERIÊNCIA DE TRABALHO NO CULTIVO D FLORES.

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

com sede. Quem fica com sede, assim, é camelo. O camelo ainda tem o negócio nas costas que ele segura a água, né?

Erivelto – Um reservatório...

Gilson – É, a gente não tem. Nós somos seres humanos [risos]. Eu falei: **“Eu não sou camelo”**. (Gilson, *Holambra/SP*, maio de 2015)

Gilson expressa sua indignação com a atitude do encarregado e com a situação de não poder interromper o trabalho para satisfazer uma necessidade fisiológica, uma vez que – conforme descrevemos anteriormente – as temperaturas no interior das estufas e em campo aberto costumam ser bastante elevadas, e requerem um período de interrupção para hidratação do corpo.

O sentimento de humilhação também foi apresentado em outras narrativas durante a pesquisa de campo. Júlia, aposentada que trabalhou em diferentes variedades de flores, relatou que no período em que trabalhou no cultivo de rosas enfrentou situações de humilhação no ambiente de trabalho porque a patroa não permitia que os funcionários e as funcionárias interrompessem a jornada para descansar, mesmo diante do cansaço gerado em razão da intensidade das atividades e das elevadas temperaturas nos campos e estufas de rosas. A humilhação no ambiente de trabalho também trouxe um sofrimento para Pricila, que comparou o tratamento recebido no ambiente de trabalho com aquele vigente no “tempo da escravidão”, já que o controle dos movimentos das trabalhadoras e dos trabalhadores durante a jornada era tão intenso que eles e elas precisavam encontrar subterfúgios para “dar uma respirada” e descansar a coluna, conforme apresentado no excerto da narrativa:

Juliana – Tinha algum momento que vocês paravam? Por exemplo, vocês entravam 8, 7 horas da manhã... aí almoçava 11h00, 12h00, nesse intervalo vocês davam uma parada, de 10, 15 minutos para tomar um café?

Pricila – No horário de trabalho, não. Às vezes acontecia de a gente parar, mas escondido. Quando o patrão não estava, o encarregado não estava, aí não estava aguentando mais, aí via que o patrão tinha catado o carro e ido embora, o encarregado também tinha saído, aí parava um pouco para dar uma respirada, para dar uma coisada no corpo que estava duro, mas se fizesse isso perto e eles vissem, nossa! Escondido todo mundo faz isso, dá uma respirada, mas não é todo encarregado que aceita, não. Minha irmã [encarregada] se vir algum funcionário fazer isso ela manda embora. Se ela pegar no flagra... Porque tem serviço na estufa que a gente fica o dia inteirinho. Se for fazer a vontade dela, ela

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

quer que a gente fique o dia inteirinho, aí quando for para levantar não levanta mais. Aí a hora que ela fala assim: “Aí, eu preciso ir em casa urgente. Eu preciso resolver um negócio urgente”. A gente pensava: “Vai com Deus”.

[risos]

Pricila – Ela [encarregada] é muito estúpida. Tempo da escravidão, sabe?

Juliana – Como?

Pricila – Tempo da escravidão, trata a gente que nem um lixo. (Pricila, *Artur Nogueira/SP*, maio de 2015)

Em outro momento da narrativa, Pricila fala sobre o sofrimento causado em razão da pressão que a encarregada exercia sobre o processo de aprendizado no trabalho com uma variedade de orquídea:

Juliana – E tem algum trabalho que você demora mais para aprender que outro?

Pricila – É... como que é que chama? Orquídea. Tinha uma orquídea, lá, *Cattleya*, que tem um jeito de amarrar que eu cheguei até a chorar. Eu pensei que eu não ia mais voltar a trabalhar no outro dia lá porque eu não conseguia, não entrava na minha cabeça de jeito nenhum. E minha irmã é muito chata, nossa, é insuportável também.

Erivelto – A senhora lembra como que era?

Pricila – Ah, eu não tenho como explicar... é amarrado com um bambuzinho, mas tem um jeito esquisito, é horrível para amarrar. E de todo jeito que a gente amarrava, que a gente fazia, ela vinha e desmanchava. Ela falava: “Não é assim. É assim”. Aí a gente fazia, parece que do jeitinho que ela tinha ensinado, ela ia lá de novo e gritava, falava que não era daquele jeito. Nossa senhora! É horrível, eu cheguei a chorar vários dias, depois de semanas que eu fui conseguir fazer, que eu consegui. É bem complicado trabalhar com essa orquídea. Eu até saí um pouco por causa disso também porque aí começou a colocar eu direto, tirou eu da violeta. Falou que não ia tirar eu da violeta, aí tirou também e começou só a colocar serviço chato assim em mim, aí começou a mandar eu fazer serviço chato, de homem, que eu não podia fazer. Aí eu saí também por causa disso também.

Juliana – mas a sua irmã tratava assim todo mundo ou era rígida só com você?

Pricila – Com todo mundo. Saiu todo mundo, quase todo mundo lá da firma saiu, tem dois funcionários, três, só, lá. Turma saiu tudo por causa dela. Ela é o cão chupando manga. (Pricila, *Artur Nogueira/SP*, maio de 2015).

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

A comparação dos trabalhadores e das trabalhadoras do plantio de bulbo com “tatus” (expressando a condição degradante de estar com o rosto e o corpo cobertos de terra), a recusa de Gilson de ser um “camelo” ou escravo, e o relato de Pricila sobre o tratamento que a encarregada destinava às trabalhadoras e aos trabalhadores revelam indícios da perda da condição humana nas atividades laborais. Na medida em que as pessoas vão perdendo a condição de humanidade, as plantas, enquanto símbolos da expressão da natureza mercantilizada, ganham atributos animados: as mudas das plantas são chamadas de “plantas-mãe”, certos matrizeiros de plantas que exigem maior cuidado e fluxo de pessoas é chamado de “berçário”, as folhas que ficam na parte superior do vaso são chamadas de “cabelo da planta”. Desse modo, compreendemos que os homens e as mulheres que realizam a atividade no cultivo de flores sofrem no corpo e na mente as consequências de um trabalho cujo ambiente está cercado por “assombrações”, “tatus” e “camelos”.

### 6.2 Emoções e afetividades no cultivo de flores

Nesta seção, para compreender e apresentar a argumentação sobre a possibilidade que as trabalhadoras e os trabalhadores têm de criar vínculos afetivos durante e após o processo produtivo, recorreremos inicialmente à literatura sobre a Sociologia das emoções e o trabalho do *care*, que nos fornecerá bases para a análise dos excertos de narrativas que apontam para uma possível apropriação do processo e do produto do trabalho no cultivo de flores.

A perspectiva sociológica contemplada nesse texto acerca das emoções nos permite compreendê-las enquanto “significados culturais e relações sociais fundidos de maneira inseparável, e é essa fusão que lhes confere capacidade de transferir energia para a ação” (ILLOUZ, 2007, p. 15, *tradução nossa*). É difícil estabelecer uma categorização unânime acerca das emoções, na medida em que as variações sobre a classificação de certos sentimentos dentro de uma mesma cultura são imensas (SCHEFF, 2012), por isso é preciso olhar para as emoções a partir do contexto cultural e social em que estão inseridas.

Durante muito tempo, as emoções estiveram marginalizadas da análise sociológica, muito em razão do empenho e aspiração de fazer dessa disciplina uma física social em busca da objetividade. Illouz (2007), por sua vez, defende que autores clássicos

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

da Sociologia, mesmo que de forma inconsciente, mencionaram as emoções em seus estudos: Weber com a ética protestante, Marx ao conceituar a alienação, Simmel quando trata da indiferença e atitude *blasé* da vida urbana, e Durkheim ao apresentar os estudos sobre a solidariedade.

A procura por aspectos objetivos e mensuráveis da vida social coincide com valores da “cultura tradicional masculina”, por meio da qual os sentimentos não estão tão expostos. “Mas se procurarmos aproximar a Sociologia da realidade fechando um olho para não ver os sentimentos, o resultado será muito pobre. Precisamos abrir esse olho e refletir sobre o que vemos” (HOCHSCHILD, 2008, p. 112, *tradução nossa*).

Diante disso, é possível compreender certas formas de divisões emocionais que estabelecem, por exemplo, modos distintos de sentir em homens e mulheres (ILLOUZ, 2007). Se partirmos da ideia de que as emoções se encontram presentes nas hierarquias sociais, no contexto da produção capitalista de mercadorias e sentidos, é mister analisar as emoções em conjunto com a economia: “os repertórios de mercado se entrelaçam com a linguagem da psicologia e, combinados, proporcionam novas técnicas e sentidos para forjar novas formas de sociabilidade” (ILLOUZ, 2007, p. 20, *tradução nossa*).

As flores, enquanto natureza mercantilizada, expressam a conjunção dos sentimentos com lógicas mercantis, na medida em que são produzidas em escala elevada. As emoções não estão presentes somente no ritual da oferta de flor para alguém em determinadas ocasiões, elas marcam também a divisão sexual do trabalho nos campos e estufas, no carinho e afeto recebidos pelas plantas e na distribuição desigual de afeto, conforme demonstraremos no final do texto. Nesse sentido, compreendemos que existe uma apropriação das subjetividades pelo capital, principalmente porque no caso do comércio em grande escala de flores, a natureza e os afetos<sup>110</sup> se transformam em mercadoria. “Não é somente o objeto de consumo que é produzido pela produção, mas também o modo de consumo, não apenas objetiva, mas também subjetivamente. A produção cria, portanto, os consumidores” (MARX, 2011, p. 47). Portanto, a mercantilização das flores pode ser entendida como parte de um processo de reprodução do capital ancorado na subjetividade dos consumidores. E o ritual de oferta de plantas que acompanha esse processo é marcado por uma construção social de gênero:

---

<sup>110</sup> O Dia das Mães e o Dia dos Namorados são as datas comemorativas com maior número de flores vendidas. Nessas datas, as flores são comercializadas com apelos de sentimentos como amor, paixão e gratidão.

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

As flores que um homem oferece a uma mulher e a comida que uma mulher prepara para um homem são símbolos compartilhados do dar: presentes de caráter ritual diferenciados por gênero. A publicidade comercial explora estas convenções de gênero, enquanto as perpetua e as estende. A indústria das flores publiciza as rosas como o presente amoroso de um homem para uma mulher (HOCHSCHILD, 2008, p. 162, *tradução minha*).

As flores que são mercantilizadas e presenteadas em ocasiões como o Dia dos Namorados, Dia das Mães e Dia Internacional das Mulheres são expressões de relações românticas. Entendemos que estas relações e as plantas comercializadas estão organizadas no mercado e se convertem em “produtos saídos de uma linha de montagem e que se consomem com rapidez, eficiência, a um custo baixo e em grande abundância. O resultado é que é o mercado o que dita agora de maneira mais exclusiva o vocabulário das emoções” (ILLOUZ, 2007, p. 193).

No que diz respeito ao espaço de cultivo de flores (campos e estufas), é possível afirmar que existe uma combinação entre um trabalho emocional e um trabalho material e técnico. O trabalho emocional é definido por Hochschild (2008) como uma atividade que exige a gestão da expressão das emoções, possibilitando a compreensão e a avaliação das emoções próprias e alheias para que o trabalho possa ser realizado. Oliveira (2012) resalta a relevância do conceito de trabalho emocional cunhado por Hochschild, na medida em que seu uso chama a atenção para a

expropriação de uma atividade humana de caráter privado, dos recônditos da subjetividade de cada um, para um uso público. Trata-se não apenas de um “lidar com as emoções”, como algo que existe em qualquer situação humana, mas sim de usá-las como um instrumento para vender ou compor um serviço (OLIVEIRA, 2012, p. 38).

Diante disso, compreendemos que, na esfera do trabalho no cultivo de flores, as emoções estão presentes na medida em que o saber técnico não é o único elemento que define uma boa produção. Em outras produções agrícolas entendemos que o saber técnico é buscado em seu auge para que sejam controlados os fatores externos das variações climáticas que podem determinar o sucesso das colheitas. Isso também se dá no contexto da produção de flores – sobretudo quando pensamos no uso massivo de estufas como forma de proteger o ambiente e criar um clima artificial, mas o saber técnico perde seu protagonismo quando verificamos, por exemplo, o uso de termos e expressões mais ligadas à esfera dos sentimentos e habilidades inatas para relatar as tarefas

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

executadas em diferentes seções de produção das flores, como os matrizeiros, o setor de transferência de mudas e espaçamento das plantas.

Nas páginas de um livro com instruções e informações sobre a produção comercial de plantas é possível visualizar como esses elementos (conhecimento técnico e habilidade manual) estão mesclados. A autora aponta que a floricultura

é uma profissão na qual o ‘dedo verde’ pode ser uma ferramenta importante para o início do trabalho, porém não é o imprescindível. Mais do que instinto, o floricultor necessita de preparo técnico. O nível de sucesso alcançado por uma floricultura é proporcional ao conhecimento técnico do responsável, aliado a sua capacidade de gerenciamento e comercialização (KÄMPF, 2005, p. 18).

Notamos que a autora reforça a importância da técnica para a produção e comercialização, mas não descarta a presença do “dedo verde” e do “instinto” para realizar o cultivo. Nas páginas seguintes da obra supracitada, a técnica presente no uso de tecnologias perde seu protagonismo: “apesar da sofisticação de alguns sistemas [de irrigação], o melhor equipamento para controlar a distribuição equilibrada de água ainda é o olho do viveirista” (KÄMPF, 2005, p. 174).

As narrativas também fornecem elementos que permitem pensar nessa atividade como uma composição de trabalho emocional e técnico, e isso se mostra em pelo menos três aspectos: o primeiro deles diz respeito ao fato de que o “cuidado” está presente no processo de produção e crescimento das plantas; o segundo aspecto no qual as emoções são geridas nesse espaço diz respeito ao fato de que os trabalhadores e as trabalhadoras não recebem o mesmo cuidado e, em muitos casos, precisam “controlar as emoções” para não se apegar aos companheiros e companheiras de trabalho; finalmente, podemos pensar ainda no vínculo estabelecido entre a trabalhadora/o trabalhador e a planta. Detalhemos, então, cada um dos aspectos.

### 6.2.1 O cuidado com as plantas

Conforme apresentamos anteriormente, no contexto de produção das flores, elementos como o cuidado, o carinho e o afeto estão muito presentes nas narrativas de trabalhadoras e trabalhadores que lidam cotidianamente com as plantas. Entendemos que existe um conhecimento técnico adquirido por meio da experiência no trabalho com as flores que se soma aos aspectos do cuidado. Nesse sentido, recorreremos à discussão

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

sociológica sobre o trabalho do *care*<sup>111</sup> para embasar a discussão sobre o uso do carinho e do afeto como elementos mercantilizados. O *care* pode ser entendido como cuidado, solicitude e atenção ao outro, que se expressa em forma de prática, atitude e disposição moral. O trabalho do *care* se apresenta como um trabalho mercantilizado que cresce na sociedade capitalista em um contexto de ampliação no número de mulheres que exercem atividades remuneradas e de elevação da população idosa (HIRATA; GUIMARÃES, 2012).

Nesse contexto marcado por aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, muitas atividades de cuidado (da casa, crianças, deficientes físicos, idosos, adultos que procuram diversão) que antes eram realizadas prioritariamente por mulheres no âmbito doméstico sem remuneração, agora são ocupações com remuneração (HIRATA; GUIMARÃES, 2012).

Entre outros fatores, Hirata e Guimarães (2012) mostram que as fronteiras entre o trabalho do *care* remunerado e o trabalho do *care* não remunerado são bastante tênues, isso se evidencia no fato de que o amor, o afeto e as emoções não são de domínio exclusivo das famílias, “do mesmo modo que o cuidado, o fazer, a técnica não parecem ser do domínio exclusivo das ‘cuidadoras’, das ‘acompanhantes’, das ‘auxiliares’ remuneradas” (HIRATA; GUIMARÃES, 2012, p. 3). Nesse sentido, o trabalho de *care* é ao mesmo tempo “trabalho emocional e trabalho material, técnico” (HIRATA; GUIMARÃES, 2012, p. 3). Portanto, não se trata de apresentar o amor e a técnica como termos dicotômicos na esfera do trabalho, antes de tudo, a experiência dos trabalhos do *care* revela que é possível existir um trabalho remunerado que envolve amor (ZELIZER, 2012, p. 24-25). Esse aspecto é de fundamental relevância para o paralelo que estabelecemos entre os trabalhos do *care* e o trabalho no cultivo de flores, uma vez que esta atividade combina elementos técnicos e aqueles ligados à esfera das afetividades, conforme demonstraremos nas próximas páginas.

Outra comparação estabelecida entre o trabalho do *care* e o de cultivo de flores está no fato de que ambos têm por objetivo manter e preservar a vida<sup>112</sup> lançando mão do cuidado – entre as atividades práticas podemos citar a eliminação e prevenção de doenças e o acompanhamento das etapas reprodutivas e de desenvolvimento da vida. No que diz respeito às práticas reprodutivas e de desenvolvimento e acompanhamento da

---

<sup>111</sup> Um dos significados do termo em inglês *care* é “cuidado”.

<sup>112</sup> Com a diferença de que no trabalho do *care* existe uma interação face a face (OLIVEIRA, 2012) que não está presente no cuidado com as plantas.



## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

vida podemos nos remeter ao trabalho emocional feito pelas mulheres indianas que são internadas em clínicas de reprodução humana para prestar serviços como “barrigas de aluguel” (HOCHSCHILD, 2012). Desde 2002, o procedimento da barriga de aluguel passou a ser legalizado na Índia, onde existem mais de 350 clínicas de Tecnologia de Reprodução Assistida (TRA). As mulheres que prestam esse serviço vivem na clínica enquanto estão grávidas e não podem ter relações sexuais durante esse período. As clínicas só contratam mulheres que já tenham filhos, para que elas não caiam na tentação de se apegar ao bebê.

Dentre as problematizações apresentadas por Hochschild (2012) em relação ao trabalho das mulheres que prestam o serviço de barriga de aluguel estão: a preocupação com o contexto social no qual essas mulheres estão inseridas (acesso a empregos com baixa remuneração, negligência do governo com serviços públicos hospitalares e educacionais); a disparidade entre o lucro das clínicas e a remuneração das trabalhadoras (as clínicas ganham três vezes mais que as mulheres durante o procedimento); e o ideal da gravidez despersonalizada, já que as mães de aluguel são instruídas a pensar em seus ventres como “portadores” e em suas funções como se fossem babás pré-natais. As clínicas de reprodução sugerem que as mulheres pensem em seus ventres como separados delas mesmas. Diante disso, a mãe de aluguel “se defronta ainda com a tarefa mais delicada e básica, interna a si mesma: desapegar-se do bebê que carrega” (HOCHSCHILD, 2012, p. 196). Ainda sobre essa questão, a autora mostra que “as mães de aluguel fazem o trabalho emocional de se dissociarem do bebê que elas carregam e da parte do corpo delas que carrega o bebê de quem elas devem se separar. Poderíamos descrevê-lo como um trabalho emocional de estranhamento” (HOCHSCHILD, 2012, p. 197).

Guardadas as devidas proporções, pensamos que os homens e as mulheres que trabalham no cultivo de flores, cuidando das plantas, eliminando as doenças das plantas, fazendo os implantes nos berçários, irrigando e acompanhando o crescimento das plantas criam um vínculo de afetividade que passa pela manutenção e preservação de uma vida, que será transformada em mercadoria que nem sempre será de acesso a essas pessoas que estão empregadas nos campos e estufas. As plantas que foram cuidadas nem sempre serão usadas como adornos em suas residências, portanto, para além do estranhamento do trabalho tal como apresentado por Marx (estranhamento do processo de trabalho, do produto e do homem de si mesmo) existe também o estranhamento do trabalho emocional ao ter que se desapegar da planta que foi cultivada.

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

Algumas bases de reflexão sobre o trabalho do cuidado – mesmo que destinado a pessoas, e não a plantas – nos fornecem importantes pistas para pensar o cuidado destinado ao desenvolvimento da flor, na medida em que a atividade nesse cultivo mescla elementos do campo técnico e das emoções. Em uma das narrativas, as emoções e os sentimentos se mostram presentes:

Roberto - Nesse período aqui [“fase flor”] você não pode molhar a flor, então tem que ser com muito *cuidado* para molhar aqui. Esse é meu trabalho aqui. Daí essa é minha função que eu faço de segunda-feira. Aí, meu trabalho aqui é molhar esses vasinhos aqui, dar uma olhada porque eu fico mais no meio do contato com os vasos formados, eu tenho que olhar para ver se tem algum tipo de doença, tem ácaro... Então eu tenho que estar atento. Tendo as doenças, aí eu vou lá, falo para meu encarregado, marco o vão que está a doença e ele vai lá, olha, e ele cuida da parte de veneno, essas coisas (Artur Nogueira/SP, abril de 2013).

Portanto, pode-se verificar que as emoções não estão ligadas somente ao trabalho de mulheres. Homens e mulheres se deparam com o trabalho emocional ao lidar com as plantas. Entretanto, as competências do cuidado são vistas como inatas quando relacionadas às mulheres e conquistadas por um saber técnico quando relacionadas aos homens.

A naturalização das competências e do saber-fazer do cuidado no registro da feminilidade, ou seja, naquilo que é esperado das mulheres, possui como corolário o fato de que estes saberes, quando exercidos por homens – que serão, logo, gentis, pacientes, atenciosos, discretos, delicados – são muito mais valorizados, pois não são uma expectativa em relação a todos os homens. O resultado é que este homem será considerado uma pessoa especial, uma pessoa excepcional que obterá, por conseguinte, maiores gratificações (MOLINIER, 2012, p. 33).

Tal consequência apontada pela autora, no caso das flores, implica em índices salariais maiores para os homens empregados nas mesmas atividades que as mulheres. Desse modo, é preciso compreender criticamente as considerações acerca das características que seriam inerentes às mulheres. Olaizola (2009) mostra a necessidade de “compreender dialeticamente como as ideologias sexuais vão se materializando nos processos de trabalho e como as condições materiais de existência formatam e condicionam essas ideologias, as quais não são estáticas e sim cambiantes” (p. 254-255).

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

### 6.2.2 O (não) cuidado com as trabalhadoras e os trabalhadores

Termos presentes no cotidiano de trabalho, como “berçário” (espaço de propagação de plantas em ambiente protegido com usos de instrumentos como o bisturi e luvas para evitar contaminação), “planta-mãe” (matriz da planta a partir da qual será realizado o processo de plantio) e “filhote de bulbo” (broto de bulbo) reforçam o cuidado com as plantas, na medida em que ganham significados que costumam ser atribuídos à esfera humana. Portanto, nesse caso, as plantas são dignas de receber todo o cuidado para que cresçam bem e com qualidade. O mesmo cuidado não é destinado aos trabalhadores e às trabalhadoras. Isso se comprova no fato de que em algumas situações há exposição à venenos de forma direta e indireta – algumas empresas fornecem equipamentos de proteção individual para a aplicação de agrotóxicos. No entanto, nem sempre é cumprido o tempo de intervalo após a aplicação e as trabalhadoras acabam manuseando as plantas com veneno, aspirando, portanto, produtos químicos prejudiciais à saúde.

Outrossim, várias pessoas relataram que sofreram abusos morais por parte de encarregados e patrões. Nesses casos, os trabalhadores e as trabalhadoras receberam tratamento desumano, conforme apresentamos anteriormente. No que diz respeito ao controle das afetividades encontramos a situação de gestão das emoções, na medida em que é preciso lidar com vínculos afetivos que se estabelecem com as plantas – para quem o carinho é destinado; e a possibilidade de quebra dos vínculos afetivos com companheiros e companheiras de trabalho, uma vez que existe uma rotatividade grande de pessoas empregadas nas estufas.

Silva (2011, 2013) nos oferece importantes contribuições acerca das afetividades no mundo do trabalho ao apresentar o debate sobre a apropriação das condições afetivas. De acordo com a autora, a configuração do trabalho no corte de cana-de-açúcar faz com que não somente o trabalho excedente seja apropriado pela produção capitalista, como também as afetividades. Isso se dá em pelo menos duas situações: no esquema de revezamento de folgas e no movimento migratório dos trabalhadores. Muitas turmas contratadas para o corte da cana-de-açúcar trabalham na jornada “cinco por um”, por meio da qual as pessoas trabalham cinco dias seguidos e folgam no sexto. Dessa maneira, o dia de folga é diferente em cada semana – essa configuração traz danos à sociabilidade dos trabalhadores e das trabalhadoras com familiares, amigos e amigas na medida em que dificilmente terão um dia livre para lazer aos finais de semana e feriados (SILVA, 2013, p. 379). A apropriação também acontece quando as famílias de

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

trabalhadores rurais são impedidas de migrarem para o interior de São Paulo. Isso ocorre quando as usinas empregadoras vão até o local de origem dos trabalhadores para fazer as contratações e se encarregam de fazer o transporte e arcar com os custos de alojamento para os trabalhadores. Dessa maneira, as famílias que decidem acompanhar os trabalhadores até a região de destino precisam arcar com os custos – como nem sempre isso é possível, os vínculos afetivos relativos à família ficam fragilizados em razão do pouco tempo de convivência entre pais e filhos, por exemplo.

No caso do cultivo de flores compreendemos que existe uma distribuição desigual do afeto. Recorremos novamente às reflexões desenvolvidas por Hochschild (2008) acerca da distribuição desigual do amor. A autora utiliza esse entendimento para retratar a desigualdade na oferta de carinho em diferentes países tomando como caso empírico a situação de mulheres imigrantes oriundas das Filipinas e países da América Latina que se deslocam para trabalhar nos Estados Unidos e Europa como babás. Esse cenário é uma demonstração do “imperialismo do afeto” (HOCHSCHILD, 2008, 281), caracterizado pela distribuição desigual do amor, uma vez que as crianças de famílias europeias e estadunidenses recebem cuidado e carinho das profissionais que trabalham em suas residências para que seus pais ou responsáveis possam exercer atividade remunerada fora de seus domicílios, enquanto as crianças, filhos e filhas das trabalhadoras imigrantes, muitas vezes, deixam de receber amor e carinho uma vez que suas mães migram por vários meses durante o ano para obter alguma fonte de renda que dificilmente seria possível em seus locais de origem em razão do grande abismo econômico existente entre os países de origem e destino desses movimentos migratórios.

Compreendemos que a noção da distribuição desigual de afetos é de grande valia para pensarmos o caso da produção de flores, na medida em que as trabalhadoras são submetidas a longas jornadas de trabalho durante o período de pico para a produção do Dia das Mães e Dia dos Namorados – momentos nos quais elas são privadas da convivência com membros familiares. Durante o período de “pico de produção” algumas empresas costumam prolongar as jornadas de trabalho para atender a demanda – isso faz com que as pessoas trabalhem mais de dez horas por dia e estejam ocupadas também durante o sábado e o domingo. Há ainda aquelas que – durante os períodos de pico – trabalham de manhã e à tarde em uma empresa e depois trabalham como diaristas, à noite, nas estufas de outros patrões que ficam próximas de suas residências.

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

Não é somente no período de pico de produção o momento em que os trabalhadores e as trabalhadoras precisam lidar com a gestão das emoções que envolvem a distribuição desigual do afeto. Isso porque existe uma complexidade de relações que nem sempre beneficiam os trabalhadores e as trabalhadoras – nesse instante nos referimos à escassez de oferta de vagas para crianças em escolas públicas de educação infantil. Muitas trabalhadoras no período pós-parto, depois de transcorrido o período de licença-maternidade, encontram dificuldades para encontrar vagas nas escolas públicas. Diante do fato de que nem todas as empresas disponibilizam auxílio-escola para que o pai e a mãe possam continuar trabalhando, algumas famílias recorrem às redes de parentesco e vizinhança para compartilhar o cuidado das crianças, ou ainda levam as crianças para acompanhar o trabalho no interior das estufas – fato que já foi denunciado algumas vezes pelo Conselho Tutelar de municípios da região de Holambra<sup>113</sup>.

### 6.2.3 Envolvimento e afetividades na lida com a planta

O terceiro aspecto por meio do qual podemos pensar a presença do cuidado e das emoções no cultivo de flores diz respeito ao possível envolvimento afetivo com as plantas. Diferente de outras mercadorias que resultam do processo de produção capitalista, na produção mercantil de flores, as plantas são mercadorias vivas que se diferem umas das outras, elas apresentam pequenas nuances que podem ser identificadas pelas pessoas que trabalham e acompanham o crescimento de cada uma entre os milhares de vasos presentes no interior das estufas. Em algumas variedades de plantas, e dependendo também da organização do trabalho e distribuição de tarefas na empresa, é possível que uma trabalhadora ou um trabalhador acompanhe o processo de desenvolvimento da planta desde o plantio até chegar ao momento final da colheita e embalagem da planta. Nesses casos, muitas pessoas criam um vínculo afetivo com a flor, e a beleza apresentada em alguns vasos lhes chamam a atenção, despertando o desejo de levar a planta para suas residências. Destacamos os seguintes excertos de narrativa que apresentam as plantas para além de materialidade enquanto natureza mercantilizada.

---

<sup>113</sup> Informação transmitida durante entrevista que realizamos com um profissional da área de Assistência Social de um dos municípios da região de Holambra.

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

Jairo –Então a maioria do tempo que eu vejo as plantas crescerem eu sempre estou vendo o crescimento das plantas lá dentro, sempre estou cuidando da minha parte lá.

Neusa – Aquele vaso ali mesmo, por exemplo, aquele vaso de Zami [zamioculca] ali, ele foi... desde pequenininha ele foi... o meu encarregado pegou um pouco, assim, um pedaço assim, acho que mais ou menos do tamanho dessa sala aqui, e tratou dele desde o crisântemo, que é uma parte quente que tem lá. Ela criou, cresceu sem luz porque ela tem um ambiente certo para ela criar, luminete, escuro, lugar quente para ela, entendeu? Só que aquela ali ela foi crescida em um lugar aberto, onde foi primeiro crisântemo. Aí na véspera do Natal eu falei para ele assim: “Nossa, esses vasos estão tão bonitos, você podia dar umas para nós, né?”. Aí ele virou e falou assim: “Hum...”, aí ela pegou e falou assim: “Está bom, na véspera do Natal que vocês vierem trabalhar eu vou dar um vaso para vocês, para cada um de vocês”. Eu falei: “Beleza”. Aí quando foi na semana do Natal ele pegou e deu para nós. Só que esse aí era um vaso especial porque não foi tratado num lugar que pegou agrotóxico, foi cuidado desde o crisântemo, mesmo. Daí ele pegou e pediu pra gente escolher, cada um de nós escolher um vaso para nós. Aí a gente foi lá e escolheu.

[...]

Jairo – Eu tenho um vaso aqui... que eu que plantei ela no vaso quando eu cuidei dela. Aí aqui em casa que estou vendo o crescimento dela. Agora ela já passou eu de tamanho.

Juliana – Nossa!

Roberto – Essas plantas são muito caras, viu?

Jairo – É, é caríssima. Às vezes tem pessoas que passa aqui em casa e já abrem os olhos, uns já falam se eu não quero vender. Não, eu não vendo, não. Foi um vaso que eu cuidei aqui em casa.

Juliana – Sim, você viu desde o...

Jairo – Desde o crescimento, desde pequenininho, eu vi crescendo, então não tem dinheiro que pague.

(Jairo, Neusa, Roberto. *Mogi Mirim/SP*, maio de 2015)

É importante destacar nos relatos os seguintes aspectos: a possibilidade de acompanhar o crescimento da planta durante todo o processo (desde o plantio, irrigação, crescimento até a fase final de embalagem), a autorização para levar alguma planta para casa, e o reconhecimento de si no produto final de trabalho. As narrativas acentuam as

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

possibilidades de afeto e proximidade com a planta que os trabalhadores e as trabalhadoras cuidaram. Para além do cuidar, os elementos que fazem com que a planta se destaque diante das outras é o fato de ter crescido em outro ambiente, estar livre de agrotóxico e o fato de poder acompanhar o processo do começo ao final.

Ao invés de ser considerada uma mercadoria possível de ser mercantilizada, a planta volta para o estado natural, como se tivesse sido cuidada em um ambiente doméstico, sem finalidades produtivas de comercialização. Ela ganha a vida, não no sentido animado que destacamos do processo de estranhamento presente em termos como “planta-mãe”, a planta agora passa para a esfera doméstica, e ganha um apelido que lhe dá sentido e diferencia de todas as outras que viraram mercadoria, como o caso da “zami” citada no excerto da narrativa e da planta que mesmo tendo um valor de troca muito elevado (“*é caríssima*”), ganha um significado de valor de uso estabelecido por meio da afetividade e, a partir dessa nova simbologia passa a ser invendável.

O sentimento destinado às plantas como alvo de desejo e paixão não era unânime entre as pessoas entrevistadas – algumas delas relataram que se apaixonavam por algumas flores, outras viam as plantas somente como instrumento ou produto de trabalho, conforme apresentamos nos excertos de narrativas a seguir de Neusa e Roberto. No fragmento de entrevista de Roberto, ele comenta sobre o destino das plantas que não são aceitas para o leilão ou venda direta, e que são jogadas no lixo:

Neusa – Às vezes, tipo assim, por mais que às vezes não é só a gente que mexe, então às vezes sai vaso meio torto, mas tem uns que você se apaixonou. (Neusa, *Mogi Mirim/SP*, março de 2015).

[...]

Roberto – E quando eu trabalhava mesmo, era assim. A gente jogava planta, às vezes ia alguma flor para o mato, ruim, estragada. E o pessoal... lá onde eu trabalhava... era cada semana vinha um grupo, mais ou menos, de 50 pessoas, fazer visita. Elas viam aquelas flores no mato ali: “Nossa, que bonito, não pode jogar no mato, não”, mas a gente está acostumado, então pra gente não é nada. Então para as pessoas que vêm de fora, que não conhecem, que não tem conhecimento com flor, aquilo é muito importante pra ela. Ali é muito bonito para eles ali (Roberto, *Mogi Mirim/SP*, março de 2015).

Neusa mostra que, mesmo quando não acompanha o processo produtivo por inteiro, pode acontecer de se encantar pela planta, em razão de sua beleza. Roberto

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

destaca que o fato de trabalhar todos os dias com as flores faz com que seu olhar seja diferente daquele dos visitantes, que veem as plantas somente a partir da beleza que apresenta, e não como um produto de trabalho e uma mercadoria.

Em outro momento da narrativa, Neusa relata que é um costume entre os trabalhadores e as trabalhadoras levar o vaso para casa<sup>114</sup>, quando acham que a planta está linda:

Neusa – Agora nós estamos colhendo lá, daí fala assim: “Nossa, que vasinho lindo”, aí a gente pega ele e leva embora. Sempre tem uns que você se apaixona.

Roberto – Tem lugar que a gente trabalha que é muito difícil trazer para casa porque a gente já está acostumado a ficar olhando.

Neusa – Eu trago, quando eu vejo vasinho que falo: “Nossa, que vaso lindo”, aí trago embora.

(Neusa e Roberto. *Mogi Mirim/SP*, maio de 2015)

No entanto, nem sempre as flores podem ser levadas para casa pelos trabalhadores e pelas trabalhadoras – algumas variedades de orquídeas, por exemplo, são comercializadas por um valor bastante elevado (acima de cem reais). Assim, mesmo que se crie um vínculo afetivo durante o processo de cultivo, o desejo de permanecer próximo da flor não é concretizado. O excerto da narrativa de Pricila demonstra isso:

eu não gostava quando me colocavam para trabalhar com orquídea porque minha irmã [encarregada na estufa] é muito exigente, muito chato trabalhar na orquídea, porque é muito ruim, mas eu adorava, eu acho lindo, é a planta que eu mais acho linda. E vinha umas orquídeas, às vezes, importada, de vez em quando aparece umas orquídeas importadas que não tem por aqui, uma mais linda que a outra. Vixe! Eu ficava doida. E é cara, o problema é que é cara. Tem umas que é mais de cem reais. Nossa! E é sempre as mais caras que deixam a gente mais doida, a coisa mais linda! Eu vinha atormentando o Pedro [esposo] o caminho inteiro. “Ih, mulher, pode parar com isso, para de inventar moda, chega no fim do mês o pagamento seu vai tudo só em planta”. Nossa! Se fosse por mim eu queria encher, eu queria fazer uma prateleira aqui fora e encher as paredes de orquídea. Nossa, é linda demais! Tem umas que têm formato de bicho, as flores dela são no formato de aranha. Você olha assim parece aranha de verdade, desse tamanho assim, com perna e tudo – é uma aranha, idêntica! Toda riscada com aqueles riscos que aquelas aranhonas têm. Tem umas que

---

<sup>114</sup> Na ocasião da entrevista, Neusa estava trabalhando no cultivo de crisântemo, que está entre as variedades com menor valor de comercialização.



## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

é em formato de bonequinha, de holandêsinha com vestidinho. Ah, olha, gente do céu! Ai, nossa, eu ficava doida, mas eu falava: “**já trabalho porque eu preciso comprar as coisas para comer, se eu ficar gastando com orquídea, chega no final do mês eu não vou ter dinheiro**”. Aí eu ficava só nas vontades, vinha embora aguada para casa, sonhava com as orquídeas, mas... cheguei a trazer algumas, comprava das mais baratinhas, às vezes eu comprava. Ah, mas tem orquídea muito linda lá, nossa senhora! (Pricila, *Artur Nogueira/SP*, maio de 2015).

No fragmento do relato de Pricila podemos destacar os seguintes elementos: apesar de ela considerar o trabalho na orquídea como difícil pelo fato de exigir uma técnica que não é aprendida rapidamente e pelo fato de a encarregada cobrar um ritmo intenso de trabalho, Pricila disse que gostava muito do trabalho porque as plantas eram bonitas e apresentavam formatos especiais (“aranha”, “bonequinha”, “holandêsinha”). O segundo aspecto a ser ressaltado é as possibilidades de compra do produto de seu trabalho. A renda não é suficiente para comprar a orquídea, então ela compra outras plantas que não são tão caras.

Recorremos a uma frase atribuída a Confúcio (“É preciso comprar arroz e flores. Arroz para viver e flores para ter pelo que viver”) que foi apresentada por um dos diretores da Veiling durante um seminário de Inovação na Horticultura – compreendemos com a narrativa de Pricila que nem sempre é possível comprar flores para “ter pelo que viver”, pois a remuneração das trabalhadoras e dos trabalhadores é tão reduzida que a renda é utilizada apenas para a reprodução, para o “viver”.

Ressaltamos também que mesmo inseridas em um processo de produção, enquanto natureza mercantilizada, as plantas apresentam suas particularidades, e os homens e as mulheres que lidam diariamente com as flores sabem diferenciar cada vaso e muitas vezes se reconhecem naquele produto. Além disso, diferente de um produto inserido na produção capitalista qualquer, o fruto do processo de trabalho é resultado de um intenso cuidado, e isso faz com que os trabalhadores e as trabalhadoras se sintam parcialmente responsáveis pelos vasos. O fragmento da conversa com Roberto, Neusa e Jairo apontam para tais significados:

Juliana – E quando vocês vão no mercado, que vocês olham as flores, assim, vocês já sabem, mais ou menos, qual variedade que é?

Roberto – Sábado passado, mesmo, estava no mercado aqui de Artur Nogueira e vi lá as **plantas que eu cuidei** durante 11 anos.

[risos]

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

Neusa – Às vezes até quando você vê na televisão quando passa, né, na novela.

Jairo – Esses tempos atrás... um tempo atrás, não, uns quatro anos atrás, eu fui numa cidade lá perto de Ribeirão Preto, lá em Sertãozinho. Aí eu fui num mercado lá com um primo nosso lá, aí eu vi dessas plantas lá. Eu vi dessas plantas, sempre que eu cuidei aqui. Eu falei, “nossa, Neusa”, então, para você ver, “às vezes a gente vê essas plantas, poderia até ser **as plantas que nós cuidamos lá**”.

(Jairo, Neusa, Roberto, *Mogi Mirim/SP*, março de 2015)

Jairo e Roberto viram as plantas nos supermercados – como mercadorias, que são frutos de um processo de produção, mas também de um cuidado e geração de vida, e este aspecto não pode ser desprezado. Outro relato de uma trabalhadora mostra também como a planta não é vista somente como um produto de trabalho, mas como portadora de vida. Tatiane, durante a entrevista, descrevia as etapas do desenvolvimento da flor de maio e os processos de irrigação no interior da estufa. Para exemplificar, foi até o quintal e trouxe um vaso com a planta e continuou a descrever o processo – Tatiane olhou para o vaso, com uma mão segurava a base, com a outra segurava o “cabelo<sup>115</sup>” da planta e falou que estava esperando “essa bencinha” crescer. Mais uma vez, a planta não foi apresentada como uma mercadoria qualquer, e sim como uma pequena bênção.

Queremos destacar que o trabalho no cultivo de flores – marcado por elementos como a fecundidade, o “berçário”, a “planta-mãe”, a “bencinha” – está inserido em um processo gerador de vida. Quando alguém compra uma planta, adquire a beleza, que é resultado de um processo natural e também do cuidado de trabalhadores e trabalhadoras. Reforçamos que essa dimensão da análise não pode ser perdida, na medida em que o trabalho e o fruto desse processo permitem que homens e mulheres se apropriem, ainda que parcialmente, desse processo.

A possibilidade de gerar vida não está presente, por exemplo, em outros trabalhos rurais, como no corte de cana-de-açúcar. Nesta comparação podemos destacar as diferenças entre o trabalho no corte de cana e no cultivo de flores a partir da postura corporal e do processo de trabalho. No que diz respeito à postura corporal e ao processo de trabalho do corte de cana-de-açúcar, o corpo se inclina para enfrentar o canavial com o uso de um grande podão para destruir a planta, a partir de então a natureza perde a vida

---

<sup>115</sup> O “cabelo” da planta é a forma de nomear a parte superior das folhagens.

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

para ser transformada em produto, a cana morre para dar origem ao açúcar ou ao álcool. Enquanto isso, no cultivo de flores, os instrumentos utilizados são as mãos (ou um bisturi<sup>116</sup> quando a planta requer um cuidado mais especial) que cuidam das plantas para que as flores sejam comercializadas. O produto final, no caso das flores, ainda contém vida. Além disso, ao final da jornada de trabalho, os cortadores de cana, além da exaustão, ficam cobertos pela fuligem advinda da queimada do canavial. Silva (1999) nos apresenta da seguinte maneira a combinação entre a violência do trabalho no corte de cana que se expressa nos golpes de facão, na morte da planta e nos rostos cobertos pela fuligem:

rostos enegrecidos pela fuligem da cana confundem-se uns aos outros; corpos encobertos pelas roupas escondem a individualidade de cada um; consumo da força social do trabalho; golpes rápidos impõem à natureza queimada seu último grito de morte. A dureza do trabalho combina-se ao ato de matar a cana (SILVA, 1999, p. 326).

O intuito de apresentar a comparação entre o trabalho no corte de cana-de-açúcar e o do cultivo de flores não foi estabelecer pares dicotômicos, mesmo porque há muitas semelhanças entre essas atividades, dentre as quais é possível citar o cansaço e as doenças advindas do trabalho bastante repetitivo e que causa desgastes nos braços, colunas; e o fato de ser realizado por trabalhadores migrantes que se deslocam para o interior de São Paulo em busca de fontes de renda. Mesmo com a diferença entre um deles possuir uma atividade brutal de destruição da natureza e o outro ser gerador de vida, ambos estão inseridos em um contexto agroindustrial, de precarização da mão de obra, e que mercantilizam a natureza. No caso das flores, dois processos que em um primeiro olhar pode parecer que existem separados e, no entanto convivem, são a geração de vida e a mercantilização. Essa convivência não se apresenta como uma contradição, mas faz parte do processo de comercialização das flores, assim como está presente também nos trabalhos do *care*, como apresentamos anteriormente.

\*\*\*

Trouxemos no título da seção a expressão “bem-me-quer, malmequer”, bastante utilizada em brincadeiras infantis para traçar possibilidades afetivas e amorosas (GOODY, 1993) daqueles e daquelas que usam as flores para fazer esse jogo. Nessa

---

<sup>116</sup> Podemos pensar ainda no sentido do bisturi, que tem forte associação com a prática medicinal, enquanto instrumento utilizado para realizar um procedimento cirúrgico, que pode curar e que, portanto, também tem um papel de manter a vida.

## 6. “Bem-me-quer, malmequer” – Estranhamento e afetividades no trabalho com as flores

brincadeira, as pétalas das margaridas podem representar duas possibilidades afetivas (“a pessoa amada me quer bem” e “a pessoa amada não me quer”), elas são tiradas uma a uma entoando o refrão “bem-me-quer, malmequer” e cada pétala representa alternadamente uma possibilidade afetiva, a última pétala a ser tirada define a existência ou não da reciprocidade do amor. As pétalas estão presentes na mesma planta e representam possibilidades afetivas e amorosas diferentes. Compreendemos que o estranhamento do trabalho e as afetividades no cultivo de flores que apresentamos nessa seção estão presentes de forma combinada no emaranhado das configurações de trabalho: ora a atividade se apresenta como estranhada, ora como alvo de uma paixão e como símbolo de uma atividade que traz um prazer por ser gerador de vida e beleza.

## **Considerações Finais**

O estudo apresentado nesta tese teve como objetivo apresentar as contradições presentes na produção de flores na região de Holambra. Certamente, a leitora ou o leitor, após percorrer as seis seções desta tese, poderá perceber que no universo de produção de flores há uma multiplicidade de experiências possíveis e uma complexidade de relações sociais que permeiam o cultivo das plantas na região de Holambra. A análise sociológica empreendida possibilitou apresentar configurações que não são exclusivas deste setor, tampouco pertinentes somente à realidade brasileira, referimo-nos às relações de dominação/exploração no ambiente de trabalho, à mercantilização da natureza, ao uso de tecnologias para a reprodução do capital, à divisão sexual do trabalho, ao movimento migratório, ao racismo e preconceito étnico-racial, às dificuldades e diferentes formas de acessar e viver a terra. Além dessas questões, refletimos sobre as afetividades e as emoções presentes no mundo do trabalho.

O exercício sociológico de eleger um tema e analisá-lo a partir de uma diversidade de relações sociais foi possível também pela escolha metodológica de apresentar as narrativas não sob o prisma que identificasse as mulheres como “objetos” de estudo, mas antes de tudo como protagonistas, destacando suas práticas, seus dizeres, seus poderes, ações e até mesmo o silêncio e os conteúdos ausentes das falas. Privilegiamos as experiências de mulheres e homens que vendem sua força de trabalho para que as flores sejam comercializadas.

Recorremos às estatísticas oficiais para apresentar a descrição da atividade classificada pelo Ministério do Trabalho e Emprego como “trabalhadores agrícolas no cultivo de flores e plantas ornamentais”. A partir da plataforma de dados eletrônicos do Painel das Profissões (Fundação Seade) e da RAIS foi possível verificar a forte representação que os municípios de abrangência da pesquisa têm no cenário estadual de produção mercantilizada de flores. O levantamento também trouxe números que possibilitaram apresentar um perfil das pessoas empregadas no cultivo de flores e plantas ornamentais na região de Holambra: são em sua maioria mulheres, principalmente na faixa etária que vai dos 30 aos 49 anos, que cursaram o ensino fundamental incompleto e que com provimentos mensais na faixa de um a dois salários mínimos.

As informações obtidas por meio de estatísticas oficiais foram importantes para entender o perfil das pessoas entrevistadas durante a pesquisa de campo (realizada entre os anos de 2011 e 2015) nos municípios de Artur Nogueira, Holambra, Mogi Mirim

e Santo Antônio de Posse. A sistematização dos dados da pesquisa de campo possibilitou traçar uma morfologia do trabalho caracterizada por diversas situações, levando-se em consideração o vínculo empregatício, o local de moradia e o movimento migratório. A diversidade de situações contemplava: pessoas que residiam nas periferias das cidades e se deslocavam para as estufas principalmente de ônibus fretados pelas empresas; homens e mulheres que residiam nos bairros rurais (em casas alugadas ou “cedidas” pelos patrões) e que realizavam o percurso para o trabalho a pé ou de bicicleta; aquelas que residiam em colônias de moradores com produção de flores; e ainda produtores reunidos em uma associação de agricultores familiares. No que diz respeito ao local de nascimento também foi perceptível a diversidade de origens: muitas pessoas nasceram no interior de São Paulo; algumas em municípios de Minas Gerais; outras em cidades da Bahia, Paraná, Pará e Alagoas.

A configuração do trabalho ganhou novos significados e informações, dentre os quais estão o fato de que a maioria das pessoas empregadas no cultivo de flores tinha experiência anterior em atividades rurais: muitos tinham trabalhado na colheita de algodão, laranja, cana-de-açúcar, alguns eram sítiantes e meeiros. Algumas mulheres também relataram experiências laborais com o trabalho doméstico remunerado. A trajetória laboral das pessoas entrevistadas também esteve marcada pelo emprego em diferentes espécies e variedades de plantas, sob diferentes regimes de trabalho (a maioria das pessoas tinha registro em carteira, mas relataram que em algum momento já tinham trabalhado como diaristas).

O uso da História Oral nos forneceu elementos para o entendimento das contradições presentes na região de produção de flores que até então destacava principalmente a experiência e a contribuição do grupo dos holandeses. As narrativas nos permitiram alcançar outros saberes e vivências para além da descrição das atividades nos campos e estufas. Em meio a dizeres sobre as plantas, processos de irrigação, espaçamento e propagação de mudas, foram relatados casos de inserção precoce no mundo do trabalho (crianças e adolescentes que criavam gados, trabalharam em colheitas de café e algodão), das angústias causadas pela difícil decisão de migrar, das buscas por pessoas que se responsabilizassem pelo cuidado das crianças para que as mulheres pudessem retornar ao trabalho remunerado nos campos e estufas, casos de violência doméstica, insatisfação por não ter atividades de lazer na cidade e oferta de transporte público, e também alegrias de ter acesso a uma renda mensal e a satisfação de contar com água encanada e rede elétrica em suas residências. Para algumas pessoas trabalhar com

as flores foi a via para escapar de um trabalho anterior considerado precário – como o “serviço de enxada” ou o trabalho doméstico remunerado – ou ainda o caminho para acessar a terra e manter um modo de vida integrado à natureza.

O encontro da base teórica (assentada nos estudos sobre a agricultura intensiva globalizada, o assalariamento rural e o feminismo) com as narrativas trouxe novos elementos para a análise proposta. Desse modo, pode-se perceber que a realidade sobre a produção de flores na região de Holambra indicava similaridades com o contexto apresentado por pesquisadores e pesquisadoras alhures: dentre as semelhanças com outros cultivos (cana-de-açúcar, frutas e as flores na América Latina e Espanha), é possível destacar a presença marcante de mulheres como trabalhadoras rurais, a convivência do uso de alta tecnologia produtiva com práticas de trabalho degradantes, as inúmeras doenças e dores adquiridas no ambiente de trabalho em razão de tarefas extenuantes e uso intensivo de agrotóxicos, a existência de uma mão de obra migrante que acompanha diferentes safras (em alguns casos, provocando o deslocamento internacional), e a exigência de padrões de qualidade dos produtos que geram uma pressão por produtividade e detalhes na execução do trabalho que nem sempre são possíveis de serem executados.

No que diz respeito ao aporte teórico de estudos feministas, pode-se afirmar que estes foram fundamentais para a construção da análise sobre o trabalho no cultivo de flores, na medida em que apresentamos ferramentas que contribuíram para desconstruir o argumento de que as mulheres possuem habilidades inatas ou adquiridas que as tornam mais delicadas e dóceis, e por isso teriam mais facilidade para trabalhar com flores. A construção argumentativa da tese nos permitiu refutar os determinismos biológicos e as construções sociais de gênero que ditam que as mulheres têm mãos boas ou abençoadas para plantar. O referencial teórico dos estudos feministas também permitiu problematizar a dicotomia entre os espaços produtivo e reprodutivo, as esferas pública e privada, lançando um desafio de estabelecer uma análise que considerasse esses aspectos de forma intercambiada, por isso, as narrativas apresentaram a descrição do trabalho para além da enumeração das atividades nas estufas e campos de flores – foram abordados aspectos referentes à trajetória de vida, carregada de relações sociais de classe, gênero e raça/etnia.

Em razão de as flores serem mercadorias portadoras de vida e beleza, analisamos aspectos da subjetividade das trabalhadoras e dos trabalhadores. Para embasar a análise e compreender o uso de termos como o “carinho” e a “afetividade” presentes nas narrativas, recorreremos aos estudos da Sociologia das emoções e àqueles que

apresentam um debate sobre o trabalho do *care* – entendemos que existem várias semelhanças entre os chamados trabalho do cuidado, tais como o de cuidadores de idosos, babás, enfermeiras, e o trabalho no cultivo de flores, na medida em que ambos mesclam elementos como afeto, emoções e atividades de caráter técnico, estabelecendo-se, portanto, uma linha bastante tênue entre o público e o privado. Além disso, a analogia entre os trabalhos do cuidado e o trabalho no cultivo de flores também reside no fato de que essas áreas se ocupam da manutenção da vida que se expressa em atividades de preservação da saúde e eliminação de doenças, por exemplo.

Ao eleger experiências de mulheres para o centro da análise, posicionamos em prol de uma ciência social combativa, que traz como protagonistas pessoas que são frequentemente silenciadas e invisibilizadas. Portanto, compreender o universo das flores não se restringiu à descrição das etapas do processo produtivo, buscamos nos relatos os dizeres que expressavam o enfrentamento cotidiano de mulheres na lida com o trabalho dentro e fora do espaço doméstico. Mulheres que interrompem a trajetória laboral para acompanhar familiares doentes, mulheres que enfrentam a jornada de trabalho com dores no corpo e quando chegam em casa dão prosseguimento ao enfrentamento porque são as únicas responsáveis pela realização das atividades domésticas e de cuidado com as crianças.

Mas a experiência de mulheres no cultivo de flores não se restringe ao sofrimento e à resignação diante das dificuldades encontradas no cultivo mercantilizado das plantas, elas resistem e fazem escolhas: quando interrompem a jornada de trabalho para usar os aparelhos celulares, quando decidem não morar em “casa de patrão” para evitar dar justificativas para o proprietário e fugir de ser chamada fora do horário do serviço para “socorrer” alguma planta na estufa.

É importante destacar os desdobramentos de temas que ainda podem ser desenvolvidos em pesquisas futuras a partir da discussão apresentada na tese. Nesse sentido, mencionamos: a possibilidade de realizar um levantamento sobre o número e o tamanho das propriedades com produção de flores na região de Holambra; a experiência de vida de pequenos produtores, considerando suas trajetórias de vida e a inserção no mercado; as diferentes formas de acesso à terra e o assalariamento rural de populações negras; e uma análise sobre outras cooperativas de comercialização de flores.

O encaminhar dos temas trazidos pela tese também anuncia uma recusa e uma proposta no que diz respeito à representação das flores. A recusa de que mulheres sejam comparadas com estas plantas. Isso porque as flores são frágeis, se desfazem em



## Considerações Finais

temperaturas extremas, são muito perecíveis. Além disso, as flores mercantilizadas são a expressão da natureza inserida na lógica de produção capitalista, portanto são portadoras de um trabalho estranhado. Se a comparação de mulheres com flores persistir, que sejamos Margaridas e marchemos tal como Margarida Maria Alves, ícone da luta pelo fim da violência no campo, por direitos trabalhistas respeitando os horários de trabalho, a carteira assinada, o 13º salário e as férias remuneradas.

## Referências Bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. Empresas do setor de cana-de-açúcar recebem selo de qualidade por respeito aos trabalhadores. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-06-14/empresas-do-setor-de-cana-de-acucar-recebem-selo-de-qualidade-por-respeito-aos-trabalhadores>>. Acesso em 02 de julho de 2012.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. O que há de novo no rural brasileiro? *Terra Livre*, São Paulo, n.15, p.87- 112, 2000.

ALEXANDER, M. Jacqui; MOHANTY, Chandra Talpade. “Genealogías, legados, movimientos”, en VV.AA., *Otras inapropiables*. Feminismos desde las fronteras, Madrid, Traficantes de Sueños, 2004, p. 137-184.

ALVES, Francisco. Migração de trabalhadores rurais do Maranhão e Piauí para o corte da cana em São Paulo. In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Orgs.) *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

AMARGO FLORECER. El costo humano de la venta de flores en los supermercados británicos. *War on Want*, Reino Unido, marzo de 2007.

ANTHIAS, Floya. “Género, etnicidad, clase y migración: interseccionalidad y pertenencia translocalizacional”, en RODRÍGUEZ, Pilar (Ed.): *Feminismos periféricos*, Granada, Alhulia, 2006, p. 49-68.

ANTUNES, Ricardo. “A nova morfologia do trabalho e suas principais tendências. Informalidade, infoproletariado, (i)materialidade e valor”. In: *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 13-27.

## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro; OLIVEIRA, Eleonora Menicucci. Reestruturação produtiva e saúde no setor metalúrgico: a percepção das trabalhadoras. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 133-168, jan./abr. 2006.

ASSOMBRAÇÃO. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BARRIENTOS, Stephanie “La mano de obra femenina y las exportaciones globales: mujeres en las agroindustrias chilenas”. In: VILLOTA, Paloma. (Ed.) *Globalización y Género*. Madrid: Editorial Síntesis. 1999.

BARRÓN, Antonieta. Las migraciones en los mercados de trabajo de cultivos intensivos en fuerza de trabajo: Un estudio comparativo. In: GRAMMONT, Hubert C. et al. (Coord.) *Agricultura de exportación en tempos de globalización: El caso de las hortalizas, frutas y flores*. Mexico: Juan Pablos Editor, S. A., 1999.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo. Fatos e mitos*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

BECERIL, Ofelia. “¿Cómo las trabajadoras agrícolas de la flor, en México, hacen femenino el proceso de trabajo en el que participan?” In: FLORES, Sara María Lara. (Coord.) *Jornaleras, temporeras y bóias-frias: el rostro femenino del mercado de trabajo rural en América Latina*. Caracas: Editorial Nueva Sociedad. 1995, p. 181-192.

BECKER Howard S. A história de vida e o mosaico científico. In: *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.

BEECHEY, Veronica. GÉNERO Y TRABAJO. Replanteamiento de la definición de trabajo. In: BORDERÍAS, Cristina; CARRASCO, Cristina, ALEMANY, Carme. [compilado] *Las mujeres y el trabajo: rupturas conceptuales*. Barcelona: ICARIA: FUHEM, D. L. 1994.

BENDINI, Mónica; RADONICH, Martha; STEIMBREGER, Norma; TSAKOUMAGKOS, Pedro. Trabajadores transitorios frutícolas con proyectos

## Referências Bibliográficas

migratorios. In: BENDINI, Mónica Isabel; TSAKOUMAGKOS, Pedro Damián; STEIMBREGER, Norma Graciela. *Trabajo rural y travesías migratorias*. 1ª. ed. Neuquén: EDUCO – Universidad Nacional del Comahue, 2012, p. 97-154.

BENENCIA, Roberto. Participación de los inmigrantes bolivianos en espacios específicos de la producción hortícola en la Argentina. *Política y Sociedad*, V. 49 N. 1, p. 163-178, 2012.

BENERÍA, Lourdes. “Mercados globales, género y el Hombre de Davos”. In: CARRASCO, Cristina. [ed] *Mujeres y economía. Nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas*. Barcelona: Icaria editorial, 1999.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras Escolhidas v. 1).

BERTAUX-WIAME, Isabelle; BORDERÍAS, Cristina; PESCE, Adela. “Trabajo e identidad femenina: una comparación internacional sobre la producción de las trayectorias sociales de las mujeres en España, Francia e Italia”, *Sociología del Trabajo*, nº 3, p. 71-90, 1988.

BHAVNANI, Kum-Kum; COULSON, Margaret. “Transformar el feminismo socialista. El reto del racismo”, en VV.AA., *Otras inapropiables*. Feminismos desde las fronteras, Madrid, Traficantes de Sueños, 2004, p. 51-61.

BIONDI, Domingos da Silva; TRISTÃO, José Américo Martelli; VIÉGAS, Rosemari Fagá. Cooperativismo e desenvolvimento local: o caso de Holambra. *Pesquisa em Debate*, edição 7, v. 4, n. 2, p. 1-19, Jul/dez 2007.

BORDERÍAS, Cristina; CARRASCO, Cristina. Las mujeres y el trabajo: aproximaciones históricas, sociológicas y económicas. In: BORDERÍAS, Cristina; CARRASCO, Cristina, ALEMANY, Carme. [compilado] *Las mujeres y el trabajo: rupturas conceptuales*. [1ª ed]. – Barcelona: ICARIA: FUHEM, D. L. 1994. p. 15-91.

## Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína.; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 183-191.

BRANDEMBURG, Alfio. Do rural tradicional ao rural socioambiental. *Ambiente e Sociedade*, vol. 13, n. 2, p. 417-428, 2010.

BUENO, Juliana Dourado. *De camponesas a operárias: experiências do transitar feminino*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. São Carlos: UFSCar, 2011.

CABRERA, Francisco. Victoriosamente concluyó la huelga en Flores de las Indias. *FLORECER*, Unión Nacional de Trabajadores de las Flores – UNTRAFLORES. Facatativá, número 26, julio-agosto de 2012.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

CÁNOVAS, Andrés Pedreño. Familias inmigrantes: el trabajo de los padres y las estrategias de trabajo de los hijos en las áreas mediterráneas de agricultura intensiva. In: FLORES, Sara María Lara (coord.) *Migraciones de trabajo y movilidad territorial*. México: Miguel Ángel Porrúa, 2010. p. 333-367.

\_\_\_\_\_. Convergencias globales: apuntes para una Sociología del Trabajo de la nueva condición jornalera en las agriculturas intensivas. In: BENDINI, Mónica Isabel; TSAKOUMAGKOS, Pedro Damián; STEIMBREGER, Norma Graciela (coord.) *Trabajo rural y travesías migratorias*. 1ª. ed. Neuquén: EDUCO – Universidad Nacional del Comahue, 2012a. p. 155-177.

\_\_\_\_\_. Trabajadores y agriculturas mediterráneas en la globalización. *Regiones. Suplemento de Antropología*. N. 47, p. 16-20, enero-marzo de 2012b.

CARRASCO, Celina; VEGA, Patricia. Condiciones de trabajo en invernaderos. Gobierno de Chile, *Dirección del trabajo*, 2006.

## Referências Bibliográficas

CARRASCO, Cristina “Introducción: Hacia una economía feminista”. In: CARRASCO, Cristina. [ed] *Mujeres y economía. Nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas*. Barcelona: Icaria editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. La sostenibilidad de la vida humana. ¿Un asunto de mujeres?. *Mientras Tanto*, N° 82, Icaria Editorial, Barcelona, otoño-invierno 2001.

CASTAÑEDA, Diana Alexandra. Mujeres, floricultura y multinacionales en Colombia. *Corporación Cactus*. Junio de 2006.

CASTRO, Edna Maria Ramos. Del castañal a la fábrica: división sexual del trabajo y persistencia de patrones tecnológicos en Brasil. In: FLORES, Sara María Lara. (Coord.) *Jornaleras, temporeras y bóias-frias: el rostro femenino del mercado de trabajo rural en América Latina*. Caracas: Editorial Nueva Sociedad, 1995.

CAVALCANTI, Josefa Salette Barbosa. Frutas para o mercado global. *ESTUDOS AVANÇADOS* 11 (29), p. 79-93, 1997.

\_\_\_\_\_. Migraciones y calidad del empleo agrícola: consecuencias para los trabajadores, las regiones y el desarrollo local. In: BENDINI, Mónica Isabel; TSAKOUMAGKOS, Pedro Damián; STEIMBREGGER, Norma Graciela (coord.) *Trabajo rural y travesías migratorias*. 1ª. ed. Neuquén: EDUCO – Universidad Nacional del Comahue, 2012. p. 181-199.

CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos. 1990.

COLASSO, Camilla Gomes. *Avaliação da exposição ocupacional a praguicidas organofosforados em estufas de flores na região do Alto Tietê – São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

COLLET, Beate; VEITH, Blandine. Les faits migratoires au prisme de l’approche biographique. *Migrations Société*. Vol. 25, n. 145, p. 37-47, Janvier – février 2013.

## Referências Bibliográficas

DUSSEL, Enrique. 1992. *El encobrimiento del Otro*. Hacia el origen del “mito de la Modernidad”. Plural Editores. La Paz, 1994.

FERBER, Marianne; NELSON, Julie. “La construcción social de la ciencia económica y la construcción social del género” In: FERBER, Marianne A. & NELSON, Julie A. *Mas allá del hombre económico. Economía y teoría feminista*. Madrid: Humanes de Madrid. 2004. p. 9-38.

FERREIRA, Jaqueline. “O corpo sígnico”. In: ALVES, Paulo Cesar. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994. p. 101-112.

FLORES, Sara María Lara. “Análisis del mercado de trabajo rural en México, en un contexto de flexibilización”. En publicación: *Una nueva ruralidad en América Latina?* Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. p. 162-172.

\_\_\_\_\_. “La feminización del trabajo asalariado en los cultivos de exportación no tradicionales em América Latina: efectos de una flexibilidad ‘salvaje’”. In: FLORES, Sara María Lara. (Coord.) *Jornaleras, temporeras y bóias-frias: el rostro femenino del mercado de trabajo rural en América Latina*. Caracas: Editorial Nueva Sociedad, 1995, p. 13-34.

\_\_\_\_\_. “Los ‘encadenamientos migratorios’ em regiones de agricultura intensiva de exportación en México”. In: FLORES, Sara María Lara. (Coord.) *Migraciones de trabajo y movilidad territorial*. 2010. Mexico: Miguel Angel Porrúa.

FOLBRE, Nancy; HARTMANN, Heidi. “La retórica del interés personal: ideología y género en la Teoría Económica”. In: CARRASCO, Cristina. [ed] *Mujeres y economía. Nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas*. Barcelona: Icaria editorial, 1999.

FRANÇA, Carlos Alberto Machado; MAIA, Moacyr Boris Rodrigues Maia. *Panorama do agronegócio de flores e plantas ornamentais no Brasil*. Artigo apresentado no XLVI

## Referências Bibliográficas

Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Rio Branco – Acre, 20 a 23 de julho de 2008, p. 1-10.

GASPARINI, Marina Favrim; FREITAS, Carlos Machado. Trabalho rural, saúde e ambiente: as narrativas dos produtores de flor frente aos riscos socioambientais. *Ambiente & Sociedade*. São Paulo, v. XVI, n. 3, p. 23-44, jul.set.2013.

GAUDEMAR, Jean-Paul. *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

GÊMERO, César Giordano; QUEDA, Oriowaldo. Trabalho e sistema agrícola na parceria com o setor avícola: um estudo no Assentamento Horto de Bueno de Andrada. In: Anais do *II Seminário Internacional Ruralidades, Trabalho e Meio Ambiente*. São Carlos, 2013.

GOODMAN, David; SORJ, Bernard; WILKINSON, John. *Da lavoura às biotecnologias: agricultura e indústria no sistema internacional*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

GRAMMONT, Hubert C. “La modernización de las empresas hortícolas y sus efectos sobre el empleo”. In: GRAMMONT, Hubert C. et al. (Coord.) *Agricultura de exportación en tempos de globalización: El caso de las hortalizas, frutas y flores*. Mexico: Juan Pablos Editor, S. A., 1999.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; GEORGES, Isabel. A construção social de trajetórias de mando: determinantes de gênero nos percursos ocupacionais. *Cadernos Pagu*. (32), p. 83-134, janeiro-junho de 2009.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko; SUGITA, Kurumi, “Cuidado e cuidadoras: o trabalho do care no Brasil, França e Japão”. In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo. [Org.] *Cuidado e cuidadoras. As várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2012.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Os desafios da equidade: reestruturação e desigualdades de gênero e raça no Brasil. *Cadernos Pagu*. (17/18), p.237-266, 2001/02.



## Referências Bibliográficas

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo. INTRODUÇÃO. In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo. [Org.] *Cuidado e cuidadoras. As várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2012.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. *La mercantilización de la vida íntima. Apuntes de la casa e el trabajo*. Madrid: Katz Editores. 2008. Traducido por Lilia Mosconi.

HOCHSCHILD, Arlie. “Nos bastidores do livre mercado local: babás e mães de aluguel”. In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo. [Org.] *Cuidado e cuidadoras. As várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2012.

hooks, bell. “Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista”, en VV.AA., *Otras inapropiables*. Feminismos desde las fronteras, Madrid, Traficantes de Sueños, 2010, p. 33-50.

IBRAFLOR. *Uma Visão do Mercado de Flores*. 2011. Disponível em <http://www.ibraflor.com/publicacoes/vw.php?cod=21>. Acesso em 22 de setembro de 2011.

ILLOUZ, Eva. *Intimidades congeladas*. Las emociones en el capitalismo. Madrid: Katz Editores. 2007.

JARAMILLO, Patricia. Género y problemática agroalimentaria. Trabajadoras de la agroindústria. Colombia, 2007. Disponível em: <http://www.generoycomercio.org/areas/capacitacion/colombia07.pdf>. Acesso em 08 de agosto de 2014.

KÄMPF, Atelene Normann. *Produção comercial de plantas ornamentais*. Guaíba: Agrolivros, 2005.

KNAAP, Annemarie Van Der. *Holambra. Cidade das Flores*. Parte II – 1998-2012. Holambra: Editora Setembro, 2012.

## Referências Bibliográficas

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A Antropologia das Emoções no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*. V. 4. N. 12, dezembro de 2005.

LEITE, Jonathan de Souza. *Holambra – entre flores e espinhos*. A Imigração Holandesa e a Segregação Étnico-Cultural na Cidade das Flores. Monografia (Ciências Sociais), Unesp Marília, 2007.

LUXEMBURG, Rosa. A Luta contra a Economia Natural. In: *A acumulação do capital*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1970.

MACIEL, Lidiane Maria. “Aspectos históricos, econômicos e populacionais da região administrativa central: migração e trabalho rural em São Carlos/SP”. In: *O Sentido de Melhorar de Vida: Arranjos familiares na migração rural-urbana para o interior de São Paulo*. Jundiaí, Paco Editorial: 2013.

MAGALHÃES, Nancy Alessio. Narradores: vozes e poderes de diferentes pensadores. *História Oral*, 5, p. 45-70, 2002.

MARX, Karl. Capítulo VI (inédito), Livro I. *O capital*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas. 1978.

\_\_\_\_\_. *O Capital: crítica da economia política/Livro Primeiro, Tomo 1*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

\_\_\_\_\_. *Formações econômicas pré-capitalistas* (Introdução de E. Hobsbawn). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1964.

\_\_\_\_\_. *Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858*. Esboços da crítica da economia política. Trad. Mario Duayer, Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

## Referências Bibliográficas

MILKMAN, Ruth. “Perspectivas históricas de la segregación sexual en el trabajo remunerado”, *Sociología del Trabajo*, nº5, p. 107-115, 1998/1999.

MILLS, Charles Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Seleção e introdução Celso Castro; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Celso Castro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2009.

MOLINIER, Pascale. “Ética e trabalho do care”. In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo. [Org.] *Cuidado e cuidadoras. As várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2012.

NIETO, Juana Moreno. Mercado de trabajo y género en el sector fresero en Marruecos. *Regiones. Suplemento de Antropología*. N. 47, p. 32-37, enero-marzo de 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, N.10, p.7-28, dez/1993.

OLIVEIRA, Juliana Andrade. ‘As emoções no trabalho e a segregação ocupacional no gênero feminino’. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 11 (31), p. 32-52, abr.2012.

OLIVEIRA, Leonardo José Ferreira et. Al. “Análise comparativa da produção de flores e plantas ornamentais nos municípios de Gravatá e Holambra”. *Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*. Campo Grande, 25 a 28 de julho de 2009.

OLAIZOLA, Alicia Reigada. *LAS NUEVAS TEMPORERAS DE LA FRESA EN HUELVA. Flexibilidad productiva, contratación en origen y feminización del trabajo en una agricultura globalizada*. (Tese de Doutorado). Antropología Social. Universidad de Sevilla. 2009.

\_\_\_\_\_; Agricultura industrial en Andalucía y feminización del trabajo en las cadenas agrícolas globales. *Regiones. Suplemento de Antropología*. N. 47, p. 22-26, enero-marzo de 2012.

## Referências Bibliográficas

PASSERINI, Luisa. Mitobiografia em história oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 29-40, 1993.

PEREIRA, João Pedro de Castro Nunes. *A concentração geográfica de empresas no agronegócio de flores: uma análise das localidades de Holambra e Mogi das Cruzes*. Tese (Doutorado em Engenharia) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PÉREZ, Francisco Torres. Crisis económica, sus impactos y las estrategias de los inmigrantes en España. *Regiones. Suplemento de Antropología*. N. 47, p. 9-14, enero-marzo de 2012.

PICCHIO, Antonella. El trabajo de reproducción, tema central en el análisis del mercado laboral. In: BORDERÍAS, Cristina; CARRASCO, Cristina, ALEMANY, Carme. [compilado] *Las mujeres y el trabajo: rupturas conceptuales*. [1ª ed. – Barcelona: ICARIA: FUHEM, D. L. 1994.

\_\_\_\_\_. “Visibilidad analítica y política del trabajo de reproducción social”. In: CARRASCO, Cristina. [ed] *Mujeres y economía. Nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas*. Barcelona: Icaria editorial, 1999.

PREIBISCH, Kerry. Migrant Workers and Changing Work-place Regimes in Contemporary Agricultural Production in Canada. *Int. J. of Soc. of Agr. & Food*, Vol. 19, No. 1, p. 62–82, 2011.

RAMÍREZ, Adriana Saldaña; OLAIZOLA, Alicia Reigada. Mercados de trabajo em la agricultura mediterránea. *Regiones. Suplemento de Antropología*. N. 47, p. 4-7, enero-marzo de 2012.

RODRIGUES, Lino. Compromisso para gringo ver. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/economia/compromisso-para-gringo-ver-549753>>. Acesso em 08 de agosto de 2012.

## Referências Bibliográficas

ROLDÁN, Cristina Cruces. “Trabajo y estrategias económicas en las explotaciones de Sanlúcar de Barrameda”. In: *Estudios Regionales*, n. 38, p. 15-39, 1994.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Violência de Gênero — lugar da práxis na construção da subjetividade. *Lutas Sociais*, nº 2, PUC/SP, p.59-79, 1997.

SANTOS, Fabio Fraga dos. *Políticas fundiárias e desenvolvimento local: O papel do Banco da Terra na reconstrução do rural*. (Mestrado em Sociologia). UFPR - Curitiba. 2005.

SARAMAGO, José. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHEFF, Thomas J. ‘Uma taxonomia das emoções: como começar’. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 11 (31), p. 12- 30, abr.2012.

SCHOENMAKER, Jos. *E então floresce: Terra Viva, a saga de uma empresa familiar*. Holambra, SP: Associação Schoenmaker, 2006.

SCOTT, Joan W. “Experiência”. In: SILVA, Alcione Leite da.; LAGO, Mara Coelho de Souza.; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (Org.). *Falas de Gênero: Teorias, Análises, Leituras*. Florianópolis, Editora Mulheres, 1999, p. 21-55.

\_\_\_\_\_. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*. V. 16, n. 2, UFRGS. p. 5-22, jul/dez 1990.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. Mortes e acidentes nas profundezas do mar de cana e dos laranjais paulistas. *INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, v. 3, n. 2, artigo 1, abr./ago. 2008.

## Referências Bibliográficas

\_\_\_\_\_. O trabalho oculto nos canaviais paulistas. *Perspectivas*, São Paulo. V. 39, p. 11-46, jan./jun. 2012.

\_\_\_\_\_. “Sabe o que é ficar borrado no eito de cana?” *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, p. 359-391, 2013.

\_\_\_\_\_. Se eu pudesse, eu quebraria todas as máquinas. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria Aparecida de Moraes (Orgs.). *O avesso do Trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; BUENO, Juliana Dourado; MELO, Beatriz Medeiros de. Quando a máquina “desfila”, os corpos silenciam: tecnologia e degradação do trabalho nos canaviais paulistas. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 4, n. 1, p. 85-115, jan.-jun. 2014.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; BUENO, Juliana Dourado; VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos. O trabalho à flor da pele: formas contemporâneas do estranhamento nos canaviais e campos de flores. *Cadernos CERU*, série 2, v. 24, n. 1, p. 13-57, junho de 2013.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MENEZES, Marilda Aparecida; RIBEIRO, Jadir Damião. “Estado e regulação das relações de trabalho nos canaviais do Brasil” In: BAENINGER, Rosana; MACIEL, Lidiane (Org.) *Região Administrativa Central* Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos; BUENO, Juliana Dourado. A imagem do etanol como “desenvolvimento sustentável” e a (nova) morfologia do trabalho. *Caderno CRH*, Salvador, v. 26, n. 68, p. 253-271, Maio/Ago. 2013.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes & MELO, Beatriz Medeiros. “Partir e ficar. Dois mundos unidos pelas trajetórias de migrantes”. *REMHU. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. ANO XVII. N. 33. p. 129-151, Jul/dez 2009.

## Referências Bibliográficas

SILVA, Maria Aparecida de Moraes et al. Do karoshi no Japão, à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado. Nera (Núcleo de estudos, pesquisa e projeto de reforma agrária). *Revista Nera*, Presidente Prudente, ano 9, n. 8, p. 74-109, 2006.

SUÁREZ, Blanca. Las manos más hábiles de los empaques: el aguacate y el mango en Michoacán. In: FLORES, Sara María Lara. (Coord.) *Jornaleras, temporeras y bóias-frias: el rostro femenino del mercado de trabajo rural en América Latina*. 1995. Editorial Nueva Sociedad. Caracas.

TEIXEIRA, Alexandre Jacintho. *A cultura do crisântemo de corte*. Nova Friburgo, 2004. Disponível em [http://www.espacodoagricultor.rj.gov.br/pdf/frutas/A\\_cultura\\_do\\_crisantemo\\_de\\_corte.pdf](http://www.espacodoagricultor.rj.gov.br/pdf/frutas/A_cultura_do_crisantemo_de_corte.pdf) Acesso em 18 de junho de 2014.

THOMPSON, Edward Palmer. XV - “O Termo Ausente: Experiência”. In: *A MISÉRIA DA TEORIA – ou um planetário de erros*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 180-201.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALLE, Luciano Martínez. Flores, trabajo y territorio: el caso Cotopaxi. *Eutopía*. Número 4, septiembre 2013. p. 75-100.

TORRES, Martha Cecilia Vargas. Afectación de la salud de los trabajadores de la floricultura en la Sabana de Bogotá. (2013) *Untraflores*. Disponível em [http://www.untraflores.org/images/stories/pdfs/SALUD\\_TRABAJADORES\\_FLORICULTURA.pdf](http://www.untraflores.org/images/stories/pdfs/SALUD_TRABAJADORES_FLORICULTURA.pdf). Acesso em 08 de agosto de 2014.

VARA, María Jesús “Empleo femenino en las cadenas de producción global”. In: *Estudios sobre género y economía*. Madrid: Akal, 2006.

VARONA, Marcela E. et al. Seguimiento de uma coorte de mujeres trabajadoras en cultivos de flores de la Sabana de Bogotá. *Biomédica*, 18 (1). p. 30-36, 1998.

## Referências Bibliográficas

VELASCO, Mercedes Jabardo. “Construyendo puentes: em diálogo desde/con el feminismo negro”. In: \_\_\_\_\_ (Ed.) *Feminismos negros. Una antología*. Madrid: Tracicafontes de Sueños. 2012.

VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos. “Particularidades da agroindústria canavieira de Alagoas e as sequelas da superexploração da força de trabalho”. In: SANT’ANA, Raquel Santos; CARMO, Onilda Alves; LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza. *Questão agrária e saúde do trabalhador: desafios para o século XXI*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

WELLE, Maria Cristina Stolf. *Fadiga e capacidade para o trabalho entre trabalhadores rurais de flores e plantas da região de Holambra – SP*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

WIJNEN, Kees. *Holambra. Cidade das Flores*. Parte I – 1948-1998. Holambra: Editora Setembro, 2012.

WILLIAMS, Rhonda. “La raza, la deconstrucción y el incipiente programa de una teoría económica feminista”. In: FERBER, Marianne A.; NELSON, Julie A. *Mas allá del hombre económico. Economía y teoría feminista*. Madrid: Humanes de Madrid. 2004.

ZELIZER, Viviana. “A economia do care”. In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo. [Org.] *Cuidado e cuidadoras. As várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2012.